



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO**

**A necessária epistemologia
O problema do objeto e a dispersão teórica do campo comunicacional**

Kátia Balduino de Souza

Brasília, junho de 2019



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO

A necessária epistemologia

O problema do objeto e a dispersão teórica do campo comunicacional

Kátia Balduino de Souza

Tese apresentada ao PPG/FAC para obtenção do grau de Doutora em Comunicação.

Linha de pesquisa: Teorias e Tecnologias da Comunicação.

Orientador: Prof. Dr. Tiago Quiroga

Brasília, junho de 2019

**A NECESSÁRIA EPISTEMOLOGIA
O PROBLEMA DO OBJETO E A DISPERSÃO TEÓRICA DO CAMPO
COMUNICACIONAL**

**Tese apresentada ao PPG/FAC para obtenção do grau de
Doutora em Comunicação.**

Aprovada em: __/__/____, pela seguinte Banca Examinadora:

Prof. Dr. Tiago Quiroga Fausto Neto (FAC/UNB)

Prof. Dr. Gustavo Fortes Said (UFPI)

Prof. Dr. Goiamérico Felício Carneiro dos Santos (FIC/UFG)

Prof. Dr. João José Azevedo Curvello (FAC/UNB)

BALDUÍNO, Kátia Souza

A necessária epistemologia. O problema do objeto e a dispersão teórica do campo comunicacional.

125 f.

Tese (Doutorado em Comunicação)

Universidade de Brasília

Faculdade de Comunicação

Programa de Pós-Graduação

Linha de Pesquisa: Teorias e Tecnologias da Comunicação, 2019.

Orientador: Prof. Dr. Tiago Quiroga

1. Comunicação 2. Epistemologia 3. Objeto 4. Teorias da Comunicação 5. Teses

Para Deus, que me trouxe o milagre da vida chamado João Pedro

AGRADECIMENTOS

Sempre achei esta uma parte da tese difícil de escrever, talvez porque a vida não se coloca em análise de regressão e não é pelo valor que descobrimos a significância das pessoas na nossa trajetória. Ainda que com efetiva dificuldade, antes de tudo, gostaria de agradecer a Deus por me guiar, iluminar e me dar tranquilidade para seguir em frente com os meus objetivos e não desanimar com as dificuldades. Agradeço a Ele por ser meu salvador e a mão sempre estendida para que eu pudesse clamar por ajuda.

Agradeço a meus irmãos, Cléria e Cleberson, fontes de inspiração, e principalmente a meus pais, João e Dagmar, que sempre me motivaram, entenderam minhas faltas e meus momentos de afastamento e reclusão, e me mostraram o quanto era importante estudar, mesmo não tendo eles a mesma oportunidade no passado. Minha família, vocês sempre serão meu porto seguro.

Agradeço a meu esposo, Gustavo, que ficava sentado comigo durante as noites e madrugadas, olhando-me trabalhar, que me auxiliou na confecção das planilhas e que cuidou, incansavelmente, de nosso filho para que eu pudesse finalizar esta tese.

Agradeço a meus amigos de caminhada Cristiano Anunciação, Mauro Celso, Elton Pinheiro, Pedro Ivo, Kaíque Agostineti e a minha querida e preciosa amiga Nívea Braga, pelas longas horas de ombro amigo e por todas as prazerosas tardes, manhãs e noites de discussões teóricas. Sem vocês o prazer de integrar esse Programa de Pós-Graduação em Comunicação não teria tido a mesma doçura.

Sou imensamente grata a Laura Loraine, Antônio, Karlyze, Tatá e Nicolas Cabalero, que me apoiaram, liberaram e ajudaram em árduas tarefas para que eu pudesse me dedicar ao processo de estudos e escrita.

Agradeço, de maneira muito especial, ao Dr. Goiamérico Felício, professor no mestrado da FIC/UFG, que levarei por toda a vida do lado esquerdo do peito e que largamente contribuiu filosófica, poética e teoricamente em todas as avaliações desta tese. Agradeço sua disponibilidade em integrar minhas bancas de qualificação e defesa desta tese. Espero que possamos seguir juntos nesse largo e longo percurso que a academia nos proporciona. Ao Prof. Dr. Luis Mauro Sá Martino, que se deslocou de São Paulo, deixando suas atribuições para participar da banca de qualificação, e ao Prof. Dr. Gustavo Said, representante da Universidade Federal do Piauí, que prontamente aceitou nosso convite para participar dessa importante etapa da pesquisa. Queridos mestres, saibam que suas produções sempre foram guias para meu aprendizado. Agradeço, também, ao Prof. Dr. João Curvello, coordenador e professor da Pós-

Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília, que, da mesma forma, lutou contra o tempo e atribuições acadêmicas e administrativas para compor as bancas de qualificação e defesa desta pesquisa.

Igualmente expresso aqui minha gratidão aos professores Elen Geraldês, Pedro Russi e Luiz Cláudio Martino, que se tornaram exemplo de dedicação e referência para minha formação.

Gratidão às secretárias da Pós-Graduação em Comunicação, Ana Carolina e Regina, por tamanho cuidado e zelo com as demandas de todos os discentes desse programa.

Em especial, agradeço a meu orientador, Prof. Dr. Tiago Quiroga, por toda a dedicação, compreensão e amizade patenteadas, pelos desafios, cada vez mais complexos, que nos foi colocando na realização deste trabalho e pelo estímulo e exigência crescente que nos foi impondo à medida que caminhávamos na pesquisa. Agradeço incansavelmente pelas longas horas de discussões teóricas acerca da tese, pela preocupação com minha formação e pelo apoio aos meus desafios pessoais.

Agradeço a Maria Helena, que criteriosamente realizou a revisão deste trabalho. Sua ajuda foi fundamental.

Finalmente, agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), pela concessão da bolsa durante todo o período de realização da pesquisa de doutorado.

RESUMO

Partindo do duplo pressuposto de Bourdieu (2004) de que as áreas de conhecimento precisam conquistar objetos de estudo próprios para que sejam alçadas à condição de saberes constituídos, assim como de que os conceitos desempenham aí papel central, a presente pesquisa se debruça sobre teses de doutorado defendidas em comunicação, entre 2008 e 2018, com objetivo de observar como vai se dando a conformação prática das teorias nessa etapa particular da produção do conhecimento. A pesquisa empírica foi escolhida como forma de contribuir para a constituição desse campo de estudos, em que se observam em meio a seus principais entraves epistemológicos os altos índices de dispersão teórica. Essa a hipótese aqui defendida. Utilizando material coletado nos bancos de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), assim como de metodologia híbrida (Moreira, 2002; Goldenberg, 1997), quantitativa e qualitativa, o trabalho realiza análise de conteúdo (Bardin, 1977) em que procura pensar a diferença entre objetos particulares de pesquisa, encontrados nas teses, e a conquista de objeto de estudo da área.

Palavras-chave: Comunicação. Dispersão. Epistemologia. Teorias da Comunicação. Objeto Comunicacional

ABSTRACT

Based on Bourdieu's (2004) double assumption that the knowledge areas need to conquered objects of their own study in order to be elevated to the condition of knowledges, as well as that the concepts play a central role here, this research focuses on doctoral dissertations in communication, between 2008 and 2018, in order to observe how practical theories are being given in this particular stage of knowledge production. The empirical research was chosen as a way of contributing to the constitution of this field of studies, in which one observes as one of its main epistemological obstacles the high indexes of theoretical dispersion. This is the hypothesis advocated here. Therefore, using material collected in the databases of the Coordination of Improvement of Higher Level Personnel (CAPES) and the Digital Library of Theses and Dissertations (BDTD), as well as of hybrid, quantitative and qualitative methodology, the work carries out an analysis of content (Bardin, 1977; Bruyne, 1991) in which it tries to think the difference between particular research objects, found in theses, and the achievement of object of study of the area.

Keywords: Communication. Dispersal. Epistemology. Theories of Communication. Communication Object

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Orientadores – Epistemologia da Comunicação	72
Tabela 2 - Instituição – Epistemologia da Comunicação	73
Tabela 3 - Programa – Epistemologia da Comunicação.....	74
Tabela 4 - Ano x Produção – Epistemologia da Comunicação.....	75
Tabela 5 - Orientador – Teoria da Comunicação.....	77
Tabela 6 - Instituição –Teoria da Comunicação.....	78
Tabela 7 - Programa – Teoria da Comunicação.....	79
Tabela 8 - Programa – Teoria da Comunicação.....	80
Tabela 9 - Instituição x Produção – Epistemologia da Comunicação.....	82
Tabela 10 - Ano x Produção – Epistemologia da Comunicação	83
Tabela 11 - Orientador x Produção – Epistemologia da Comunicação.....	83
Tabela 12 - Instituição x Produção – Teoria da Comunicação.....	85
Tabela 13 - Ano x Produção – Teoria da Comunicação.....	94
Tabela 17 - Objetos centrais abordados pelas teses.....	96
Tabela 18 - Área de conhecimento central das teses	97

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Percurso Metodológico.....	70
Figura 2 - Teses Analisadas.....	71
Figura 3- Aspectos Quantitativos (Epistemologia da Comunicação) – Capes.....	72
Figura 4 - Aspectos Quantitativos (Teoria da Comunicação) – Capes.....	76
Figura 5 - Aspectos Quantitativos (Epistemologia da Comunicação) – BDTD.....	81
Figura 6 - Aspectos Quantitativos (Teoria da Comunicação) – BDTD.....	85
Figura 7 - Aspectos Qualitativos	89
Figura 8 - Aspectos Qualitativos – Autores.....	90
Figura 9 - Aspectos Qualitativos – Teorias Mencionadas.....	94
Figura 10 - Aspectos Qualitativos – Objetos Centrais	95
Figura 11 - Aspectos Qualitativos – Área de Conhecimento	97
Figura 12 - Aspectos Qualitativos – Tema Central	98
Figura 13 - Aspectos comparativos – Epistemologia e Tecom	107
Figura 1 - Pesquisas com Tema Central (Epistemologia e Teorias da Comunicação).....	116

LISTTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Orientadores – Epistemologia da Comunicação	73
Gráfico 2 - Instituição – Epistemologia da Comunicação.....	74
Gráfico 3 - Programa – Epistemologia da Comunicação.....	75
Gráfico 4 - Orientador – Teoria da Comunicação.....	77
Gráfico 5 - Instituição – Teoria da Comunicação.....	79
Gráfico 6 - Programa – Teoria da Comunicação.....	80
Gráfico 7 - Instituição x Produção – Epistemologia da Comunicação.....	82
Gráfico 8 - Orientador x Produção – Epistemologia da Comunicação.....	84
Gráfico 9 - Instituição x Produção – Teoria da Comunicação	86
Gráfico 10 - Orientador x Produção – Teoria da Comunicação	87
Gráfico 11 - Epistemologia x Teorias da Comunicação	98
Gráfico 12 - Epistemologia x Teorias da Comunicação (1987 a 2007)	104
Gráfico 13 - Epistemologia x Teorias da Comunicação (1985 a 2007)	105
Gráfico 14 - Panorama por eixo temático (2008 a 2018)	106

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO 1 – FUNDAMENTOS AO DEBATE EPISTEMOLÓGICO.....	20
1.1. Epistemologia como campo de trabalho: uma perspectiva histórica	21
1.2. O marco grego: a lógica e as formas gerais do pensamento	23
1.3. O crivo moderno: a matemática e o ideal mecanicista da natureza	27
1.4. A especificidade do século XIX: da representação à positivação do saber	34
CAPÍTULO 2 – SOBRE A EPISTEME COMUNICACIONAL	39
2.1. Da atividade epistemológica em comunicação – reflexões iniciais.....	39
2.2. Traços do campo da comunicação no Brasil – breve histórico.....	42
2.3. Pesquisadores brasileiros da comunicação – um campo atual em fortalecimento.....	46
2.4. Entraves aos estudos da comunicação e à constituição do campo.....	56
CAPÍTULO 3 – A CONSTRUÇÃO DO PERCURSO METODOLÓGICO	61
3.1. A centralidade da teoria na constituição do objeto comunicacional.....	61
3.2. Método de pesquisa	64
3.3. Fundamentação metodológica	67
3.4. Dados gerais obtidos.....	69
CAPÍTULO 4 – APONTAMENTOS ANALÍTICOS GERAIS	99
4.1. Análise aberta de dados quantitativos.....	99
4.2. Leitura e contingência de dados qualitativos	107
4.3. Sobre o objeto de estudo da comunicação	117
4.4. Uma análise inacabada dos resultados.....	119
5. CONCLUSÃO.....	124
BIBLIOGRAFIA	125
ANEXOS	136

INTRODUÇÃO

O que seria propriamente um saber comunicacional? Pensar a comunicação em termos epistemológicos tem significado enorme desafio para os pesquisadores da área. Talvez porque signifique rever paradigmas, talvez porque signifique não encontrar critérios normativos que situem a área de comunicação dentro do conjunto de pressupostos que envolve as ciências sociais. Passados mais de 100 anos de seus estudos, é possível dizer que falamos de um campo de estudos cujas particularidades epistemológicas continuam a desafiar todos aqueles que desejam contribuir para a constituição de uma reflexão mais sistematizada acerca da *episteme* comunicacional. Por que, entretanto, o objeto da comunicação tem sido especialmente complexo? Tal questionamento se torna ainda mais pujante quando, em função das novas tecnologias, vivemos a implosão de modelos explicativos tradicionais da comunicação, tais como aqueles centrados no sistema emissor/canal/mensagem/receptor, que durante anos serviram como guias de estudo e de pesquisa nessa área (Marcondes Filho, 1999).

A rigor, diversos têm sido os desafios epistemológicos. Não raro, por exemplo, encontramos os fenômenos da comunicação analisados sob a perspectiva instrumental, bem como por teorias apropriadas por outras áreas também sob a mesma lógica reflexiva. Quiroga (2013), tal como Sodré (2014), considera que boa parte das pesquisas em comunicação se resume aos estudos de seus efeitos na sociedade. Segundo esses autores, esse seria um entrave epistemológico ao campo, posto que não permite vislumbrar outras chaves interpretativas das quais carece a própria forma do atual acontecimento comunicacional. Craig (1999), igualmente, ao analisar as teorias da comunicação, observa uma emblemática falta de consenso entre pesquisadores, que não dialogam, permanecendo em linearidade supostamente neutra e imparcial, que teria por consequência a impossibilidade da constituição de um saber propriamente comunicacional. O autor aponta para o que seria uma das respostas possíveis à falta de consenso acadêmico quanto à constituição de seu objeto de estudo.

Outra questão que poderia ser levantada no âmbito da comunicação é que esse campo acadêmico quase sempre caminha na sombra de uma definição que o mercado atrela à comunicação e que, em boa medida, é autossuficiente, ou seja, é uma construção histórica em que o saber comunicacional originalmente aparece vinculado aos pressupostos do mercado, às indústrias e tecnologias de comunicação. Nesse sentido, o saber que é produzido no âmbito acadêmico passa a apresentar tão somente tentativas de reproduzir essa construção de pesquisas ou simplesmente de as acompanhar. Tal como aponta Sodré (2014), a ausência de legitimidade no âmbito acadêmico ao se fazer essa discussão ocorre essencialmente em função da reprodução

de demandas de mercado, o que é problemático, uma vez que o próprio mercado não reconhece nesse campo acadêmico um saber capaz de dialogar ou até mesmo iluminar práticas profissionais em comunicação. Segundo esse mesmo autor são esses tipos de obstáculos particulares que dificultam o desenvolvimento das pesquisas em comunicação. Pensar, portanto, a constituição desse saber no presente momento é tarefa árdua, especialmente quando ele é movido pelo império da velocidade (Virílio, 1997), da constante renovação tecnológica e da reinvenção de modos de vida e de crenças. Por isso, não é sem motivo que esse objeto se torne complexo e problemático.

Ora, entre tais dificuldades estaria então a dispersão teórica do campo. Como hipótese de trabalho sugerimos que um dos principais empecilhos à conquista de objeto de estudo próprio diz respeito à intensa dispersão que reina nessa área de estudos. Uma dispersão que advém de três aspectos: 1) do nascimento do campo de estudos no seio da crise que marca a passagem do modelo de representação à positivação do saber (Japiassu, 1984); 2) da excessiva aproximação do campo com o mercado, que caracteriza este último como lócus do saber privilegiado que a universidade deve perseguir; 3) da fragilidade teórica de reflexões que se tornam demasiadamente discricionárias quando apenas rebatem conceitos de outras disciplinas. Partindo do importante pressuposto que caracteriza a tradição epistemológica francesa, de que as redes conceituais desempenham papel central na constituição das áreas de conhecimento, tal dispersão, de fato, se torna um problema. Seguimos aqui a reflexão de Bourdieu (2004), que defende a centralidade das redes conceituais como núcleo originário não apenas na constituição de um princípio de alteridade de cada campo, mas de seu próprio objeto de estudo. Trata-se do protagonismo exercido pelas teorias em cada disciplina. Um protagonismo, todavia, que precisa ser refletido, sistematizado, ocasião em que aquela dispersão se torna um entrave ao debate epistemológico.

Como forma de contribuir então para o corrente desafio, nossa pesquisa se debruça sobre a produção desse conhecimento no âmbito das teses de doutorado produzidas entre 2008 e 2018. Partindo do pressuposto de que o doutorado representa um momento significativo da produção de saberes de qualquer que seja a área de conhecimento (Immacolata, 2006), procuramos responder à seguinte problemática: como as pesquisas produzidas no nível de doutorado em comunicação têm contribuído para a constituição desse campo de conhecimento pela construção efetiva de um objeto de estudo teórico próprio da área? O período escolhido para análise justifica-se por entendemos ser uma amostra significativa da produção da área porque retroage cinco anos à criação da plataforma Sucupira e avança mais cinco anos posteriores a sua implementação, sendo essa plataforma, hoje, essencial para compreender o conjunto de

pesquisas produzidas no âmbito dos programas de pós-graduação no Brasil. Nossa pesquisa empírica utilizou duas bases de dados: a da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e a da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD). A opção pela Capes deveu-se ao fato de ser o órgão responsável pelo reconhecimento e a avaliação de cursos de pós-graduação *stricto sensu* (mestrado profissional, mestrado acadêmico e doutorado) em âmbito nacional, sendo, portanto, porta-voz desses programas no que tange aos critérios de produção, credenciamento e avaliação. A opção pela BDTD justificou-se não apenas pelo fato de a plataforma possuir livre acesso, mas por trazer credibilidade de um sítio mantido pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict), além de ter sido idealizado por um comitê técnico-consultivo¹ de referência na área da educação.

Como procedimento metodológico para obtenção dos propósitos apresentados, fundamentamos nossa pesquisa nas metodologias híbrida (Moreira, 2002; Goldenberg, 1997), qualitativas e quantitativas, com especial foco no método de análise de conteúdo, tal como propostos por Bardin (1977). Tais autores nos ajudaram a pensar tal dispersão voltando nosso olhar para o ambiente interno da produção de teses e programas de pós-graduação em comunicação no Brasil. Em síntese, nossa justificativa se apoia no fato de acreditarmos estar nessas teses e programas importantes esforços dedicados a pensar a comunicação, ou seja, comprometidos em realizar uma leitura própria à comunicação enquanto *tradução* específica dos fenômenos do mundo.

Explicitadas as premissas desta pesquisa, bem como nossas intenções, seguimos para uma breve explicação de nosso percurso reflexivo, estruturado em quatro capítulos com as seguintes abordagens. No primeiro, caminhos para importantes pressupostos ao debate epistemológico em si. Nesse caso, não tratamos exclusivamente do campo comunicacional, mas de aspectos que cercam a constituição histórica da epistemologia como campo de reflexão. Entendemos ser importante explicitar os fundamentos do debate epistemológico e muito especialmente a escolha de nossa abordagem em torno de uma visada histórica do conhecimento. No segundo capítulo fazemos então uma breve incursão em características que cercam a epistemologia da comunicação. Partindo do pressuposto de que cada área do

¹ Constituído por representantes do Ibict, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), do Ministério da Educação (MEC) – representado pela Capes e pela Secretaria de Educação Superior (SESu) –, da Financiadora de Estudos e Pesquisas (Finep) e das três universidades que participaram do grupo de trabalho e do projeto-piloto: Universidade de São Paulo (USP), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO) e Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Em meio às atribuições do grupo, o CTC apoiou o desenvolvimento e aprovou o Padrão Brasileiro de Metadados para Teses e Dissertações (MTD-BR), disponível em <http://bdttd.ibict.br/vufind/Content/history>; acesso em 08-03-2019.

conhecimento apresenta suas próprias particularidades epistemológicas, procuramos compreender uma pequena parte da discussão relativa ao início das pesquisas em comunicação, apontando para questões que nos parecem exercer influência sobre as práticas de pesquisa desenvolvidas na área. Por intermédio de pesquisadores como José Marques de Melo, Antônio Fausto Neto, M. Immacolata V. Lopes, Luiz Martino, José Luiz Braga, Lucrecia Ferrara, Muniz Sodré, Ciro Marcondes Filho, Lúcia Santaella e Francisco Rüdiger, realizamos um percurso objetivo e, em alguns momentos datado, com o intuito de apresentar elementos e traços da comunicação no Brasil. Desse percurso, portanto, nasce nossa hipótese da dispersão teórica, a qual nos incrementa o desafio da conquista de objeto de estudo próprio. No terceiro capítulo, apresentamos nossa justificativa epistemológica quanto à centralidade da teoria no conjunto de campos de conhecimento, assim como nossa base empírica e metodológica de pesquisa. Neste último caso, cabe destacar que, para a coleta de informações nas teses, buscamos métricas que nos auxiliassem no entendimento quanto à produção de teses na área de teorias e epistemologia da comunicação durante a última década. As bases de consulta visando à confecção de dados para a pesquisa foram formadas pela Capes e BDTD. Em ambas as plataformas buscamos dois descritores, “Epistemologia da Comunicação” e “Teoria da Comunicação”, sendo aplicados filtros como o do período estudado (de 2008 a 2018). No que tange à busca realizada no portal da BDTD foram utilizados descritores, em português, sendo estabelecidos cinco critérios de seleção: (a) a expressão “Teoria da Comunicação” (b) Tipo: Doutorado (c) Ano: publicação entre 2008 e 2018, compreendendo-se, assim, o período dos últimos dez anos; (d) Língua: português. Em seguida, cabe explicitar que a apresentação dos dados gerais obtidos está dividida em dois momentos: a) quantitativo e b) qualitativo. No caso quantitativo a exposição dos números está subdividida de acordo com os bancos de dados (Capes e BDTD), com os descritores (epistemologia/teoria da comunicação) e finalmente pela sequência orientador, instituição, programa, ano x produção. Em se tratando da parte qualitativa a divisão segue os seguintes questionamentos (quais teorias aparecem; quais autores; objetos centrais analisados nas teses; áreas de conhecimento presentes; quais teses apresentam como perspectiva central a epistemologia; quais teses apresentam como perspectiva central as teorias da comunicação).

Pelo método quantitativo acessamos dados que nos permitiram avançar para análises em profundidade, abordadas no capítulo seguinte, no qual foram realizadas análises ampliadas tanto dos resultados quantitativos quanto dos qualitativos. Para exploração dos dados qualitativos nos apropriamos de trechos das teses que foram extraídos unicamente do resumo e da introdução. Essas análises reforçaram nossas hipóteses quanto à necessidade de discutir uma possível dispersão das pesquisas produzidas em comunicação. Nessa discussão verticalizada

apareceram questões associadas à diversidade, bem como aos aspectos interdisciplinares e transdisciplinares. Para cada dado obtido, retomamos aspectos teóricos apresentados nos capítulos iniciais de nossa pesquisa. A leitura do resumos e da introdução de 74 teses nos permitiu compreender que há uma diversidade de objetos empíricos pesquisados e que essa diversidade não só “escapa” aos temas das teorias e epistemologia da comunicação, como, de certa forma, não contribui efetivamente para a consolidação da área. Em boa medida, nosso último capítulo leva às conclusões de nossa pesquisa, cujos resultados obtidos sugerem que a comunicação assume características de objetos variados, oriundos de diversas áreas e vertentes, não conseguindo com frequência perseguir algo que lhe seja específico, o que a leva a não ser chancelada enquanto disciplina. Tal como França (2010), constatamos que o campo da comunicação pode ser entendido como algo em construção, necessitando de um aprimoramento de padrões que delimitem sua especificidade por meio da defesa de uma problemática comunicacional consubstanciada em seu objeto. Em nosso percurso de pesquisa, nos perguntamos em diversos momentos em que poderia consistir o objeto de estudo da comunicação, e por isso a recorrente distinção entre objeto empírico e objeto científico (Bourdieu, 2004). Ou seja, concordamos com os apontamentos de França (2010), ao relatar que o objeto de conhecimento de uma disciplina não equivale às coisas do mundo, mas constitui formas de as conhecer, perspectivas de leituras, isto é, construções do próprio conhecimento. Dessa forma, a área exige a apresentação de suas credenciais como conhecimento científico, e isso, segundo nossa perspectiva, se estabelece com a demarcação de seu objeto estudo. Sugerimos que essa demarcação seja vista em seu caráter processual, na ordem do tempo, o que a faz não resvalar na ideia do conhecimento como fim último, mas tão somente uma epistemologia reflexiva, ou seja, um processo contínuo.

CAPÍTULO 1 – FUNDAMENTOS AO DEBATE EPISTEMOLÓGICO

Com intuito de delimitar nossos estudos, visto não possuímos a pretensão de tecer uma discussão exaustiva sobre a história do desenvolvimento epistemológico nem tampouco sobre suas diferentes perspectivas, mas pretendermos tão somente engendrar os aspectos inerentes à caracterização de nosso problema de pesquisa, faz-se necessária a apresentação dos fundamentos que nos permitem situar nossa reflexão nos termos de uma epistemologia da comunicação. Situamos nossa pesquisa no âmbito de uma epistemologia histórica, em que autores como Japiassu, Bachelard, Koyré e Kuhn, com os quais nos identificamos, são tomados como ponto de partida. Apostamos na epistemologia histórica, pois acreditamos que ela adquire formas filosóficas do conhecimento, que possibilitam indagações pertinentes aos princípios básicos das estruturas cognitivas internas e externas, e às condições de validade, ao mesmo tempo em que nos propicia a crítica e a recorrência desses elementos articulados à realidade social e histórica do objeto estudado, suas relações e inter-relações.

É no espaço epistemológico, portanto, que se esclarecem não somente as diretrizes que orientarão o desvelamento do objeto de estudo, mas também o alinhamento do como e do por que fazê-lo, bem como sua compreensão científica e influências que ele sofre e exerce, situando-o, dessa maneira, numa dada perspectiva paradigmática. Em suma, é precisamente partindo do entendimento da epistemologia como reflexão e crítica da ciência que esse desvelamento de fato ocorre. A epistemologia, afirma Japiassu (1996), constitui a instância que toma as ciências como objeto de investigação, e, nesse sentido, seu objetivo é pensar como se dão, objetivamente, a investigação e a construção dos objetos científicos. Visando interrogar, analisar criticamente e, em certa medida, sem amarras metodológicas, observar pela perspectiva da epistemologia o objeto em sua “nudez”, verificamos como ele pode ser revestido de racionalidade e criticismos históricos, delimitados por saberes sociais e teóricos, sejam eles contemporâneos ou históricos. Por essa razão, de acordo com Japiassu (1991, p. 27), a epistemologia deve ser vista essencialmente em seu caráter processual:

devemos falar hoje em conhecimento-processo e não mais em conhecimento-estado. Se nosso conhecimento se apresenta em devir, só conhecemos realmente quando passamos de um conhecimento menor a um conhecimento maior. A tarefa da epistemologia consiste em conhecer este devir e em analisar todas as etapas de sua estruturação, chegando sempre a um conhecimento provisório, jamais acabado ou definitivo. É neste sentido que podemos conceituá-la como essa disciplina cuja função essencial consiste em submeter a prática dos cientistas a uma reflexão. .

Por sua característica processual, que não implica a ideia do conhecimento como fim último, a epistemologia deve ser vista como um método contínuo de reflexão. Não é por outra razão que Japiassu (1991) admite que o conceito de epistemologia é empregado de modo flexível, podendo ser percebido em linhas de pensamento tão diversas como, por exemplo, a epistemologia de Piaget, Foucault, Popper e a de Bachelard. Ou seja, pela perspectiva processual, a reflexão epistemológica nos leva com facilidade à história e, na sequência, à própria filosofia como espaços de trabalho. Gostaríamos, portanto, de adotar a epistemologia histórica como opção de fundamentação teórica porque há, nessa vertente filosófica, a possibilidade de compreensão das matrizes originárias que fundam um tipo de conhecimento para o qual nos propomos a contribuir. Dito de outra maneira, a epistemologia histórica ajuda a compreender as bases necessárias à construção do conhecimento. Em suma, a história das ciências acaba por ser uma atividade de pesquisa importante, uma vez que aí se destaca a dimensão processual do conhecimento. Como afirma Japiassu (1997, p. 23):

começamos nossa análise dizendo que a história das ciências constitui a possibilidade de exercício de uma epistemologia que poderíamos chamar de filosófica. Mesmo que possamos colocar em dúvida sua validade, mesmo que não consigamos fundamentar convincentemente sua necessidade e sua existência, nem por isso temos condições de negar a indispensável importância de uma teoria da história das ciências. E creio ser extremamente difícil negarmos que essa teoria, intimamente vinculada a preocupações de caráter epistemológico, possa prescindir de uma forma ou de outra, de todo e qualquer vínculo com reflexão filosófica. Ademais, uma teoria das ciências só é epistemológica, porque a epistemologia é histórica.

1.1. Epistemologia como campo de trabalho: uma perspectiva histórica

Consideramos a historicidade essencial à conquista do objeto de estudo. De acordo com Japiassu (1997, p. 26), “a história das ciências não é somente a memória da ciência, mas o laboratório da epistemologia”. Assim, em vez de estudar a história das ciências, a epistemologia precisa estudar as ciências segundo sua história. Falamos, então, da construção de uma epistemologia histórico-crítica, que estuda a ciência em seu processo de crescimento e desenvolvimento, isto é, de sua história segundo condições e possibilidades. De acordo com Bachelard (2001), o progresso é o elemento mobilizador, dinâmico da cultura científica, e é esse elemento que “a história das ciências” deve descrever, de forma a julgá-lo, valorizá-lo, eliminando toda e qualquer margem de retorno a concepções equivocadas. Para ele, há que “formular uma história recorrente, uma história que se esclarece pela finalidade do presente,

uma história que parte das certezas do presente e descobre, no passado, as formações progressivas da verdade” (BACHELARD, 1990, p. 205-207). Compreendemos que a proposição da epistemologia bachelardiana visa à produção dos conhecimentos científicos abrangendo todos os seus aspectos: lógico, ideológico, ontológico, histórico. Para o autor, após o nascimento das ciências, ocorre sua evolução em momentos históricos bem definidos. Buscando descobrir a gênese, bem como a estrutura e o funcionamento dos conhecimentos científicos, a epistemologia deverá indagar-se, criticamente, sobre as “relações susceptíveis de existir entre a ciência e a sociedade, entre as ciências e as diversas instituições científicas ou entre as diversas ciências” (JAPIASSU, 1977, p. 66). Assim, a epistemologia de Bachelard (1967, p. 125) estaria centrada na análise rigorosa do racionalismo na ordem do tempo, além de voltada, prioritariamente, para o estudo das ciências físicas; “a diferença entre o historiador das ciências e o epistemólogo consiste em que o primeiro toma as ideias como fatos, enquanto que o segundo toma os fatos como ideias, inserindo-as em um contexto de pensamento”.

Bachelard (1967) defende um exame profundo das ciências pela filosofia, que então deveria fazer dessa reflexão crítica o seu despertar do sono dogmático. Nesse sentido, podemos entender, do ponto de vista da epistemologia histórica de Bachelard, que “a ciência é um objeto construído socialmente, cujos critérios de cientificidade são coletivos e setoriais às diferentes ciências” (LOPES, 1996, p. 251). De acordo com Bachelard, o historiador deve proceder das origens para o presente, dado que a ciência atual já se encontra anunciada no passado; ao passo que o epistemólogo procede do presente para o passado, ainda que somente uma parte daquilo que ontem era considerado ciência possa efetivamente ser fundado e justificado, hoje, cientificamente. Em sua opinião, só é possível fazer uma reflexão crítica sobre a produção de conceitos se nos debruçamos sobre a história das ciências.

Para outro autor, Kuhn (1980), a ciência também não pode ser demonstrada dogmaticamente, mas em sua historicidade, como processo descontínuo, marcado por uma sucessão de paradigmas, de orientações teóricas produzindo estruturação da “visão de mundo” dos cientistas. De fato, para o autor, não é possível, nem ao menos relevante, saber se um dado paradigma é mais verdadeiro que os demais. O que importa é compreender se esse paradigma se apresenta como uma nova maneira de pensar o mundo e o seu campo de atuação. Dessa forma, a utopia estaria em se possuir uma vasta gama de paradigmas disponíveis, com seus vários campos de aplicação. Assim, a questão de um paradigma se estabelecer posterior a outro relativiza o fato de ele ser mais verdadeiro e significa muito simplesmente que é outro, até porque, em paradigmas passados, consideram-se fenômenos que os atuais já não conseguem explicar. Koyré (1979, p. 11) relata que “o pensamento é essencialmente histórico, e é a história

da filosofia que se encontra presente na história das ciências”. Para esse autor, é necessário fazer uma leitura, bem como uma análise atenta dos textos, porém os ressitando em seu contexto intelectual, com o objetivo não de enunciar proposições gerais sobre a natureza da ciência, mas de compreender o passado em sua originalidade irreduzível. A respeito desses apontamentos, então, consideramos que, sem a perspectiva histórica, a epistemologia seria uma simples réplica inútil da objetividade científica, ou seja, uma meditação vazia, tautológica, sobre a teoria do conhecimento. Sendo assim, arriscamos inferir que a opção pela perspectiva histórico-epistemológica se justifica sobretudo pelo propósito de estudar um tipo específico de conhecimento, por meio de uma perspectiva temporal, que nos permita conhecer aspectos de nossa realidade, sem desconsiderar as perspectivas incorporadas do passado histórico ao objeto a ser perseguido, não limitado ao relato de fatos, mas definido em atitudes mentais e modelos de inteligibilidade de uma dada época.

1.2. O marco grego: a lógica e as formas gerais do pensamento

Feita essa breve imersão na perspectiva histórica, torna-se inevitável, de alguma maneira, que então façamos uma incursão, ainda que em linhas gerais, no marco grego. Precisamente aí, em termos históricos, nasce a referência à ideia de epistemologia como campo do conhecimento. De certa forma, seria improdutivo pensar a epistemologia em termos históricos sem tal percurso na filosofia. Não se trata de pensar a “origem” como verdade absoluta, porém como uma construção histórica de pensadores que, em seus respectivos contextos, buscaram a verdade, fosse ela qual fosse, no caminho do conhecimento. Não pensamos também que “evolução” seja necessariamente a passagem do pior para o melhor, como se o passado não tivesse mais a ensinar às gerações futuras. “Evolução”, nesta tese, contempla as diferentes manifestações do pensamento ao longo do tempo. Muitas delas constituem continuidades, outras, descontinuidades em relação a seus predecessores. Afirmar que a filosofia constitui um fato grego significa, todavia, que ela possui certas características, apresenta certas formas de racionalidade que exprimem pensamentos, estabelece certas concepções sobre a realidade, a ação, as técnicas que são completamente diferentes das características desenvolvidas por outros povos e outras culturas.

A Filosofia, entendida como aspiração ao conhecimento racional, lógico e sistemático da realidade natural e humana, da origem e causas do mundo e de

suas transformações, da origem e causas das ações humanas e do próprio pensamento, é um fato tipicamente grego. Evidentemente, isso não quer dizer, de modo algum, que outros povos, tão antigos quanto os gregos, como os chineses, os hindus, os japoneses, os árabes, os persas, os hebreus, os africanos ou os índios da América não possuam sabedoria, pois possuíam e possuem. Também não quer dizer que todos esses povos não tivessem desenvolvido o pensamento e formas de conhecimento da Natureza e dos seres humanos, pois desenvolveram e desenvolvem (CHAUI, 2002 p. 20).

Ao mencionar o marco grego, ainda que sob outro enfoque, Quiroga (2013, p. 35) ressalta que a análise sob o viés histórico não significa que estejamos apenas desenterrando fatos, mas antes buscando fundamentar um manancial que “vige, fundamenta e se transforma em referenciais de verdade em nossa contemporaneidade”. Nesse sentido, assim como Aranha e Martins (2003), compreendemos que analisar o marco grego nos permite constatar que, desde os primórdios, os homens tiveram a preocupação em dar explicações aos fenômenos que condicionavam sua existência, numa tentativa de domínio da natureza. Seu arsenal em fase originária, porém, vai recorrer aos mitos, à religião e ao senso comum como forma de conhecimento.

O **Mito** procura explicar e demonstrar, por meio da ação e do modo de ser das personagens, a origem das coisas (do mundo; dos homens; dos animais; das doenças; dos objetos; das práticas de caça, pesca, enfim, de qualquer coisa que seja), a **Religião** é um conjunto de sistemas culturais e de crenças, além de visões de mundo, que estabelece os símbolos que relacionam a humanidade com a espiritualidade e seus próprios valores morais, enquanto que o **Senso Comum** encontra-se misturado com crenças e preconceitos, é um conhecimento ingênuo, ou seja, acrítico, fragmentário, assistemático, às vezes incoerente, conservador, isto é, resistente a mudanças (CHAUI, 2006, p. 62).

Mas o que permitiu a superposição do mítico e do racional? Por qual razão a Grécia, ou melhor, os gregos seriam os responsáveis por essa mudança na ordem do pensamento? Para Aranha e Martins (2003), a questão é de ordem antropológica – tanto o comércio quanto a política exigiam a convivência entre pensamentos distintos. É justamente em Mileto, colônia que representava o papel de importante porto comercial e que, portanto, era palco de intenso intercâmbio cultural, que surge a filosofia. Do desenvolvimento do comércio teria decorrido, também, o aumento dos fluxos demográficos, conteúdo em que se percebem alguns lugares relatados nos mitos, mas que já não existiam tal como eram descritos ou não eram povoados da mesma forma.

Durante muitos séculos, aquilo que chamamos de Grécia não era exatamente um país como entendemos hoje, mas várias cidades-Estado (*Polis*), independentes e autônomas entre si,

que se uniam ou se separavam de acordo com as circunstâncias e conveniências. Tratava-se de cidades-Estado que possuíam culturas e características diferentes, ainda que com alguns elementos comuns; várias delas com poderes centrais e, em alguns casos, colônias. Todas essas regiões foram impactadas e influenciaram o mundo grego. Esse contato teria possibilitado aos gregos elementos culturais que fizeram nascer a filosofia. Sobre esse aspecto, salienta o filósofo Karl Popper (1974, p. 86):

O que é novo na filosofia grega (...) parece-me consistir não tanto na substituição dos mitos por algo mais “científico”, mas sim em uma nova atitude em relação aos mitos. Parece-me ser meramente uma consequência dessa nova atitude o fato de que seu caráter também começa então a mudar.

Dessa forma, como nova atitude diante dos mitos e das crenças religiosas, e com o advento do comércio, surge o conhecimento filosófico como uma tentativa de conhecer e compreender o mundo, os seres que o habitam, sendo sua formação caracterizada pela passagem do mito (*mythos*) à razão (*logos*), ainda que hoje fortes debates, como o de Nietzsche, operem em direção ao retorno do mito.

O que, entretanto, de fato constitui o pensamento mítico? Para Marcondes (2002), o pensamento mítico consiste na forma pela qual um povo explica aspectos essenciais da realidade em que vive, ou seja, a origem do mundo, o funcionamento da natureza e dos processos naturais e as origens desse povo, bem como seus valores básicos. O mito caracteriza-se sobretudo pelo modo como essas explicações são dadas, ou seja, pelo tipo de discurso que pressupõe uma nova adesão à experiência do real. De todo modo, se o pensamento filosófico-científico surge por volta do século VI a.C., cabe ressaltar que essa ruptura com o pensamento mítico não se dá de forma completa e imediata. A mudança de papel do pensamento mítico resulta de um longo período de transição e de transformação da própria sociedade grega. O surgimento desse novo tipo de explicação, portanto, não significa o completo desaparecimento do mito, do qual sobrevivem muitos elementos mesmo em nossa sociedade contemporânea, em nossas crenças, superstições, fantasias etc., isto é, em nosso imaginário. O mito sobrevive ainda que vá progressivamente mudando de função. Segundo Chauí (2006), o pensamento mítico, com seu apelo ao sobrenatural e aos mistérios, vai assim deixando de satisfazer as necessidades da nova organização social, mais preocupada com a realidade concreta, com a atividade política mais intensa e com as trocas comerciais; e é nesse contexto que o pensamento filosófico-científico encontra as condições favoráveis para seu nascimento. De acordo com a autora, a filosofia surge, então, como busca de uma explicação racional e ordenada do mundo ou da

natureza, denominada cosmologia, sendo sua etimologia referente à organização do mundo (*cosmo*) e ao pensamento racional (*logia*). Quando dizemos que o pensamento filosófico-científico surge na Grécia, caracterizando-o como uma forma específica de o homem tentar entender o mundo que o cerca, não queremos afirmar que antes não houvesse, também, outras maneiras de se entender essa realidade. De todo modo, nesse sentido surge o *éthos* lógico como uma tentativa dos primeiros filósofos em busca de explicação para o mundo natural (a *physis*, daí o termo “física”), com base, essencialmente, em causas naturais (Jaeger, 2003), em que a chave de explicação do mundo, de nossa experiência, estaria então no próprio mundo, e não fora dele, em alguma realidade misteriosa e inacessível. O *éthos* lógico representa, assim, uma ruptura radical com o pensamento mítico enquanto forma de explicar a realidade, e é justamente essa explicação que encaramos como necessária para a compreensão do mundo e de suas particularidades.

A filosofia surge, então, da ocasião em que os gregos, admirados e espantados com o movimento da *physis*, bem como insatisfeitos com as explicações que a tradição lhes dera, começam a fazer perguntas que demonstram que o mundo, os acontecimentos e as coisas da natureza podem e devem ser conhecidos pela razão humana. É ela que passa, então, a ser capaz de autoconhecimento.

Em todas as suas vertentes e práticas, considerando-se ser a filosofia essa totalidade de saberes (Chauí, 2006), Aristóteles representa uma verdadeira enciclopédia de todo o saber produzido e acumulado pelos gregos. O filósofo afirma que antes de um conhecimento constituir seu objeto e seu campo, seus procedimentos próprios de aquisição e exposição, de demonstração e de prova deve, primeiramente, conhecer as leis gerais que governam o pensamento, independentemente do conteúdo que possa vir a ter. De acordo com Aranha e Martins (2003), o estudo das formas gerais do pensamento, sem preocupação com seu conteúdo, chama-se lógica, e Aristóteles foi o criador da lógica como instrumento do conhecimento em qualquer campo do saber. Segundo Stirn (2006), Aristóteles distingue e classifica todos os saberes científicos (cuja totalidade constitui a filosofia) tendo como critério a distinção entre ação e contemplação, isto é, diferencia as ciências conforme seus objetos e finalidades: sejam atividades produtivas, éticas e políticas; sejam puramente intelectuais, interessadas, exclusivamente, no conhecimento e sem preocupação com qualquer prática.

Para Ghiraldelli (2008), o helenismo caracteriza-se pelo sincretismo de elementos culturais provenientes dos povos do Oriente, conquistados por Alexandre, e a cultura grega. A filosofia desse período é, ao mesmo tempo, continuação dos ensinamentos de Platão e Aristóteles, mantidos por seus discípulos, e uma reelaboração desses ensinamentos filosóficos.

As preocupações da filosofia no período helenista, entretanto, mudam de curso, deixando essa fase de estar centrada no homem social e político, e na compreensão da natureza, ou seja, a preocupação deixa de ser em relação à “explicação dos mistérios do universo” e se volta para questões éticas. A filosofia começa a tratar não apenas do coletivo, mas da vida interior do homem. Essa preocupação ética permaneceu durante todo o período helenista, passou pelo Império Romano e continuou com a chegada do cristianismo, quando começou uma nova etapa da história da filosofia (GHIRALDELLI, 2008). De fato, a filosofia e a ciência, tal como as conhecemos, atribuídas às devidas alterações, são invenções gregas, visto que, desde o surgimento da filosofia na Grécia, e até mesmo antes, os homens não cessaram de se indagar sobre a singularidade e a origem do pensamento humano, esforçando-se para construir conhecimento sem recorrer à religião ou aos mitos. Para isso, elaboraram soluções teóricas que ainda nos fascinam por sua inspirada originalidade e riqueza de suas implicações. Com os gregos, portanto, a validade de uma verdade deve-se não à *doxa*, mas àquilo que se pode comprovar pelo raciocínio e pela argumentação.

É nesse âmbito, portanto, que reside a atitude crítica do pesquisador adepto das bases da filosofia, em que, fazendo uso da razão – isto é, procurando descobrir o que está velado pelas aparências do cotidiano – e atento ao conhecimento empírico do senso comum ou pelos dogmas existenciais, encontrará pertinência para a concretização das mais diversas pesquisas nas mais diferentes áreas. Dessa forma, atribuímos a validade do estudo da filosofia como base histórica da própria racionalidade. Esse percurso possibilita o suporte reflexivo para que não aceitemos como evidentes as ideias, os fatos, as situações, sem, primeiramente, refletir sobre eles, ou seja, o marco grego nos permite superar o senso comum, de fatos como coisas, em que residem as crenças e familiaridades, que impedem melhores problematizações acerca da constituição do conhecimento.

1.3. O crivo moderno: a matemática e o ideal mecanicista da natureza

Antes de iniciarmos a apresentação e análise de traços que caracterizam o processo de gênese e desenvolvimento da racionalidade científica moderna, algumas observações sobre o termo “racionalidade” se fazem necessárias. Segundo Luz (1988, p. 29), esse termo é utilizado para designar “um modo típico de ordenação do mundo que supõe o enunciado de certos princípios de articulação e um modo específico de produção de saberes”, contendo, portanto, múltiplos significados, desde o de ideologia da formação histórico-social do capitalismo até o

de estrutura do conhecimento moderno e de estrutura simbólica da sociedade ocidental. Ademais, o termo racionalidade se aproxima do conceito de “racionalidade científica”, colocando a ciência como forma de conhecimento e ordenação da natureza. De acordo com a autora,

a ciência moderna é mais que uma forma de desvendamento do mundo. Ela é, sobretudo, uma forma de ordenação do mundo. Trata-se, é verdade, também de decodificações de significados, mas principalmente de atribuição de ordens de sentidos, através da prática sistemática de um conjunto de operações, a ser seguidos na ordem lógica e na prática dos gestos, que constituem o método (LUZ, 1988, p. 29).

Essa formulação está em convergência com o pensamento de Ganem (2000), que afirma poder o projeto da ciência moderna ser descrito como a busca de uma explicação da ordem social que prescindia de fatores divinos e tenha o indivíduo como ponto de partida, tanto no que diz respeito à compreensão do ser humano individual, em sua condição de ser anterior à sociedade, quanto em relação à ideia de que ele constitui o sujeito do conhecimento, capaz de desvendar a realidade sem precisar recorrer às explicações teológicas. Pode-se dizer, portanto, que a tentativa de explicar a emergência e o funcionamento da ordem natural ou social sem recorrer ao argumento da explicação divina é a grande questão motivadora dos pensadores modernos.

Para Luz (1988), a racionalidade moderna pode ser vista como uma forma específica de produção de enunciados de verdade, na qual o método se torna mais relevante do que a realidade dos conteúdos. Estes são mutáveis e perenes, se modificando ao longo do tempo. O que os une em torno desse mesmo arcabouço denominado racionalidade científica moderna é o método, esse sim, perene e fixo. Segundo a autora, a mutabilidade dos conteúdos é o que define a racionalidade moderna enquanto racionalidade científica, ainda que permita a produção de verdades e, portanto, a revolução periódica, dando a impressão de um avanço da razão, que, porém, permanece igual no que diz respeito a seus princípios de ordenação da realidade – o que pode ser visto pela fixidez do método.

A adequação de conteúdos é uma forma predeterminada, que se denomina método, havendo a primazia dele em relação aos conteúdos, que acabam investidos de seus elementos essenciais para poder ser encaixados no formato adequado à racionalidade moderna e, portanto, ao modo de produção científica. Dito de outra maneira, a racionalidade moderna tem como característica a subordinação de outras formas de *enunciar* verdades à razão científica (Luz, 1988). Em linhas gerais, os resultados iniciais da ciência moderna passam a ser vistos como

possuindo validade universal, tanto no que diz respeito às áreas do conhecimento quanto no que concerne às épocas históricas. Sobre este último aspecto, afirma Bartholo (1986), observa-se a expressão, na racionalidade moderna, de uma perspectiva natural e a-histórica do conhecimento, que passa a ser vista como inicialmente transcendente à história e às determinações sociais.

O crivo moderno incorpora a complexidade do marco grego, ou seja, essa primeira matriz de racionalidade ocidental que a Grécia inaugura ganha de fato, na modernidade, uma dimensão, atualmente chamada de científica, ou seja, essa racionalidade ganha uma dimensão aplicativa. Na história da razão, após o período grego, temos a Idade Média, toda dedicada à questão da fé, e o que a modernidade faz é ir retirando a ideia de Deus e retomando a questão do conhecimento. Em outras palavras, na modernidade o interesse não é tanto a ideia da verdade em si, mas do cognoscível, a ideia do que possa ser verificado, demonstrado, até mesmo devido à abstração da ideia de verdade, posto que a modernidade europeia está interessada naquilo que possa ser demonstrado.

Por isso, quando estudada de modo a contemplar suas peculiaridades, notamos na modernidade uma discussão acerca da centralidade do método como condição por meio da qual a verdade deve ser alcançada. Tal discussão possuía na época, segundo Japiassu (1984), repertórios voltados para os estudos da natureza, preocupados em fundamentar um método para a filosofia natural, ainda que o termo moderno seja de difícil precisão.

Falamos especificamente dos séculos XVI e XVII, que representam, na história da racionalidade moderna, o período em que se constrói a centralidade do método. Para a compreensão desse movimento na história das ideias, alguns autores são considerados marcos que inauguram as particularidades que constituem a ciência moderna e seus novos critérios. Copérnico (1473-1543) foi o primeiro a confrontar o sistema geocêntrico de Ptolomeu, que sustentava toda uma noção teológica acerca do indivíduo e da humanidade. O pensador moderno postulava a hipótese de a Terra girar em torno do Sol, sendo este o centro do universo. Galileu, posteriormente, comprovou a validade da hipótese de Copérnico, finalizando a ruptura com as estruturas dogmáticas vigentes. Isso porque a ideia de que a Terra é apenas um fragmento de um universo aberto vai de encontro à imagem do universo finito criado e comandado por Deus.

Com Galileu o rompimento com a representação dos mundos antigo e medieval são finalizados, havendo grandes mudanças na forma de enxergar a natureza e a ciência. A postulação do universo como um todo infinito e quantificável, a redução do real ao geométrico e a concepção mecanicista do

mundo são traços fundantes do pensamento de Galileu, que acabaram por se consolidar como características da concepção de ciência moderna (ARANHA E MARTINS, 2003, p.89).

A proposição do universo como um todo infinito e quantificável inaugura o que se compreende por mecanicismo, ou seja, uma visão do mundo como um conjunto de fenômenos funcionalmente relacionados, cujas leis podem ser desvendadas por meio da razão e da experiência, sendo traduzidas em linguagem matemática (LUZ, 1988). Sob o ideal mecanicista, segundo Japiassu (1984), abandona-se o questionamento das causas finais – o "por que" – para se ocupar apenas da forma, das relações de causalidade eficiente – o "como" –, sendo essa uma das diferenças entre a modernidade e o crivo grego. O primeiro questionamento passa a ser considerado da alçada da filosofia (ou da sociologia do conhecimento), ao passo que apenas o segundo seria científico. Aqui propriamente estaria uma possível cisão entre filosofia e epistemologia. Na base da inovação está a elaboração sobre os métodos matemáticos e experimentais em que o autor realizou a união desses dois conceitos, ainda que o primeiro se impusesse ao segundo. Para Japiassu,

sua revolução consiste no momento em que propõe que a matemática deva definir, no cerne da natureza, os sistemas acessíveis de fenômenos observáveis. Com isso, a realidade passa a ser a configuração matemáticas da natureza, pressupondo-se que as formas matemáticas se encontrem realizadas na natureza (JAPIASSU, 1984, p. 57).

Subjacentes a essa noção de uma natureza geométrica estão dois aspectos da ciência moderna. Primeiramente, há a noção de que a realidade é uma esfera de realização do pensamento, como se ele pudesse existir de maneira separada da prática e dos fenômenos reais, mais ainda, como se houvesse uma relação causal unívoca que vai da teoria à realidade. Em segundo lugar, pode-se observar, também, a redução da natureza e da realidade de forma a se adequar aos critérios científicos estabelecidos. Assim, o conhecimento científico da natureza exige que ela seja considerada apenas em seus aspectos quantificáveis e mensuráveis, isto é, passíveis de ser encaixados na ideia de natureza enquanto expressão da geometria e da matemática. Nesse contexto, a experiência constitui apenas um segundo momento, no qual as leis matemáticas são aplicadas. Isso porque, para Galileu, a ciência é elaborada *a priori*, a teoria é anterior aos fatos. A evidência empírica é substituída pela evidência matemática, e a experiência passa a ser tão somente a colocação de questões, formuladas em linguagem matemática, à natureza (JAPIASSU, 1984). Em suma, um elemento de enorme relevância nessa

revolução operada por Galileu consistiu no estabelecimento do domínio e do controle do ser humano sobre a natureza como objetivo final do conhecimento dessa natureza.

Newton, ao lançar suas perspectivas de pesquisa avança sobre as inovações metodológicas de Galileu, formulando nova síntese epistemológica. A síntese newtoniana, de acordo com Bartholo (1986, p. 77), “parte do pressuposto de que nem as experiências diretas, sem uma interpretação sistemática, nem a dedução das causas primeiras, sem uma evidência experimental, podem conduzir à construção de uma teoria confiável”. Essa importância conferida por Newton aos dados da experiência é consequência de sua concepção de prática científica, segundo a qual as leis imanentes do universo não poderiam ser descobertas por meio de princípios abstratos, mas exclusivamente pela observação e coleta de dados. O caminho percorrido por Newton para se chegar a uma formulação teórica pode ser assim descrito: “as proposições particulares são inferidas dos fenômenos, e depois tornadas gerais pela indução” (NEWTON apud JAPIASSU, 1984, p. 158). Deve-se ressaltar que, ainda que Newton buscasse ultrapassar, de certa forma, a dicotomia entre indutivismo e dedutivismo, o fazia segundo noções mecanicistas, em que os fenômenos só são enxergados em seus aspectos imediatos e a conexão entre eles é definida segundo relações funcionais de causa e efeito.

Para Cerqueira (2006), de todo modo, no pensamento de Newton, devem-se destacar os princípios empiristas, ainda que esse pensador conferisse enorme importância à quantificação, mensurabilidade e comprovação matemática de suas teorias. Os pilares básicos do conhecimento, portanto, seriam a experimentação e o raciocínio indutivo. Assim, Newton opunha ao ideal dedutivo cartesiano a análise do que é dado diretamente pela observação, e, em sua opinião, ao movimento de análise deveria se seguir o de síntese que, na concepção newtoniana, constituir-se-ia com base nos princípios últimos estabelecidos pela análise para “explicar” todos os fenômenos que são suas consequências e provar nossas explicações.

Percebe-se, neste método, os traços do mecanicismo mencionado anteriormente, uma vez que os fenômenos são postos em relações de causa e efeito. Ademais, observa-se também a intenção de formular leis universais que explicassem o sistema da natureza num todo coerente tão comum aos pensadores modernos. Por fim, deve-se atentar para o fato de que as leis de funcionamento da natureza não somente deveriam ser derivadas de experimentos empíricos, mas também deveriam ser confrontadas pelos fenômenos empíricos para que sejam válidas. (MACLAURIN apud CERQUEIRA, 2006, p. 691).

A concepção de um universo regido por leis imutáveis possibilita então a previsão supostamente precisa de seus fenômenos e, assim, sua manipulação e transformação. Este é

outro traço do mecanicismo: forma de ordenação social e exploração da natureza, que têm na complementaridade entre Galileu e Newton sua inspiração. Uma vez que a natureza é compreendida enquanto máquina, ou seja, precisa e exata, basta o desvendamento de seus mecanismos de funcionamento para que seja possível transformá-los e adaptá-los às vontades humanas. Além da perspectiva de que os fenômenos da natureza se relacionam segundo causalidades funcionais e mecânicas, já presente na teoria de Galileu, Newton acrescenta uma concepção atomista do universo, postulando que todas as partículas elementares que constituem a natureza possuem igual substância material. Com isso, é possível reduzir, analiticamente, fenômenos complexos a elementos simples, a partir dos quais seriam estabelecidas relações funcionais. Esse reducionismo é fruto da dessacralização e desespiritualização da natureza promovida pelo pensamento moderno e expressa o ideal mecanicista de decomposição dos fenômenos a seus elementos últimos para sua compreensão por meio da reconstrução das relações funcionais e quantitativas. Essa decomposição se dá, no pensamento, pelo movimento de abstração, que separa e isola os elementos do todo para melhor analisá-los. A abstração, deve-se ressaltar, é um dos traços mais essenciais da lógica formal, que, por sua vez, é a lógica da racionalidade científica moderna. O movimento de abstração, uma vez que separa os fenômenos do todo, leva a uma compreensão desses fenômenos dissociados de seus determinantes históricos e sociais, conduzindo à ideia de que são eternos e a-históricos.

Assim, torna-se completa a noção, já engendrada pelo pensamento de Copérnico e, principalmente, Galileu, do universo e da natureza enquanto sistemas mecânicos, com leis imutáveis e imanentes, capazes de ser desvendadas por meio da razão científica e, portanto, passíveis de ser previstas. Como já mencionado, sob o ideal mecanicista, a pergunta a ser formulada visando desvendar os fenômenos deixa de ser “por que”, isto é, quais são suas causas finais, e passa a ser “como”, isto é, de que formas eles ocorrem. Para tal, a natureza foi destituída de todo e qualquer elemento qualitativo, sendo vista apenas segundo seus aspectos quantificáveis e mensuráveis. Ademais, também operou-se uma cisão da natureza – objeto do conhecimento – em relação ao indivíduo – sujeito do conhecimento. Para Bartholo (1986), enquanto na visão medieval os elementos da natureza eram vistos como possuidores de um finalismo imanente, um valor intrínseco, na modernidade passa a haver uma separação entre o mundo dos valores e o mundo dos fatos (JAPIASSU, 1984). Daí decorre uma redefinição dos critérios de verdade das proposições científicas, cuja validade passa a se relacionar com seu valor prático, unindo intimamente conhecimento e poder (BARTHULO, 1986).

a existência objetiva e independente da natureza face ao mundo humano é desta forma, condição epistemológica e ontológica para que o homem possa conhecê-la e moldá-la, para que coloque sobre o reino da natureza o selo de sua ordem. A ordem da Razão (LUZ, 1988, p.21).

Essa separação entre natureza e ser humano, portanto, fundamenta e possibilita a compreensão do universo como um sistema mecânico, com leis imutáveis e imanentes, uma vez que se encontram fora da relação com o sujeito. Assim, a natureza é vista como instância externa ao sujeito, na qual ele não está implicado nem, tampouco, com a qual estabelece relações. Na visão moderna, portanto, conhecer a natureza, isto é, descobrir sua ordenação racional/maquinal, deixa de significar a mera contemplação de uma ordem divina e eterna, e passa a ser um processo de construção e recriação contínua de sua ordem racional (LUZ, 1988). Adequa-se, por meio dessa compartimentalização e reconstrução, a natureza aos padrões modernos de cientificidade. Assim, o conhecimento da ordem imanente da natureza, operado por meio da descoberta de seus elementos últimos e das relações entre eles, resulta numa *fragmentação* da própria natureza enquanto objeto do conhecimento. Essa decomposição da natureza permite, ainda, sua interferência e modificação, pois a reorganização de seus elementos no plano intelectual se coloca, também, no campo da *práxis*. Por isso, é possível dizer que a natureza, em sua significação moderna, torna-se uma força produtiva, a serviço dos indivíduos e do modo de produção capitalista (LUZ, 1988).²

A essa fragmentação do objeto do conhecimento corresponde uma fragmentação do sujeito cognoscente. Este, assim como o conhecimento, passa a ser compartimentado em suas diversas instâncias – razão, paixão, sentidos, vontade – havendo um saber para cada uma delas (ciência, ética, artes etc.). No campo da prática, a fragmentação se expressa na divisão social do trabalho e na normatização e padronização das tarefas, que se tornam cada vez mais específicas e maquinais. Além disso, na transição para o sistema moderno de pensamento, ocorre uma importante mudança, que diz respeito à ideologia moderna e seu sistema de valores como um todo, mas se centra no sujeito individual. Nas sociedades tradicionais, há uma visão holística da ordem, isto é, as necessidades individuais se subordinam às da comunidade, o que implica a afirmação da hierarquia como valor central da vida social. Já nas sociedades

² Aqui cabe ressaltar que o controle humano sobre a natureza por meio de meios mecânicos não é algo que surge com a modernidade. O que se coloca como específico e verdadeiramente novo na modernidade é a “elevação deste campo de controle a um nível até então desconhecido e na construção de um processo cognitivo e normativo que vai fundir epistemologia e tecnologia, racionalismo cartesiano e pragmatismo baconiano” (BARTHOLLO, 1986, p. 76).

modernas, a visão predominante é a do individualismo, isto é, a da valorização prioritária do ser humano individual, visto como uma encarnação de toda a humanidade.

Para Dumont (2000), no sistema individualista, as necessidades sociais se subordinam às do indivíduo. Essa concepção do indivíduo moderno é subjacente à racionalidade científica moderna, uma vez que ela tem como característica fundamental a crença na capacidade do ser humano de conhecer e modificar seu meio. Mais ainda, é também reflexo da centralidade do sujeito para a ciência moderna, tanto como ponto de partida do conhecimento quanto em relação a sua finalidade.

No que diz respeito a suas bases epistemológicas, o projeto de ciência moderna só pode ser compreendido de maneira completa se estudado em referência aos dois sistemas cognitivos que formam seus fundamentos metodológicos. Esses sistemas cognitivos são o empirismo e o racionalismo, que têm como autores seminais Bacon e Descartes, respectivamente. Cabe, agora, a investigação dessas duas epistemologias, tomando como base seus teóricos fundadores.

1.4. A especificidade do século XIX: da representação à positividade do saber

No século XIX, a concepção de ciência começou a se parecer com a que temos hoje. Entendemos, porém, que tal concepção já estava elaborada desde muito tempo. No entanto, há autores que se referem ao período renascentista, e outros que retrocedem à Idade Média para encontrar sua origem. Entre as características da ciência moderna, estava a crença de que ela levaria à verdade, à certeza. Hoje, já não partilhamos de tal crença ainda que a ciência continue fonte de segurança para o homem contemporâneo; de tal forma, que ainda procuramos nela, talvez não mais verdades ou certezas, mas uma opinião isenta e abalizada. Adotamos o posicionamento de Japiassu (1984) que denota esse período como caracterizado pela passagem da representação à positividade do mundo. Segundo esse mesmo autor,

o século XIX estabeleceu a crise do método científico, que até então era considerado o verdadeiro método para conhecer a realidade. Neste sentido o que se entende por crise do método científico no século XIX é a crise do modelo da representação face o modelo da positividade. Entretanto, com o passar dos anos, os cientistas começaram a compreender que as regras observáveis no universo não precisavam necessariamente respeitar nenhum princípio perene ou estrito de lógica ou racionalidade, como demonstrado por Hume em sua crítica ao indutivismo, e muito menos um modelo teórico originalmente proposto. Além disso, toda a metodologia experimental poderia ser modificada de maneira sutil e tais diferenças

poderiam produzir resultados ininterpretáveis segundo as teorias existentes e suas lógicas (JAPIASSU, 1984, p. 82).

A ciência do século XIX estava preocupada justamente em buscar modelos experimentais perfeitos, que suportassem as teorias e permitissem expandi-las em seus focos de ação. O final do século XIX e o início do XX, todavia, preparavam uma surpresa aos entusiastas da racionalidade científica: algumas descobertas, tais como a geometria não euclidiana, a física não newtoniana etc., paradoxalmente, abalaram as certezas das teorias científicas clássicas. Elas foram as principais responsáveis pela crise da ciência moderna porque revelaram que a certeza e o determinismo científico eram quimeras (JAPIASSU, 1984).

Nesse período, segundo Chauí (2006), ocorreu a distinção metodológica entre razão (exercício do pensamento) e empirismo (registro de dados perceptíveis, que se dão a conhecer pela observação). A separação absoluta entre esses dois procedimentos não é benéfica para a construção do conhecimento, pois, no primeiro caso, podemos, equivocadamente, desprezar os dados da realidade e considerar apenas a teoria, a especulação, o pensamento elaborado; e, no segundo, podemos acreditar, também equivocadamente, que o conhecimento se reduz à simples soma de dados, sem interpretação, sem o exercício do pensamento capaz de lhes dar um sentido.

Não foram, porém, exclusivamente as descobertas científicas que determinaram a crise da ciência. A filosofia já questionava a pretensão de objetividade e certeza presentes na ciência e em seus métodos. Importantes pensadores, como Poincaré (1854-1912), procuraram problematizar a fundamentação filosófica do conhecimento científico por meio de uma crítica da metafísica. Eles tentaram estabelecer uma diferença clara entre ciência e metafísica, em que esta significava qualquer tipo de conhecimento que não o científico.

A crise de legitimidade do conhecimento científico gerou necessidade de reavaliar o conceito de ciência, seus critérios de certeza, a relação entre ciência e realidade, validade dos modelos e métodos científicos etc. Apontaremos algumas dessas reavaliações da filosofia da ciência contemporânea. A primeira delas foi o positivismo lógico, predominante na filosofia da ciência a partir, pelo menos, da metade do século XX, surgido da reunião dos filósofos e cientistas na cidade de Viena para debater as questões científicas da época. Segundo Aranha e Martins (2003), em 1929, o grupo publicou um manifesto intitulado “Uma visão científica do mundo – Círculo de Viena”, no qual tornava pública sua posição filosófica, convencionalmente denominada positivismo lógico. O grupo denominado Círculo de Viena foi fundado pelo físico alemão Moritz Schlick, em 1922. Dele participaram também diversos pensadores da época, como Rudolf Carnap, Otto Neurath, Kurt Godel, Hebert Feigl, entre outros. A premissa básica

do positivismo lógico, ainda segundo o mesmo autor, refere-se ao fato de que a ciência deve estabelecer regras de linguagem assentadas sobre a matemática e a lógica, únicas ferramentas capazes de evitar a ambiguidade e formular com exatidão as afirmações científicas. Nesse sentido, afirmações metafísicas careciam de significado e, portanto, deviam ser separadas das afirmações genuinamente científicas: os enunciados sintéticos, que seriam os únicos capazes de ser confrontados com as evidências empíricas e passíveis de tradução para a lógica simbólica em uma sequência de proposições simples. Quando um enunciado exprimisse de fato uma realidade, poderia ser considerado verdadeiro; caso contrário, seria um enunciado metafísico. Daí o papel que a indução ocupará no positivismo lógico, em que se estabelece como o processo de geração de conclusões científicas válidas, pois parte de evidências empíricas. A indução nos capacita a criar e confirmar hipóteses, formular enunciados gerais com base em observações da realidade, sendo, portanto, o motor da ciência, em que só é considerado científico o enunciado que pode ser verificado por meio de uma validação empírica, por um experimento, formulando, assim, o princípio da verificabilidade. Esse princípio pode ser formulado da seguinte maneira: se uma afirmação não pode ser verificada, então, ela pertence ao reino da metafísica, e não da ciência (ARANHA e MARTINS, 2003).

Rudolf Carnap (1891-1970), um dos mais proeminentes membros do Círculo, criou um novo critério para a determinação dos enunciados científicos: o confirmacionismo. Os enunciados científicos estariam sujeitos à probabilidade: dependendo da quantidade de vezes que fossem submetidos à prova empírica, ou seja, quanto maior o número de eventos singulares aferidos no processo indutivo, maior o grau de confirmação da conclusão obtida. As teorias seriam cada vez mais confirmadas por meio do acúmulo de testes, embora nunca pudessem ser declaradas definitivamente verdadeiras (ARANHA E MARTINS, 2003).

Em 1934, a obra *A lógica da pesquisa científica*, de Karl R. Popper (1902-1994), trazia enorme novidade para o debate da filosofia da ciência. Tomando o ponto de vista lógico, não há justificativa em inferir enunciados universais de enunciados singulares, independentemente da quantidade destes últimos. Qualquer conclusão coletada desse modo sempre se pode revelar falsa: independentemente de quantos casos de cisnes brancos possamos observar, isso não justifica a conclusão de que todos os cisnes sejam brancos. Sempre poderá aparecer um cisne negro. O problema da indução formulado por Popper de acordo com os enunciados procurava desenvolver um novo critério de demarcação entre a metafísica (pseudociência) e a verdadeira ciência, que ele denominava “ciência empírica”.

O verificacionismo, critério utilizado pelo positivismo lógico, não serviria, pois uma teoria nunca seria comprovada por meio da indução, e por isso não haveria como saber se essas observações seriam em número suficiente, além do fato de que a observação seguinte poderia contradizer todas as que a precederam. Em linhas gerais, o mesmo autor, relata que as observações e testes empíricos sucessivos não teriam a capacidade de provar que uma teoria era verdadeira, mas sim que era falsa, e neste viés, Popper faz o revés do positivismo lógico, qual seja, o princípio da falseabilidade, onde para que um enunciado possa ser considerado científico deve haver a possibilidade, pelo menos em tese, de que possa ser refutado (falseado) (ARANHA E MARTINS, 2003, p.81).

Quanto mais falseadores potenciais uma teoria tiver, ou seja, quanto maior o número de proibições de uma teoria, maiores serão o conteúdo empírico e, conseqüentemente, sua qualidade científica. Nesse sentido, o cientista não se deve preocupar com a explicação ou justificação de sua teoria, mas com o levantamento de possíveis teorias que a refutem. Quanto mais uma teoria resiste à refutação, mais corroborada ela será.

Contrariando a posição firmada pelo positivismo lógico, que defendia um padrão metodológico único para toda a ciência, Feyerabend (1977) afirmava que a ideia de que a ciência deve ser governada de acordo com regras fixas e universais não é realista: por um lado, supõe uma visão simplista dos homens e das circunstâncias que causam seu desenvolvimento; por outro, a tentativa de fazer valer as regras aumentará forçosamente nossas qualificações profissionais à custa de nossa própria humanidade. Além disso, essa ideia é prejudicial à ciência porque negligencia as complexas condições físicas e históricas que influenciam a mudança científica, tornando a ciência menos adaptável e mais dogmática. A ciência avançaria exatamente quando as normas metodológicas fossem violadas e se tomasse como única regra metodológica a necessidade de quebrar todas as regras. É o princípio da tenacidade, segundo o qual uma ideia é lançada e testada mesmo quando todas as evidências empíricas disponíveis a desacreditam em princípio. Feyerabend (1977) propõe um preceito contraindutivo, argumentando que a ciência só avançaria quando se questionassem os fatos solidamente estabelecidos. O pluralismo anárquico-metodológico serviria de motor para a proliferação do maior número possível de teorias, que deviam competir entre si pela primazia em sua área de conhecimento.

O sociólogo português Boaventura de Souza Santos (2006), em seu ensaio *Um discurso sobre as ciências*, tem provocado uma discussão polêmica. Para ele, todo conhecimento científico-natural é científico-social, ou seja, a separação entre ciências naturais e sociais é sem sentido e inútil. Observa-se, cada vez mais, principalmente nos avanços da física e da biologia, a atenuação da distinção entre orgânico e inorgânico, humano e não humano.

As teorias recentes apresentam, inclusive, metáforas utilizadas tipicamente nas ciências humanas, como os conceitos de historicidade, processo, liberdade, autodeterminação, etc. As ciências naturais começam a reconhecer uma dimensão psíquica imanente à própria natureza (SANTOS, 2006, p. 68).

Nesse sentido, o objeto do conhecimento é a continuação do sujeito por outros meios, ou seja, os pressupostos metafísicos, os sistemas de crenças, os juízos de valor não estão antes nem depois da explicação científica da natureza ou da sociedade. Eles são parte integrante dessa mesma explicação. Todo conhecimento é autoconhecimento.

As excessivas disciplinarizações do saber científico fizeram do cientista um ignorante especializado. O paradigma interdisciplinar emergente exige um conhecimento complexo que abandona os esquemas de análise causal unidirecionais. Esses saberes totais também são locais, uma vez que são adotados por grupos sociais concretos como projetos de vida locais. Assim, todo conhecimento é local e total. A ciência pós-moderna reconhece que não há preponderância de uma forma de conhecimento sobre outra. Assim, ela busca reabilitar o senso comum interpenetrado pelo conhecimento científico. Essa prática pós-moderna pode estar na origem de uma nova racionalidade em que o conhecimento científico só se realiza enquanto tal, à medida que se converte em senso comum.

2. CAPÍTULO 2 – SOBRE A EPISTEME COMUNICACIONAL

2.1. Da atividade epistemológica em comunicação – reflexões iniciais

Partindo então dos pressupostos históricos epistemológicos apresentados no capítulo anterior, ingressamos então nas preocupações que cercam as questões específicas da comunicação. Neste capítulo nos propomos a apresentar traços epistemológicos desta área de conhecimento, bem como alguns dos que consideramos ser obstáculos em sua constituição enquanto campo de conhecimento. Perseguindo o pressuposto de Bourdieu de que as áreas de conhecimento precisam conquistar um objeto próprio para que sejam alçadas à condição de saberes constituídos, gostaríamos de pensar as particularidades que este pressuposto encontra no campo da Comunicação. Nossa hipótese é de que na comunicação não apenas não há este objeto de estudo comum ao campo, como em nossa hipótese esta inexistência se dá em função da instensa dispersão teórica da área. Deste modo, nos debruçamos sobre estas questões neste capítulo.

Uma primeira assertiva está em afirmar que a epistemologia é necessária para a comunicação por trazer seus preceitos teóricos, principalmente à luz da construção de um campo científico e suas respectivas interfaces, além de instigar um forte debate científico e suas respectivas vivências. Isso significa dizer que, embora haja diferentes compreensões que constituem os estudos em comunicação, consideramos que o trabalho de pesquisa só conduz a resultados significativos quando amparado em entendimento epistemológico que “não feche as portas” à sinergia de seus pontos de vista. A convergência na capacidade de formular problemas desafiadores, elaborar conceitos interpretativos da pesquisa crítica, assim como métodos de coleta e processamento de dados que se baseiam na diversidade de pesquisas em comunicação, deve advir daquela sinergia, responsável então pela constituição de importantes percursos reflexivos junto à construção do “saber comunicacional” (LAZARSELD, 1941, p. 16). A rigor, não só no âmbito da academia, como também no das tecnologias, da cultura e da economia de mercado, em conjunto com seus profissionais, se desenvolvem os estudos em comunicação, ainda que nossa opção se estabeleça nas pesquisas produzidas no âmbito acadêmico. Um bom exemplo é apresentado pelas proposições de Paul Lazarsfeld (1941) ao apresentar os estudos críticos e administrativos de comunicação (de massas). Em relação aos estudos administrativos, o pesquisador argumenta que:

por trás deste tipo de pesquisa está a ideia de que os modernos meios de comunicação são instrumentos manejados por pessoas e instituições com dados objetivos. O propósito pode ser vender alguns bens, elevar os padrões intelectuais da população ou assegurar um dado entendimento das políticas governamentais. Qualquer que seja ele, a tarefa da pesquisa consiste em tornar o meio mais conhecido, a fim de facilitar seu emprego para aquele que o usa com algum objetivo (LAZARFELD, 1941, p. 2-3).

Em outras palavras, a colocação das diferentes perspectivas teóricas em sinergia exige que façamos distinções. O pesquisador evidencia que, em geral, no enquadramento administrativo, a tendência é que as pesquisas sobre os meios de comunicação se apresentem com certa deficiência quanto ao referencial teórico, uma vez que ele privilegia análises essencialmente estratégicas, que acabam por almejar apenas resultados de cunho privado e empresarial, fazendo com que as ciências humanas se limitem a emprestar-lhe os meios de trabalho, porém, sem o devido desenvolvimento do saber científico (LAZARFELD, 1941, p. 8). Dessa forma, as pesquisas administrativas em comunicação se desenvolvem em meio à economia de mercado, atreladas às atividades empresariais, que passam a permear a totalidade dos resultados de pesquisa, o que coloca esse saber numa crescente dependência em relação ao sistema de mercado voltado para o financiamento cada vez maior das pesquisas, impedindo outros valores efetivos para o desenvolvimento do campo (LAZARFELD, 1941, p. 10).

Essa amplitude de possibilidades que caracteriza a área, explica em parte, todavia, os vários vieses que marcam tais estudos e os fazem incorporar, no caminhar de um século, ao lado das descobertas científicas, invenções técnicas as mais variadas. Segundo Marcondes Filho (1997), os estudos da comunicação aparecem em um ambiente dinâmico e incerto, visto que, quando os meios de comunicação passam a ser essenciais no dia a dia do cidadão comum, percebe-se a importância que conquistaram na mediação entre homens e entre homem e natureza, passando, então, a ser considerados chave da inserção dos indivíduos na diversidade dos sistemas sociais. Nesse sentido, trata-se de um saber que se encontra em meio a questionamentos da comunidade acadêmica e profissional, ou seja, ele recebe contribuições tanto do conjunto de práticas profissionais quanto das proposições acadêmicas. Uma possível indagação seria: apenas no âmbito da academia como campo social específico, quais seriam as particularidades da comunicação? Tal como José Marques de Melo (2003), acreditamos que, a partir da década de 1970, no interior dos programas de pós-graduação estabelecidos no Brasil, começam a se configurar os primeiros núcleos de intelectuais que assumem as preocupações institucionais com a questão epistemológica. Ainda que tais pesquisas se configurem no âmbito epistemológico, isto é, potencialmente capazes de promover o debate acerca da produção de

pressupostos que caracterizariam a comunicação enquanto campo de conhecimento, a questão pujante, contudo, seria aquela em que nos perguntamos se haveria nessas pesquisas estatutos legitimadores da comunicação enquanto “ciência”. Tal como afirma Braga (2011), não nos restam dúvidas quanto ao consenso acerca da comunicação social como círculo de estudos, reflexão e prática de pesquisa notadamente de grande relevância. Segundo Quiroga (2013, p. 96), porém, o que ainda não foi atribuído a qualquer um desses estudos é o reconhecimento da passagem da condição de campo de estudos à de disciplina na ordem do saber. Dito de outra forma, apesar da variedade de teorias, um dos principais desafios que cerca hoje a epistemologia como círculo de estudos em comunicação trata de continuar a levantar a história do saber comunicacional, de delimitar seu objeto de estudo, bem como de construir um arcabouço teórico que retire essa área da sombra dos outros campos do conhecimento. Nessa perspectiva, o fato de a comunicação receber influências de tantos atores sociais e campos do saber faz com que ela continue tendo um objeto de estudo flutuante e indeterminado.

Na verdade, a comunicação, no Brasil e no mundo, nasce e vive de uma crise muito específica: a crise de sua própria afirmação, dentro de condições teóricas e metodológicas clássicas, oriundas do modelo de representação, que a legitimem como disciplina científica. Diante de perguntas aparentemente simples, como “o que é comunicação?”, “quais as categorias que definem o saber comunicacional como saber próprio?”, “qual a especificidade do objeto de pesquisa da ciência da comunicação?”, a resposta mais consistente se associaria ao silêncio pela simples incapacidade de resposta? Seria mais lógico então que, enquanto não tivéssemos respostas suficientemente claras para cada uma dessas perguntas ou ao menos para algumas delas, não falássemos em uma ciência da comunicação? Isso porque, nas atuais condições, a definição de uma disciplina científica nos parece mais uma formulação política, definida pelo campo de forças formado pelos pesquisadores e instituições da área, do que uma consequência epistemológica da racionalidade científica. Ou seja, como deixa perceber Lopes (2003), no realismo cortante dos sociólogos, há um campo da comunicação no Brasil, porque existem pesquisadores, núcleos de pesquisa, faculdades e programas de pós-graduação em comunicação nas universidades. Esse debate, todavia, não perde o sentido na ausência de reconhecimento de um saber constituído. Ao contrário, a questão da conquista do objeto de estudo próprio tem passado crescentemente a se constituir um desafio para os pensadores e pesquisadores da comunicação, e dessa forma o debate epistemológico constitui hoje um dos mais relevantes temas desse campo científico.

2.2. Traços do campo da comunicação no Brasil – breve histórico

O campo da comunicação, tal como apontado no capítulo anterior, nasce sob efeito da mudança provocada pela passagem da representação à positivação, ou seja, a comunicação nasce sob os efeitos dessa mudança de paradigma, o que em parte explica sua intensa dispersão, bem como nossa dificuldade em tecer esse debate na área. Almejando pensar a constituição do campo da comunicação, optamos por um percurso objetivo e em alguns momentos datado, ou seja, cronológico. Cabe ressaltar que essa cronologia não é detalhada, apresentando apenas traços que nos parecem relativamente importantes. Da mesma forma, a objetividade adotada nesta tese se refere a uma abordagem com foco no Brasil, pois, caso contrário, ao tentar abarcar um panorama geral sobre elementos da comunicação no mundo, nos tornaríamos ainda mais generalistas. Compreendemos o pensamento comunicacional contemporâneo como o reflexo do movimento de oscilação entre continuidades, descontinuidades e reestruturação, saltos e avanços em relação aos paradigmas, teorias e modelos fundadores. Ianni (1994) reforça esse ponto de vista ao argumentar que as mudanças históricas nem sempre acarretam rupturas epistemológicas, mas quase sempre vêm por elas acompanhadas.

No cenário da sociedade global, por exemplo, muitos dos conceitos e categorias das ciências sociais são postos em causa, tornam-se obsoletos ou passam por reformulações, descortinando novos horizontes de análise. Sob esse prisma, parece-nos que o campo comunicacional enfrenta, atualmente, um processo paradoxal de transição, já que não é possível assegurar a ruptura definitiva com seus paradigmas clássicos, uma vez que eles atualizam, aprimoram e sofisticam suas perspectivas de análise, ao mesmo tempo em que seus pressupostos, conceitos e categorias de análise parecem muitas vezes inadequados para interpretar as mutações geradas pela “tecnocultura” comunicacional globalizada.

Visando a compreensão do exposto, temos, na década de 1970, por exemplo, a marca de profundas mudanças nas clivagens entre os paradigmas da sociologia empírica norte-americana e da sociologia crítica da Escola de Frankfurt – o primeiro hegemônico no ensino e na investigação em comunicação entre os anos 40 e 70, o segundo coexistindo com a abordagem funcionalista, sobretudo a partir de 1960/1970. Enquanto a renovação do paradigma funcionalista se expressou por meio da formulação de hipóteses e teorias setoriais centradas nos aspectos da produção e circulação da comunicação e em efeitos de longo prazo (*Agenda Setting* e *Newsmaking* etc.), o da sociologia crítica da Escola de Frankfurt deu-se pela teoria da ação comunicativa, entre outros enfoques que enriqueceram as teses dos pensadores da crítica da cultura. Clivagens que resultaram na construção de uma identidade teórica dicotômica dos

professores, pesquisadores e alunos de comunicação. Para alguns especialistas, o problema desses paradigmas teria sido o de sua apropriação de referenciais teórico-metodológicos distanciados das realidades comunicacionais, como, por exemplo, a dos países latino-americanos.

No Brasil, a pesquisa em comunicação coincide com o surgimento dos primeiros programas de pós-graduação, na década de 1970, momento marcado pela busca de novos paradigmas para as ciências. A eles somam-se a análise ideológica e a teoria da dependência econômica, que nos anos 80 perde força para a pesquisa-ação, caracterizada por uma perspectiva comprometida e militante do trabalho acadêmico (BERGER, 2001). Ou seja, a década de 1970 caracteriza-se por grandes convulsões na formação teórica em comunicação social, agravadas sobretudo pela própria imposição de currículos mínimos e pela fragmentação e dicotomia de teoria/prática e formação teórico-profissional. Segue-se o período dos anos 80 que foi permeado pelo aprofundamento da revisão crítica e atualização das teorias clássicas da comunicação, como também pela emergência de novas problemáticas e correntes de estudo.

Já a atualização dos estudos latino-americanos ocorreu sobretudo pelo deslocamento do enfoque centrado nos meios de comunicação para as mediações culturais, ancorando-se nas questões do receptor e inserindo-as nas particularidades de cada país da América Latina (BARBERO, 2008). Mesmo que a apropriação desses conceitos e categorias tenha se dado de forma parcial e reducionista, devido principalmente à análise dicotômica da relação entre as classes hegemônicas e subalternas, essa abordagem foi imprescindível para a reconfiguração dos estudos sobre a comunicação popular na América Latina.

Dentre as expressivas contribuições dos estudos latino-americanos e brasileiros para a formulação e/ou apropriação de abordagens comunicativas mais dialéticas, destaca-se a teoria da recepção, que desmontou a tese da passividade dos receptores. No caso brasileiro, é preciso ressaltar que congressos como Intercom e Compós cumpriram papéis decisivos na divulgação de correntes teóricas nos meios acadêmicos e científicos voltadas para o rompimento das concepções reducionistas de cultura/comunicação popular e de massa, assim como para a tematização das mediações que articulam os movimentos sociais e a construção de um espaço teórico capaz de ultrapassar as fronteiras das disciplinas.

De fato, a ausência da delimitação do objeto de estudo da comunicação, bem como de modelos mais apropriados à formação do comunicador social, dificulta o processo de apreensão e investigação do fenômeno comunicacional, que não pode ser analisado sem consistência teórica, metodológica, pedagógica e vigilante sobre sua extensão e intensidade. O resultado é que, ao longo do percurso histórico dos paradigmas, das teorias e dos modelos comunicativos,

não se chegou, até o final da década de 1980, a uma base de consenso sobre o que e de que modo estudar na comunicação. Com essa bagagem de acúmulos históricos, entramos nos anos 90, que se caracterizaram pela consolidação da “tecnocultura” comunicacional. A partir desse período, aprofunda-se a crise dos paradigmas, teorias e modelos incorporados ao ensino e à investigação, ao mesmo tempo em que se intensifica o desejo de rupturas com quaisquer sistemas mecanicistas e lineares de pensamento comunicacional.

O período atual é fértil de novas proposições teóricas e metodológicas, que colocam em cheque os esquemas explicativos construídos até então, substituindo-os por perspectivas que visam, desde transformar a instrumentalidade e a operacionalidade tecnológicas em objetos científicos, até conceber a comunicação como rede de circularidade infinita em que não se consegue mais distinguir quem é quem no processo comunicacional. Esse novo ambiente leva os estudiosos a buscarem referenciais analíticos para compreender esse cenário do final do século XX, marcado pela acelerada proliferação de tecnologias informativo-comunicativas, que afetam todas as esferas da vida social e individual.

Perspectivas parciais e reducionistas sobre a sociedade de consumo e das tecnologias da imagem se propagam nas escolas de comunicação e contaminam interpretações do cenário contemporâneo. Daí a proliferação na década de 90 de estudos sobre a vida privada, o consumismo, a cidadania via consumo e espaço virtual. Nesse contexto, o campo acadêmico amplia sua susceptibilidade em adotar correntes da moda, refletindo na formulação de projetos pedagógicos reféns das últimas novidades do mercado. Tais modismos são incorporados aos conteúdos programáticos de inúmeras disciplinas dos cursos de comunicação, inclusive nas Teorias da Comunicação, com pretensão de conferir “cientificidade” aos fenômenos empíricos. Isto resultou na não sistematização dos conhecimentos acumulados na área, além de se ter cometido o equívoco de criar novos conhecimentos soterrando os “velhos”, o que, em certa medida, teria gerado graves consequências para os debates epistemológicos em comunicação, pois ampliaria o fenômeno da mimetização das teorias, que confundindo o objeto de conhecimento com o fenômeno empírico e o objeto de aprendizado acadêmico com o objeto da prática profissional.

A explosão de Teorias da Comunicação é um exemplo recorrente nos anos 90 deste acontecimento. Face à emergência de uma “tecnocultura” mediada por novos dispositivos e linguagens digitais e midiáticos, a exemplo dos estudos sobre o ciberespaço, concebido como novo lugar constitutivo da sociabilidade e interação comunicativa, proliferaram as teorias da comunicação. Nesse contexto, a crise dos paradigmas é discutida exaustivamente nos eventos científicos e na literatura de comunicação, despontando-se em inúmeras proposições, desde o

descarte de tudo o que se produziu teoricamente, como sugeriu Marcondes Filho (1990) para se começar do zero, à construção de novos paradigmas, a exemplo de Ramos (1993) que propôs o paradigma da totalidade.

O resultado é que, já na década de 2000, passa a existir uma diversidade de correntes teóricas e metodológicas da comunicação com várias ramificações e múltiplos posicionamentos, o que contribui para tornar mais complexo e enriquecido o pensamento comunicacional. Embora perceba que a relativa riqueza e a multiplicidade de enfoques provoquem a impressão de excessiva dispersão, Miège (2000) considera que essa situação é preferível à das décadas anteriores, quando os teóricos se fechavam em si mesmos e não dialogavam com outras correntes do pensamento comunicacional. O terceiro milênio é interpelado por uma “avalancha” de incertezas teóricas que se traduzem na intensificação dos debates sobre a crise dos paradigmas e possibilidades de construção de novos. Surgem várias iniciativas destinadas a organizar, sistematizar e legitimar o campo epistemológico e teórico da comunicação, ainda que a preocupação obsessiva da delimitação/classificação do objeto de conhecimento da comunicação seja questionada por alguns teóricos, como Felinto (2001), que propõe o deslocamento do objeto específico para a constituição de questões e abordagens comunicacionais de múltiplos objetos. Para o autor, a própria emergência da disciplina teorias da comunicação produziu um conceito de comunicação que não dá mais conta de seu objeto, em face da velocidade das transformações tecnológicas e das múltiplas realidades sociocomunicacionais.

Ainda que a diversidade de objetos empíricos comprometa a identidade do objeto comunicacional, estudiosos, como Neiva Jr. (1991), ressaltam que não se resolve a ambiguidade, própria do campo teórico da comunicação, apagando seu objeto e sim tornando-o digno de ser teorizado e ensinado. Não podemos perder de vista que a formação teórica em comunicação social sempre encontrou dificuldades decorrentes de sua própria constituição como campo de conhecimento e de uma série de fatores, dentre os quais destacam-se: a hegemonia da dimensão empírica e fenomenológica sobre a teórica e epistemológica; a natureza profissionalizante constitutiva dos cursos de comunicação que ocasionou a falta de articulação entre ensino e pesquisa, acrescida da fraqueza do estatuto teórico da comunicação como novo espaço de conhecimento. Como salientado até aqui, todas as questões problematizadas acima dizem respeito, direta ou indiretamente, à dispersão epistemológica da comunicação

2.3. Pesquisadores brasileiros da comunicação – um campo atual em fortalecimento

Como forma de problematizar a dispersão, retomaremos conceitos e propostas adotados pela área, durante sua formação e consolidação. Para cumprir esse propósito, optamos por traçar um histórico da comunicação no Brasil com base na pesquisa bibliográfica focalizada em pesquisadores apontados como principais epistemólogos da comunicação, tal como considerado por Lopes.

O pensamento epistemológico no campo da Comunicação no Brasil constitui uma perspectiva recente que se manifesta no crescimento de análises auto reflexivas. Elas têm se expressado, por exemplo, em trabalhos de reconstrução histórica do campo e de teorização dos objetos de pesquisa de comunicação no Brasil feitos, entre outros, por José Marques de Melo, Antonio Fausto Neto, M. Immacolata V. Lopes, Luiz Martino, José Luiz Braga, Lucrecia Ferrara, Muniz Sodré, Ciro Marcondes Filho, Lúcia Santaella e Francisco Rüdiger. (LOPES, 2006, p. 25)

Cada um dos pesquisadores citado por Lopes é de extrema relevância para a constituição e o fortalecimento do campo. Não estamos, contudo, estimando, que sejam apenas esses teóricos as personas contribuintes à configuração dos estudos na área da comunicação. Apenas os adotamos como referencial em virtude, mais uma vez, de recortes epistemológicos. Iniciamos esse breve percurso por José Marques de Melo, apresentando aspectos importantes de suas propostas teóricas. Na teia da constituição do campo da comunicação, Melo (2003) apresenta nítido interesse por reconstituir a história do pensamento comunicacional latino-americano, em especial o brasileiro. Em seus escritos, o autor apresenta como primeiro objeto comunicacional a imprensa no século XIX; seguida do jornalismo, no século XX; e, por fim, a mídia e sua convergente diversidade de disciplinas, tais como a publicidade, o rádio, o cinema, entre outros. Em sua opinião, o desenvolvimento dos objetos pode ser classificado pela legitimação empírica, posteriormente pela assimilação universitária e por fim pelo reconhecimento acadêmico.

Segundo Melo (2003, p. 108), a comunicação seria um campo científico, tal qual definido pela noção de “campo social”, de Pierre Bourdieu, em que a área estaria entre as ciências aplicadas e não entre as ciências “hegemônicas” das ciências básicas. Nossa compreensão da visão de Melo (2003) observa a constituição da comunicação enquanto um campo vasto e amplo, em que sua atração se dá pelo objeto empírico e o objeto de estudo da comunicação coincide com o interesse das outras ciências humanas e sociais, não havendo, portanto, um recorte epistemológico em que se persiga um objeto de estudo especificamente

comunicacional. Para Melo, a “Comunicação” é objeto de estudo de diferentes disciplinas científicas que “a refletem teoricamente e analisam empiricamente, a partir de seus respectivos paradigmas” (MELO, 2002, p. 59). Ao grafar comunicação com a inicial maiúscula, porém, o autor nos induz à compreensão de que trata a comunicação como disciplina, ou seja, área do saber autônoma³.

Maria Lucia Santaella Braga transita por temas como comunicação, semiótica cognitiva e computacional, estéticas tecnológicas e filosofia, e metodologia da ciência. A autora busca distinguir a comunicação dos fenômenos de comunicação atualmente observáveis, em que propõe a diferenciação entre um objeto empírico e um objeto de estudo (Santaella, 2001). Para ela o primeiro tem suas múltiplas dimensões e o segundo exige um esforço de construção teórico-epistemológico por parte do pesquisador, que vai recortá-lo com base na realidade teórica, sendo esse relevante ponto de contato com nossa pesquisa. Nesse sentido a pesquisadora abre importante diálogo para a área, que interfere nas pesquisas e confunde muitas vezes pesquisadores iniciantes ou experientes, no que tange à opção pelo objeto de estudo muitas vezes *destituído* de uma completa diferenciação entre esses objetos apontados por Santaella. Não é raro encontrar situações em que pesquisadores trabalham com o objeto de sua pesquisa como se ele fosse objeto da área.

Outro importante pesquisador e teórico da comunicação é Ciro Marcondes Filho. Seu objetivo principal parece ser desenvolver um novo paradigma que se oponha aos que supostamente estariam em crise no final do século XX, como o modelo funcionalista, o modelo semiológico, o modelo da teoria crítica e o modelo estruturalista clássico. Para ele um novo modelo precisaria dar conta da

nova realidade comunicacional, que se configurava a partir dessa época com a introdução maciça das novas tecnologias digitais, com a crise dos modelos ideológicos de diagnóstico da realidade e com o novo quadro social inaugurado pela chamada pós-modernidade (MARCONDES FILHO, 2005, p. 48).

Para atingir o objetivo de “um novo paradigma”, Marcondes Filho propõe a criação de teorias próprias. Em sua opinião, para trabalhar os processos comunicacionais, a comunicação deveria ser entendida como uma “questão filosófica estruturante” (MARCONDES FILHO,

³ Alguns autores grafam com iniciais maiúsculas os nomes das disciplinas, embora o Acordo Ortográfico de 1990 recomende o uso de minúsculas.

2005). O autor aponta que um dos problemas da área está ancorado justamente na dificuldade de estabelecer uma definição para comunicação e um ângulo de análise do fenômeno que seja propriamente comunicacional (MARCONDES FILHO, 2009). Ele afirma que várias abordagens associadas à comunicação não estão efetivamente tratando do tema. Para Marcondes (2009, p. 38), enquanto outras disciplinas podem analisar o processo de comunicação com base em suas perspectivas, à comunicação interessa analisar “o conhecimento do fenômeno, o jogo entre um sinal externo e a relação que se estabelece com pressupostos anteriores, ou seja, como a coisa é recebida”.

Ao descrever o que seria uma análise comunicacional segundo o que chama de “razão durante”, o pesquisador inaugura um vocabulário próprio para essas pesquisas: o “campo aberto das comunicabilidades em geral” que é denominado “contínuo atmosférico comunicacional”, cujo significado seria o espaço abstrato em que se estudará a comunicação. Ele faz questão de diferenciar essa pesquisa do que chama de ciências cognitivas, que teriam um olhar técnico e estariam interessadas em pesquisar a atenção, o aprendizado, a memória e a percepção. Para ele, as ciências cognitivas não teriam por si mesmas nada “de inaplicável, mas que, para os objetivos dessa nossa razão durante só se aplicam se submetidas aos nossos princípios norteadores, isto é, se forem feitas com a finalidade exclusivamente de ajudar a compreender o processo comunicacional”. (MARCONDES FILHO, 2009, p. 40). Ou seja, a diferença aparentemente não seria de método, mas de objeto.

Marcondes argumenta que as pesquisas comunicacionais, à luz da “Nova Teoria da Comunicação”, necessitam de um novo método, o *metáporo*, referente a um modo de investigar “que se opõe ao tradicional *método* de pesquisa, no sentido de que este subentende uma precedência do pesquisador e de sua concepção de saber ao atuar na pesquisa, enquanto que aquele deixa em suspensão todo esse conhecimento *a priori* do pesquisador” (MARCONDES FILHO, 2011b, p. 8).

Para outro relevante pesquisador da área, Antônio Fausto Neto, o conceito de mediação apresenta forte potencial de se constituir como objeto de estudo específico para a comunicação. O pesquisador defende a complexidade desse objeto e relata que os fenômenos midiáticos “vão elegendo novos formatos de pesquisa e novas formas de olhares analíticos que transcendem as fronteiras de tradicionais zonas de conhecimento” (FAUSTO NETO, 2005, p. 20).

Assim, a mediação se converte num fenômeno social e comunicacional complexo, ao mesmo tempo que ela própria transforma o modo de ser da

sociedade onde ela opera, aspectos que por si só são suficientes para chamar a atenção para a importância que isso tem sobre as transformações dos processos de investigação em comunicação. (FAUSTO NETO, 2005, p. 20-21).

Pela proposta de Fausto Neto, apresenta-se um âmbito específico de análise dos processos comunicacionais, que se diferencia das tradicionais análises originárias das demais ciências sociais ao sugerir que o objeto proporcionado pela midiaticização se tornaria, também, alvo da atenção de outras ciências:

o conjunto de fenômenos que advém da invenção e da experimentação dos processos midiáticos e da cultura midiática, terá cada vez mais fortes impactos sobre os procedimentos de investigação, sobre os paradigmas e modelos analíticos, atravessando alguns modelos formais, transformando-se também em novos objetos para campos necessariamente não midiáticos (FAUSTO NETO, 2005, p. 22).

Ao mesmo tempo ele defende uma leitura da realidade pela midiaticização, ou seja, que diferencia a área comunicacional enquanto um saber autônomo com objeto de estudo específico. Para Fausto Neto (2005, p.8), a intensificação de tecnologias voltadas para processos de conexões e de fluxos transforma o estatuto dos meios, fazendo com que deixem de ser apenas mediadores e se convertam numa complexidade maior. Nesse sentido, a midiaticização se configura numa nova matriz que se funda em novas racionalidades com as quais realiza estratégias de produção de sentidos, revelando um novo “modo de organização”.

Desenvolvendo pesquisas na área de comunicação, com ênfase em teoria da comunicação e atuante principalmente em temáticas como comunicação, cultura, semiótica, arquitetura e *design*, Lucrécia D’Alessio Ferrara também se inclui como importante pesquisadora e contribuinte no que tange à configuração do campo comunicacional. Acredita que a interdisciplinaridade é uma alternativa contra os “intransigentes paradigmas do movimento moderno” sugerindo que as pesquisas em comunicação se voltem para objetos que seriam diferentes dos que tradicionalmente interessam à ciência. “Confere-se ao banal da vida, o valor de objeto científico que, sem programações, precisa ser construído em cada observação, em cada análise ou interpretação jamais explicativa, mas sempre sugestiva” (FERRARA, 2011, p. 8). O propósito do trabalho de Ferrara é refletir uma epistemologia para a comunicação que se baseia em uma concepção de que os desafios enfrentados pela área não podem ser resolvidos pelo saber científico como o conhecemos, sendo necessário reformulá-lo, repensá-lo, para se “adequar” à comunicação:

De modo geral, o objetivo nuclear da pesquisa é colaborar para a definição de uma epistemologia adequada ao objeto científico da comunicação, tendo em vista a análise e a interpretação dos conceitos que, construídos nas últimas décadas do século XX, identificam a área ou, embora trazidos de outras ciências, são considerados matrizes cognitivas para a análise e interpretação daquele objeto (FERRARA, 2011, p. 8).

Nessa argumentação é recorrente a recusa ao positivismo, como marca identificadora da construção científica que já que se tenha realizado previamente. Por essa razão, a proposta de estabelecer uma “epistemologia da comunicação como ciência não positivista”. A pesquisadora defende o ponto de vista de que, embora a comunicação não esteja constituída como campo autônomo, ainda assim é inaceitável que seus métodos sejam provenientes das demais ciências sociais.

Quanto ao pesquisador Francisco Rüdiger, seus estudos são voltados para a crítica à indústria cultural, o pensamento tecnológico e a cibercultura, em que se incluem temas como cultura de massas, filosofia da técnica e teoria da comunicação. De acordo com o pesquisador, “sabidamente a investigação em comunicação se encontra hoje diante de um impasse epistemológico, na medida em que, depois de anos, ainda não temos muitas evidências empíricas sobre a maneira como a mídia se conecta com a vida social” (RÜDIGER, 2003 p. 22). Ao abordar a questão do objeto da comunicação, Rüdiger afirma que sua natureza é problemática, em que pesem justamente as relações com as demais disciplinas:

Considerado multidisciplinar, o objeto seria visto melhor como campo, em cujos movimentos estaria fundada não apenas a coisa mas também a variedade de perspectivas capaz de, em princípio, elaborar seu conhecimento como base dos fenômenos de comunicação (RÜDIGER, 2002, p. 182).

O pesquisador tende a acreditar, aliás, que, na própria comunicação, estaria se “desintegrando” o conceito de objeto de conhecimento, e que por tal perspectiva não faria sentido tentar definir a especificidade do comunicacional, no contexto da pós-modernidade. Essa questão estaria de fato ultrapassada, segundo ideias vanguardistas, conforme sugere Rüdiger (2002). Nesse sentido a “desintegração” do objeto estaria associada às propostas contemporâneas de que “a ciência, se ainda é válido falar em tal entidade, destrói seu objeto e, por isso mesmo, revela-se duvidosa até mesmo como conhecimento, passando a importar apenas como esforço de comunicação”. (RÜDIGER, 2002, p. 202). O pesquisador não diferencia o processo comunicativo do objeto da comunicação como construção. Apresenta crítica à formulação do *bios midiático* (tendência à virtualização da realidade pelas tecnologias da comunicação que criam um novo *bios*), proposta de objeto de Muniz Sodré, apontando que

“a tendência à abstração senão à autonomização da esfera midiática não é em si mesma um atalho *a priori* a seu tratamento por qualquer outra disciplina humanística e/ou científica” (RÜDIGER, 2002, p. 184).

Para a pesquisadora Maria Immacolata Vassalo de Lopes (2007, p. 16), “a história do campo da Comunicação tem sido marcada pela diversidade teórica e pela historicidade de seu objeto, as quais são marcas distintivas da identidade do campo das Ciências Sociais e Humanas, de que ela é parte”. Lopes (2007, p. 22) faz referência ao fato de o objeto empírico ser distinto do que é construído como objeto da pesquisa, tomando o conceito de ruptura epistemológica de Bachelard: “a operação de ruptura epistemológica é de fundamental importância, pois marca a consciência da distância entre o objeto real e o objeto da ciência”. Não distingue, contudo, em sua formulação da interdisciplinaridade do campo, a diferença entre o processo comunicativo tomado enquanto fenômeno empírico e a comunicação enquanto objeto de pesquisa construído. A concepção de campo científico de Lopes é tributária do pensamento de Pierre Bourdieu sobre o assunto, e, talvez por esse motivo, sua visão epistemológica esteja quase sempre atrelada às implicações políticas.

José Luiz Braga, em um diagnóstico sobre a situação da pesquisa em comunicação no Brasil, apontou que a discussão sobre a consolidação da área se polariza entre duas alternativas mutuamente excludentes: disciplina ou campo. A complexidade dos objetos comunicacionais é frequentemente citada como uma das razões empregadas para justificar a interdisciplinaridade, uma vez que a natureza desses objetos não poderia ser apreendida por perspectivas especializadas. Braga contesta:

de minha parte, fora o tratamento filosófico (por definição e desde sempre supradisciplinar), creio que enquanto não nos forem oferecidos os modos de apreender, de dominar e de acionar um tal conhecimento holista para enfrentar *ao mesmo tempo* os objetos sociais *por todos os seus aspectos* – acredito que devemos ainda por longo tempo recorrer às disciplinas (qualquer que seja seu formato ou justificativa, seus cânones e suas preferências), como espaço de formação do pesquisador, como âmbito de produção teórica e como conhecimento compartilhado para o trabalho de interação e das objeções escoladas (BRAGA, 2009, p. 61).

“É importante, assim, procurar *enfrentar a dispersão* – que decorre do insuficiente diálogo entre estudos que poderiam se apoiar e se tensionar produtivamente. *Reduzir a dispersão não corresponde, então, a uma pretensão de reduzir a diversidade*”, propõe Braga (2011, p. 3, grifo no original). Ele se dedica à elaboração de uma proposta de investigação empírica e pragmática, por meio de um “objeto empírico” que possibilite “um mesmo olhar

sobre o diverso, permitindo descrever e comparar, nos aproximando do comunicacional que ocorre nessa diversidade” (BRAGA, 2009 p. 7). Esse objeto seria os “dispositivos interacionais”, cuja definição é:

Trata-se de um modo de observar as interações sociais, procurando condições para estudar empiricamente sua diversidade quase caótica; e propondo uma perspectiva específica segundo a qual não só a singularidade de cada episódio seja ressaltada, mas também processos comuns possam ser percebidos (BRAGA, 2009, p. 4).

Outro importante pesquisador da área é Luiz Cláudio Martino, para quem, a partir da década de 1980, e com mais força nos anos 90, a comunicação perdeu a base de sustentação que lhe proporcionava alguma unidade e “vai se permitir certa deriva epistemológica”. Mesmo carente de um trabalho efetivamente epistemológico de definição de seus fundamentos, a área vai continuar em crescimento e, assim, “a nova disciplina chega a sua fase ‘adolescente’ repartida entre os traços de uma fundamentação infantil e os elementos de uma maturidade que se anuncia na reivindicação de um estatuto interdisciplinar” (MARTINO, 2009, p. 127).

Segundo o pesquisador, se antes a comunicação não poderia nem mesmo ser dita uma disciplina, tendo em vista a evidente interdisciplinaridade, a partir dos anos 80 e especialmente nos 90, essa interdisciplinaridade passou a ser considerada um estatuto diferenciado da comunicação, que a colocaria em vantagem sobre as demais áreas do saber. De acordo com Martino, entretanto, essa interdisciplinaridade é apresentada como alternativa à disciplinaridade, sendo uma negação da ciência, e não um “complemento de uma estrutura disciplinar (intersecção de campos constituídos) ou como uma fase necessária para a instauração de um novo campo”. Segundo o autor, simultaneamente à adesão da proposta interdisciplinar, ocorreu a forte institucionalização da área, com a criação de cursos de graduação e pós-graduação em comunicação. Martino (2009, p. 132) questiona como seria possível conciliar, de forma coerente e sem cair em contradição, “a construção de uma disciplina acadêmica no sentido pleno, com a ideia de que nosso saber, quando muito, seria apenas um saber “emprestado”, que nossas teorias, são teorias apropriadas de outros saberes”.

Um dos aspectos frequentemente levantados em defesa da interdisciplinaridade diz respeito à variedade de assuntos abordados pela área. De fato, a afirmação dessa diversidade é uma das poucas ideias que ganham a força de consenso entre os pesquisadores da comunicação. As opções pela definição de uma disciplina implicariam negá-la. Para o autor, elas acabam por adotar “uma vaga e inconsistente concepção *interdisciplinar*, que acima de tudo tem funcionado como uma justificativa para a dispersão e os equívocos de um conjunto teórico indefinível”

(MARTINO, 2007, p. 24). Assim, para estabelecer a comunicação como um saber autônomo, é preciso discutir essa compreensão da diversidade, pois, “paradoxalmente, a área de comunicação não encontrará sua fundamentação necessária sem a revisão de seu único consenso” (MARTINO, 2007, p. 16). Martino esclarece que a “diversidade nunca foi um empecilho para a ciência, seja a diversidade dos fenômenos, seja a diversidade de compreensões, explicações ou de teorias”. Defende, portanto, que é necessário definir, com mais precisão, o objeto comunicacional, compreendendo-se que o processo comunicativo, enquanto um objeto empírico, não poderia ter essa função. A defesa de uma perspectiva interdisciplinar em oposição à ciência se coloca, portanto, no lugar de um tratamento do verdadeiro problema: a definição de um objeto de estudo para a comunicação:

Mais uma vez a preferência recai sobre as soluções mágicas: é melhor desaparecer com o problema que encará-lo de frente. Parece que qualquer coisa é melhor que enfrentar o problema da definição do campo: “invenção” de uma “disciplina” interdisciplinar; dissolução do saber comunicacional na ação dos agentes sociais, desprezo da teoria, negação da possibilidade de um saber comunicacional ou a afirmação de sua natureza *suis generis* (não seria ciência, nem filosofia, nem arte...). Mesmo se o preço a pagar seja o sacrifício do sentido de nossas atividades de educadores ou a vanidade de grande parte de nossas pesquisas (MARTINO, 2004, p. 14).

Muniz Sodré de Araújo Cabral está entre os que se propõem a discutir a instância epistemológica dos estudos de comunicação, que ele entende ser um esforço de compreender o posicionamento filosófico sobre o discurso científico. Ele acredita que, à medida que avançam os estudos sobre a comunicação, é natural que cresça também a preocupação epistemológica:

É bem possível que uma parte razoável dos futuros estudos e discussões em torno da comunicação venha a se pautar uma linha marcadamente “epistemológica”, isto é, de crítica interna de seus princípios, hipóteses e resultados, na medida em que os pesquisadores deste campo se preocupem mais com a precariedade teórica de suas análises — com a *generatio aequivoca*, que Kant fazia equivaler à gênese empírica dos conceitos. Ter alguma consciência da base epistemológica a partir da qual se fala de comunicação é certamente reforçar a sistematização cognitiva das reflexões teóricas e dos achados nas pesquisas (SODRÉ, 2007, p. 16).

E esse maior interesse pelos fundamentos do campo fatalmente levanta outro problema relacionado: pode o saber comunicacional se constituir como autônomo em relação às outras disciplinas?

É inevitável que, no questionamento ontológico, se levante o problema da determinação de um objeto específico para que esse campo teórico – sobre cuja autonomia ainda pairam suspeitas no campo das ciências humanas – possa ser de fato uma disciplina a mais no continente do pensamento social (SODRÉ, 2007, p. 16).

Sem a definição desse objeto específico, não se pode constituir a autonomia dos estudos sobre a comunicação, como observa Sodré:

com efeito, quando alguém se dispõe a fazer sociologia da (ou na) comunicação, senão antropologia, psicologia, economia, estudos culturais etc., permanece no interior dessa perspectiva, que faz do estudo da comunicação algo parasitário de uma disciplina clássica do pensamento social. A comunicação é concebida como instrumento (rádio, jornal, revista, televisão, internet e outros) a ser analisado, ou então como mero pretexto para a resolução de um problema da disciplina em questão, tal como o de suprir uma carência analítica frente à multiplicação dos dispositivos informacionais na cultura contemporânea (SODRÉ, 2007, p. 16).

Para ele, estabelecer o estatuto do conhecimento comunicacional significa definir se se trata de uma mera prática social, uma doutrina ou um campo científico. Quando se toma a última opção, esse campo tem-se fundamentado, predominantemente, pelo paradigma dos efeitos, em sua visão. “Esse paradigma tem se revelado epistemologicamente insuficiente para a fundamentação, mas é essencial conhecê-lo ou voltar a ele” (SODRÉ, 2012, p. 12). Tenta, portanto, explicar o domínio que o paradigma dos efeitos exerce sobre os estudos da comunicação com base em uma análise das relações entre a comunicação e o mercado.

Sodré cita outros desenvolvimentos posteriores do campo comunicacional: a Escola de Frankfurt, as elaborações de McLuhan, a semiologia de Saussure, Barthes e Baudrillard, a partir dos quais se poderia falar em um paradigma dos códigos, contraposto ao dos efeitos. Ele aponta, entretanto, que

A reflexão mais criativa começou a perder fôlego público desde a década final do século passado, ao mesmo tempo em que a universidade, em quase todas as partes do mundo, passou a gerenciar o campo por meio da criação de cursos de comunicação (SODRÉ, 2012, p. 23).

E, assim, o campo viu-se entregue à diversidade de temas e objetos: outra constatação que, frequentemente leva à adoção da perspectiva interdisciplinar. Diante de tamanha variedade, seria difícil definir um objeto para o campo:

hoje, apesar de algumas tentativas isoladas, o campo permanece cientificamente tão ambíguo quanto no passado, em meio a milhares de estudos recortados sobre todo tipo de tema imaginável, se não diretamente relacionado à prática industrial da mídia ou do espetáculo diversificado, pelo menos permeável à colagem do par *comunicação/informação* ou ajustável ao vago rótulo de *estudos culturais* (SODRÉ, 2012, p. 23-24).

Sodré acredita que, entre as causas dessa dispersão cognitiva, estariam questões de ordem política e econômica, em que a formação profissional estaria orientada para a reprodução e não para a produção de novas ideias e conceitos que atendessem às tensões sociais. De acordo com o autor,

para bem situar esta argumentação, é preciso ter em mente que o prestígio de uma ciência social jamais se deveu exclusivamente à objetividade do conhecimento por ela gerado, mas, sobretudo, à sua *produção* de valor social, cultural e, mesmo, político (SODRÉ, 2012, p. 24).

E a burocracia universitária, na visão de Sodré, seria responsável pela fragmentação crescente no saber comunicacional. O autor enfatiza que a indefinição do estatuto epistemológico da área também diz respeito a características que seriam próprias ao saber comunicacional. As qualidades supostamente diferenciadas da natureza da comunicação constituem outro dos argumentos frequentemente utilizados para justificar a indefinição da disciplina. Ele propõe, contudo, que uma configuração tripartite poderia ser adequada aos estudos de comunicação. Em sua opinião, se encontra na “história de um campo científico um dos requisitos imprescindíveis ao esclarecimento epistemológico” (SODRÉ, 2012, p. 12). “Os aspectos biográficos e institucionais (acadêmicos) não são secundários no exame das possibilidades e impossibilidades (de que se ocupa a epistemologia) para a constituição de um campo científico no continente das ciências sociais” (SODRÉ, 2012, p.131), sendo esse um possível pensamento ao qual nos ancoramos. Sodré (2012) chega a propor que a comunicação siga o caminho de uma “indisciplina”, que representaria a “pluralidade de caminhos”. Essa posição é ainda mais contraditória, uma vez que a comunicação não deve ser considerada à parte das ciências sociais, nem uma ciência autônoma.

Finalmente Sodré propõe uma definição, um conceito de campo comunicacional com base no que ele convencionou nomear *bios* midiático. Esse conceito trata o campo da comunicação como um “espaço *sensorium* que se constitui efetivamente enquanto espaço de redes de sentido que passam a conformar um sentido de real” (SODRÉ, 2002, p. 38). Significa que o campo se constitui numa zona de articulação de conhecimentos, resultante da evolução

dos meios de comunicação e de sua progressiva interdição com aspectos da vida profissional, configurando-se, dessa forma, em um saber científico.

Após passagens por diversos pesquisadores e pesquisas, avançamos no sentido de compreender que, de maneira indistinta, seja por meio de trabalhos sistematizados de informação, de pesquisas semiológicas ou tecnológicas, de pesquisas que diferenciem a comunicação dos fenômenos de comunicação, que diferenciem objetos empíricos de objetos de estudo, novas e exclusivas metodologias para a comunicação, tecnologias digitais, estudos de recepção, de massas, busca de objeto(s) da comunicação, propostas de epistemologia, autonomia ou mediação, todas essas proposições de pesquisa simplesmente afirmam que existe um lugar para a comunicação, ou seja, configuram, de maneira imperativa, a existência de um campo comunicacional e de suas múltiplas vertentes.

2.4. Entraves aos estudos da comunicação e à constituição do campo

A obra do sociólogo francês Pierre Bourdieu tem sido objeto de inúmeras incursões por parte de pesquisadores do campo da comunicação. A começar, pela própria incorporação dessa ideia a de um “campo da comunicação”. Tal relação prolífica e, até, repetida com a comunicação, no entanto, nem sempre vem acompanhada de uma reflexão que faça jus aos princípios caros ao autor. Muitas vezes, seus principais contributos, como a noção de campo, são utilizados de maneira descontextualizada de uma matriz teórica pela qual foram gerados e que lhes dá sustentação. Em alguns casos, esse uso irrefletido banaliza os conceitos, despindo-os de sua operacionalidade, tornando-os ineficazes para ajudar a compreender os fenômenos sobre os quais se debruçam. Em outros momentos, aspectos primordiais da perspectiva bourdieusiana, como a relação a ser estabelecida com o ato de pesquisar, são deixados de lado, quando poderiam ser extremamente úteis, se apropriados pela comunicação. Tal como Fausto Neto, consideramos que:

campo é uma instância de força que atualiza as possibilidades de sua experiência mediante sua capacidade de se colocar em relação com outro campo, através de pressupostos, estratégias, competências, instrumentos, algo da ordem que remete à questão da sua natureza e da sua especificidade. (FAUSTO NETO, 2002, p.23)

É justamente nessa capacidade de colocar-se em relação a outros saberes notadamente constituídos que a comunicação ainda apresenta suas fragilidades, pois, ao mesmo tempo em

que a área revela singularidades, ao alcançar um conjunto sustentável de pesquisas e ao se estabelecer com autonomia científica, a diversidade de disciplinas integradas à área aponta para uma pluralidade irrefletida que dificulta sua constituição como área do conhecimento.

Essa pluralidade se explica, em boa medida, como estudos em comunicação que, embora visem à constituição do “campo”, não apresentam vínculos com as questões epistemológicas. Ou seja, essa pluralidade é cada vez mais destituída de pressupostos epistemológicos. Por qual motivo, entretanto, as pesquisas não se debruçam sobre questões pertinentes à constituição do campo da comunicação? Tal como afirma Lopes (2003), parece que muitos pesquisadores se acomodam ao simples fato de a comunicação já ter história suficiente, reduzindo-a a uma sequência linear de teorias. Sua constituição, porém, enfrenta barreiras que não passam, apenas, pelas proposições de acoplamentos. Falamos nesse sentido de autonomia, conhecimento, saber e, por consequência, de um objeto que lhe seja próprio.

Ciro Marcondes Filho (2008, p. 51-64) encara a comunicação como uma ciência *anexata*, embora o termo termine instigando paradoxalmente uma ciência com grande rigor, sendo esse rdado com base em outro “mundo” que abrange a comunicação digital, as informações em tempo real e a realidade virtual. Em parte, muitas teorias da comunicação se tornam obsoletas. O ponto principal dessa reflexão, entretanto, refere-se ao fato de que a comunicação, em termos epistemológicos, transcende as formas tecnológicas da linguagem, passando, necessariamente, para novos substratos teóricos.

Maria Cristina Castilho Costa (2009, p. 163) afirma que a comunicação deve ser encarada não somente como um espaço de ação, mas também de reflexão científica. Essa reflexão é que tem feito avançar a própria comunicação, bem como sua sedimentação como campo comunicacional específico. Baccega destaca que

a área da Comunicação passou a ser mais estudada a partir de dois fatos, sendo o primeiro o avanço tecnológico, que mudou conceitos de tempo e espaço, e as lutas das culturas para terem vez e voz. É essa conceituação que caracteriza com a visão do trabalho de uma comunicação diferencial e não apenas amorfa em seu campo, mas também com evoluções, notadamente para a construção e evolução social. (BACEGA, 2009, p.10)

Praticamente, em uma visão aberta da comunicação, sabemos que essa área pode abarcar uma variedade de questões, desde os fenômenos culturais, sociais, filosóficos, econômicos, políticos até os meios massivos propriamente ditos, ou meios de comunicação como os jornais impressos, as revistas, o que ocorre na televisão, no rádio, nos livros, nos *games*, na internet e nas múltiplas plataformas, entre outros. É justamente nessa diversidade temática, porém,

segundo nossa percepção, que reside a dispersão da área; é nessa multiplicidade de buscas que o objeto da comunicação não se configura, visto que, diante da perspectiva de multiplicidade, esse objeto passa a comportar vários objetivos, que agem de maneira isolada. E, embora, se tornem amplos, não se incorporam a uma perspectiva de pesquisa sistêmica.

Laan Mendes de Barros (2003, p.239) destaca que o objeto de estudo da comunicação tem uma natureza complexa, demandando uma abordagem marcada pela pluralidade, quer seja no que diz respeito às diversas disciplinas que podem lhe dar sustentação, quer seja nas diferentes perspectivas de leitura ou pontos de vista, em relação aos fenômenos estudados. Esse diálogo pode ser conhecido por multidisciplinaridade, transdisciplinaridade ou, ainda, simplesmente interdisciplinaridade, principalmente porque, em nenhuma ciência, especificamente no caso das ciências sociais, há uma pureza de campo. O que de fato, porém, se configura como multidisciplinar, transdisciplinar e interdisciplinar?

Barros (2003, p.229) aponta a multidisciplinaridade como a justaposição de conhecimentos advindos de diferentes áreas, a interdisciplinaridade como a confrontação, o intercâmbio de métodos e pontos de vista, e a transdisciplinaridade como a articulação de conceitos e teorias comuns às distintas ciências sociais. Para Maria Cristina Castilho Costa,

a multidisciplinaridade em comunicação vem justamente como uma forma de contraponto à departamentalização da área, principalmente porque a maioria das subáreas da comunicação formam profissionais também para outras áreas. A discussão e polêmica dessas interfaces e intersecções é justamente até que ponto uma área adentra em outra e até que ponto a Comunicação realmente continua comunicação dadas tantas interlocuções e subcaminhos. (COSTA, 2009, p.155)

Reconhecemos que a interdisciplinaridade é essencial principalmente com base no sentido de não tornar a ciência apenas pura, mas, mais ainda, a partir do momento em que permite se relacionar e ajudar a esclarecer determinados fenômenos e pontos científicos. Para nós, essa pureza reside justamente no fato de a ciência muitas vezes não querer ter interfaces com outras áreas, mas sim ser apenas um ponto específico de seus objetos. Isso termina sendo mais do que paradoxal para as ciências sociais aplicadas, em especial por seu caráter humanístico e reflexivo. Caberia, então, à comunicação, a característica limitante da interdisciplinaridade? Entendemos que, mesmo a interdisciplinaridade sendo importante e essencial para a produção da ciência, esta deve possuir seu campo próprio, sobretudo seus objetos próprios, configurando-se, assim, uma ciência ou um campo com especificidades, associado, vertiginosamente, à singularidade de seu objeto. Relativo à transdisciplinaridade,

que quer dizer a quase radicalidade das influências científicas de uma ciência sobre outra ciência e suas respectivas interações, Maldonado destaca que

a transmetodologia e, conseqüentemente o transdisciplinaridade evoluem o campo científico. O “trans” vem justamente de transposição para uma evolução do campo e, conseqüentemente, do que é pesquisado e vivido na área da comunicação. A transdisciplinaridade justamente avança da multidisciplinaridade a partir do fato de que esta é mais aberta e, ao mesmo tempo, traz mais possibilidade de perigos de fuga do objeto próprio da Ciência em questão. (MALDONADO, 2003, p.220)

Maria Immacolata Vassalo de Lopes (2001, p. 13-14) destaca que a comunicação, como disciplina e como estudo, tem como objeto os fenômenos comunicacionais da sociedade atual. Essa é uma visão aberta e abrangente de campo comunicacional que poderia construir os fenômenos científicos dessa área. Segundo Yves Winkin (1998, p. 208), a comunicação, como uma ciência social, “filha das revoluções”, deve ousar estudar o funcionamento dos ruídos sociais. Esse preceito é válido justamente para mostrar que a comunicação, principalmente a social, não é estanque e, sim, dinâmica. Venício Lima (2001) afirma que a mídia é o campo de estudo da comunicação, principalmente se ela for encarada no sentido de comunicação social. Isso é dado a partir dos estudos dos meios de comunicação propriamente ditos, sobretudo os encarados como mídia ou veículos massivos. Issler (2002, p. 40) considera que o campo da comunicação é bem diferente, porque ela emerge de um “*Background* histórico da sucessão cronológica de suportes de natureza e tecnologia diferentes, os quais são suficientemente significativos para ampliar e adensar seu conceito de campo e sua atuação nos demais campos do conhecimento”.

Poderíamos ter apontado outros diversos pesquisadores igualmente importantes. Poderíamos adentrar pesquisas associadas às teorias da comunicação, e também ali possivelmente visualizaríamos as contradições pertinentes à comunicação. O que nos interessa objetivamente, contudo, é tão somente demonstrar que essa diversidade aponta ao mesmo tempo para um campo fértil e minado.

Na visão de Lima (2001), o campo comunicacional no Brasil é desarticulado e conflituoso, tendo de repensar seus aspectos conceituais. Para Rüdiger (2003, p.51), “a comunicação é uma das áreas em que se pronunciam de maneira extremada as contradições da chamada cultura do profissionalismo”. Já Duarte destaca o campo comunicacional em duas vertentes:

um teórico e um empírico, sendo que o primeiro ocorre quando se analisa a ontologia dos encontros comunicacionais e os processos se tornam comuns a um pensamento de grupos que trocam informações; já o segundo é quando a mesma discussão ontológica considera a relação com os suportes nos quais planos cognitivos são atrelados, sendo que tais objetos não são necessariamente da mídia. (DUARTE, 2003, p.51)

O que os pesquisadores aqui referenciados nos apontam é uma visão aberta, e habitualmente adotada pela área, que não considera apenas a perspectiva de constituição do campo, mas também a de sua transdisciplinaridade. Por essas características amplas, dispersas, conflituosas é que optamos e defendemos aqui a análise de uma especificidade epistemológica própria da comunicação. Em nossa perspectiva, porém, a especificidade não significa ignorar os outros campos, incluídos os que dialogam diretamente com a própria comunicação, como história, sociologia, antropologia, filosofia, linguística, entre outros, mas, sim, a constituição para o campo da comunicação de um objeto que lhe seja próprio e que muitas vezes é deixado de lado ou confundido com os objetos de outras áreas.

CAPÍTULO 3 – A CONSTRUÇÃO DO PERCURSO METODOLÓGICO

Por qual objetivo, porém, fizemos esse percurso em perspectivas de estudo que envolvem a multidisciplinaridade, a transdisciplinaridade e a interdisciplinaridade? Da mesma forma, cabe indagar, por qual motivo apontamos, por breves apresentações a visão de diferentes pesquisadores quanto aos estudos voltados à comunicação. Em primeiro lugar, nosso percurso se justifica se retomarmos as palavras de Ferrara (2003, p. 55), para quem a epistemologia “apresenta os passos seguros que levam a caracterizar não só um objeto científico, mas, sobretudo, os elementos que permitem reconhecê-lo”. Visto por esse ângulo, pensar a epistemologia da comunicação implica compreender a diversidade de perspectivas da área, ou seja, tomar como tema de estudo e pesquisa os diferentes princípios teóricos e metodológicos que orientam parte do campo. Em segundo lugar, trata-se de construir um olhar direcionado para problemáticas epistemológicas específicas, considerando então que desse itinerário advém um dos principais obstáculos epistemológicos em comunicação. Trata-se do problema que envolve a confusão entre objeto empírico e objeto de estudo da área.

3.1. A centralidade da teoria na constituição do objeto comunicacional

De um modo geral, a separação dos objetos de estudo entre as disciplinas é comumente aceita no meio acadêmico. São exemplos dessas separações a conquista do social pela sociologia, do espaço pela geografia, da linguagem pela linguística. (Quiroga, 2013) A ideia é formalizada com precisão por Bruyne e Xhootheete (1991, p. 26), para quem “cada disciplina não deve visar ao conjunto do espaço epistêmico das ciências do homem, mas delimitar estritamente – metodologicamente – um campo de análise, um aspecto particular desse espaço”. A afirmação remete então aos diferentes modos de constituição das áreas de conhecimento, em que se destaca a conquista, em cada área, de seus respectivos objetos de estudo. Essa separação dos objetos, por sua vez, determina em boa medida a postura epistemológica do cientista, que não deve se satisfazer com aproximações empiristas sobre os objetos; ao contrário, ele deve proclamar o primado da reconstrução epistemológica sobre a realidade. Seria, entretanto, justamente nesse momento que se teria estabelecido a confusão entre objetos de estudo e objetos empíricos de pesquisa. Em geral, se misturam as ideias de objetos de pesquisas particulares com a discussão do objeto de estudo da área. Toma-se a parte pelo todo, ou seja, temas e objetos

de pesquisa específicos são geralmente reconhecidos como aqueles que respondem pelo imaginário do objeto de estudo da comunicação como campo de conhecimento. Se estamos ainda interessados na compreensão da conquista do objeto de estudo da área, devemos nos ater ao que Bourdieu chama de capital científico “puro” ou intelectual, isto é, a produção dos conceitos em cada campo de conhecimento. Segundo o autor, são eles que trazem níveis de originalidade, valores distintivos, que cada campo deve perseguir (BOURDIEU, 2004, p. 80). Significa dizer que delimitar conceitual e metodologicamente os objetos implica uma operação discursiva em que os conhecimentos são sistematizados em campos epistemológicos, ou seja, visam a uma “objetividade de tipo científico” em que cada escolha epistêmica não apenas aponta para a “recusa da atitude natural que coloca o mundo em si como objeto, como também tem o efeito de arrancar o objeto científico do vivido, de pensar sua especificidade, de fazer sua teoria e sua verificação sistemática” (BRUYNE, 1991, p. 29). Em outras palavras, as experiências já não são feitas no vazio empírico, mas são, em vez disso, a realização teórica por excelência. Dessa forma, o cientista aproxima-se do objeto não mais por métodos baseados nos sentidos, na experiência comum, mas pelas diferentes etapas da pesquisa. Isso significa que o método científico já não é direto, imediato, mas indireto, processual e, sobretudo, mediado pelos conceitos. Em outras palavras, a primeira característica do objeto científico, segundo Bachelard, é que ele não é dado pela natureza, em continuidade com ela, mas é antes *construído* pelo cientista. Como afirma Quiroga (2013, p. 122), em diálogo com a tradição epistemológica francesa,

Nesse caso, quanto à construção do objeto, diz Bourdieu, a primeira questão é propor a demissão empírica. Na mesma direção que orienta a ruptura com as opiniões de senso comum, o sociólogo critica as tradições científicas de caráter eminentemente empírico, cuja crença na neutralidade do método atesta firmemente a ideia de uma realidade que fala por si.

Isso significa que, no exercício da ciência, o cientista deve romper com o senso comum e, conseqüentemente, com os objetos advindos desse tipo de experiência. Enquanto o empirismo proclama métodos de observação e medição diretos, em consonância com a imediaticidade das experiências comuns, o racionalismo proclama a necessidade de uma aproximação mediada, indireta, por meio de uma teoria de base. O primeiro olhar satisfaz o empirista, o racionalista propõe um segundo olhar, vigilante, que retifica a experiência primeira.

Uma consequência direta desse tipo de olhar científico é que a produção teórica desempenha duplo papel central. Primeiro, é ela que torna possível uma direção à coleta de dados advindos do trabalho empírico. Como afirma Quiroga (2013, p. 124), trata-se “da

necessidade de remissão de qualquer que seja o resultado do trabalho experimental [...] a uma determinada problemática teórica”. O objeto empírico, ele continua, é “antes de tudo, o resultado da apropriação de uma realidade articulada pelo pensamento” (QUIROGA, 2013, p. 127). O espaço, diz Bachelard (2002), é agora o “espaço pensado”, os “fenômenos são representados”. Rompe-se, assim, a atividade científica da vida comum, em que se tem o compromisso de uma análise sistemática das etapas de pesquisa. “O mundo em que se pensa não é o mundo em que se vive” (BACHELARD, 2002) – eis a proposta bachelardiana.

A rigor, Bourdieu parte do mesmo pressuposto epistemológico que Bachelard, ou seja, afirma que o conhecimento segue o vetor do racional para o real, o que significa a crença no primado do teórico sobre o empírico. No autor encontramos um compromisso com o espírito científico de busca incessante da construção da verdade, embora esta não seja dada como óbvia, e precise ser perseguida, mesmo que contra a realidade do senso comum, que está impregnada da ideologia dominante na sociedade, materializada em boa parte do cotidiano, das relações humanas e sociais, nos gostos, gestos, hábitos, convenções etc.

Semelhante tarefa, propriamente epistemológica, consiste em descobrir no decorrer da própria atividade científica, incessantemente confrontada com o erro, as condições nas quais é possível tirar o verdadeiro do falso, passando de um conhecimento menos verdadeiro a um conhecimento mais verdadeiro, ou melhor, como afirma Bachelard, “próximo, isto é, retificado” (BOURDIEU, 1999, p.17).

Além de para a vigilância epistemológica, o autor atenta para o fato de que o objeto está nas relações sociais, políticas e econômicas da sociedade, ainda que essas não sejam em si objetos de pesquisa. Em síntese, para a construção científica do objeto de pesquisa não basta a possibilidade de aplicar técnicas científicas aos objetos. De acordo com Bourdieu, é preciso inserir o objeto empírico em uma problemática teórica, isto é,

Por mais parcial e parcelar que seja um objeto de pesquisa, ele só pode ser definido e construído em função de uma problemática teórica que permita submeter a uma interrogação sistemática os aspectos da realidade colocados em relação entre si pela questão que lhes é formulada. (BOURDIEU, 1999, p.48)

De acordo com o descrito por Quiroga, em diálogo com as propostas de construção do objeto defendidas por Bourdieu,

se estamos interessados em encontrar as determinações internas que especificam cada campo científico, devemos nos ater de modo especial aos desdobramentos inscritos no capital científico “puro” ou intelectual. A ele remontam os chamados níveis de cientificidade que respondem, na verdade, tanto pela especificidade quanto pela autonomia de cada campo científico. (QUIROGA, 2013, p.113)

Quiroga compreende que a construção do objeto de estudo, por parte de cada disciplina, depende menos do empirismo das pesquisas individuais e mais de uma possível alteridade produzida pelos conceitos. Associado ao pensamento de Bourdieu, o autor ressalta que, em relação aos campos, “para que obtenham a chancela de objeto científico é preciso uma articulação ao nível dos conceitos, únicos capazes de torná-lo um fenômeno também científico” (QUIROGA, 2013, p. 124). Tal como Quiroga e Bourdieu, visualizamos que as pesquisas de campo, em que os conceitos teóricos são colocados à prova, simulam um movimento dialético entre teoria e prática, sendo justamente por meio desse tipo de pesquisa que o objeto pode ser construído, emergindo contra a realidade do senso comum, da ideologia dominante, sendo essa, reiteramos, a busca a que nos propomos realizar.

3.2. Método de pesquisa

Sabendo que a conquista de objeto de estudo de uma área não se alcança por decreto, mas depende de um conjunto mais amplo de procedimentos epistemológicos e acordos políticos, procuramos contribuir com essa conquista realizando a observação empírica acerca da constituição desse objeto nas teses de doutorado produzidas no Brasil, no período de 2008 a 2018. A opção pelas teses de doutorado deve-se ao fato de ser essa uma etapa da produção do conhecimento em que se observa explicitamente sua dinâmica processual, ou seja, um espaço de elaboração de novas chaves interpretativas, aproximações metodológicas diversas e, sobretudo, diálogo com os conceitos e teorias produzidas na área. Tal como aponta Lopes,

As dissertações de mestrado e as teses de doutorado produzidas nos programas de Pós-Graduação das Universidades correspondem a um momento de aprendizado do pesquisador. Universalmente, a elaboração de tais trabalhos é uma etapa no longo processo de treinamento para a realização de atividades científicas, em particular para o desenvolvimento de pesquisas. De modo geral, será somente com a obtenção do título de doutor que um pesquisador será considerado qualificado e poderá disputar postos acadêmicos melhor situados no sistema universitário, bem como a se integrar a grupos e equipes de investigação, realizando tarefas mais elaboradas. Ademais o doutorado

assegura a habilitação, para quem possui o título, de formar novos pesquisadores. (LOPES, 2006, p. 139)

Tese é um vocábulo com origem no termo grego *thesis*, que significa proposição. Consiste em uma proposta discutida e defendida com base em determinados pressupostos ou hipóteses. A tese é um trabalho acadêmico, no qual o autor defende uma proposição e sustenta sua argumentação, a partir de uma profunda investigação sobre o tema. A tese de doutorado é considerada o tipo mais representativo e consistente de trabalho científico. Trata-se da abordagem de um único tema, que exige pesquisa própria da área científica em que se situa, com um percurso metodológico específico (BARICHELE, 2016, p. 131).

Se seguimos a delimitação de Immacolata e Barichelle, podemos dizer que a exclusão das dissertações de mestrado se justifica fundamentalmente por ser esse momento da formação uma etapa inicial de aprendizado, ocasião em que o candidato ainda está sendo apresentado ao universo acadêmico (MELO, 1999, p. 54). Em síntese, entendemos que para analisar um possível diálogo da pesquisa empírica com as teorias do campo da comunicação, as teses nos guiarão com maior precisão metodológica. Com relação ao período escolhido de uma década (entre 2008 e 2018) para compor o *corpus* desta pesquisa entendemos ser uma amostra significativa da produção da área porque retroage cinco anos à criação da Plataforma Sucupira e avança outros cinco anos a partir de sua implementação, sendo essa plataforma, hoje, essencial para compreender o conjunto de pesquisas produzidas no âmbito dos programas de pós-graduação no Brasil. Cabe ressaltar que se aumentássemos o período de análise, retroagindo ainda mais, nossa base de dados não poderia utilizar as plataformas de busca online, devendo ser realizadas pesquisas *in locus* nas bibliotecas de todas as IES participantes deste estudo, o que, além de dispendioso financeiramente, demandaria prazo de pesquisa mais amplo.

Como bases de consulta visando à confecção de dados para a pesquisa, adotamos os portais de catálogo de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)⁴ e da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD),⁵ ambos de domínio público e irrestrito. A

⁴ Ferramenta para coletar informações, realizar análises e avaliações e ser a base de referência do Sistema Nacional de Pós-Graduação (SNPG). A plataforma deve disponibilizar em tempo real e com muito mais transparência as informações, processos e procedimentos que a Capes realiza no SNPG para toda a comunidade acadêmica. Propiciará também a parte gerencial-operacional de todos os processos e permitirá maior participação das pró-reitorias e dos coordenadores de programas de pós-graduação. A escolha do nome é uma homenagem ao professor Newton Sucupira, autor do parecer nº 977, de 1965. O documento conceituou, formatou e institucionalizou a pós-graduação brasileira nos moldes como é até os dias de hoje (Capes, 2019).

⁵ A Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) integra e dissemina, em um só portal de busca, os textos completos das teses e dissertações defendidas nas instituições brasileiras de ensino e pesquisa. A BDTD contribui para o aumento de conteúdos de teses e dissertações brasileiras na internet, o que significa maior visibilidade da produção científica nacional e difusão de informações de interesse científico e tecnológico para a

escolha pela Capes deve-se ao fato de o órgão ser o responsável pelo reconhecimento e a avaliação de cursos de pós-graduação *stricto-sensu* (mestrado profissional, mestrado acadêmico e doutorado) em âmbito nacional, sendo, portanto, porta-voz desses programas no que tange aos critérios de produção, credenciamento e avaliação. Cabe ressaltar que os dados presentes na plataforma da Capes a partir de 2013 advêm da plataforma Sucupira,⁶ que só foi instaurada nesse mesmo ano. A escolha pela BDTD justificou-se não apenas pelo fato de a plataforma possuir livre acesso, mas por trazer credibilidade de um sítio mantido pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict), além de ter sido idealizado por um comitê técnico-consultivo⁷ de referência na área da educação. Ressalta-se ainda que igual prazo (uma década) foi utilizado para a busca na plataforma BDTD com intuito de adotarmos um único critério de pesquisa.

Em ambas as plataformas fizemos buscas por dois descritores: “Epistemologia da Comunicação” e “Teoria da Comunicação”, ambos no singular e entre aspas para que a busca pudesse abarcar termos também no plural. Tanto na plataforma da Capes quanto na da BDTD aplicamos o filtro de busca por teses, descartando as dissertações de mestrado. Das 720 teses encontradas nas plataformas, foram analisadas 115, selecionadas pelos crivos acima mencionados. Da mesma forma, aplicamos em ambas as plataformas, o filtro 2008 a 2018, assim como realizamos buscas apenas por teses pertencentes à área da comunicação. Para investigar a problemática proposta nesta pesquisa, listamos um rol de questões que foram contempladas por meio de uma leitura exploratória de pesquisa, que ajudassem a analisar a relação das teses com o processo de constituição do objeto comunicacional. Assim, em todas as plataformas o objetivo foi identificar métricas e questões como: quais teorias aparecem; quais autores; objetos centrais analisados nas teses; áreas de conhecimento presentes; quais teses apresentam como perspectiva central a epistemologia; quais teses apresentam como perspectiva central as teorias da comunicação.

sociedade em geral. Além disso, a BDTD também proporciona maior visibilidade e governança do investimento realizado em programas de pós-graduação.

⁶Ferramenta para coletar informações, realizar análises e avaliações e ser a base de referência do Sistema Nacional de Pós-Graduação (SNPG). Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br>; acesso em: [favor incluir data de acesso].

⁷ Constituído por representantes do Ibict, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Ministério da Educação (MEC) – representado pela Capes e Secretaria de Educação Superior (SESu) –, da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep) e das três universidades que participaram do grupo de trabalho e do projeto-piloto – Universidade de São Paulo (USP), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Em meio às atribuições do grupo, o CTC apoiou o desenvolvimento e aprovou o Padrão Brasileiro de Metadados para Teses e Dissertações (MTD-BR). Disponível em: <http://bdttd.ibict.br/vufind/Content/history>; acesso em: 08-03-2019

Em suma, toda a coleta de dados, em larga medida, seguiu os pressupostos de Bardin (2002) e foi distribuída em quatro fases: (a) pré-análise; (b) exploração do material; (c) tratamento dos resultados/inferência e (d) interpretação. Na primeira fase, foi realizada a leitura completa do material. Houve a leitura flutuante, que é o primeiro contato com as respostas, e a elaboração de indicadores, entendidos como os assuntos, palavras ou trechos comuns observados nas teses. Foram respeitadas as recomendações de Bardin (2002) sobre exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência. Após a leitura inicial, adentramos a exploração inicial do material em que trechos das teses foram recortados e coletados em uma planilha, a partir de unidades de registro, no processo conhecido como codificação. Na fase do tratamento dos dados e inferências, adotamos agrupamentos temáticos que se deram por resultados recorrentes encontrados nas teses. A interpretação desses agrupamentos temáticos é realizada no capítulo quatro à luz da retomada de nosso problema de pesquisa e referencial teórico escolhido.

3.3. Fundamentação metodológica

As técnicas de coleta são ferramentas utilizadas com o objetivo de ajudar a levantar informações válidas e úteis acerca de um determinado problema de pesquisa. De acordo com Gil (2002), são modos de obtenção de informações que utilizam os sentidos na coleta de determinados aspectos da realidade, mas não consistem apenas em ver e ouvir, mas em examinar fatos, fontes ou ferramentas a respeito do que se deseja estudar. Para a coleta de informações nas teses, adotamos como ferramentas para nossa pesquisa as análises quantitativas e qualitativas de levantamento e observação de dados. No caso qualitativo perseguimos análises que nos apresentassem como as teses estavam atuando para a conquista de um possível objeto da comunicação. Quanto ao aspecto quantitativo, buscamos métricas que nos auxiliassem no entendimento referente à produção de teses na área de teorias e epistemologia da comunicação durante a última década.

De fato, nossa investigação – conforme a metodologia adotada – segue o que vem sendo feito com frequência: os trabalhos científicos podem incorporar dois tipos de pesquisa: a quantitativa e a qualitativa. O primeiro tipo se baseia no paradigma clássico (positivismo/cartesiano), enquanto o segundo segue um paradigma interpretacionista. (MOREIRA, 2002). A pesquisa qualitativa não se preocupa tanto com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma

organização etc. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se em alguns aspectos ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria. Assim, os pesquisadores qualitativos recusam o modelo positivista aplicado ao estudo da vida social, uma vez que o pesquisador não pode fazer julgamentos nem permitir que seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa (GOLDENBERG, 1997, p. 34). Os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não métricos (suscitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens. Na pesquisa qualitativa o cientista é ao mesmo tempo sujeito e objeto de suas pesquisas. O desenvolvimento da pesquisa é imprevisível. O objetivo da amostra é produzir informações aprofundadas e ilustrativas: seja ela pequena ou grande, o que importa é que ela seja capaz de produzir novas informações (DESLAURIERS, 1991, p. 58). De fato, a pesquisa qualitativa tende a salientar os aspectos dinâmicos, holísticos e individuais da experiência humana, para apreender a totalidade no contexto daqueles que estão vivenciando o fenômeno (POLIT, BECKER, HUNGLER, 2004, p. 201). Para Minayo (2008) as abordagens qualitativas são mais adequadas a investigações científicas de grupos, segmentos delimitados e focalizados, de histórias sociais sob o ponto de vista dos atores sociais, de relações e para análises de discursos e documentos. Dessa forma o método qualitativo envolve a empiria e uma sistematização progressiva do conhecimento até que a compreensão da lógica interna do grupo seja desvelada. Quanto ao método quantitativo, segundo o autor, ele tem o objetivo de apresentar dados, indicadores e tendências observáveis ou, ainda, produzir modelos teóricos abstratos com elevada aplicabilidade prática. Suas investigações evidenciam a regularidade dos fenômenos. No que tange à pesquisa quantitativa, esclarece Fonseca:

Diferentemente da pesquisa qualitativa, os resultados da pesquisa quantitativa podem ser quantificados. A pesquisa quantitativa se centra na objetividade. Influenciada pelo positivismo, considera que a realidade só pode ser compreendida com base na análise de dados brutos, recolhidos com o auxílio de instrumentos padronizados e neutros. A pesquisa quantitativa recorre à linguagem matemática para descrever as causas de um fenômeno, as relações entre variáveis, etc. A utilização conjunta da pesquisa qualitativa e quantitativa permite recolher mais informações do que se poderia conseguir isoladamente. (FONSECA, 2002, p.20)

A pesquisa quantitativa, que tem suas raízes no pensamento positivista lógico, tende a enfatizar o raciocínio dedutivo, as regras da lógica e os atributos mensuráveis da experiência

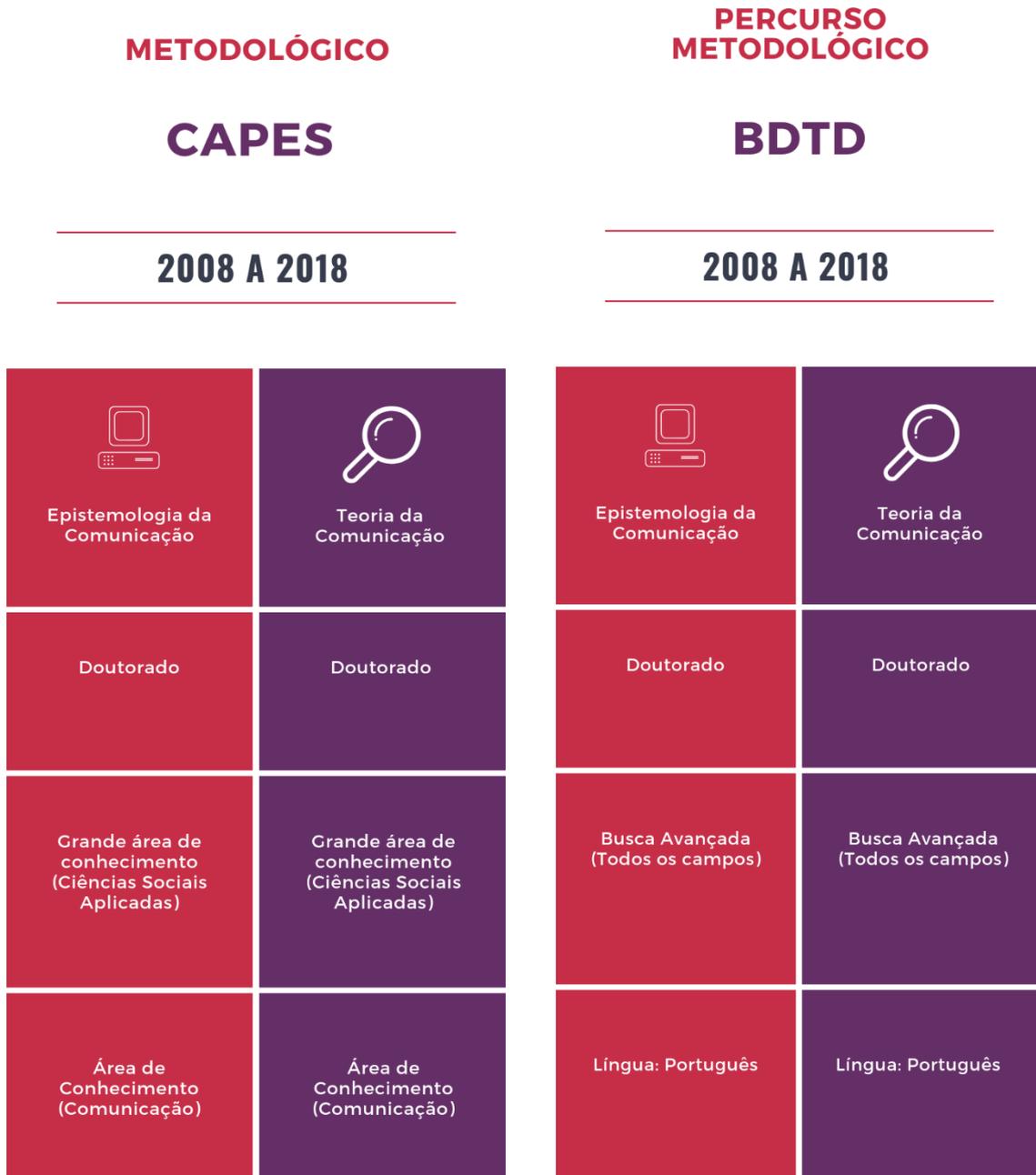
humana (POLIT, BECKER, HUNGLER, 2004, p. 201). Nossa pesquisa utiliza ambos os métodos e consistirá tanto na demonstração do delineamento de métricas que envolvem a produção teórico-epistemológica em comunicação quanto na apresentação de possíveis chaves interpretativas no que diz respeito aos conceitos da área, que ajudem a pensar a conquista de seu objeto de estudo. Por fim, cabe ressaltar que além das técnicas qualitativas e quantitativas, nos apropriamos da análise de conteúdo proposta por Bardin, que a apresenta como ferramenta de tratamento de dados provenientes da pesquisa qualitativa e para quem a expressão análise de conteúdo designa:

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 2011, p.47)

3.4. Dados gerais obtidos

Apresentamos a seguir os resultados gerais obtidos em nossa pesquisa empírica. Antes, porém, cabem duas ressalvas. Primeiro reiterar o percurso e os filtros adotados para coleta de dados. Como pode ser observado na figura abaixo as plataformas possuem sistemas de busca diferentes. Na plataforma da Capes utilizamos recortes por grande área de conhecimento (ciências sociais aplicadas) e área de conhecimento (comunicação). No que tange à busca realizada no portal da BDTD foram utilizados descritores, em português, sendo estabelecidos cinco critérios de seleção: (a) a expressão “Teoria da Comunicação” (b) Tipo: Doutorado (c) Ano: publicação entre 2008 e 2018, compreendendo-se, assim, os últimos dez anos; (d) Língua: português. Em seguida, explicitar que a apresentação dos dados gerais obtidos está dividida em a) quantitativos e b) qualitativos. No caso dos quantitativos a exposição dos números está subdividida de acordo com os bancos de dados (Capes e BDTD), os descritores (epistemologia/teoria da comunicação) e finalmente pela sequência – orientador, instituição, programa, ano x produção. Em se tratando da parte qualitativa, a divisão segue os questionamentos apontados no tópico 3.2. (Quais teorias aparecem; quais autores; objetos centrais analisados nas teses; áreas de conhecimento presentes; quais teses apresentam como perspectiva central a epistemologia; quais teses apresentam como perspectiva central as teorias da comunicação).

Figura 2- Percurso Metodológico



Fonte: AUTORA

Do universo de 720 teses produzidas entre 2008 e 2018 com temáticas gerais, apenas 115 aparecem circunscritas aos termos “Teoria(s) da Comunicação” e “Epistemologia da Comunicação”, perfazendo aproximadamente 17% daquele universo inicial. Das 115 pesquisas, 22 estavam associadas à busca por teses que abordaram a epistemologia como elemento central do trabalho, e 93 estavam relacionadas a pesquisas de teoria da comunicação.

Figura 3 - Teses Analisadas



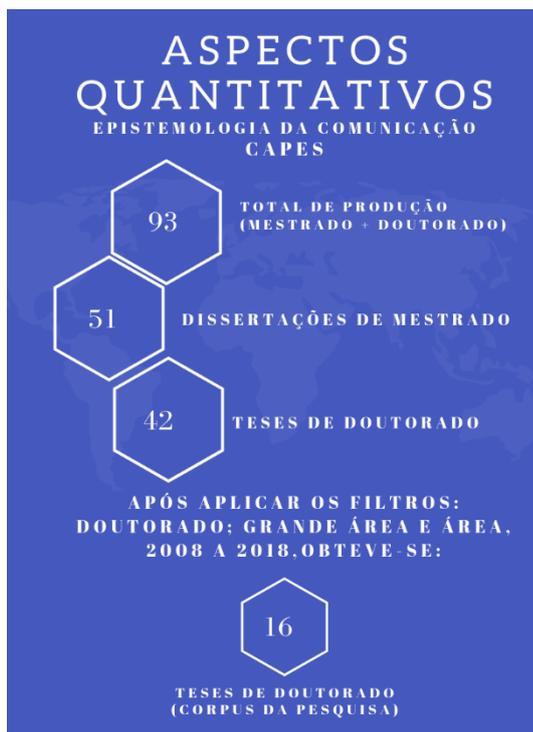
Fonte: Pesquisa – AUTORA

3.4.1 Aspectos quantitativos

a.1) Capes – Epistemologia da Comunicação

Ao realizar a busca pela expressão “Epistemologia da Comunicação” encontramos no banco da Capes o total de 93 trabalhos, 51 deles associados a programas de mestrado, enquanto 42 eram teses produzidas. Seguimos a consulta realizando o filtro de pesquisa: doutorado, ano de 2008 a 2018, grande área de conhecimento (ciências sociais aplicadas) e área de conhecimento (comunicação). Após este último filtro obtivemos o total de 16 teses a analisar. Inicialmente essa amostra foi capaz de refletir os seguintes dados:

Figura 4 - Aspectos Quantitativos (Epistemologia da Comunicação) - Capes



Fonte: Pesquisa – AUTORA

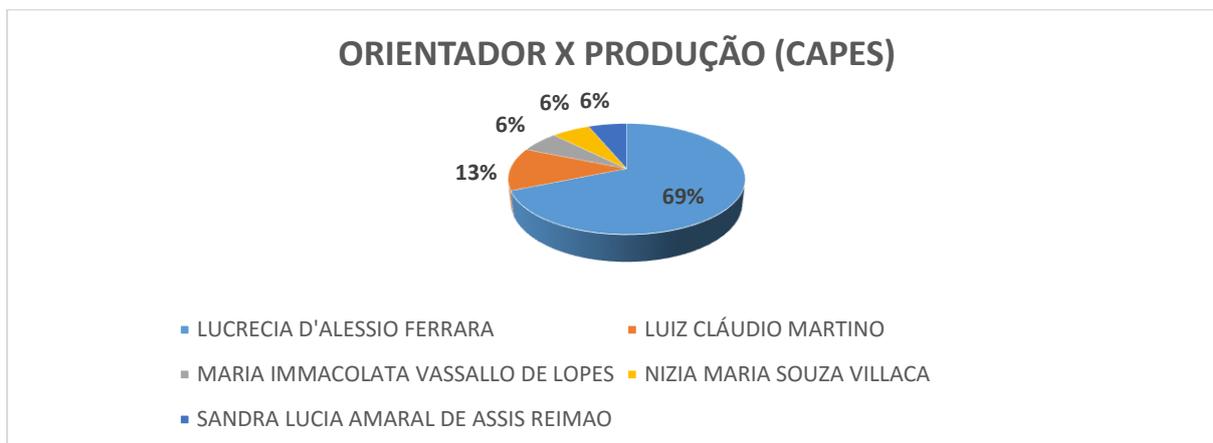
Orientador

Tabela 1 - Orientadores - Epistemologia da Comunicação

	ORIENTADOR	QUANTIDADE DE TESES
1º	LUCRECIA D'ALESSIO FERRARA	11
2º	LUIZ CLÁUDIO MARTINO	2
3º	MARIA IMMACOLATA VASSALLO DE LOPES	1
3º	NIZIA MARIA SOUZA VILLACA	1
3º	SANDRA LUCIA AMARAL DE ASSIS REIMAO	1

Fonte: AUTORA

Gráfico 1 - Orientadores - Epistemologia da Comunicação



Fonte: AUTORA

Quanto aos orientadores percebe-se que a pesquisadora Lucrécia D'Alessio possui o maior número de orientações, representando 69% do universo das teses analisadas. O pesquisador Luiz Cláudio Martino aparece em segundo lugar, com representatividade de 13% das teses orientadas, cujo tema central é epistemologia da comunicação. É importante ressaltar que a pesquisadora Lucrécia tem experiência na área de comunicação, com ênfase em teoria da comunicação, atuando principalmente nas temáticas atreladas à epistemologia, cultura e semiótica.⁸ O pesquisador Luiz Cláudio Martino possui experiência em pesquisas na área da comunicação, com ênfase em estudo de meios, atuando principalmente em temas associados à teoria da comunicação, epistemologia da comunicação, história da comunicação, meios de comunicação, tecnologia da comunicação.⁹

Instituição

Tabela 2 - Instituição - Epistemologia da Comunicação

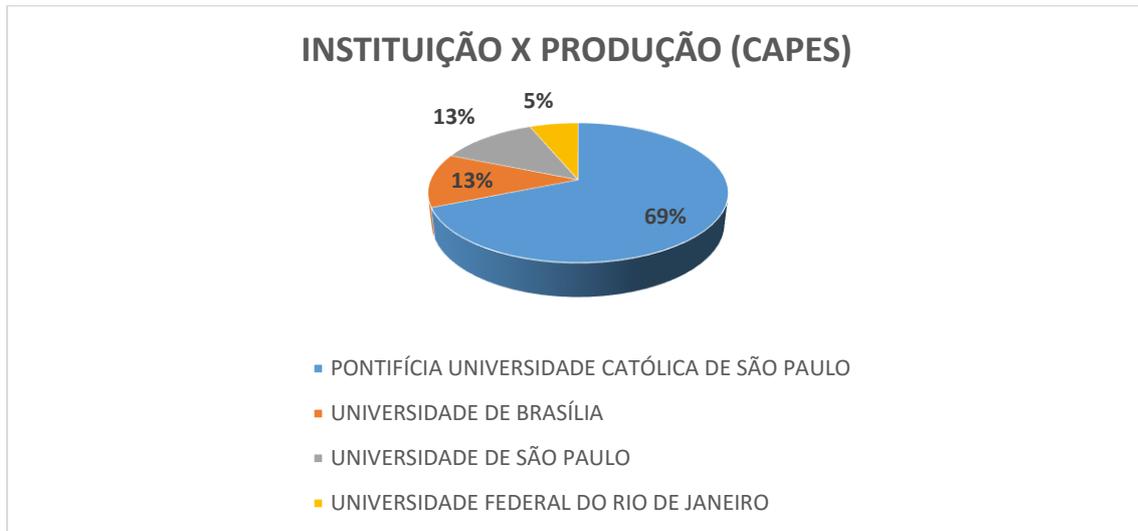
	INSTITUIÇÃO	PRODUÇÃO
1º	PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO	11
2º	UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA	2
2º	UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO	2
3º	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO	1

Fonte: AUTORA

⁸ Fonte: Currículo Lattes.

⁹Fonte: Currículo Lattes.

Gráfico 2 - Instituição - Epistemologia da Comunicação



Fonte: AUTORA

No que tange à pesquisa realizada com base em dados obtidos pelo sistema de busca e filtros obtidos na plataforma da Capes, observamos que o maior número de teses com foco na temática epistemologia da comunicação está concentrado nas instituições PUC-SP (69%), UNB (13%) e USP (13%). Esses dados comprovam a participação dos orientadores apontados no Gráfico 1 com maior índice de atuação nas orientações de teses atreladas ao campo da Epistemologia. Ou seja, as instituições citadas são abrigo acadêmico dos orientadores/pesquisadores Lucrécia D'Alessio (69%) e Luiz C. Martino (13%).

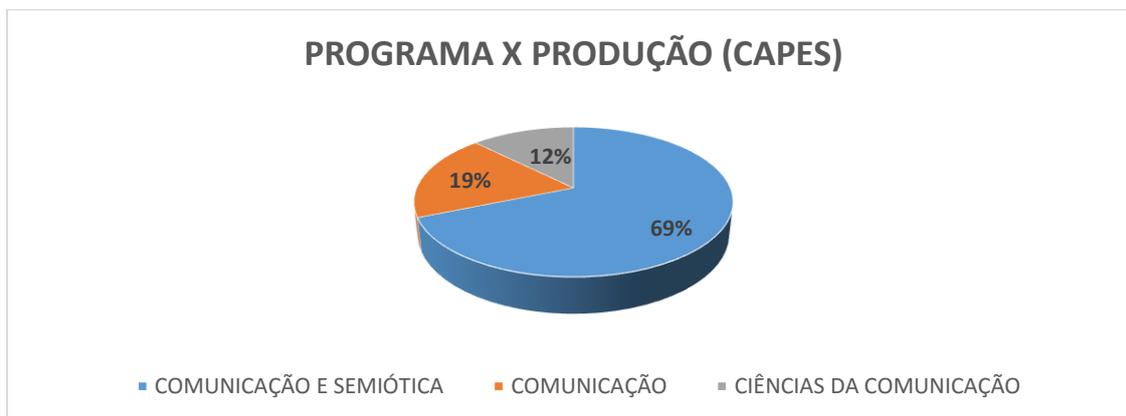
Programa

Tabela 3 - Programa - Epistemologia da Comunicação

	PROGRAMA	PRODUÇÃO
1º	Comunicação E Semiótica	11
2º	Comunicação	3
3º	Ciências Da Comunicação	2

Fonte: AUTORA

Gráfico 3 - Programa - Epistemologia da Comunicação



Fonte: AUTORA

Os programas de pesquisa vinculados às produções com foco na epistemologia da comunicação foram assim representados. Comunicação e semiótica, programa pertencente à PUC-SP com 69% da produção de teses; 19% das teses foram produzidas em programa de pós-graduação com denominação de comunicação atrelado a instituições como UnB e UFRJ; 12% das produções foram desenvolvidas em programa denominado ciências da comunicação, estando essa denominação atrelada à USP.

Ano X Produção

Tabela 4 - Ano x Produção - Epistemologia da Comunicação

	ANO	PRODUÇÃO
1º.	2008	4
2º.	2010	4
3º.	2009	3
4º.	2011	2
5º.	2013	1
6º.	2015	1
7º.	2016	1

Fonte: AUTORA

Quanto ao número de teses produzidas por ano de análise, observa-se que 2008 e 2010 apresentaram o maior percentual de participação, com o total de quatro pesquisas desenvolvidas em cada um. Na sequência, 2009 aparece, com a representação de três teses produzidas, 2011 com o total de duas teses, e os demais anos, 2013, 2015 e 2016, cada um com uma tese

desenvolvida. Em 2017 e 2018 não apareceram teses no rol dos resultados obtidos pelo sistema de busca na plataforma da Capes.

a.2) Capes - Teoria da Comunicação

Assim como realizado para a temática epistemologia da comunicação, realizamos busca pela expressão “Teoria da Comunicação”, por considerá-la central para os propósitos desta pesquisa. Dessa forma encontramos 282 trabalhos independentemente de seleção de período, sendo, desse total, 188 projetos associados aos programas de mestrado e 90 teses. A consulta foi seguida pela utilização dos filtros de pesquisa: doutorado, ano de 2008 a 2018 e área de conhecimento: comunicação. Após o filtro, obtivemos o total de 29 teses a analisar, todas pertencentes à grande área das ciências sociais aplicadas e tendo como área de conhecimento a comunicação. Tal como realizado no tópico anterior, elencamos a seguir os dados que a amostra nos possibilita apresentar em termos numéricos e analíticos.

Figura 5 - Aspectos Quantitativos (Teoria da Comunicação) - Capes



Fonte: Pesquisa - AUTORA

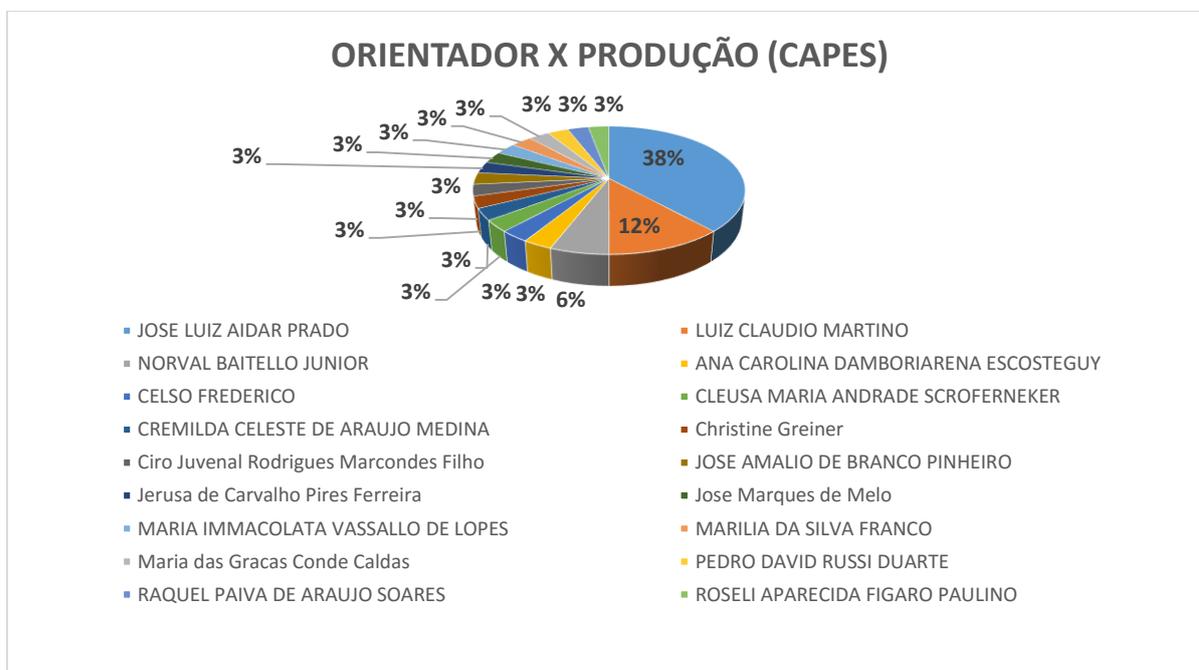
Orientador

Tabela 5 - Orientador - Teoria da Comunicação

	ORIENTADOR	PRODUÇÃO
1º	Jose luiz aidar prado	13
2º	Luiz claudio martino	4
3º	Norval baitello junior	2
4º	Ana carolina damboriarena escosteguy	1
4º	Celso frederico	1
4º	Cleusa maria andrade scroferneker	1
4º	Cremilda celeste de araujo medina	1
4º	Christine greiner	1
4º	Ciro juvenal rodrigues marcondes filho	1
4º	Jose amalio de branco pinheiro	1
4º	Jerusa de carvalho pires ferreira	1
4º	Jose marques de melo	1
4º	Maria immacolata vassallo de lopes	1
4º	Marilia da silva franco	1
4º	Maria das gracias conde caldas	1
4º	Pedro david russi duarte	1
4º	Raquel paiva de araujo soares	1
4º	Roseli aparecida figaro paulino	1

Fonte: AUTORA

Gráfico 4 - Orientador - Teoria da Comunicação



Fonte: AUTORA

Embora o número de orientadores seja bastante superior aos resultados de orientação obtidos para a expressão epistemologia da comunicação, é possível observar que o pesquisador Luiz Cláudio Martino aparece novamente no rol de orientadores com o total de quatro orientações ou 12% da amostra representativa, estabelecendo-se em segundo lugar no montante das orientações. Para o filtro de pesquisa atrelado à teoria da comunicação, porém, o pesquisador José Luiz Aidar Prado aparece em primeira posição, com o total de 13 teses orientadas, ou seja, 38% da amostra. Cabe salientar que Prado atua na área de comunicação, com ênfase em teoria da comunicação, estudos discursivos de mídia, políticas do acontecimento e comunicação e psicanálise. Atualmente é professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.¹⁰ Em terceiro lugar aparece o nome do pesquisador Norval Baitello Junior, com representação de duas teses orientadas. Outros pesquisadores aparecem no Gráfico 5; porém para efeitos textuais relatamos apenas os resultados mais significativos para a pesquisa, representados pela primeira, segunda e terceira posições.

Instituição

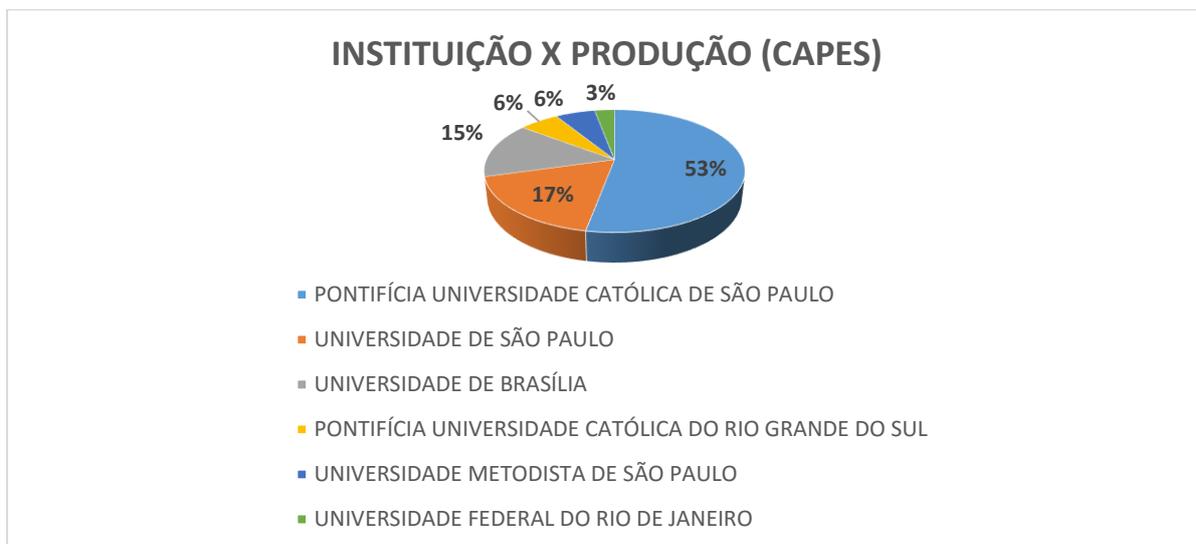
Tabela 6 - Instituição -Teoria da Comunicação

	INSTITUIÇÃO	PRODUÇÃO
1º	Pontifícia universidade católica de são paulo	18
2º	Universidade de são paulo	6
3º	Universidade de brasília	5
4º	Pontifícia universidade católica do rio grande do sul	2
4º	Universidade metodista de são paulo	2
5º	Universidade federal do rio de janeiro	1

Fonte: AUTORA

¹⁰ Fonte: Currículo Lattes.

Gráfico 5 - Instituição -Teoria da Comunicação



Fonte: AUTORA

Novamente, as instituições com maior representatividade numérica atrelada a produções para o sistema de busca adotados para esta pesquisa foram: PUC-SP (53%), USP (17%) e UnB (15%).

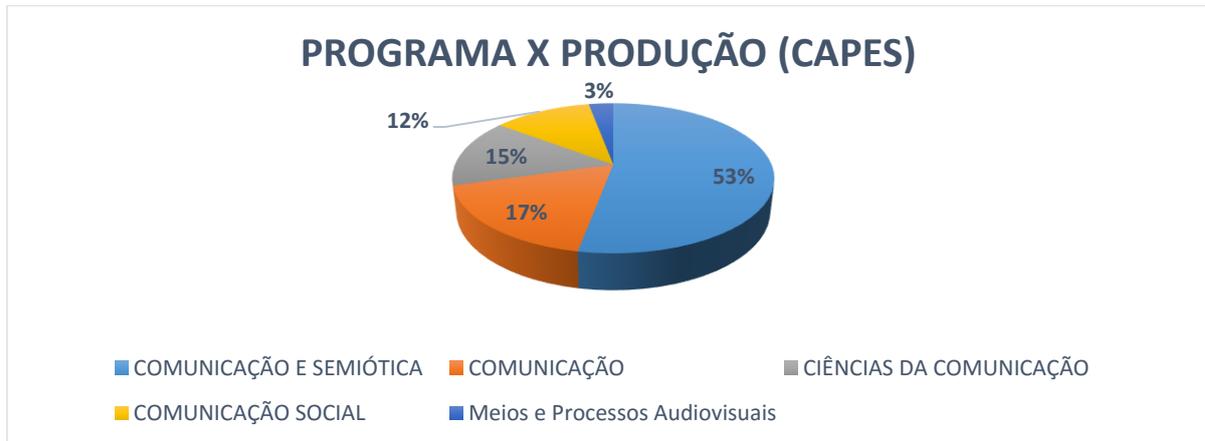
Programa

Tabela 7 - Programa - Teoria da Comunicação

	PROGRAMA	PRODUÇÃO
1	Comunicação e semiótica	18
2	Comunicação	6
3	Ciências da comunicação	5
4	Comunicação social	4
5	Meios e processos audiovisuais	1

Fonte: AUTORA

Gráfico 6 - Programa - Teoria da Comunicação



Fonte: AUTORA

Quanto à produção por programas, nota-se que novamente o programa de pós-graduação da PUC-SP aparece com maior percentual de participação (53%), seguido pela participação do programa de comunicação que abarca as pesquisas produzidas pela UnB (17%) e pelo programa de ciências da comunicação que abrange as pesquisas efetuadas por discentes da USP (15%).

Ano X Produção

Tabela 8 - Programa - Teoria da Comunicação

	ANO	PRODUÇÃO
1°	2013	12
2°	2014	4
3°	2016	4
4°	2009	3
4°	2015	3
5°	2010	2
5°	2012	2
5°	2017	2
6°	2008	1
6°	2018	1
	2011	0

Fonte: AUTORA

Os anos com maior representatividade produtiva, diferentemente do refletido na Tabela 4, foram 2013, com o total de 12 teses, 2014 e 2016 com quatro teses cada um. Observa-se que para 2008 e 2010 o número de pesquisas produzidas na temática teorias da comunicação foi

inferior ao obtido quanto à temática epistemologia. Ou seja, para teorias da comunicação, os dois anos somados representam o total de três teses, enquanto para epistemologia o total de pesquisas realizadas equaliza oito produções.

b.1) BDTD - Epistemologia da Comunicação

Assim como nos procedimentos adotados para as pesquisas realizadas no portal da Capes, ao fazer a busca pela expressão “epistemologia da comunicação” no sítio da BDTD encontramos o total de 11 trabalhos acadêmicos, cinco deles associados aos programas de mestrado e seis correspondendo a teses produzidas. Seguimos a consulta realizando filtros de pesquisa: doutorado, ano de 2008 a 2018 e língua de produção português. Inicialmente essa amostra já foi capaz de refletir os seguintes dados:

Figura 6 - Aspectos Quantitativos (Epistemologia da Comunicação) - BDTD



Fonte: Pesquisa - AUTORA

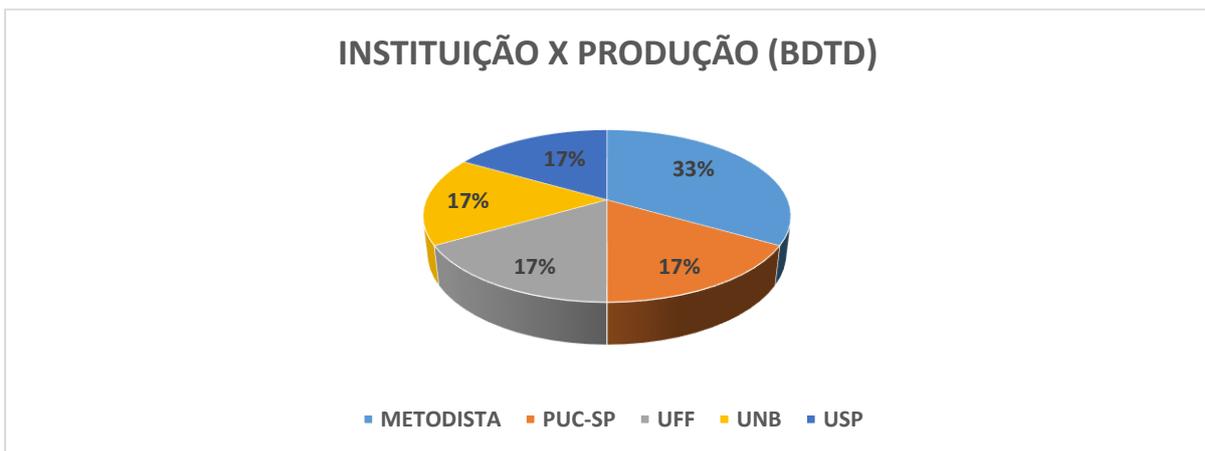
Instituição

Tabela 9 - Instituição x Produção - Epistemologia da Comunicação

INSTITUIÇÃO	PRODUÇÃO
METODISTA	2
PUC-SP	1
UFF	1
UNB	1
USP	1

Fonte: AUTORA

Gráfico 7 - Instituição x Produção - Epistemologia da Comunicação



Fonte: AUTORA

A instituição com maior representatividade numérica quanto a pesquisas associadas à temática epistemologia da comunicação foi a Metodista, com duas teses, correspondendo a 33% da amostra. As demais instituições PUC/SP, UFF, UNB e USP aparecem com uma tese produzida cada uma, representando 17% da amostra. Ainda que a Universidade Metodista se destaque em primeiro lugar, com maior número de produção, é possível verificar que novamente as instituições PUC-SP, UnB e USP aparecem como resultado de pesquisa amostral, permitindo, portanto, comprovar os resultados obtidos na plataforma da Capes.

Ano X Produção

Tabela 10 - Ano x Produção - Epistemologia da Comunicação

ANO	PRODUÇÃO
2013	2
2016	1
2017	2
2018	1

Fonte: AUTORA

Com relação a busca de produção por ano, verificamos que 2013 e 2017 aparecem com maior participação amostral (duas teses para cada ano). Não obtivemos resultados de teses produzidas em 2008, 2009, 2010, 2011, 2012 e 2015 que estivessem atreladas ao escopo de pesquisas associadas à epistemologia da comunicação. É importante ressaltar que para a plataforma da BDTD não há obrigatoriedade de inserção dos trabalhos produzidos no âmbito dos programas de pós-graduação do país. Ressaltamos, porém, que há a aparição de uma tese em 2017 e uma em 2018 que não estavam representadas na plataforma da Capes.

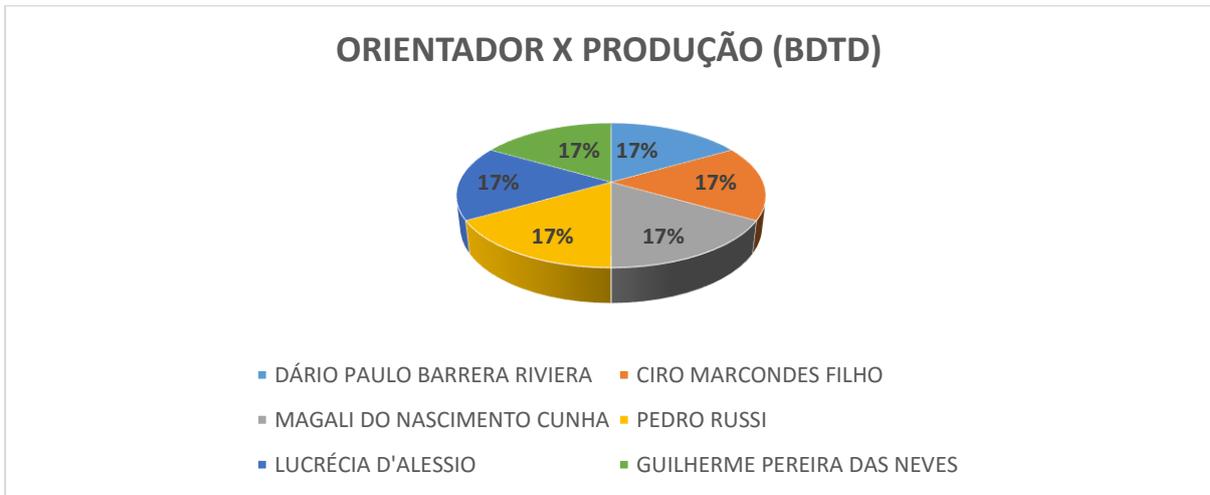
Orientador

Tabela 11 - Orientador x Produção - Epistemologia da Comunicação

ORIENTADOR	PRODUÇÃO
Dário Paulo Barrera Riviera	1
Ciro Marcondes Filho	1
Magali Do Nascimento Cunha	1
Pedro Russi	1
Lucrecia D'alessio	1
Guilherme Pereira Das Neves	1

Fonte: AUTORA

Gráfico 8 - Orientador x Produção - Epistemologia da Comunicação



Fonte: AUTORA

No que tange à busca por orientadores da temática epistemologia, obtivemos percentuais idênticos de orientação para os professores orientadores Riviera (Metodista), Cunha (Metodista), Ciro Marcondes Filho (USP), Pedro Russi (UNB), Neves (UFF) e D'Alessio (PUC-SP). Novamente Lucrécia faz presença como orientadora da temática epistemologia, e como representante da UnB aparece o orientador Pedro Russi.

b.2) BDTD - Teorias Da Comunicação

Ao realizar a busca pela expressão “Teoria da Comunicação”, encontramos o total de 229 trabalhos acadêmicos, sendo 148 projetos associados aos programas de mestrado e 81 teses produzidas. Seguimos a consulta realizando filtros de pesquisa, tais como: doutorado, ano de 2008 a 2018 e língua de produção português, obtivemos como resultando o total de 64 teses a analisar. Inicialmente essa amostra foi capaz de refletir os seguintes dados:

Figura 7 - Aspectos Quantitativos (Teoria da Comunicação) - BDTD



Fonte: Pesquisa - AUTORA

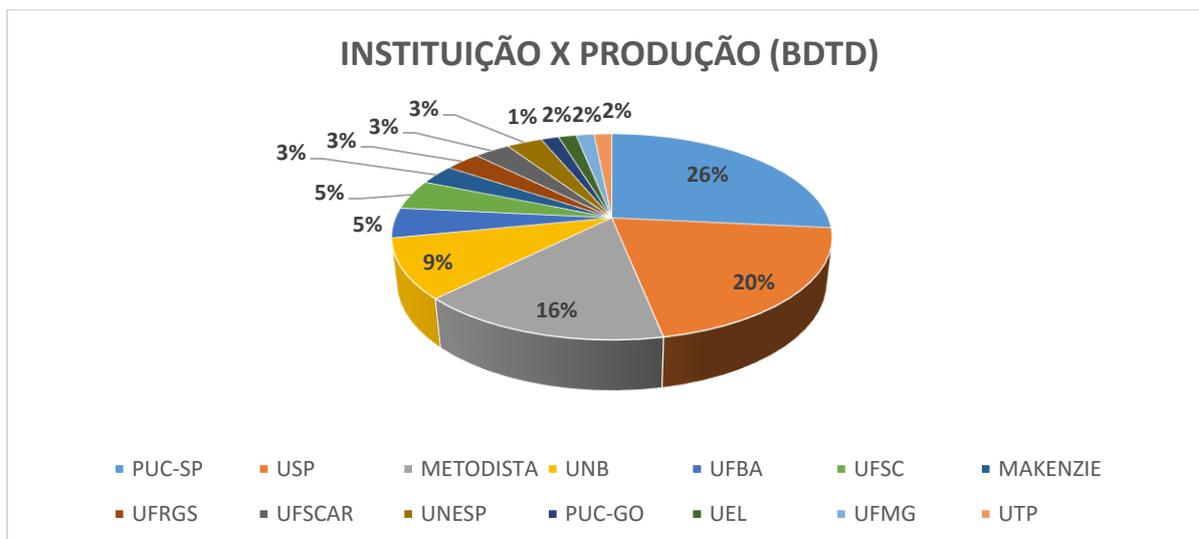
Instituição

Tabela 12 - Instituição x Produção - Teoria da Comunicação

INSTITUIÇÃO	PRODUÇÃO
PUC-SP	17
USP	13
METODISTA	10
UNB	6
UFBA	3
UFSC	3
MAKENZIE	2
UFRGS	2
UFSCAR	2
UNESP	2
PUC-GO	1
UEL	1
UFMG	1
UTP	1

Fonte: AUTORA

Gráfico 9 - Instituição x Produção - Teoria da Comunicação



Fonte: AUTORA

A instituição com maior número de produções no nível de doutorado associadas à temática Teoria da Comunicação foi a PUC-SP com o total representativo de 26%, seguida pela USP, com 20% do total de pesquisas realizadas e pela Metodista, com 16% de teses elaboradas em seu programa de pós-graduação. As demais instituições aparecem com percentuais próximos, variando de 9% a 1% do total de participação amostral. Ao realizar a busca avançada pela expressão “Teoria da Comunicação” visualizamos maior diversidade de instituições nos resultados obtidos, o que difere até mesmo dos resultados coletados pelo portal da Capes.

Ano x Produção

Tabela 13 - Ano x Produção - Teoria da Comunicação

	ANO	PRODUÇÃO
1º	2013	13
2º	2016	11
3º	2008	6
4º	2014	6
5º	2017	6
6º	2009	5
7º	2010	5
8º	2012	5
9º	2015	5
10º	2011	1
11	2018	1

Fonte: AUTORA

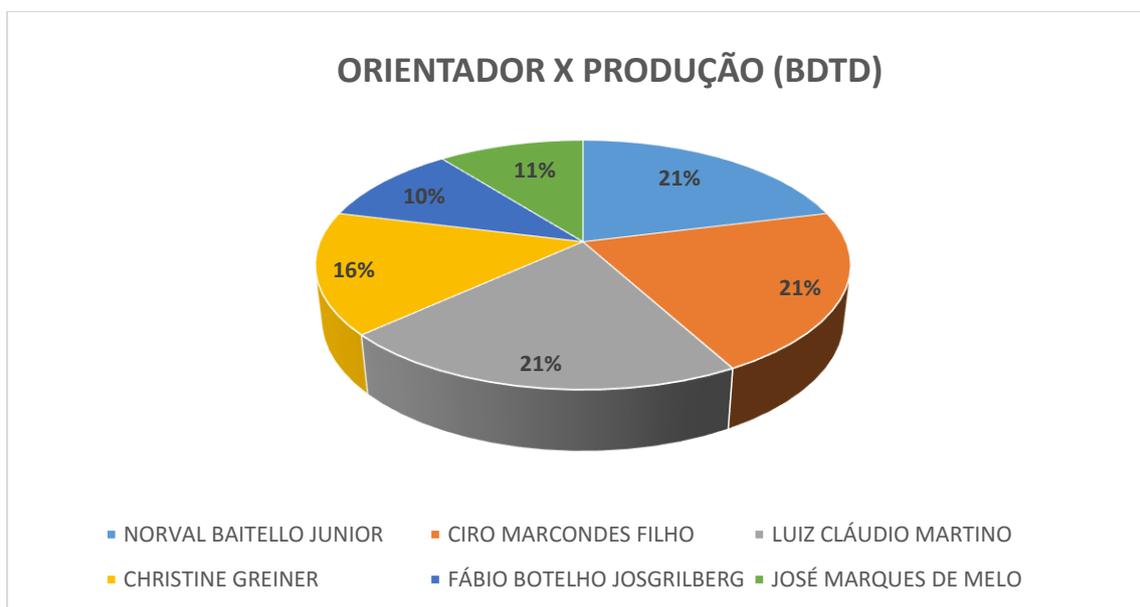
Quanto ao volume de orientações por ano, verificamos que 2013 e 2016 aparecem com maior representação numérica, 13 e 11, respectivamente, tal como os dados obtidos junto à plataforma Capes relacionado à temática “Teorias da Comunicação”. Na sequência temos 2008, 2014 e 2017, cada um com seis teses em cada ano analisado; 2010, 2012 e 2015 apresentaram cinco pesquisas por ano.

Tabela 14 - Orientador x Produção - Teoria da Comunicação

ORIENTADOR	PRODUÇÃO
Norval Baitello Junior	4
Ciro Marcondes Filho	4
Luiz Cláudio Martino	4
Christine Greiner	3
Fábio Botelho Josgrilberg	2
José Marques De Melo	2

Fonte: AUTORA

Gráfico 10 - Orientador x Produção - Teoria da Comunicação



Fonte: AUTORA

Para a listagem de orientadores x produção, listamos apenas os seis primeiros classificados, em virtude de falha no sistema da BDTD. Orientadores como Baitello, Ciro Marcondes e Martino tiveram índices de participação na amostra de 21%, o que reflete resultados similares aos obtidos na plataforma da Capes.

3.4.2. Aspectos quantitativos da pesquisa qualitativa

Realizada a leitura do material selecionado (Resumo e Introdução das teses da amostra), partimos para a obtenção de respostas pertinentes aos questionamentos abordados no tópico 3.2. Utilizamos essas questões como orientadores que nos permitissem quantificar os dados qualitativos, com o objetivo de tornar nossa análise menos subjetiva. A partir dessas questões, criamos a seguinte estrutura para construção do banco de dados, colocados em uma planilha de Excel: título da tese, principais teorias presentes, autores, objetos centrais discutidos nas teses, área central de conhecimento, pesquisas de cunhos epistemológicos e teóricos comunicacionais. Para esse procedimento de análise, alguns fatores foram adotados visando criar um critério de análise único e inequívoco: a) análise realizada somente com dados obtidos no resumo e introdução da tese; b) teses com dados incompletos foram retiradas da amostra e teses repetidas por constar no banco de dados da Capes e da BDTD foram retiradas, para evitar duplicidade. Quanto ao item área central de conhecimento, a maior dificuldade esteve ligada à identificação das temáticas, considerando a inexistência de uma *enciclopédia* que servisse de base para indexação dos temas da área de comunicação e, ainda, o fato de nem sempre estar claro no resumo e na introdução o real objeto de estudo. Dessa forma, foi possível agrupar um conjunto representativo da produção científica em comunicação no Brasil, no período em questão.

As 115 teses utilizadas para compor as análises quantitativas realizadas reduziram-se a um *corpus* de 74 teses para análises qualitativas. Essa redução deveu-se à duplicidade de registros e à incompletude de dados. Esse número de 74 teses já aponta para o fato de que tanto o sítio da Capes quanto o da BDTD não¹¹ possuem em suas plataformas a inserção da totalidade de teses produzidas no período de 2008 a 2018 associadas às expressões epistemologia e teorias da comunicação.

Após análise das teses, estabelecemos uma leitura direcionada e detalhada, por meio da qual foi possível extrair as seguintes análises:

¹¹ Total de teses inseridas por plataforma: BDTD: epistemologia (6), Teorias (64). Capes: epistemologia (16), teorias (29)

Figura 8 - Aspectos Qualitativos



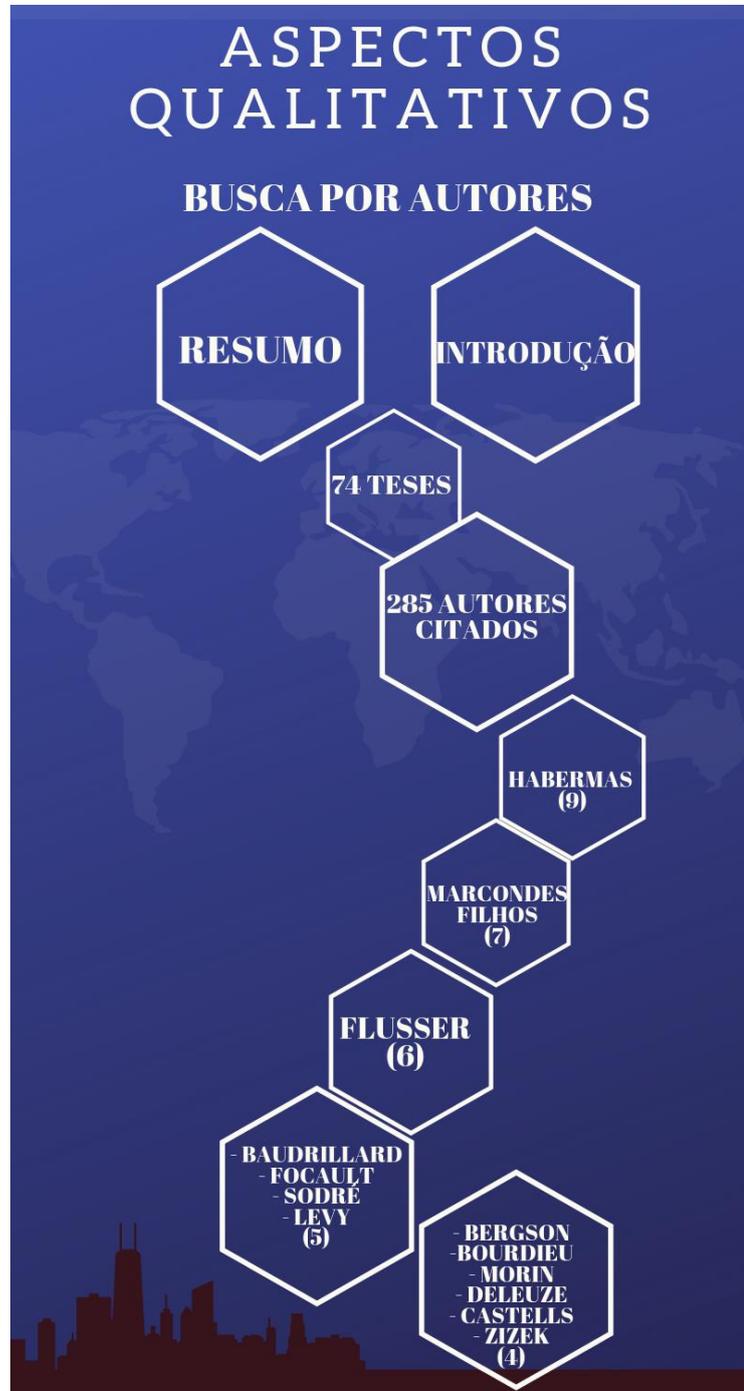
Fonte: Pesquisa - AUTORA

a.1) Aparição por autores

Nas 74 teses analisadas verificamos a presença de 285 autores citados no resumo e/ou introdução. Deles, Habermas (9), Marcondes Filho (7), Flusser (6), Baudrillard (5), Foucault (5), Sodré (5), Levy (5), Bergson (4), Bourdieu (4), Morin (4), Deleuze (4), Castells (4) e Zizek (4) foram os mais frequentes, conforme tabela abaixo. É importante ressaltar que Habermas foi o que apresentou o maior número de citações (9) nas teses produzidas no âmbito dos programas de pós-graduação em comunicação, embora não seja um teórico específico da área. Trata-se de um filósofo e sociólogo que desenvolveu sua base de estudos voltados para teoria crítica e pragmatismo, com especial dedicação aos estudos da democracia, teoria do agir comunicativo,

racionalidade comunicativa e esfera pública, não sendo, portanto, um teórico específico da comunicação.

Figura 9 - Aspectos Qualitativos - Autores



Fonte: Pesquisa - AUTORA

Visando evitar uma leitura cansativa, listamos até aqui apenas os teóricos que tiveram acima de quatro citações, podendo os demais ser identificados na tabela abaixo.

RANKING	AUTORES	TOTAL DE CITAÇÕES
1	Jürgen Habermas	9
2	Ciro Marcondes Filho	7
3	VilémFlusser	6
4	Jean Baudrillard	5
5	Michael Foucault	5
6	Muniz Sodré	5
7	Pierre Levy	5
8	Bergson	4
9	Bourdieu	4
10	Edgar Morin	4
11	Gilles Deleuze	4
12	Manuel Castells	4
13	Zizek	4
14	ChantalMouffe	3
15	Ernesto Laclau	3
16	Geertz	3
17	Hans Belting	3
18	Harry Pross	3
19	Ivan Bystrina	3
20	Jesús Martin-Barbero	3
21	Katz	3
22	Laclau	3
23	Lucrécia D'Alessio Ferrara	3
24	Luis Cláudio Martino	3
25	Mainueneau	3
26	Maurice Merleau-Ponty	3
27	McLuhan	3
28	Michel Pêcheux	3
29	NiklasLuhman	3
30	AbyWarburg	2
31	Agamben	2
32	Ana Claudia de Oliveira	2
33	Ashley Montagu	2
34	Boris Cyrulnik	2
35	Boris Kossoy	2
36	Caillois	2
37	Charaudeau	2
38	Charles SandersPeirce	2
39	David Le Breton	2
40	DietmarKamper	2
41	Eric Landowski	2
42	Fairclough	2
43	Francisco Rüdiger	2
44	Giddens,	2
45	Giulio Carlo Argan	2
46	Greiner	2
47	Harold Adams Innis	2
48	Huizinga	2
49	Imre Lakatos	2
50	Jeanne Marie	2
51	Joseph Nye	2
52	Luiz Beltrão	2
53	Marshall McLuhan	2
54	Mikhail Bakhtin	2
55	Nasio	2
56	Noam Chomsky	2
57	NorvalBaitello	2
58	Patrick Charaudeau	2
59	Prado	2
60	Régis Debray	2
61	Roman Jakobson	2
62	Santaella	2
63	Wittegestein	2

RANKING	AUTORES	TOTAL DE CITAÇÕES
64	A. DondiDondis,	1
65	Abbagnano	1
66	Abraham Moles	1
67	Ado Kyrou	1
68	Adorno	1
69	Alier,	1
70	Almeida Filho	1
71	Alsina	1
72	Althusser	1
73	Amálio Pinheiro	1
74	Amirou,	1
75	Antonio Gramsci	1
76	Arasse	1
77	ARIÈS	1
78	Arlindo Machado	1
79	Arnáiz	1
80	Augé,	1
81	Baeza	1
82	Baronett	1
83	Barthes,	1
84	Beatriz Pires	1
85	Belting	1
86	Beni,	1
87	Bernard Cohen,	1
88	Berthoz	1
89	Betty Friedan,	1
90	Bill Nichols	1
91	Bispo	1
92	Boaventura Santos	1
93	Bricmont	1
94	Buber	1
95	Buitone	1
96	Bunge	1
97	Caparelli	1
98	Carl Gustav Jung	1
99	Carnielli e Epstein	1
100	Castanheira e Souza Filho	1
101	Certeau	1
102	ChalotteCotton	1
103	Chardin	1
104	Chaumely e Huisman	1
105	Christian Puech	1
106	Christopher Lasch	1
107	Christopher Wulf	1
108	Claude Zilberberg	1
109	Claude-Jean Bertrand,	1
110	Contreras	1
111	Corrêa &Corrêa	1
112	Courtine	1
113	Dan Slater,	1
114	Daniel Miller,	1
115	David Le Breton	1
116	David Manning White	1
117	Debord	1
118	Defleur	1
119	Donald Winnicott	1
120	Donna Willshire,	1
121	Douglas L. Howard	1
122	Dryzek	1
123	Ducrot	1
124	Duran,	1
125	Durkheim	1
126	Edward S. Herman	1

RANKING	AUTORES	TOTAL DE CITAÇÕES
127	Eibl-Eibesfeldt	1
128	Elizabeth Eiseinstein	1
129	Enrico Cheli	1
130	Eric Havelock	1
131	Erick Felinto	1
132	Esther Barbé,	1
133	Eugenio Bucci	1
134	Eugênio Trivinho	1
135	Flichy	1
136	Fontanille	1
137	Fragoso	1
138	Freire	1
139	Friedrich Kittler	1
140	Gastón Bachelard	1
141	Georg Mead	1
142	Geraldi	1
143	Gilmar AntonioBedin,	1
144	Giovani Olsson,	1
145	Goffman	1
146	Gourevitch	1
147	Gregolin	1
148	Gregory Bateson	1
149	Greimas	1
150	Halliday	1
151	Harold Lasswell	1
152	Haroldo de Campos	1
153	Heráclito,	1
154	Hobbes	1
155	Hohlfeldt	1
156	Horkheimer	1
157	Ismail Xavier	1
158	Itania Gomes	1
159	Iuri Lótman	1
160	Ivan Lima	1
161	J. L. Austin	1
162	J. R. Searle	1
163	Jacks e Escosteguy	1
164	Jameson	1
165	Jauss	1
166	JederJanotti Jr.	1
167	Jenkins	1
168	Jerusa Pires Ferreira	1
169	Joan Fontcuberta	1
170	Johan Galtung	1
171	John Dewey	1
172	John Scotson	1
173	Jonhson	1
174	José Luiz Braga	1
175	José Luiz Fiorin	1
176	Joseph Campbell	1
177	Joshua Meyrowitz	1
178	Jost	1
179	Kant	1
180	Karl Marx	1
181	Kátia Patriota	1
182	Koestler	1
183	Krippendorf,	1
184	Kuhn	1
185	Lacan	1
186	Landow	1
187	Laplantine	1
188	Latour	1
189	Lazarsfeld	1
190	Le Goff	1

RANKING	AUTORES	TOTAL DE CITAÇÕES
191	LeBesco	1
192	Leff	1
193	Lev Vygotsky	1
194	Lezama Lima	1
195	Luque& Mazzeo	1
196	Lytard	1
197	Malinowski	1
198	Manovich	1
199	Manuel Diez de Velasco	1
200	Marcel Merle,	1
201	Marcus Figueiredo	1
202	Mari Holmboe Ruge	1
203	Marie-France Kouloumdjian	1
204	Mattelart	1
205	Mauss	1
206	Maxwell McCombs,	1
207	Mazziotti	1
208	Mena Barreto	1
209	Merlin Donald,	1
210	Michelle Perrot	1
211	Milton Santos	1
212	Moacir Gadotti,	1
213	Morgado	1
214	Moscovici	1
215	Naccarato	1
216	Nancy Fraser	1
217	Naremore	1
218	Negri	1
219	Negroponte	1
220	Nelson Traquina,	1
221	Néstor García Canclini	1
222	Nietzsche	1
223	Noë	1
224	Norbert Elias	1
225	Norbert Wiener	1
226	Norman Fairclough	1
227	Odete Maria de Oliveira,	1
228	Paul Ricoeur	1
229	Paulo Roberto Padilha	1
230	Pedro Karp Vasquez	1
231	Pellanda	1
232	Peter Burke,	1
233	Philip Lesly	1
234	Philippe Breton,	1
235	Philippe Julien	1
236	Pinker	1
237	Plauto	1
238	Popper	1
239	Puntel	1
240	Rancière,	1
241	Ricardo Seitenfus,	1
242	Ricupero	1
243	Robert Keohane,	1
244	Roberto da Silva	1
245	Rolando Marini	1
246	Romeu Sassaki	1
247	Rousseau	1
248	Rudolf Arnheim	1
249	Sampaio	1
250	Sassatelli Grant McCracken.	1
251	Schiller	1
252	Semprini,	1
253	Serge Proulx,	1
254	Severo Sarduy	1

RANKING	AUTORES	TOTAL DE CITAÇÕES
255	Shaviro	1
256	Sokal	1
257	Sonia Rodrigues	1
258	Sontag,	1
259	Sperber e Wilson	1
260	Stuar Hall	1
261	Stuart Clark	1
262	Susan Faludi	1
263	Thierry Groensteen	1
264	Travaglia	1
265	Trivinho	1
266	Turazzi	1
267	Türcke,	1
268	Urry	1
269	Verón	1
270	VILCHES	1
271	Virilio	1
272	Vladimir Propp	1
273	WaldissaRussio Guarnieri	1
274	Walter Lippmann	1
275	Walter Ong	1
276	Weber	1
277	Weitz	1
278	Wilson Gomes	1
279	Wolf	1
280	Wolton	1
281	Ynestra King	1
282	Yuri Lotman	1
283	Yves Winkin	1
284	Zimerman	1
285	Diana Barros	1

Tabela 15 - Análise quantitativa dos autores
Fonte: AUTORA

a.2) Teorias gerais presentes nas teses

Partindo da mesma base de consulta (Resumo e Introdução), voltamos nossa intenção de pesquisa para buscar nas teses informações sobre as teorias utilizadas pelo pesquisador para o desenvolvimento da pesquisa. Dos dados coletados, obtivemos as seguintes métricas quanto às teorias citadas: comunicação (17), imagem (8), cultura (5), análise do discurso (4), interatividade (4), meios de comunicação (4), teoria do discurso (4) e metáforo (4) foram as teorias com maior número de aparições nas teses. Os demais aportes teóricos presentes tiveram representação variável de três menções a uma. A pesquisa levantou o total de 236 pressupostos teóricos distintos. Desse total 12 teorias foram citadas três vezes; 23 pressupostos teóricos foram mencionados duas vezes, e 192 teorias foram citadas apenas uma vez, o que pode indicar generalidade teórica, presente nas pesquisas desenvolvidas no âmbito dos programas de pós-graduação em comunicação.

Figura 10 - Aspectos Qualitativos - Teorias mencionadas



Fonte: Pesquisa - AUTORA

Tabela 16 - Análise quantitativa das teorias presentes nos resumos e introduções das teses

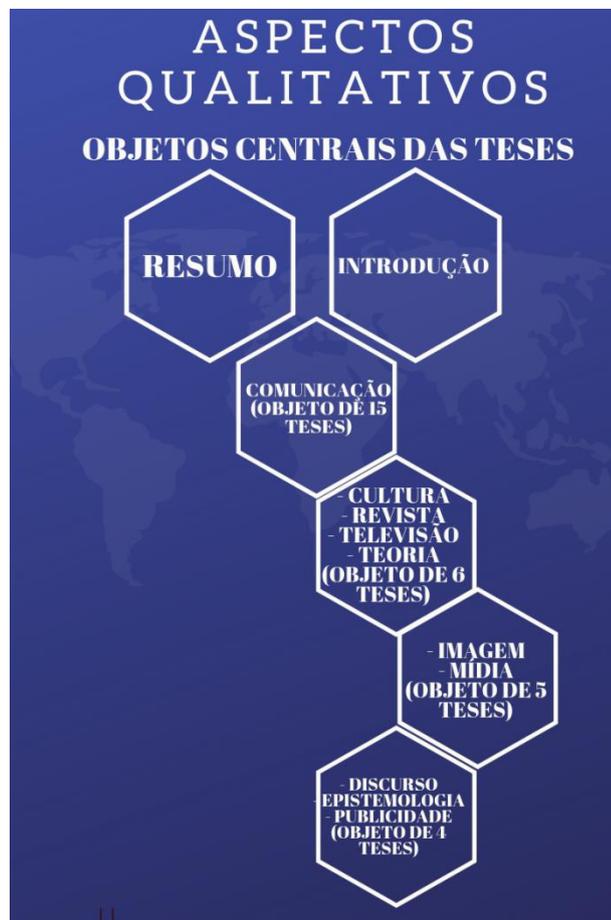
	TEORIAS PRESENTES NAS TESES	APARIÇÕES
1º	Comunicação	17
2º	Imagem	8
3º	Cultura	5
4º	Análise De Discurso	4
5º	Interatividade	4
6º	Meios De Comunicação	4
7º	Metáporo	4
8º	Teoria Do Discurso	4

Fonte: AUTORA

a.3) Objetos centrais presente nas teses

Outra verificação que nos propusemos realizar se relacionou aos objetos centrais das teses. Verificamos que em algumas pesquisas o objeto central não era único, o que nos conduziu para uma análise ampliada de no máximo três objetos centrais por tese. Dessa forma obtivemos como resultados, os seguintes dados: o termo comunicação foi objeto de análise de 19 teses; cultura, revista, televisão e teoria tiveram igual número de aparição em teses, sete representações; imagem e mídia apareceram em seis teses; e discurso, epistemologia e publicidade, em cinco.

Figura 11 - Aspectos Qualitativos - Objetos Centrais



Fonte: Pesquisa - AUTORA

Tabela 17 - Objetos centrais abordados pelas teses

	OBJETOS CENTRAIS	QUANTIDADE
1º	Comunicação	19
2º	Cultura	7
3º	Revista	7
4º	Televisão	7
5º	Teoria	7
6º	Imagem	6
7º	Mídia	6
8º	Discurso	5
9º	Epistemologia	5
10º	Publicidade	5

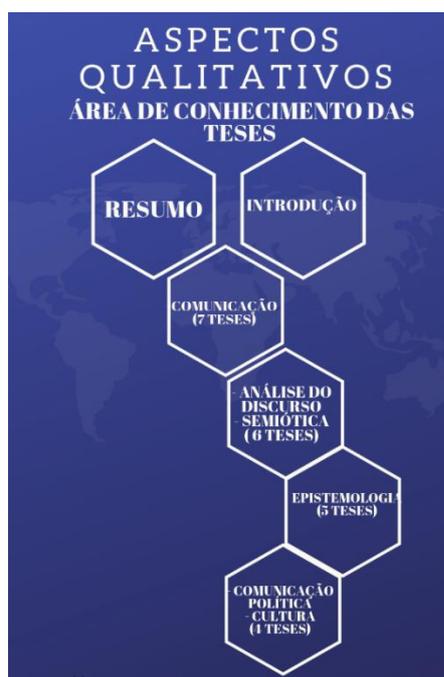
Fonte: AUTORA

a.4) Área de conhecimento central das teses

Ao analisar as teses, verificamos a necessidade de inseri-las em um enquadramento de área de conhecimento, no intuito de averiguar os propósitos desta pesquisa. Dessa forma, após leitura em profundidade do material foi possível evidenciar que embora estejam todas as teses sob o arcabouço de pesquisas produzidas em programas de pós-graduação em comunicação, e que por tal motivo buscam aproximação com a área, elas se descolam para um olhar mais específico em seus objetos de pesquisa, proporcionando, assim, uma diversidade de temas. Para enquadramento em uma determinada área, identificamos o objeto específico da tese, bem como os autores fundamentais para sua elaboração.

Após a aglomeração das teses em suas devidas áreas, reduzimos para o total de 34 eixos de conhecimento, dos quais podemos citar: as pesquisas que se debruçaram sobre aspectos específicos da comunicação apresentaram o quantitativo de sete teses, que a elegeram como tema central de pesquisa. Análise do discurso e semiótica foram foco de seis teses. Cinco pesquisas estavam concentradas em estudos da epistemologia. E quatro teses abordaram as temáticas comunicação política e cultura. Os demais eixos de pesquisa estão listados na tabela abaixo. É importante ressaltar que 19 teses abordaram temas que não foram alvo de pesquisa em nenhuma das demais.

Figura 12 - Aspectos Qualitativos - Área de Conhecimento



Fonte: Pesquisa - AUTORA

Tabela 18 - Área de conhecimento central das teses

	ÁREA CENTRAL	QUANTIDADE
1º	Comunicação	7
2º	Análise de discurso	6
3º	Semiótica	6
4º	Epistemologia	5
5º	Comunicação política	4
6º	Cultura	4
7º	Comunicação organizacional	3
8º	Filosofia	3
9º	Jornalismo	3
10º	Publicidade	3
11º	Sociologia	3
12º	Cibercultura	2
13º	Folkcomunicação	2
14º	Jogos	2
15º	Televisão	2
16º	Artes cênicas	1
17º	Audiovisual	1
18º	Cibernética	1
19º	Cinema	1
20º	Consumo	1
21º	Convergência	1
22º	Corpo	1
23º	Educação	1
24º	Estudos do imaginário	1
25º	Fotografia	1
26º	Fotojornalismo	1
27º	Gênero	1
28º	Hq	1
29º	Metodologia	1
30º	Mídia	1
31º	Midiatização	1
32º	Política	1
33º	Processos audiovisuais	1
34º	Religião	1

Fonte: AUTORA

a.5) Pesquisas voltadas para epistemologia da comunicação x teorias da comunicação

A análise qualitativa nos permitiu verificar a quantidade de pesquisas produzidas no âmbito específico da epistemologia e da(s) teoria(s) da comunicação, as quais consideramos termos-chave para nossa pesquisa. Do total de 74 teses analisadas qualitativamente, apenas sete teses debruçaram suas análises sobre os aspectos epistemológicos da comunicação, e cinco delas adotaram alguma perspectiva teórica da comunicação como tema central da pesquisa.

Figura 13 - Aspectos Qualitativos - Tema Central



Fonte: Pesquisa - AUTORA

Gráfico 11 - Epistemologia x Teorias da Comunicação



Fonte: AUTORA

Neste capítulo nossa proposta se ateu à análise quantitativa de uma série de dados que consideramos importantes para auxiliar na compreensão do nosso problema de pesquisa. Pelo método quantitativo visualizamos dados que nos permitiram avançar a pesquisa para análises em profundidade, que serão abordadas no capítulo que se segue.

CAPÍTULO 4 – APONTAMENTOS ANALÍTICOS GERAIS

No capítulo anterior nossa proposta se ateve à descrição quantitativa de dados extraídos das plataformas da Capes e da BDTD. Tais dados são considerados importantes porque nos auxiliam na compreensão do atravessamento que cerca as diversas questões conceituais, metodológicas e epistemológicas na delimitação do objeto de estudo da comunicação. Na tentativa, então, de contribuir para a constituição da comunicação enquanto área do conhecimento, tais dados serão analisados com intuito de compreender como os objetos teóricos são construídos nas teses em comunicação. De modo mais específico, neste capítulo nos propomos a realizar a “tradução” dos aspectos quantitativos e numéricos em realidades qualitativas e heurísticas, que nos ajudem a responder aos questionamentos propostos inicialmente nesta pesquisa.

4.1. Análise aberta de dados quantitativos

Das diversas amostragens obtidas com a exploração dos dados quantitativos, verificamos que, do universo de 720 teses produzidas de 2008 a 2018, apenas 17% debruçou suas análises sobre questões propriamente teóricas/epistemológicas, sendo esse um retrato quantitativo do baixo índice de produções com caráter teórico. É importante ressaltar que a expressão “Teoria da Comunicação”, de fato, pode não representar a totalidade de pesquisas voltadas para essa temática, uma vez que os pesquisadores podem (e devem) ter realacionado suas teses a outras nomenclaturas teóricas que não apenas aquelas explicitadas pela expressão mencionada. Entendemos, todavia, que a ressalva continua válida, pois demonstra uma certa dificuldade da área em atrelar sua produção teórica ao crivo *comunicação*. Em parte isso se explicaria como resultado do alto índice de heterogeneidade reflexiva do campo, que o caracteriza mais como grande receptor do que como emanador de teoria. Também cabe destacar como parte da não vinculação da produção teórica à alcunha *comunicação* o não reconhecimento das particularidades ontológicas exercidas pelo *comunicacional*, seja no fenômeno social, seja nos próprios conceitos elaborados. Tal como Quiroga (2013) influenciado por princípios epistemológicos de Bourdieu, acreditamos que o olhar mais profundo sobre as teorias é que vai determinar questões mais importantes quanto ao debate epistemológico da área, momento em que se estabelece a passagem da atual prática científica à condição de saber constituído, ou seja, a possível ruptura da condição de campo de estudos para a categoria de

disciplina na ordem do conhecimento. Dessa forma, a baixa produtividade de pesquisas atreladas a esse crivo pode se tornar um obstáculo a essa condição de saber. Na perspectiva associada à construção do objeto de estudo próprio da área, nos questionamos: o que haveria de comunicacional nessas apropriações teóricas? Em que medida essa apropriação dos conceitos é capaz de produzir o aparecimento desse objeto comunicacional? Quando analisamos as pesquisas apresentadas no capítulo 3, notamos que a terminologia “Teoria da Comunicação” está mais presente nas teses do que a expressão “Epistemologia da Comunicação”, embora seu uso seja comumente adotado sem que se estabeleçam vínculos específicos com os estudos próprios das teorias, ou seja, elas apenas são citadas como parte de uma fundamentação do objeto empírico da pesquisa, não sendo exatamente desdobradas nos estudos específicos das teses. Como exemplo, trouxemos fragmentos textuais de duas teses

Este trabalho aborda a ideia de que a publicidade atualizada na sociedade mediatizada tem as suas teorias fundamentais inseridas no conjunto maior das teorias da comunicação (PESQUISADOR 1, UFRJ, 2010).

Nessa tese especificamente, o objeto empírico da pesquisa foi a publicidade, porém, para compreensão do próprio objeto, o pesquisador adota recortes teóricos da comunicação que não aprofundam análises dessas mesmas teorias. Após realizados os apontamentos iniciais, a tese segue então com uma abordagem propriamente mercadológica que envolve aspectos da publicidade, buscando analisar o impacto das mídias digitais sobre o comportamento do consumidor da terceira idade. Ou seja, observamos, nessa tese, embora isso ocorra em diversos outros momentos, que, ao cadastrar a pesquisa na base de dados da Capes, por meio da escolha da expressão “teorias da comunicação”, o vínculo se dá apenas no modo formal, seja porque aproxima o trabalho ao conjunto geral de teorias, seja porque o insere numa linha de um programa de pós-graduação que carrega essa nomenclatura.

Outro caso, por exemplo, de tese inserida na plataforma da Capes com vínculo apenas genérico de pesquisa associada à “Teoria da Comunicação” é a que informa:

Nesta pesquisa investigamos como está ocorrendo o processo de hibridização da publicidade a partir do diálogo e das intersecções cada vez mais intensas entre três atores do ambiente mediático contemporâneo: o mercado publicitário, a indústria do entretenimento e as tecnologias interativas (PESQUISADORA 2, PUC-SP, 2010).

Assim como na citação do pesquisador 1, verificamos que a pesquisa não verticalizou as análises teóricas, apenas as adotou como aproximação de seus objetos. Os dois fragmentos

são apenas ilustrativos de que as teses se apropriam das teorias como forma de sustentação do objeto empírico, não sendo, propriamente um trabalho teórico-conceitual. Nesse sentido, a inserção da expressão “Teoria da Comunicação” ocorre sem que haja um critério específico de sua apropriação, e a própria denominação envolve olhares e usos diversos. Em outras palavras, o aspecto teórico parece ser adotado mais para composição do objeto empírico do que objeto de estudo. Já na temática “Epistemologia da Comunicação” observamos que as teses trazem um olhar mais específico à construção do conhecimento nessa área, porque se associam ao termo perseguindo questões mais estruturantes ao campo da comunicação, em que a teoria é o próprio elemento de reflexão. Tal como aponta Martino (2010, p. 174):

Entendo a epistemologia como algo inerente às ciências sociais (...). Ela representa a possibilidade de estabelecer um plano de afastamento crítico, que começa por distinguir o objeto empírico do objeto teórico e este da reflexão epistemológica, de modo que a própria teoria – enquanto processo e produto – se torna matéria de reflexão.

Trazemos a citação de Martino porque ela dialoga com a necessária distinção, já mencionada, entre formas de objeto, bem como com critérios de análise em que são as próprias teorias o objeto central dos trabalhos. Tais pressupostos nos parecem centrais ao debate epistemológico em comunicação. Em outras palavras, parece-nos que as teses cuja preocupação com os aspectos teóricos é mais enfatizada são aquelas que demarcam mais explicitamente um percurso da pesquisa epistemológico. Destacamos esse aspecto porque o debate epistemológico é bastante amplo e diversificado. Sendo talvez a própria demarcação dos critérios com os quais trabalhamos um de nossos principais desafios. De igual maneira, Quiroga (2013) ressalta que

a epistemologia é a atividade responsável, entre outras coisas, pelo desencadeamento de uma espécie de autoanálise coletiva que tem como principal objetivo promover as “condições de conceber novas formas de reflexão” (QUIROGA, 2013, p. 81).

É justamente essa autoanálise coletiva apontada pelo autor, associada a características teórico-reflexivas, aquela que creditamos possuir as condições de possibilidade de construção do objeto propriamente comunicacional. No que tange, todavia, às pesquisas levantadas, com base na expressão “Epistemologia da Comunicação”, encontramos na plataforma da Capes 16 teses produzidas entre 2008 e 2018, o que equivale a uma produção média de 1,6 tese por ano. Ou seja, se considerarmos a quantidade de instituições de ensino superior no país, com programas de pós-graduação em comunicação em nível de doutorado, podemos dizer que a produção expressa em bases formais de epistemologia parece ser muito radicalmente baixa se

dela unicamente dependêssemos para o avanço da área. Essa baixa produtividade pode estar atrelada à própria dificuldade em executar esses estudos, uma vez que assumem critérios fortemente enraizados tanto em questões e tensões teóricas quanto na jovialidade dessa área de conhecimento. Dentre os desafios epistemológicos, destaca Quiroga:

Podemos citar, por exemplo, a escassez e a dificuldade de realizar o próprio debate epistemológico no campo. Isso porque se, por um lado, vasta é a produção teórica que o caracteriza, por outro, dado o próprio caráter incipiente da área, não se pode dizer o mesmo quanto às reflexões em torno de sua epistemologia. (QUIROGA, 2013, p.84)

Dando sequência às análises obtidas pela pesquisa quantitativa, observamos nos dados relativos às teses produzidas por IES que elas estão concentradas em duas principais regiões, quais sejam, Centro-Oeste e Sudeste. Cabe ressaltar também que o maior volume de pesquisas para obtenção do grau de doutor é oriundo de instituições privadas, com o total de 69%, enquanto as IES públicas representam 31% da produção. Acreditamos que esses índices podem estar associados ao número de vagas disponibilizadas, ou seja, a quantidade de vagas nas IES públicas é inferior às ofertas das IES privadas, o que elevaria o número de pesquisas nestas instituições. Quanto à concentração de pesquisas nessas regiões e IES, ela pode ser explicada pela perspectiva histórica, ou seja, pelo fato de ter-se dado justamente nesse recorte geográfico o surgimento dos primeiros programas de doutorado do país, instaurados na década de 1980. Explica-se também, entretanto, pela perspectiva socioeconômica, uma vez que essas IES estão localizadas em regiões com altos índices de escolaridade e renda *per capita*, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o que de certa forma contribui para que haja um maior número de discentes inseridos em programas de pós-graduação no nível de doutorado e, conseqüentemente, maior número de pesquisas produzidas.

A Região Sudeste possui o maior número de estudantes matriculados em programas de pós-graduação. Nela, o percentual de estudantes matriculados em um curso é de 8,6%. Por isso ela se destaca, sendo a região brasileira que mais possui estudantes em um curso de especialização. Ela é, então, a campeã do *ranking* que apresenta a classificação da região do Brasil que possui mais estudantes. Já a Região Centro-Oeste é a quarta do *ranking*. (IBGE, 2019)

Há que considerar, portanto, que esses índices advêm da distribuição desigual de instituições de ensino superior, refletindo-se na quantidade de produção de teses. Outro ponto

muito forte desse processo de distinção percentual é o não investimento nas regiões que apresentam menor número de estudantes de curso superior. Em diálogo com o recorte histórico, aferimos também (vide a análise realizada no gráfico denominado Ano x Produção) que o volume de teses de cunho epistemológico foi maior entre 2008 e 2010, sendo essa produção decrescente à medida que novos programas de doutorado surgiam. Infere-se que tal informação repercute um certo paradoxo. Por um lado, esse volume remete a iniciativas de pesquisa mais fortemente fomentadas por ocasião da consolidação do fenômeno da comunicação como vetor central na sociedade; por outro, justamente em função dessa centralidade, ele seria rapidamente fagocitado pelo advento tecnológico em que a própria discussão sobre a especificidade dos campos sociais seria questionada com mais veemência. No decorrer dos últimos anos esse questionamento pode ser observado pela planificação discursiva promovida pelo paradigma da transparência (Han, 2014). Nesse contexto, tal como aponta Sodré (2014, p. 48), “o saber comunicacional tende a ser priorizado pelo mercado”, estando esse fato refletido nas pesquisas em comunicação.

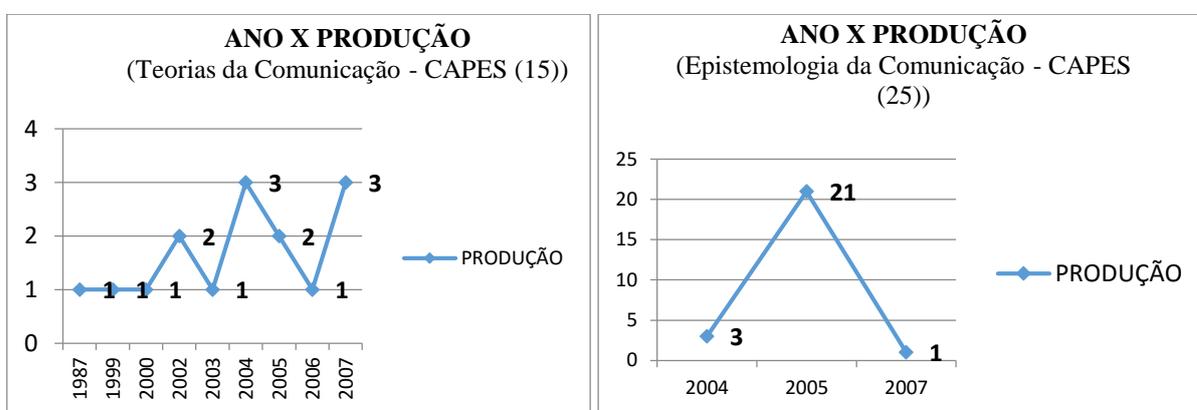
Com intuito de verificar as produções em uma perspectiva mais ampla, apenas para que pudéssemos observar alguns aspectos quantitativos gerais, nos propusemos a realizar uma busca das mesmas temáticas centrais adotadas nesta pesquisa (Teorias da Comunicação e Epistemologia da Comunicação) com foco em questões associadas ao volume e ao período de produção. Embora essa verificação não se aplique aos recortes de nossa pesquisa, julgamos imprescindível para que pudéssemos ter uma dimensão histórica mais bem contextualizada. Dessa forma poderíamos aferir se o volume de produções “teóricas” estava mais ancorado nas fases iniciais das pesquisas em comunicação por ser essa uma fase mais voltada para a construção do campo ou se de fato essas temáticas de certa forma não se incorporaram desde o início aos eixos temáticos de interesse por parte da academia.

A busca na plataforma da Capes pelas temáticas “Epistemologia da Comunicação” e “Teoria da Comunicação”, sem a aplicação de filtro com relação aos anos,¹² acusou os totais de 25 e 15 teses respectivamente, sendo a primeira datada de 1987, embora essas temáticas não expressem representatividade numérica significativa mesmo para uma área ainda em consolidação. Talvez, parte dessa dificuldade se justifique pela necessidade da própria área, em seus anos iniciais (mas não só), de construir suas próprias bases conceituais, específicas ao campo, e que deveriam passar pelas análises e produções de teorias, assim como pela

¹² Eliminamos os anos de 2008 a 2018 pelo fato de já estarem inseridos na pesquisa principal.

perspectiva epistemológica. Ou seja, no período de 20 anos, o universo de pesquisas voltadas para os estudos com base nas teorias da comunicação não ultrapassa duas teses por ano. Isso nos permite constatar que não temos uma representatividade numérica significativa mesmo em se tratando de uma área ainda em consolidação. Não consideramos aqui, naturalmente, que o quantitativo seja superior à qualidade do que se produz; estamos apenas evidenciando que somos uma área com poucas produções teóricas que se situam no espaço da constituição da comunicação enquanto área do saber.

Gráfico 12 - Epistemologia x Teorias da Comunicação (1987 a 2007)

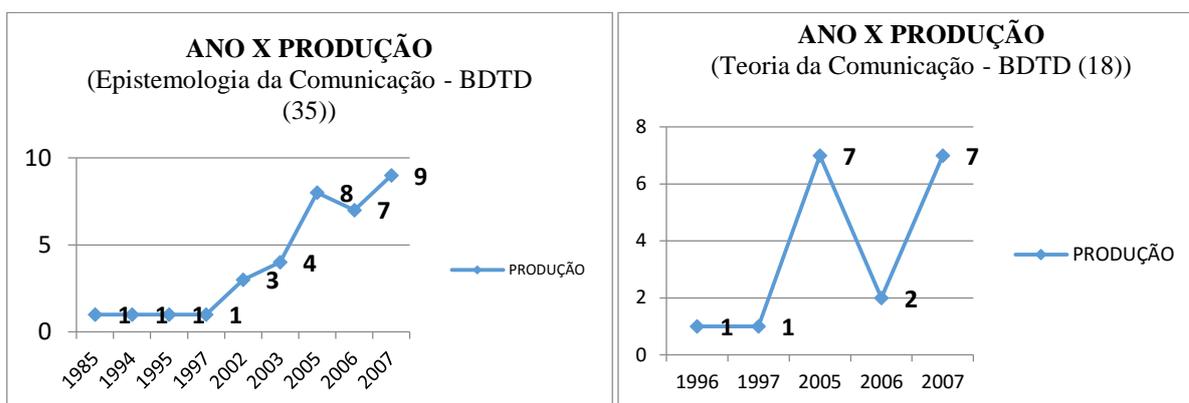


Fonte: AUTORA

Da mesma forma, realizamos pesquisa na plataforma da BDTD pelas temáticas “Epistemologia da Comunicação” e “Teoria da Comunicação”, sem a aplicação de filtro com relação aos anos.¹³ Nessa, obtivemos os totais de 35 e 18 teses respectivamente, sendo a primeira datada de 1985, ensejando o início das produções de doutorado.

¹³ Eliminamos os anos de 2008 a 2018 pelo fato de já estarem inseridos na pesquisa principal.

Gráfico 13 - Epistemologia x Teorias da Comunicação (1985 a 2007)



Fonte: AUTORA

Realizamos outra pesquisa adjacente na plataforma da Capes¹⁴ adotando como termo de busca a palavra “comunicação”, novamente sem a aplicação de filtros pertencentes de 2008 a 2018. É importante ressaltar que aqui estamos adotando a palavra como termo descritor contemplado dentro das pesquisas produzidas na área de comunicação, ou seja, essa busca é por pesquisas que tenham adotado a comunicação como tema central da pesquisa. Nossa intenção é não somente possuir uma visão holística do quantitativo das pesquisas produzidas na área. Seguimos as mesmas estruturas de filtros, porém sem a inserção de períodos. Obtivemos o total de 3.659 teses cadastradas no portal da Capes. Se analisarmos quantitativamente os resultados obtidos, teremos a média¹⁵ de aproximadamente 108 teses produzidas por ano. A primeira tese a utilizar a palavra comunicação como tema central foi produzida em 1987, e o ano com maior produção foi 2016, com 242 pesquisas. Oposto a isso, o ano com menor produção foi 1987, com o total de sete teses. Ainda que nosso foco esteja associado aos anos de 2008 a 2018, essa busca retroativa se fez necessária para que pudéssemos ter um retrato comparativo e panorâmico das produções, sem filtro por períodos, pois só assim nossa visão seria ampliada.

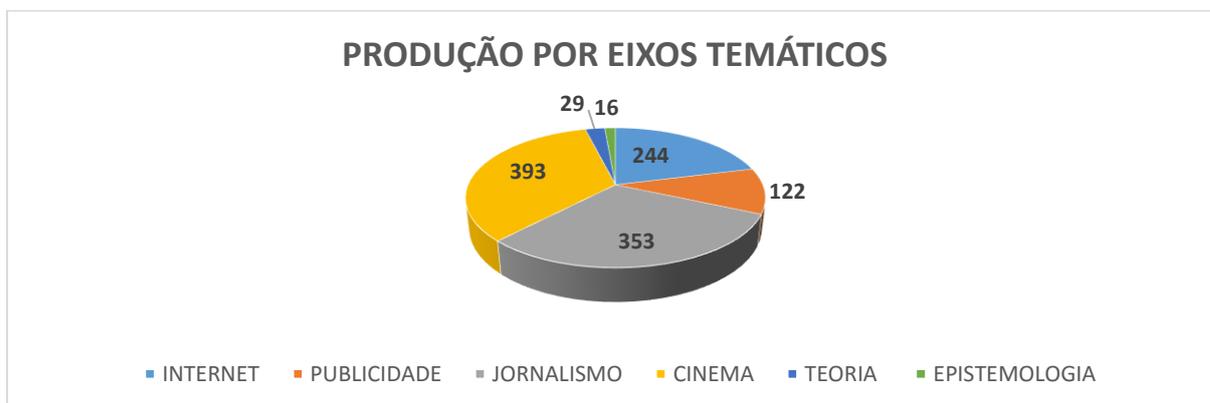
Ainda em busca desse panorama maior, ou seja, na busca de dados retroativos a 2008, realizamos três pesquisas também na plataforma da Capes. Selecionamos como descritores termos quaisquer que fossem relativos ao universo da comunicação: Internet, Jornalismo, Publicidade, Cinema. Para internet, obtivemos 244 teses, no período de 2008 a 2018. Nos inquieta o fato de que a internet só surge com afinco por volta de 1990, ou seja, é um dos mais

¹⁴ Por ser responsável pela avaliação dos programas de pós-graduação no Brasil.

¹⁵ Utilizamos para cálculo da média os anos de 1985 a 2019.

recentes “produtos” da comunicação, porém com números superiores aos das pesquisas realizadas com bases teóricas e epistemológicas. Da mesma forma realizamos pesquisas simples para as temáticas jornalismo, publicidade e cinema, e os resultados foram 353, 122, 393 teses, respectivamente, corroborando ainda mais com nossas inquietações quanto ao real desejo de elevar a comunicação ao patamar de disciplina. Somos conscientes de que esses eixos temáticos nada mais são do que uma redução do que se pesquisa em comunicação, porém nos abrem indagações quanto aos aspectos teóricos que circundam a produção dessas teses. Assim, nas demais áreas de conhecimento, talvez pudéssemos considerar que ou a comunicação é observada sem ser problematizada, ou então é problematizada em função dos interesses específicos das áreas de estudo que a compõem. A questão aqui é a de como desentranhar o objeto “comunicação”, como lhe dar identidade, não o confundindo com os papéis específicos atribuídos pelas demais disciplinas particulares, uma vez que suas próprias bases teóricas aparecem de certa forma difusas e dispersas.

Gráfico 14 - Panorama por eixo temático (2008 a 2018)



Fonte: AUTORA

Relativo aos dados obtidos no tópico 3.4.1. – Aspectos Quantitativos, verificamos que há mais presença de orientadores para o descritor “Teoria da Comunicação” (18)¹⁶ do que orientadores em “Epistemologia” (5). De igual maneira, existem mais teses produzidas sob a tutela de “Teoria da Comunicação” do que em “Epistemologia, tal como aponta a figura abaixo.

¹⁶ Quantidade de orientadores.

Figura 14 - Aspectos comparativos – Epistemologia e Tecom



Fonte: Pesquisa – AUTORA

Seria a epistemologia mais criteriosa do que os estudos teóricos da comunicação? Seriam generalistas os estudos em teorias da comunicação? Talvez se possa dizer que o estágio de reflexão sobre as questões envolvidas nas teses não chegue no ponto em que a relevância e a profundidade das descobertas dependa de um enfoque exclusivo ou preponderantemente teórico. Assim, muitas descobertas e elaborações conceituais fundamentais para o campo seriam apenas decorrentes de ampla gama de perspectivas elaboradas com enfoque outro. Talvez esse enfoque outro se torne importante para esta pesquisa, pois aponta para o fato de que existe uma produção de sentido que permeia o discurso da eficácia, não se atrelando às bases conceituais, pois se trata de um discurso produzido e financiado pelo próprio sistema econômico, mas aparentemente incapaz de romper o empírico em face do científico

4.2. Leitura e contingência de dados qualitativos

Neste tópico de nossas análises, nos debruçamos nos dados qualitativos obtidos na pesquisa. Cabe ressaltar que esses dados advêm de leitura em profundidade do resumo e da introdução das teses analisadas. Para melhor compreensão de alguns pontos analisados, realizamos exposições textuais de trechos das teses, uma vez que a autorização de uso para exposição de dados em tais plataformas de acesso público passa a ser automática. Embora sendo permitida a divulgação de nomes, optamos pelo uso de codinomes para que não incorrêssemos em possíveis associações. Nossas análises, ainda que tenham se dado de maneira

individualizada, serão aqui expostas em termos gerais, sem prejuízo para o desenvolvimento de nossa pesquisa.

Conforme descrito no capítulo anterior, a obtenção de dados apontou 285 nomes de teóricos/pesquisadores que de alguma forma contribuíram para o desenvolvimento das teses. Nos apropriamos da expressão “de alguma forma”, uma vez que os recortes teóricos não foram necessariamente a(s) teoria(s) central(is) das teses, ou seja, em algumas momentos esses teóricos foram utilizados apenas para contextualizar algum elemento descritivo da pesquisa, não sendo portanto uma teoria discutida ou analisada em profundidade. Dos teóricos citados, tal como apontado no tópico 3.4.2., Habermas (9), Marcondes Filho (7), Flusser (6), Baudrillard (5), Foucault (5), Sodré (5), Levy (5), Bergson (4), Bourdieu (4), Morin (4), Deleuze (4), Castells (4) e Zizek (4) foram os autores mais mencionados. Parte desses teóricos foi citada por L. M. S. Martino (2014) em sua pesquisa intitulada *Trilhas da investigação epistemológica*, ao analisar o que vem sendo produzido no GT de Epistemologia da Comunicação da Compós entre 2001 e 2013. De acordo com Martino,

Há, assim, autores vinculados à Filosofia (Habermas, Adorno, Foucault, Deleuze, Latour, Peirce, Baudrillard, Debord), à Sociologia (Adorno, Bourdieu, Bauman, Goffman, Giddens, Luhmann), à Semiótica (Peirce, Lotman, Santaella, Greimas), à Psicologia e Psicanálise (Bateson, Magno), aos Estudos Culturais (Hall, Thompson, Williams) e à Teoria da Mídia (Flusser, McLuhan). Alguns questionamentos podem ser levantados a partir desse indicador. Na medida em que uma parcela considerável das referências utilizadas para a interlocução epistemológica da Comunicação é oriunda de outras áreas, em que medida se está trabalhando com um objeto propriamente comunicacional? (MARTINO, 2014, p. 164)

Por que tamanha variedade de arcabouço teórico? Seriam, de fato, esses os autores principais que constituem a área? Martino, assim como os dados obtidos em nossa pesquisa, parece ser assertivo quando menciona a variedade de perspectivas teóricas vinculadas à teoria da comunicação. Segundo seu ponto de vista, essa variedade, além de estar refletida em nossas pesquisas, pode ser observada da seguinte maneira, em trecho extraído em uma das teses analisadas:

O referencial teórico está apoiado em conceitos desenvolvidos por Vladimir Propp (2002) e por Mikhail Bakhtin (2002), através da estrutura dialogante da cultura e da carnavalização; pela semiótica greimasiana (enunciador e enunciatário com suas específicas estratégias de enunciação); por Ferrara (2008), por meio da teoria da espacialidade; por Baudrillard (1991), através da visualidade, da simulação e do simulacro da imagem; por Stuart Hall (2006) e Manuel Castells (2002), com as questões relacionadas à identidade moderna

e pós-moderna, além da leitura da realidade nacional, desenvolvida por Alfredo Bosi (2006), Sérgio Buarque de Holanda (2006), Gilberto Freire (2005), Antonio Candido (1974), Octávio Ianni (1994), José Murilo de Carvalho (1990), entre outros (PESQUISADOR 4, PUC-SP, 2008).

Em nosso caso, além da diversidade de autores, verificamos também a diversidade de áreas às quais esses teóricos estão filiados. No caso da comunicação, elas se desdobram em subáreas e passam a responder pelo aparecimento das teorias nas teses. Assim, temos: comunicação (17), imagem (8), cultura (5), análise do discurso (4), interatividade (4), meios de comunicação (4), teoria do discurso (4) e metáforo (4) como sendo as teorias com maior número de inclusões nas teses. Os demais aportes teóricos presentes tiveram representações variáveis de 3 a 1, conforme descrito no capítulo anterior. A pesquisa levantou o total de 236 pressupostos teóricos distintos.

Em outros termos, esta pesquisa procura analisar e interpretar o caráter ontológico dos vínculos interativos que se manifestam através do tempo real e do espaço autorreferente e que, conseqüentemente, vão conferir especificidade à ação comunicativa (PESQUISADORA 5, PUC-SP, 2010).

A tese discute também o conceito de meio de comunicação e de atualidade mediática, sugerindo sua apropriação e aprofundamento pela área de comunicação no contexto da cibercultura mundial, como possíveis chaves para compreensão dos fenômenos comunicacionais decorrentes da comunicação digital em rede (PESQUISADOR 6, UNB, 2011).

A partir dessa perspectiva numérica, nos questionamos: Seria esse vasto repertório de teóricos e teorias o reflexo de uma generalidade, dotada de dispersão analítica? Posto que não há delimitação dos saberes agrupados sob o nome de comunicação, como estabelecer então o que é ou não comunicacional? Compartilhamos da perspectiva de Gomes (2003) ao apontar para o fato de que a indefinição teórica da área, não parece ter se transformado em “interdisciplinaridade”, exceto em discursos de legitimação da área pautados nessa premissa; o conhecimento da área não parece efetivamente trabalhar quaisquer transversalidades epistemológicas exceto com algumas exceções; parece que se trata, de fato, mais de justaposições a partir de pontos específicos. De acordo com L.C. Martino (2012), é questionável se a área é “interdisciplinar” por acolher aportes de diversas áreas, saberes e conhecimentos que não necessariamente dialogam na operacionalização conjunta de conceitos. Isso pode levar a outros questionamentos: diante dessa pluralidade, o que efetivamente poderia ser entendido como “pesquisa em comunicação”? A partir de quais critérios se pode estabelecer uma tese como sendo “de comunicação”? Como definir o que é, de fato, um projeto de comunicação se,

efetivamente, a própria definição de comunicação não é objeto de consenso? Acreditamos que o problema da indefinição teórica apresenta-se com mais intensidade no momento em que é preciso encontrar critérios para compreender a associação a uma dada teoria em prol da defesa do objeto de pesquisa das teses. Tal como Santaella (2003), essa é a mesma dificuldade encontrada, até mesmo para orientar um pesquisador nos rumos de seu trabalho ou mesmo para definir, de antemão, se um projeto está de acordo com a área de comunicação ou se seria mais bem encaminhado a outra área de pesquisa.

Outra indagação possível é: Será que precisamos de grandes teorias que dão fundamentação e direcionamento à pesquisa? Acreditamos que isso é efetivamente verdade para conhecimentos em estado de ciência “normal” – um corpo relativamente estabilizado de conhecimentos, teorias e métodos que permite manter um compasso de descobertas e de avanço do conhecimento dentro de seus padrões (Kuhn, 2011). O conhecimento comunicacional, contudo, não se organiza ainda como ciência normal e também não possui teorias fundadoras do campo. Somos conscientes de que o texto de uma tese segue os padrões dos trabalhos científicos, variando sua estrutura de acordo com o método escolhido e modalidade de trabalho, e que, portanto, assim como uma dissertação ou trabalho de conclusão de curso, uma tese precisa ter embasamento científico e acadêmico – motivo pelo qual se justifica a tendência de se considerar de suma importância o resgate de teorias que já foram publicadas a respeito de seu objeto de estudo. Esse resgate, porém, para responder ao problema do objeto, nos parece ter que se situar sobremaneira nas bases de origem da pesquisa, pois só dessa forma pode haver menor distanciamento entre o objeto de pesquisa e as teorias da área.

Não estamos afirmando que o pertencimento a outras áreas não gere algum tipo de subjetividade nas pesquisas em comunicação, estamos tão somente atentando para o fato de que a comunicação estabelece diálogos acentuados com outras áreas de estudos e que talvez as próprias bases dos estudos em comunicação estejam ausentes de análises, o que de certa forma implicaria uma perspectiva deficitária de fortalecimento do campo. Como exemplo, podemos citar o predomínio de pesquisas que privilegiam a análise do social, do estético, do político mencionando o mediático, mas com pouca referência ao “comunicacional”. Acreditamos que o diálogo entre saberes plurais não se opõe, decerto, ao método e à lógica, mas abrem consideravelmente os horizontes interpretativos que, quando não conduzidos com rigor pode favorecer o surgimento da dispersão da pesquisa.

Ao se mencionar a necessidade de estudos próprios da área, confluímos com os pensamentos de Sodré (2006, p. 13), ao sugerir que seja feita “Uma outra posição interpretativa para o campo da comunicação”, uma posição que compreenda que o agir comunicacional exige

ser liberado “das concepções que o limitam ao nível de interação entre forças puramente mecânicas”. De fato, a defesa dessa postura interpretativa do campo deve extrair sua força de uma crítica enérgica, relativa a uma certa tradição dos estudos científicos próprios à comunicação. Ainda segundo o mesmo autor, é preciso que haja no contexto de uma epistemologia compreensiva, um olhar intelectualmente distante da ditadura a que o conceito e a explicação costumam nos conduzir. Embora Sodré esteja se referindo à questão do afeto, atrelamos esse posicionamento de pesquisa às bases da epistemologia, em que, segundo Ferrara (2008, p.13), compreensivamente a epistemologia da comunicação necessita de “outros desenhos teóricos na revisão de suas bases tradicionais e outros recursos metodológicos na observação de seus objetos”.

Retomando os dados extraídos de nossa pesquisa, e dada uma possível dispersão teórica representada pelo numerário de teorias e teóricos presente nas teses, é possível indagar até que ponto a comunicação é elástica o suficiente para agregar esse alto número de saberes. Quando, no âmbito dos cursos de pós-graduação, busca-se pensar de maneira mais elaborada a definição de fronteiras da área para caracterizar a aderência de um determinado objeto de pesquisa ou linha teórica à área de comunicação, o desafio de encontrar esses limites torna-se ainda mais eminente. Melo (2002, p. 6) destaca que vivemos “uma conjuntura de dispersão investigativa, consequência do crescimento impetuoso da última década” e destaca “a fragmentação dos objetos de estudo” que conduz “ao isolamento analítico”. Seria essa fragmentação uma afirmação da dispersão? Nesse cenário, as pesquisas em comunicação formam aglomerados fechados ao redor de temáticas, autores, conceitos e tecnologias dispersos em um leque de possibilidades que, de certa maneira, tende não a tangenciar, mas eventualmente a se sobrepor a outras linhagens dentro do conhecimento das ciências sociais e humanas, quando não se dispersam por todo ele. Tal como aponta Martino,

O cenário teórico da Área de Comunicação, em sua diversidade que se aproxima da dispersão, parece enfrentar como primeiro desafio levar em conta as ambivalências de seu operador epistemológico central. Compreender as variedades de apreensão do comunicacional nas Teorias da Comunicação pode auxiliar a compreensão dos conceitos em circulação na área, em suas transversalidades, condições e contradições. (MARTINO, 2016, p.8)

Não são apenas as teses, entretanto, que apresentam essa diversidade de teóricos e teorias. Essa dispersão também se torna bastante evidente se tomarmos os livros de teorias da comunicação para análise, como pesquisas anteriores têm buscado mostrar (CRAIG, 1999; MARTINO, 2006). Craig chama de “ecletismo estéril” o hábito que os pesquisadores da área

têm de importar diferentes teorias que tratem de comunicação, independentemente da disciplina da qual provenham, enquanto pouco contribuem com teorias próprias originais: “*Theories check in, but they never check out.*” (CRAIG, 1999, p. 122). Segundo L.C. Martino,

a consolidação da comunicação como área de conhecimento trouxe a necessidade de se posicionar sobre a extensão do campo de estudos. Para a posição que chamamos de cética, a diversidade representa um fator francamente negativo; a dispersão teórica é um sério obstáculo à pretensão de dar um estatuto científico ao saber comunicacional. (MARTINO, 2008, p.5)

Evidentemente não estamos tratando de uma diversidade estrutural inerente a todo e qualquer campo teórico, mas de uma diversidade que diz respeito à dificuldade de sistematização das teorias da comunicação. Não é, pois, a questão da quantidade em si mesma, mas da integração das teorias a uma área de conhecimento. Assim, compreendemos que talvez as diversas perspectivas teóricas recortadas e apropriadas nas teses analisadas possam de certa forma desconsiderar o preceito de centralidade no fenômeno comunicacional, e é essa dispersão teórica que destacamos aqui. Por isso, defendemos que um apanhado de teorias oriundas de diferentes domínios de saber não pode significar a mesma coisa que uma disciplina específica, dado que somente na especificidade é que as teorias podem ser sistematicamente reunidas, confrontadas e harmonizadas. Ainda de acordo com Martino,

uma teoria somente pode ser considerada teoria da comunicação se respeitar o preceito da centralidade do fenômeno comunicacional. Isto significa dizer que a realidade humana deve ser explicada (entendida, descrita) tomando-se a comunicação como fator privilegiado. Assim, se o economista explica através da centralidade dos fenômenos econômicos (mercado); se o sociólogo o faz através dos fenômenos sociais (evolução, estrutura, organização social...)... o comunicólogo deve explicar a realidade humana a partir dos fenômenos comunicacionais. Tenhamos em conta que se trata da hipótese fundamental, uma tomada de posição que caracteriza a disciplina enquanto tal, já que é sob esta perspectiva que serão lidos e interpretados os fenômenos humanos. Daí seu nome comunicacional, pois toma a comunicação não necessariamente como causa, mas como fator central para a compreensão desses fenômenos. É este engajamento – perspectivado, hipotético – que caracteriza uma teoria como pertinente a uma disciplina. (MARTINO, 2008, p.6)

Outra verificação apontada no capítulo 3 refere-se aos objetos centrais das teses. O termo comunicação foi objeto de análise de 19 teses; cultura, revista, televisão e teoria, de sete; imagem e mídia apareceram em seis teses; e discurso, epistemologia e publicidade, em cinco. Não listamos aqui todos os conceitos encontrados como objetos centrais, mas apenas aqueles

que apareceram em pelo menos cinco teses, ainda que com enfoques distintos; incluídos em pelo menos cinco pesquisas, nos permitem considera-los objeto com probabilidade de estudos mais concentrados, enquanto os objetos que aparecem analisados de maneira pouco repetitiva nas pesquisas, nos remetem a uma provável dispersão, que embora seja alvo de nossa pesquisa, não comporta uma explanação textual por seu aspecto de extensão descritiva. De igual maneira, extraímos de nossa pesquisa 34 eixos ou áreas de concentração das pesquisas, que foram definidas após a aglomeração das teses em suas devidas categorias/áreas. Sete teses se debruçaram sobre aspectos específicos da comunicação, eleita tema central¹⁷ de análise. Análise do discurso e semiótica foram foco de seis teses. Cinco pesquisas concentraram-se em estudos voltados para a epistemologia. E quatro teses abordaram as temáticas comunicação política e cultura. Os demais eixos de pesquisa estão listados na tabela exposta no capítulo 3. É importante ressaltar que 19 teses abordaram temas que não foram alvo de pesquisa em nenhuma outra tese. Seguem alguns exemplos:

Essa tese de doutorado procura entender de que maneira as espacialidades são construídas no cinema e na televisão. Com base nessa problemática principal, outras questões relacionadas são investigadas, tais como: as relações existentes entre as construtibilidades do espaço e a montagem audiovisual; o modo como espacialidades fílmicas dialogam com as televisuais e os vínculos comunicativos estabelecidos entre as espacialidades investigadas e o espectador (PESQUISADOR 7, PUC-SP, 2008).

Este estudo epistemológico mapeia a produção científica da área de comunicação brasileira publicada entre os anos de 2000 e 2010 sobre a Internet (PESQUISADORA 8, UNB, 2011).

De acordo com esses dados e citações, podemos considerar que uma das principais críticas que podem ser feitas ao pensamento possivelmente disperso das pesquisas em comunicação é que, em vez de proporcionar aprofundamento e mais ampla compreensão, acaba gerando superficialidade. As próprias teses podem incorrer em contradição por não possuir aparentemente condições para aprofundar certos aspectos das análises que propõem, característica de um conhecimento não especializado. Assim, esses estudos tendem a apresentar certa incompreensão teórica, deixando sempre aspectos pouco explorados, justamente os que escapam à formação do objeto ou constituição da área.

Lack of scientific depth follows all too easily from an eclectic and multidisciplinary approach. Both are important as such for a healthy

¹⁷ Adotamos a expressão “Tema Central” para definição do objeto específico de pesquisa das teses.

evolution of a discipline, but in a rapid development they may become too dominant and offset the foundations of the body of knowledge (NORDENSTRENG, 2007, p. 219).¹⁸

Entre nossos entendimentos finais está a ideia de que a questão da diversidade tem sido intensamente discutida na área não apenas porque pode ser considerada uma das mais importantes para a comunicação, mas porque seria decisiva para definir a natureza e a especificidade do saber comunicacional. A constatação da grande variedade de objetos na área de comunicação é um dos argumentos mais frequentemente empregados para justificar a diversidade, ou o termo correto seria *dispersão*? Os partidários dessa conduta se questionam como definir uma disciplina capaz de englobar tantas abordagens diferentes. Recusar parte dessa variedade seria então abrir mão da riqueza do saber comunicacional? Cremos que não, porém não vislumbramos como melhor alternativa manter a área tão indefinida quanto for necessário para tão somente abarcar, tudo o que tem sido pesquisado sob a tutela de “comunicação”. Acreditamos que não há nada mais contrário à própria ciência do que a ausência de discussão, pois é no âmbito dessa discussão que deixamos para trás a diversidade como uma constatação e passamos a nos perguntar o que ela representa, qual é seu significado e quais são suas consequências. É a compreensão dessa problemática que irá influenciar diretamente nossa maneira de representar o campo comunicacional. Não se trata de discutir objetos de estudo particulares a cada corrente teórica, mas, justamente, de tentar entender o porquê da dispersão de abordagens apontando as relações entre elas. Segundo Martino,

a dispersão não é infinita, pois a produção teórica acaba se consolidando em certos territórios, mais exatamente, em subáreas da comunicação, em parte demarcadas pelas atividades profissionais (jornalismo, publicidade...), em parte demarcadas pela interface com outras disciplinas (linguística, sociologia, psicologia, ciências políticas...) ou por grandes temas de interesse social (saúde, organizações...), como também por elementos propriamente teóricos, como a escala do fenômeno (massa, grupo, individual...). Todos estes fatores estão refletidos nos livros de teorias da comunicação, que muitas vezes reagem a esta dispersão na base de uma negociação, com concessões e tentativas de sínteses. Mas no afã de uma visão abrangente, misturam planos de análises muito distintos. (MARTINO, 2008, p. 4),

De fato, parte da dificuldade de construir a área a partir da especificidade de um objeto próprio se explica pela dispersão teórica e suas consequências negativas para o campo. Por isso,

¹⁸ A falta de profundidade científica segue muito facilmente a partir de uma abordagem eclética e multidisciplinar. Ambos são importantes como tal para uma evolução saudável de uma disciplina, mas em um desenvolvimento rápido eles podem se tornar dominantes demais e compensar as fundações do corpo do conhecimento (tradução da autora).

o debate sobre a diversidade de objetos e de teorias não deve ser sinônimo de ausência de reflexão epistemológica, pouca fundamentação e fragilidade das definições. Ele se torna, então, um importante desafio da área, ou seja, o de compreender que os objetos e as próprias teorias têm um importante papel a desempenhar na constituição do campo e que esse caráter disperso das pesquisas só terá maior aprofundamento e compreensão se for um tipo de trabalho sistematizado na direção da constituição do campo. Não estamos dizendo que devemos esperar encontrar uma coerência absoluta, uma homogeneidade ideal dos objetos. Ao contrário, o que importa é gerar as condições que tornam possível a confrontação das teorias, o trabalho da diferença, garantindo assim um plano de sustentação para que o conflito de teorias possa ocorrer e ser aproveitado como fonte de conhecimento, como se dá em qualquer disciplina científica. Acreditamos que o processo de busca pelo conhecimento perpasse as bases de uma epistemologia histórica, uma vez que ela adquire formas de seu tempo, e que pode nos orientar quanto ao desvelamento de seu objeto de estudo. De igual maneira, tal como Quiroga (2013) e Bourdieu (2004), consideramos que a conquista do objeto de uma área de conhecimento passe pela produção teórica, ou seja, acreditamos que o olhar sistematizado sobre as teorias é aquele que parece contribuir de modo mais significativo para o debate epistemológico da área. É ela, em suma, que detém as possibilidades de uma eventual passagem da condição de prática científica à de saber constituído. Com base nessas premissas realizamos uma busca qualitativa de teses cujo conteúdo estivesse associado aos estudos de epistemologia e teoria da comunicação. Em síntese, nessa etapa da pesquisa, não consideramos teses que estivessem apenas se apropriando sumariamente dessas perspectivas teóricas, mas antes aquelas que buscassem a compreensão dos aspectos inerentes àquelas perspectivas de estudo. Sendo assim, destacamos que do total de 74 teses obtidas dos bancos de dados Capes e BDTD, sete adotaram alguma perspectiva da epistemologia como objeto de estudo, e apenas cinco adotaram alguma teoria como objeto exclusivo de trabalho. Ou seja, menos de uma tese por ano se dedica efetivamente aos estudos que aqui elencamos como possíveis contribuintes ao fortalecimento do campo da comunicação.

Figura 15 - Pesquisas com Tema Central (Epistemologia e Teorias da Comunicação)



Fonte: Pesquisa – AUTORA

Embora nossa pesquisa tenha adotado os descritores “Epistemologia da Comunicação” e “Teorias da Comunicação”, encontrando o total de 74 teses para análises qualitativas, apenas sete e cinco delas, respectivamente, de fato comungam de apropriações específicas dessas temáticas. Talvez possamos mais uma vez nos indagar se tais pesquisas adotam suas bases teóricas/epistemológicas apenas para justificação e embasamento do objeto “empírico” da pesquisa ou se, em face da indefinição de teorias próprias à comunicação, tais estudos não se reconhecem em pressupostos da área. Questões como essa parecem povoar constantemente o debate epistemológico em geral. A rigor, estudar epistemologia é enfrentar os problemas de fundamentação teórica e de constituição do objeto, não se furtando aos diálogos necessários tanto com a história da ciência e da filosofia quanto com os modelos explicativos pertinentes ao próprio campo comunicacional. De acordo com Craig (1999), o fato de a área acadêmica de comunicação carecer de paradigma e ter enorme diversidade de teorias a respeito do que seja comunicação significa que ela ainda enfrenta enormes desafios quanto ao seu objeto de conhecimento. Assim sendo, prega que conviria, primeiro, examinar e discutir as teorias nela presentes para, após chegar a eventual conclusão, decidir, em sendo possível, o que é comunicação com base em um ponto de vista mais bem sustentado pelo viés epistemológico (CRAIG, 1999). Ou seja, a epistemologia da comunicação deve ser, antes de tudo, um discurso

a respeito das teorias existentes sobre a comunicação, gerando, dessa forma, uma perspectiva de análise verticalizada quanto a uma determinada teoria ou perspectiva teórica e não permitindo a apresentação de análise multifacetada de uma diversidade desconexa de proposições teóricas. Assim, frente à ameaça de dispersão teórica e tão somente pela existência de “reflexões verticalizadas”, poderíamos fazer convergir nossos esforços de pesquisa aos de outros pesquisadores da área. Nessas perspectivas se colocam as questões sobre o objeto, sobre as condições de conhecimento, sobre as relações dos dados com as teorias, entre outras. De qual objeto, porém, estamos falando? O empírico ou o científico?

4.3. Sobre o objeto de estudo da comunicação

O *status* científico da comunicação não forma consenso na comunidade científica. Apesar de diversas teorias fortemente estruturadas sobre a comunicação, todas são igualmente questionadas por não apresentar um objeto de estudo específico e, portanto, não se estabelecer como um campo de conhecimento próprio. Mas será que de fato é necessário um objeto para o reconhecimento científico de um “saber comunicacional”? Vera França (2010, p. 42) identifica uma série de tensões no espaço acadêmico da comunicação – “na articulação de teorias; na relação entre teoria e prática; na diferenciação, pluralidade e movimentos de seus objetos”. A autora também destaca a fragmentação do conjunto de teorias da comunicação, que busca dar conta de um universo vasto de práticas a partir de aportes bastante heterogêneos. Somando todas essas dificuldades epistemológicas e metodológicas, a autora conclui que “o campo da comunicação ainda não constituiu com clareza seu objeto, nem sua metodologia” (FRANÇA, 2010, p. 42) e, na impossibilidade de qualificar a área enquanto domínio científico, prefere a semântica de um espaço interdisciplinar. Ou seja, França (2010, p. 39) acredita que “um campo científico (...) uma ciência, uma disciplina ou um determinado domínio do saber se define antes de tudo pelo seu objeto”. De acordo com a pesquisadora, de fato, o campo da comunicação pode ser entendido como algo em construção, necessitando de um aprimoramento de padrões que delimitem a sua especificidade por meio da defesa de uma problemática comunicacional consubstanciada em seu objeto. A dificuldade dessa busca está ancorada, em boa medida, na tendência genérica das pesquisas em comunicação no Brasil de considerar o campo comunicacional um emaranhado de relações sociais composto de sujeitos interlocutores que exercem trocas simbólicas entre si, tecendo sentidos. A natureza interdisciplinar do saber comunicacional, fundada no cruzamento dessas diferentes contribuições, é indiscutível como

estruturante dos estudos em comunicação. Nos estudos epistemológicos da comunicação desenvolvidos no Brasil, o objeto comunicacional ora aparece orientado para os estudos de mídia, ora vislumbrando todo e qualquer tipo de compartilhamento de sentidos. Fato é que o apelo interdisciplinar que moveu os estudos da comunicação no passado não consegue mais dar conta dos embaraços epistêmicos que provocam uma situação em que nada mais está fora da esfera dos meios de comunicação. O conhecimento científico está se transformando em “conhecimento comunicacional”, visto que agora nada mais está fora do âmbito de suas respectivas tecnologias (SODRÉ, 2002b).

Em nosso percurso de pesquisa, nos perguntamos em diversos momentos em que poderia consistir o objeto de estudo da comunicação. A resposta mais imediata a esse questionamento advém da capacidade de reconstruir o empírico por meio de conceitos. A aparente certeza que os fatos sensíveis do mundo nos conferem quanto ao significado da comunicação é, contudo, enganosa. Os objetos de pesquisa ou de estudo de uma disciplina (ou ciência) nunca estão prontos à espera da simples observação. Pelo contrário, devem ser construídos a partir de um determinado ponto de vista. Em outras palavras, as experiências já não são feitas no vazio teórico, mas antes na realização teórica por excelência, isto é, a pesquisa é a constituição do objeto não mais por métodos baseados nos sentidos, na experiência comum, mas por meio da teoria. Assim, se a primeira resposta para a discussão do objeto de estudo da comunicação remete a um objeto empírico, é importante notar que a palavra comunicação possui outra dimensão, sendo também “um conceito, uma forma de apreensão, uma representação dessas diferentes práticas – uma maneira de concebê-las e conhecê-las” (FRANÇA, 2010, p. 42). A segunda acepção seria, portanto, uma construção conceitual da comunicação, que busca avançar na definição do objeto de estudo ao agregar o “recorte teórico e epistemológico” aos fatos da realidade concreta. Quais seriam então, hoje, os objetos comunicacionais apresentados pelas teses em comunicação? Estariam essas pesquisas voltadas para a construção de um objeto da comunicação? A leitura dos resumos e introdução das 74 teses selecionadas nos permite compreender que há uma diversidade de objetos empíricos pesquisados, porém construções de objetos que escapam à comunicação como objeto de estudo. Da mesma forma, notamos que as pesquisas de doutorado se debruçam sobre a construção de possíveis objetos da comunicação, porém tão somente objetos empíricos da área. E quanto ao objeto de estudo? Dizemos que o objeto da comunicação não se constitui dos objetos “comunicativos” do mundo. Estes, em seu estado bruto, podem ser objetos de qualquer ciência. O objeto de estudo da comunicação está naqueles analisados prioritariamente a partir das teorias que o campo produz, ou seja, do enfoque comunicacional.

4.4. Uma análise inacabada dos resultados

A exploração de temáticas presentes nas teses de doutorado em comunicação, produzidas entre 2008 e 2018, reforçou nossas análises anteriores quanto à necessidade de se discutir no âmbito epistemológico e, sobretudo, acadêmico, a diversidade das pesquisas produzidas. Percebemos, pelos resultados obtidos nas análises das teses, que a comunicação ora aparece como interdisciplinar, ora como transdisciplinar, ou seja, assume características de objetos de várias áreas e vertentes, não conseguindo com frequência perseguir algo que lhe seja específico, o que a leva ao limiar de um campo consolidado, porém não chancelado como disciplina. Se for verdade que "o campo da comunicação se encontra em formação" e que a afirmação não é apenas um alibi fácil para ausência de rigor e dispersão conceitual, é preciso refletir sobre o que é necessário para avançarmos na constituição desse saber. As análises estatísticas levantadas em nossa pesquisa apontam para uma "real" dispersão existente no campo. Esta dispersão pode ser comprovada pela quantidade de teorias abordadas, pela diversidade de objetos pesquisados, pelo rol de autores justapostos. As subdivisões dentro da temática comunicação reforçam ainda que as pesquisas, mesmo que trilhem por aspectos comunicacionais, não aparecem sob o crivo das interlocuções epistemológicas necessárias. Compreendemos que esta análise no numerário de teses, por si só, não seja suficiente para responder aos desafios epistemológicos da área. Podemos, entretanto, afirmar que sua dispersão é um de seus principais obstáculos epistemológicos (Bourdieu, 2007). Também deve-se destacar a baixa frequência de pesquisas voltadas para o reconhecimento do comunicacional nas pesquisas empíricas. Dentro dessa perspectiva de dispersão teórica, convidamos o pesquisador Sodré que, ao reforçar a perspectiva de Craig, aponta para o fato que

exceto no interior de pequenos grupos, os teóricos da comunicação aparentemente nem concordam nem discordam sobre muita coisa. Não existe um cânone de teoria geral ao qual eles todos se refiram. Não há objetivos comuns que os unam nem pontos controversos que os dividam. Na maior parte, eles simplesmente se ignoram (CRAIG *apud* SODRÉ, 1999, p. 119-120).

Essa ausência de diálogo entre as pesquisas, conforme destacado por Sodré, é marca recorrente da área, bem como caracteriza a forma com que os pesquisadores ignoram trabalhos de seus pares. Não fosse assim, talvez os índices obtidos em nossa análise textual apontassem para maior variedade de temas comuns. Por que, porém, a dispersão parece complexa para os pesquisadores da área? Achamos oportuno destacar o artigo intitulado "Comunicação, um

campo em apuros teóricos”, escrito por Muniz Sodré (2012), em que o pesquisador levanta argumentos paradigmáticos aos estudos em comunicação, entre eles a dispersão cognitiva e burocrática das universidades. Segundo Sodré,

A dificuldade de constituição do campo científico da comunicação tem a ver com a ambiguidade institucional de suas condições de possibilidade, ou seja, trata-se de uma modelagem estatística, um mero recurso empírico, que funciona na prática sem quaisquer necessidades de legitimação científica. (SODRÉ, 2012, p.27)

O que o pesquisador efetivamente nos propõe é que essa dispersão, em muito, está também associada ao poder que a indústria da comunicação exerce diante das pesquisas apresentadas no campo da comunicação, situando a área em meio a uma catarata propositalmente estimulada. Assim como acredita Sodré, a pesquisa aqui realizada nos mostra que os estudos de comunicação estão realmente dispersos entre expectativas de mercado e a própria dificuldade de organizar o debate epistemológico do campo, tal como nos permitem compreender as tabelas 1 e 2, que apresentam a vasta abordagem temática presente nas teses. Nesse caso, percebe-se, mediante as principais teorias discutidas nas teses, a presença de temas pertencentes ao campo da antropologia, sociologia, filosofia, administração, medicina, entre outros, o que equivale dizer que há efetivamente uma heterogeneidade generalizada nesse campo de estudos. Seria ela então o principal entrave à confecção de um objeto próprio? Vera França argumenta novamente que o problema de definição do objeto da comunicação é que ele se sustenta demasiado no empírico e ressalta que o objeto de conhecimento de uma disciplina não equivale às coisas do mundo, mas às formas de as conhecer. Na mesma linha, Marcondes ressalta que

São essas perspectivas que dão o recorte, indicam a especificidade. Não importa quão abundantes, espalhadas e permeadas em outras atividades sejam determinadas práticas que chamamos “comunicativas”. A especificidade vem do olhar, ou do viés, que permite vê-las e analisá-las enquanto comunicação, isto é, na sua natureza comunicativa. (MARCONDES, 2002, p.9)

Estamos de acordo com a perspectiva de Braga (2011) de que é importante manter a diversidade, porém devendo-se trabalhar contra a dispersão, de maneira que sua redução não corresponda à redução da diversidade, mas tão somente seja capaz de colocar em contraste, pelo debate e pela pesquisa, ângulos de estudo ainda não conectados. Dessa forma, tanto as dificuldades de pesquisas desenvolvidas por financiamentos mercadológicos quanto a dispersão de autores e conseqüentemente de pesquisas – objetos – poderiam evitar que a comunicação

permanecesse em processo de dependência, limitações e relativa ausência de autonomia. Em suma, a forma com que encontramos a multiplicidade de pesquisas e objetos de doutoramento nesta pesquisa dificulta concluir acerca da comunicação enquanto disciplina na ordem do conhecimento. Quanto a essa dificuldade, Marcondes relata que

Com objetos tão incluídos, onde tudo cabe, não ressentiria então a área de comunicação de um objeto específico? Dito de outra maneira: esta definição da comunicação, desdobrada em tantos objetos do mundo (alcançando uma correspondência tão ampla no empírico), pode ser tomada como um campo de conhecimento? Teria a comunicação, enquanto campo de saber, um objeto próprio? (MARCONDES, 2002, p.9)

Para Martino (2010, p. 28), o fato de as ciências humanas terem o homem, ser comunicativo por natureza, como objeto de estudo comum “faz com que a análise dos processos comunicativos seja um ponto de passagem quase que obrigatório” para suas disciplinas constituintes, o que dificulta a delimitação mais precisa do objeto da comunicação. Se a comunicação almeja o reconhecimento de seu estatuto disciplinar, precisa ser esclarecido que não se trata apenas de um ponto de encontro de outros saberes. Segundo Quiroga (2013), uma coisa é falar em objetos empíricos, ou seja, em pesquisas específicas, outra coisa é falar em objeto da área, pois, muito embora tenham uma diferença sutil, exercem uma delimitação importante na construção da comunicação enquanto disciplina. Pensar o objeto da comunicação depende fundamentalmente de um estudo teórico, ou seja, de uma pesquisa conceitual, com capacidade de traduzir os elementos do mundo à luz de uma especificidade, de uma originalidade, de um viés específico ao campo; depende, portanto, do avanço do *capital intelectual puro* (Bourdieu, 2004), o que significa dizer trabalho teórico. Para Quiroga (2013) o objeto da comunicação é a mídia; não, entretanto, a mídia em si, mas a *mediatização*, ou seja, a mídia em ação, em acontecimento. Para outros autores, como Martino (2011), o objeto da comunicação são os *meios*. Para Sodré (2002b), o *bios midiático* ou a *tecnocultura*. Para Marcondes Filho (2010) a *razão durante ou o metáporo*. Não defendemos aqui a definição de um ou outro objeto da comunicação; acreditamos tão somente que sua conquista ocorra por intermédio da pesquisa, e, sobretudo da produção de conceitos que passam a ser objetos de algum tipo de convergência não no sentido de concordância, mas no sentido de legitimidade de alcance desses conceitos, como sendo fundadores de uma interpretação original de determinado campo sobre um fenômeno específico. O fato de considerarmos nas teses a possibilidade de visualizar um panorama geral das pesquisas que estão sendo desenvolvidas na área da comunicação significa, de certa forma, reconhecer o esforço dos pesquisadores que se dedicam

à constituição da comunicação enquanto “Saber”. São linhagens teóricas que evitam que os estudos em comunicação definam e percam legitimidade acadêmica. Por isso, lembra Martino (2004, p. 12), “o saber comunicacional não pode mais se impor como uma *evidência*”, isto é, o postulado de que é um “princípio essencial à atividade humana” não basta mais para legitimá-lo. Da área exige-se cada vez mais a apresentação de suas credenciais como conhecimento, e isso se estabelece com a atividade teórica como demarcação de seu objeto estudo.

É certo que há, ainda, muitas pontes a construir, ou seja, muitas questões colocadas aqui demandam estudos mais dedicados, até mesmo as mais fundamentais, como a enunciação da epistemologia como espaço de investigação devotado à observação da constituição do saber comunicacional, ou da *episteme* comunicacional, tal como Quiroga (2013) define. Ou, ainda, a necessidade de insistir numa conceituação mais acolhedora da diferença quanto ao termo comunicação. Os elementos aqui apresentados para o presente debate sobre a importância da epistemologia na configuração de um saber específico, visam exatamente estimular que o conhecimento dessa área seja incrementado, considerando a instância epistemológica como espaço de sua autocrítica. Acreditamos que o conhecimento só é verdadeiramente original quando não é predeterminado, ainda que formalmente, pelo objeto, mas antes, elaborado por métodos que criem novos caminhos, que heurísticamente empreguem exemplos e esquemas próprios. Uma investigação fértil não deveria ser confundida com a aplicação de teorias ditadas por uma epistemologia doutrinária. Isso porque a epistemologia da comunicação só pode significar menos normativas e mais estudos analíticos, históricos dos fundamentos teóricos e metodológicos que estruturam a pesquisa e a produção do conhecimento por parte dos chamados fenômenos da comunicação. Em termos epistemológicos, acreditamos que a complexidade quanto à constituição do objeto da comunicação esteja fundamentalmente atrelada ao trabalho de conhecimento que não é “dar-se conta de”, mas apreensão, interpretação. Conhecer é uma atividade humana que resulta da reflexão; é entrar em contato com o objeto, produzindo modelos de apreensão. Conhecer não é somente resultado de um objeto empírico, e sim a reconstrução analítica, segundo Bachelard (2002), do real que não fala por conta própria, sendo, portanto, necessária uma intervenção para o constituir. Não há um único caminho ou uma única forma para o conhecimento, porém ainda que haja outras possibilidades, a epistemologia figura-nos como espaço de debate, justamente por sua intrínseca relação com essa dimensão especialmente construtivista do conhecimento. Somos conscientes da aridez do percurso, uma vez que desenvolver pesquisas pelo viés da epistemologia requer diálogos muitas vezes não estabelecidos. Essas pesquisas, não sendo exatamente formatadas, usual e metodologicamente aplicadas, tornam o trabalho dos pesquisadores que adotam a epistemologia

um campo fértil, porém difícil e solitário. De todo modo, é justamente nessa modalidade de reflexão que visualizamos a possibilidade de alcançar, ainda que inicialmente, um fazer reflexivo, que contribua com novos resultados e descobertas para o campo da comunicação.

5. CONCLUSÃO

A dimensão que o debate epistemológico sobre a comunicação vem tomando ao longo das últimas décadas indica uma preocupação constante a respeito do tema, bem como certo grau de desacordo no que diz respeito às premissas básicas que constituem o debate epistemológico. A simples existência desse debate, porém, parece ser um indicador, em sentido positivo, de que a área se debruça sobre seus problemas específicos, procurando encontrar caminhos para a articulação das múltiplas vozes presentes no campo. Uma área de estudos, ao que tudo indica, não se define por um objeto dado, restando ao pesquisador apenas o trabalho de aplicar um conjunto de ideias para o decodificar. A construção do objeto, os procedimentos, critérios e valores presentes nessa elaboração, bem como a articulação com grupos de ideias, é parte essencial da definição de uma área. Não se está, portanto, sugerindo que o objeto da comunicação possa ser encontrado, como se fosse um dado. Questionam-se as condições de sua construção a partir de recortes específicos que o caracterizem como um aporte comunicacional específico. Defendemos em nossa pesquisa a ideia de que disciplina é correlata à conquista de um objeto de estudo, sendo este último aquele que confere unidade ao saber, como também torna significativas as diferenças em seu interior. A diversidade de pesquisas e objetos encontrada na área da comunicação deveria ser colocada a partir de dispositivos comuns, mesmo que fossem proposições hipotéticas. Tal introdução faria com que as diferenças não fossem absolutas, mas relacionais, evitando um abismo entre elas. É preciso ter consciência, mais uma vez, de que não se trata de objetos empíricos, mas construídos por meio de uma elaboração teórica. Significa dizer que tal objeto só pode emergir a partir do arcabouço teórico debatido dentro de uma tradição de pensamento comum a uma disciplina. O fenômeno comunicacional que nos interessa não é, portanto, todo e qualquer ato relacional, mas aquele que se encontra referido a certo *corpus* conceitual comum.

BIBLIOGRAFIA

ARANHA, M. L. e MARTINS, M. H. *Filosofando: introdução à filosofia*. São Paulo: Moderna, 2003.

BACCEGA, Maria Aparecida. *Campo Comunicação/Educação: mediador do processo de recepção*. In: Maria Aparecida Baccega e Maria Cristina Castilho Costa (Orgs). *Gestão da Comunicação. Epistemologia e pesquisa teórica*. São Paulo: Paulinas. 2009.

BACHELARD, G. *Epistemologia*. Lisboa: Edições 70, 2001.

BACHELARD, G. *O materialismo racional*. Lisboa: Edições 70, 1990.

BACHELARD, G. *La formation de l'esprit scientifique, contribution à une psychanalyse de la connaissance objective*, (1938). Paris: Vrin, 1975.

BACHELARD, G. *La formation de l'esprit scientifique*. Paris: Librairie philosophique J. Vrin, 1967.

BACHELARD, Gaston. *A chama de uma vela*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002, 112 p.

BARDIN, L.(2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARTHOLO, R. S. *Os labirintos do silêncio*. São Paulo: Marco Zero, 1986.

BARROS, Laan Mendes de. *Para que pesquisar? Comunicação: uma ciência social aplicada*. IN: LOPES, Maria Immacolata Vassallo de Lopes. *Epistemologia da Comunicação*. São Paulo: Loyola, 2003.

BERGER, Christa. *A Pesquisa em Comunicação na América Latina*. In: HOHLFELDT, A., MARTINO, L. C., FRANÇA, V. *Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

BIANCHI, A. M. *A pré-história da economia: de Maquiavel a Adam Smith*. São Paulo: Hucitec, 1987.

BOURDIEU, P. *Esboços de autoanálise*. São Paulo: Ed. Schwarz, 2004, 140 p.

BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean Claude; PASSERON, Jean Claude. *A profissão de Sociólogo: preliminares epistemológicas*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

BRAGA, J.L. Dispositivos interacionais. Trabalho selecionado pelo GT Epistemologia da Comunicação. Encontro Anual da Compós, 20. *Anais...* Porto Alegre, 2011, 15 p.

BRAGA, J. L. Constituição do campo da comunicação. In: FAUSTO NETO, A; PRADO, J.L; PORTO, S. D (orgs.). *Campo da comunicação: caracterização, problematizações e perspectivas*. João Pessoa: Ed. UFPB, 2001.

BRAGA, J. L. *Disciplina ou campo? O desafio da consolidação dos estudos de comunicação*. In Anais do I Simpósio de Epistemologia e Pesquisa em Comunicação. São Leopoldo: Unisinos, 2009.

BRUYNE, P. Herman, XHOOTHEETE, M. et al. *Dinâmica de pesquisa em ciências sociais. Os polos da prática metodológica*. 5.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991. 251p.

CAPES. Documento de Área – Comunicação. Brasília: Capes, 2019. Disponível em: <http://capes.gov.br/component/content/article/44-avaliacao/4674-comunicacao>. Acesso em: 03 jan. 2019.

CASTAÑON, G. *Psicologia pós-moderna? Uma crítica epistemológica ao construcionismo social*. Rio de Janeiro: Ed. Booklink, 2007.

CERQUEIRA, H. A mão invisível de Júpiter e o método newtoniano de Smith. *Estudos Econômicos*, v. 36, n. 4, p. 667-697, out.-dez., 2006.

CHAUI, M. *Introdução à história da filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles*. v. 2. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CHAUI, M. *Convite à filosofia*. São Paulo: Editora Ática, 2006.

CHAUI, M. *Experiência do pensamento: ensaios sobre a obra de Merleau-Ponty*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

COSTA, Maria Cristina. Contribuição dos cursos de especialização *lato sensu* para o desenvolvimento do campo da comunicação. In: COSTA, Maria Cristina Castilho (org.). *Gestão da comunicação – projetos de intervenção*. São Paulo: Paulinas, 2009.

CRAIG, R. T. Communication theory as a field. *Communication Theory*, 9 (2), p. 119-161, 1999.

DESLAURIERS J. P. *Recherche Qualitative*. Montreal: McGraw Hill, 1991

DUARTE, Eduardo. Por uma epistemologia da comunicação. In: LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. *Epistemologia da comunicação*. São Paulo: Loyola, 2003.

DUMONT, L. *Homo Aequalis: gênese e plenitude da ideologia econômica*. São Paulo: Edusc, 2000.

FAUSTO NETO, A.; PRADO, A.; PORTO, D. S. (orgs.). *Campo da comunicação*. João Pessoa: Editora Universitária, 2002.

FAUSTO NETO, Antonio. *Midiatização- Prática social, prática de sentido*. Encontro da rede Prosul “Comunicação e processos sociais”, 2005, UNISINOS/PPGCC.

FELINTO, Erick. *Isto não é um cachimbo nem um objeto da comunicação: notas sobre o estado atual da Teoria da Comunicação no Brasil e algumas convergências interessantes com os estudos literários*. (Trabalho apresentado no XXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Intercom e no X Encontro dos GTs de Ciências da Comunicação — GT 10 — Teoria da Comunicação. Manaus, Intercom/Campus Universitário do Amazonas (UA), 05 set. 2000).

FERRARA, Lucrécia D’Alessio. Epistemologia da comunicação: além do sujeito e aquém do objeto. In: LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. *Epistemologia da comunicação*. São Paulo: Loyola, 2003.

FERRARA, Lucrécia. “*Radical indeterminação: epistemologia e objeto científico da comunicação*”. Trabalho apresentado ao GT “Epistemologia da Comunicação” do XVII Encontro da Compós, em São Paulo, SP, em junho de 2011.

FERRARA, L. D’Alessio. *Questão central do objeto da comunicação*. In: BARROS, Laan Mendes de; KUNSH, Dimas A. *Comunicação: saber, arte ou ciência? – Questões de teoria e epistemologia*. São Paulo: Plêiade, 2008.

FEYERABEND, Paul. *Contra o método*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

- FONSECA, J. J. S. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila
- FRANÇA, Vera. Paradigmas da comunicação: conhecer o quê? Rio de Janeiro, n. 5, 2001. Disponível em: <http://www.uff.br/mestcii/vera1.htm>. n. 5. Acesso em 5 jan. 2017.
- FRANÇA, Vera V. O objeto da comunicação/A comunicação como objeto. In: HOHLFELDT, Antônio; MARTINO Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga. *Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método – Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- GANEM, A. Adam Smith e a explicação do mercado como ordem social: uma abordagem histórico-filosófica. *Revista de Economia Contemporânea*, v. 4, n. 2, jul.-dez. 2000, p. 9-36.
- GHIRALDELLI JR., Paulo. *História da filosofia: dos pré-socráticos a Santo Agostinho*. São Paulo: Contexto, 2008.
- GIL, A.C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 1994.
- GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GOLDENBERG, M. *A arte de pesquisar*. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- GOMES, W. *A Transformação da Política*. Versão manuscrita original, 2003.
- GRONDIN, J. *Introdução à hermenêutica filosófica*. Tradução de Benno Dischinger. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 1999.
- HABERMAS, Jürgen. *Teoría de la acción comunicativa*. Madrid: Taurus, 1989. 3 v.
- HAN, B. C. *A sociedade da transparência*. Lisboa: Relógio D'Água. (2014)
- HEIDEGGER, Martin. A origem do pensamento ocidental. Heráclito. In: HEIDEGGER, Martin. *Heráclito*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2017. Resultado dos Dados Preliminares do Censo – 2017. www.ibge.gov.br/regioes@

IANNI, Otávio. *Globalização: novo paradigma das ciências sociais*. Estudos Avançados, 21. São Paulo: IEA-USP, 1994

ISSLER, Bernardo. Objetos de pesquisa e o campo comunicacional. In: BENTZ, Ione; HOHLFELDT, Antonio; WEBER, Maria Helena. *Tensões e objetos da pesquisa em comunicação*. Porto Alegre: Sulina, 2002.

JAEGER, W. (1936). *O pensamento filosófico e a descoberta do cosmos*. In: JAEGER, W. *Paideia: a formação do homem grego*. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p.190-229.

JAPIASSU, H. *Um desafio à filosofia: pensar-se nos dias de hoje*. São Paulo: Letras & Letras, 1997.

JAPIASSU, H. *A crise da razão e do saber objetivo: as ondas do irracional*. São Paulo: Letras & Letras, 1996.

JAPIASSU, H. *Introdução ao pensamento epistemológico*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

JAPIASSU, H. *A revolução científica moderna*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1984.

JAPIASSU, H. *Questões epistemológicas*. Rio de Janeiro: Imago: 1981

JAPIASSU, H. *Introdução ao pensamento epistemológico*. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

JAPIASSU, H. *O mito da neutralidade científica*. Rio de Janeiro: Imago, 1975a.

JAPIASSU, H. *Nascimento e morte das ciências humanas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975b.

JAPIASSU, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de filosofia*. 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

KUHN, Thomas S. *A Estrutura Das Revoluções Científicas*. Editora Perspectiva, 2011.

KOYRÉ, A. *Do mundo fechado ao universo infinito*. Lisboa: Gradiva. p.39. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1979.

KUHN, T. S. *A função do dogma na investigação científica*. Org. Eduardo Salles O. Bara. Tradução de Jorge Dias de Deus. Curitiba: UFPR, 2012.

KUHN, T. S. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

KUHN, T. S. *O caminho desde a estrutura*. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

KUHN, T. S. Notas sobre Lakatos. In: *Historia de la ciencia y sus reconstrucciones racionales*. Tradução de Diego Ribes Nicolás. Madrid: Editorial Tecnos S.A., 1987, p.79-95.

KUHN, T. S. *A tensão essencial*. Lisboa: Edições 70, 1980.

KUHN, T. S. *La estructura de las revoluciones científicas*. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 1962.

LALANDE, André. *Vocabulário técnico e crítico da filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

LAZARSELD, P. F. Remarks on administrative and critical communications research. *Studies in Philosophy and Social Sciences*, 1941.

LIDDELL, H.G., SCOTT, R. *An intermediate Greek-English lexicon*. Oxford: Clarendon Press, 1989.

LIMA, Venício A. de. *Mídia: teoria e política*. São Paulo: Perseu Abramo, 2001.

LOPES, A.R. C. Bachelard: o filósofo da desilusão. *Caderno Brasileiro de Ensino de Física*, v.13, n.3, 1996, p. 248-273.

LOPES, Maria I. V. de. Sobre o estatuto disciplinar do campo da comunicação. In: LOPES, Maria I. V. de. *Epistemologia da comunicação*. São Paulo: Loyola, 2003.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. *Pesquisa em comunicação*. São Paulo: Loyola, 2001.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo. *Epistemologia da comunicação no Brasil: trajetórias autorreflexivas*. São Paulo: ECA-USP, 2006.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de e ROMANCINI, Richard. *Teses e dissertações: estudo bibliométrico da área da Comunicação*. In: POBLACIN, Dinah A et al. (org.). *Comunicação e Produção Científica*. São Paulo, Angellara, 2006, p. 139-61.

LUZ, M. *Natural, racional, social: razão médica e racionalidade científica moderna*. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

MALDONADO, Alberto Efendy. Explorações sobre a problemática epistemológica no campo das ciências da comunicação. In: LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. *Epistemologia da comunicação*. São Paulo: Loyola, 2003.

MARCONDES, D. *Iniciação à história da filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2002.

MARCONDES FILHO, C. Comunicação, uma ciência anexata e contudo rigorosa. In: SAID, Gustavo (org.). *Comunicação – novo objeto, novas teorias?* Teresina: Edufpi, 2008.

MARCONDES FILHO, C. Viagem na irrealidade da comunicação: o princípio da razão durante. 1999 (mimeo).

MARCONDES FILHO, Ciro. *Cenários do novo mundo*. São Paulo: NTC, 1997. MARTINO, L. C. Interdisciplinaridade e objeto de estudo da comunicação. In: HOHLFELDT, A.; MARTINO, L.; FRANÇA, V. (Org.). *Teorias da comunicação*. Petrópolis: Vozes, 2001.

MARCONDES FILHO, C. *Perca tempo: é no lento que a vida acontece*. São Paulo: Paulus, 2005.

MARCONDES FILHO, C. (Org.). *Dicionário da comunicação*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2009.

MARCONDES FILHO, C. *O princípio da razão durante: diálogo, poder e interfaces sociais da comunicação: nova teoria da comunicação*. São Paulo: Paulus, 2011.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. 5ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

MARTINO, Luiz C. *Ceticismo e interdisciplinaridade: paradoxos e impasses da teoria da comunicação*. *Revista Argentina de Comunicación*, v. 3, 2009.

MARTINO, Luiz C. *História e Identidade: apontamentos epistemológicos sobre a fundação e fundamentação do campo comunicacional*. In: S. Capparelli; M. Sodré; S. Squirra – Livro da XIII COMPÓS - 2004

MARTINO, L. C. *Uma questão prévia: existem teorias da comunicação?* In: MARTINO, L. C.; BERGER, C. R.; CRAIG, R.T. *Teorias da Comunicação: muitas ou poucas?* Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007.

MARTINO, Luís Mauro Sá. *Trilhas da investigação epistemológica: o GT Epistemologia da Comunicação da Compós*. Encontro Anual da Compós, 23. *Anais...* Belém, 2014, p. 1-16.

MARTINO, Luis Mauro Sá. *A disciplina interdisciplinar*. Texto apresentado no GT Estudos Interdisciplinares no XVI Intercom Sudeste. São Paulo, 10 a 12 de maio de 2012.

MARTINO, L. M. S. *A influência de fatores políticos na formação epistemológica do campo da comunicação no Brasil*. Texto apresentado no I Confibercom. São Paulo: Agosto de 2011.

MELO, M. J. *Jornalismo brasileiro*. Porto Alegre: Sulina, 2003.

MELO, Marcus André. *Estado, governo e políticas públicas*. In: MICELI, Sérgio (Org.). *O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)*. São Paulo: Sumaré, 1999. v. 3, p. 59-100.

MELO, J. M. *Ciências da Comunicação na América Latina: itinerário para ingressar no Século XXI*. Conferência proferida no VI Congresso Latino-Americano de Ciências da Comunicação - ALAIC, Santa Cruz de la Sierra, Bolívia, 2002

MIÈGE, Bernard – *O Pensamento Comunicacional*. Vozes. Petrópolis, 2000.

MINAYO, M. C. S. (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Rio de Janeiro: Vozes. (2008)

MOREIRA, D. A. *Pesquisa em administração: origens, usos e variantes do método fenomenológico*. In: encontro nacional da associação nacional dos programas de pós-graduação em administração, 26, Salvador. *Anais*. Salvador: ANPAD, 2002.

NEIVA JÚNIOR, Eduardo. *Comunicação, Teoria e Prática Social*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

NORDENSTRENG, K. *Discipline or Field? Soul-searching in Communication Research*. In: Nordicom Review, Jubilee Issue 2007, p. 211-222.

PETERS, F. E. *Termos filosóficos gregos: um léxico histórico*. 2. ed. Lisboa: Gulbenkian, 1983.

POLIT, D. F.; BECK, C. T.; HUNGLER, B. P. *Fundamentos de pesquisa em enfermagem: métodos, avaliação e utilização*. Trad. de Ana Thorell. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

POPPER, K. R. *A lógica da pesquisa científica*. Tradução de Leônidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. São Paulo: Cultrix, 1974.

QUIROGA, T. *Pensando a episteme comunicacional*. 2 ed. Campina Grande: Eduepb, 2013.

RÖD, Wolfgang. *O caminho da filosofia, dos primórdios até o século XX*. V. 2, *Do século XVII ao século XX*. Tradução de Maurício Mendonça Cardozo, Caio Heleno de Costa Pereira e Roniere Ribeiro do Amaral. Brasília: Editora UnB, 2008.

RÜDIGER, Francisco. *Ciência social crítica e pesquisa em comunicação – trajetória história e elementos de epistemologia*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.

RÜDIGER, Francisco. *Civilização e barbárie na crítica da cultura contemporânea*. Porto Alegre: Editora da Pucrs, 2002.

SALVADOR, A. D. *Métodos e técnicas de pesquisa bibliográfica*. Porto Alegre: Sulina, 1986.

SANTAELLA, Lucia. *Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado*. São Paulo: Hacker, 2001.

SANTAELLA, Lúcia. *Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano*. Revista Famecos, Porto Alegre, v.1, n.22, dez. 2003. p. 23-32.

SANTOS, B.S. *Um discurso sobre as ciências*. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

SODRÉ, M. *A ciência do comum: notas sobre o método comunicacional*. Petrópolis, Vozes, 2014.

SODRÉ, Muniz. Comunicação: um campo em apuros teóricos. *Revista Matrizes*, São Paulo, ano 5, n. 2, jan.-jun. 2012, p. 11-27.

SODRÉ, Muniz. *Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1999.

SODRÉ, M. Sobre a *epistème* comunicacional. *Revista Matrizes*, v. 1, n. 1, p. 15-26, 2007.

SODRÉ, M. *As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política*. Petrópolis: Vozes, 2006.

SODRÉ, Muniz. *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear em rede*. Petrópolis: Vozes, 2002.

SODRÉ, Muniz. Da obra ao produto. In: SODRÉ, Muniz. *Reinventando @ cultura: a comunicação e seus produtos*. Petrópolis: Vozes, 1996.

SODRÉ, M. *A comunicação do grotesco: um ensaio sobre a comunicação de massa no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1972.

SODRÉ, M. & Paiva, R. *O império do grotesco*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

STIRN, François. *Compreender Aristóteles*. Tradução de Epharim F. Alves. Petrópolis: Vozes, 2006.

VIRILIO, Paul. *Velocidade e Política*. São Paulo, Estação da Liberdade. (1997)

WALLERSTEIN, Immanuel. *Para abrir as ciências sociais*. São Paulo: Cortez, 1996.

WARTOFSKY, Marx. Epistemology. In: DEIGHTON, Lee C. (Ed.). *The encyclopedia of education*. V. 3. New York: Macmillan Company, 1971.

WINKIN, Yves. *A nova comunicação – da teoria ao trabalho de campo*. Campinas: Papirus, 1998.

VELOZ, M.C.T.; Nascimento-Schulze, C.M.; Camargo, B.V. (1999). *Representações sociais do envelhecimento*. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 12 (2), 479-501.

ANEXOS

1 – Epistemologia da Comunicação (BDTD)

TÍTULO (EPISTEMOLOGIA BDTD) ¹⁹	INSTITUIÇÃO	ANO	RESUMO
O jornalismo luso-brasileiro em Londres (1808-1822)	UFF	2013	Através de seis janelas de leituras identificadas como conceitos, esta tese investigará a emergência do jornalismo e da dispersão regular e periódica de ideias políticas em língua portuguesa. Isso implica se debruçar sobre a situação específica da imprensa luso-brasileira em Londres entre 1808 e 1822, i. é, desde o pioneirismo do brasileiro Hipólito da Costa até o avanço das Cortes de Lisboa e o crescimento na demanda dos jornais. No seio da comunidade portuguesa emigrada em Londres e profundamente influenciados pelos ideais de sociabilidade londrinos, os portugueses buscaram argumentos e ideias para salvar o reino luso-brasileiro da iminente crise política, social e econômica, propondo planos de reorganização nacional ao mesmo tempo em que formas tradicionais de mito e utopia política. Os jornalistas lusófonos que se ambientaram nessa comunidade inauguraram modelos comunicativos importantes para o delineamento de sua prática profissional. Eles ajudaram a compor a vanguarda intelectual da sociedade luso-brasileira na modernidade e, por estarem livres da censura, manifestaram-se com relativa autonomia sobre temas considerados caros ao futuro do reino que ia se tornando nação. Os principais destes jornalistas são: Hipólito José da Costa, responsável pelo Correio Braziliense (1808-1822); José Liberato, pelo Investigator (1813-1819) e Campeão (1819-1821); João Bernardo da Rocha Loureiro, pelo Espelho (1813-1814) e Português (1814-1822); Joaquim Ferreira de

¹⁹<http://bdtd.ibict.br/vufind/Search/Results?sort=relevance&join=AND&lookfor0%5B%5D=%22epistemologia+da+comunica%C3%A7%C3%A3o%22&type0%5B%5D=AllFields&lookfor0%5B%5D=&type0%5B%5D=AllFields&lookfor0%5B%5D=&type0%5B%5D=AllFields&bool0%5B%5D=AND&filter%5B%5D=~format%3A%22doctoralThesis%22&illustration=-1&daterange%5B%5D=publishDate&publishDatefrom=2008&publishDateto=2018>

			<p>Freitas, pelo Padre Amaro (1820-1826) e, por fim, Francisco Alpoim de Meneses, autor de O Microscópio de Verdades (1814) e José Anselmo Correias Henrique, d'O Argus (1809) e O Zurrague (1821). Para operacionalizar esta investigação, dividimos a tese em linhas de análise identificadas com conceitos considerados importantes: cidade, indivíduo, nação, utopia, comunicação e jornalismo. Trata-se de buscar lançar um ouvido mais aguçado ao passado histórico através de uma proposta de análise em que o documento histórico e o estudioso se interpenetram para melhor compreender a realidade da história. Ao fim e ao cabo, será possível perceber que, longe de uma construção ontológica que remete à Antiguidade, as práticas jornalísticas são uma dádiva do pensamento moderno, ajudando a textualiza-lo e a instrumentalizar a esfera pública.</p>
<p>O acontecimento comunicacional e a experiência de ensino. Afeto. Arrebatamento. Subjetividades</p>	USP	2013	<p>Este é um estudo epistemológico sobre o conceito de comunicação, que se utiliza de orientações filosóficas como aporte teórico. Porém, a tessitura desta proposta é trama emaranhada. É tecido que se umedece com líquido de subjetividade. Nos estudos convencionais sobre comunicação, o estatuto ontológico do ser nunca teve muito espaço. Prefere-se estudar \"talhas\" na comunicação, como a recepção, a mediação, os processos, os meios. Este é o ponto de partida do nosso trabalho: enveredar uma pesquisa da comunicação que \"acontece\" no ser - o acontecimento comunicacional. E como a noção de acontecimento trabalhada na tese é distinta da concepção compreendida a partir do senso comum ou mesmo da mídia, esse tipo de estudo requisita um procedimento distinto de trabalho. Esse procedimento é o Metáporo: uma proposta prático-descritiva que exige uma postura científica modificada, pois considera as afetações no ser (do acontecimento), e, neste trabalho, em conjunto com as afetações do ser (da pesquisa). Por isso, o olhar do pesquisador conta. Não para subtrair da observação o que interessa, e sim compor com ela. Mas como é preciso considerar o aspecto incapturável do acontecimento, a aposta do Metáporo é pela sua descrição. \"Ter a experiência no próprio corpo e dela extrair descrições, relatos, exposições, textos, transformar o vivido em depoimento, em testemunho</p>

			<p>vivencial". E como o solo de nossa observação deita o olhar sobre as experiências de ensino, e porque uma experiência de ensino é elasticidade do ser, nossa proposta, além da discussão epistemológica, inclui relatos autobiográficos. Narrativas que possam permitir uma contiguidade de fruição. Tessitura de tramas elásticas cuja intenção primeira é dar passagens às vibrações de pensamento pela porosidade do texto.</p>
No rastro das presenças imaginárias	PUC/SP	2016	<p>Esta tese parte de inquietações acerca dos modos de conhecimentos oriundos dos processos comunicacionais mediativos e interativos, bem como da configuração visual de seres imaginários: exemplo disso é a deformação da bruxaria em feitiçaria pelos discursos pejorativos dos inquisidores cristãos, e as variações de significação que a palavra “sabá” assume em seu percurso etimológico. Durante a pesquisa, observamos que seres imaginários se caracterizam como ambivalência comunicativa ou duplo vínculo interpretativo, ensejando saltos transcontextuais rumo a inferências abduativas, ou seja, ao nascimento de novas ideias. Contudo, a vigente epistemologia instrumental da comunicação, de caráter predominantemente dedutivista e transmissivo, não nos dá condições de abordar tais ambivalências sem o risco de amputá-las; daí porque buscamos outra experimentação epistemológica, que chamamos de oblíqua. O problema central é compreender como se constitui o olhar oblíquo da epistemologia da comunicação, a partir da articulação entre conceitos e ideias, e da ressonância entre ideias e rastros. Nossas hipóteses sugerem: o imaginário opera como propagação de conceitos e provocação de ideias; ideias e conceitos cooperam entre si na continuidade de suas configurações semióticas e efetivação de imaginários; a epistemologia oblíqua se constitui como rastreamento sincrodiacrônico, a fim de ensinar acontecimentos entre sistemas de ideias e conceitos. Nosso objeto epistemológico são os fluxos de ressonância presentes nas ambivalências, e daí recortamos o objeto empírico: como as mídias mostram os monstros em variações sincrodiacrônicas (corpus de análise: ciborgues, alienígenas, bruxas, vampiros, lobisomens, fengchuis e dragões). O objetivo geral é contribuir com outra</p>

			<p>epistemologia ao campo científico da comunicação e à definição de seu objeto científico, assumindo como objetivos específicos: examinar a dinâmica conceito-rastro-ideia e a proposta de uma epistemologia oblíqua; detectar vínculos de significação ainda latentes nas ambivalências; inferir consequências políticas das ressonâncias sincrodiastrônicas. A fundamentação teórica se baseia no dialogismo entre os conceitos de abdução e sinequismo, de Charles Sanders Peirce, e de duplo vínculo e deuteroaprendizagem, de Gregory Bateson. A estratégia metodológica pauta-se na arqueologia semiótica do rastreamento, com vistas a reconstituir os potenciais vínculos significantes entre ambivalências. Tal experimento se insere nos debates sobre epistemologia da comunicação e novas comunicologias, e oferece em contribuição uma proposta epistemológica como disposição outra para sabermos cruzar territórios discursivos como se fôssemos drones em redemoinhos, considerando distintos fenômenos em suas controvérsias, e testemunhando aqueles momentos em que heterogeneamente inventamos e descartamos invenções; sabermos, enfim, entremear-nos em discursos já instituídos pela viabilização de novas constituições do entendimento</p>
MEMÓRIA, MÍDIA E TRANSMISSÃO RELIGIOSA: ESTUDO DE CASO DA REVISTA ADVENTISTA (1906-2010)	METODISTA	2017	<p>A presente tese discute a transmissão da memória religiosa do adventismo brasileiro, com foco no uso dos instrumentos comunicacionais eletrônicos (rádio, televisão e internet). O pano de fundo teórico se baseou nos aspectos da memória e da transmissão religiosa, principalmente sua tensão entre a continuidade e a ruptura dentro do processo modernizante. Para tanto, escolheu-se a sociologia da memória e da transmissão religiosa halbwaquiana. Essa junção nos permitiu analisar como a teologia do grupo estudado articula eventos do passado para justificar crenças e hábitos do presente. A delimitação do corpus foi encontrada na Revista Adventista, entre os anos de 1906 e 2010, a qual foi utilizada como um espelho de uma realidade maior, portadora das transições e continuidades do discurso. O trabalho se estrutura por meio de uma análise de conteúdo em conjunto com uma abordagem qualitativa sobre os discursos. A lógica dos capítulos se inicia com a construção historiográfica do pensamento e desenvolvimento do adventismo brasileiro e mundial para,</p>

			<p>depois, incluir os exemplares da publicação que abordassem aspectos da utilização da memória fundante do grupo, assim como todas as aparições dos termos “rádio”, “televisão” e “internet”. Como parte dos resultados, notamos como a concepção mantida pela Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) em se produzir uma pregação racionalista, baseadas na leitura e na busca pela “correta” interpretação do texto bíblico, traz algumas características importantes a esse movimento, moldando sua missiologia e visão de mundo. Foi visível o uso do passado fundante, através de relatos sobre os pioneiros, principalmente Ellen G. White. Vimos também que existe ressignificações de algumas bases constitutivas da identidade do movimento ao longo do tempo, que desafiam a denominação na sua tentativa de permanecer fiel à sua mensagem fundante. A pesquisa revelou uma relação ambígua do adventismo brasileiro com os meios de comunicação, o que se associa com as tensões provindas da modernidade. Existe uma tensão vivida pela memória do movimento brasileiro quanto ao uso e recusa dos instrumentos comunicacionais. Essa relação se dá principalmente devido a uma visão utilitarista, que vê na mensagem proferida, e não no meio em si, perigos a se evitar por parte do movimento.</p>
<p>Por uma compreensão conceitual de metodologia : textos científicos em encontros referenciais na Comunicação</p>	UNB	2018	<p>A contribuição original ao conhecimento desse trabalho situa-se na compreensão conceitual metodológica, que se localiza na discussão epistemológica da Comunicação, desde textos publicados por grupos de trabalho provenientes de comunidades de encontro referenciais na área. Um conjunto de 140 textos constituem o corpus, na possibilidade de idas e vindas reflexivas. Esses registros compõem a produção de encontros, no período compreendido entre os anos 2012 a 2016, em eventos promovidos pela Associação Latino-americana de Pesquisadores da Comunicação (ALAIC), Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (COMPÓS) e Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM). A construção do objeto de pesquisa alcança o caráter substancial da discussão metodológica no meio acadêmico, como norte e/ou entendimento do percurso de pesquisa sobre fenômenos que se vinculam a um saber</p>

			comunicacional. Trata-se, portanto, de uma investigação de cunho epistemológico, que busca compreender o viés metodológico que emerge, desde eixos que abrangem tendências de enfoques textuais, codificação desde esferas analíticas e a contextualização do referencial bibliográfico dos textos. A partir desses movimentos, os operadores de sentido resultantes permitem tecer considerações e inferências acerca do problema e situam um cenário de conformação metodológica.
ELOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA FOLKCOMUNICAÇÃO: RETORNO ÀS ORIGENS (1959-1967) São Bernardo	METODISTA	2017	Esta tese busca identificar os possíveis elos teórico-metodológicos presentes na tese de Luiz Beltrão, intitulada de Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias. Para isso, a pesquisa baseou-se na assertiva, presente em Jacks e Escosteguy (2003), de que a folkcomunicação “está claramente vinculada aos pressupostos de uma teoria social funcionalista” e, conseqüentemente, procedeu à análise das possíveis vinculações do trabalho de Beltrão com o desenvolvimentismo e com as indicações de pesquisa folclórica de Edison Carneiro. Como percurso, buscamos a leitura de textos “primeiros” dos autores-referência, complementados com “comentários” sobre essas obras (FOUCAULT, 2006, p.25) e sobre os temas centrais de cada possível elo, tendo por base pesquisa bibliográfica e documental; o que nos levou, também, a um resgate conceitual e histórico dos grupos enfocados e da pesquisa em comunicação na América Latina nos anos 1960. A investigação revelou que o trabalho doutoral de Beltrão não possui fortes elos com o funcionalismo, mas recorre a ideias provenientes da Mass Communication Research (MCR) e das políticas desenvolvimentistas que estiveram presentes na América Latina nos anos 1960. Também foi verificado que o conceito de “dinâmica do folclore” (e de elementos que o construíram), de Edison Carneiro, é fundamental para a formação da folkcomunicação.

TÍTULO (EPISTEMOLOGIA/CAPES)²⁰	INSTITUIÇÃO	ANO DE DEFESA	RESUMO
A Internet nos Estudos da Área de Comunicação Brasileira: questões e abordagens (2000-2010)	UNB	2011	Este estudo epistemológico mapeia a produção científica da área de comunicação brasileira publicada entre os anos de 2000 e 2010 sobre a Internet. A partir da problemática da formação do campo comunicacional, é discutida a pertinência do avanço conceitual na área de comunicação, uma vez que a Internet é uma tecnologia de comunicação digital que traz a oportunidade de novas reflexões teóricoepistemológicas. Analisa as primeiras incursões teóricas internacionais (1990-2000) e as principais tendências das explicações. A tese discute também o conceito de meio de comunicação e de atualidade mediática, sugerindo sua apropriação e aprofundamento pela área de comunicação no contexto da cibercultura mundial, como possíveis chaves para compreensão dos fenômenos comunicacionais decorrentes da comunicação digital em rede. Utiliza categorias, com base na metodologia da análise de conteúdo de Bardin, para levantar as questões e as tendências atuais localizadas nos estudos da área de comunicação brasileira sobre a internet. Conclui que existem avanços na abordagem teórico-epistemológica feita no Brasil, mas alerta que a diversidade teórica presente no campo tem dificultado a permeabilidade das idéias entre os pares e sua consolidação conceitual. Conclui também que existem tentativas brasileiras de abordar a comunicação digital em rede tomando o conceito de meio de comunicação como definidor das questões que interessam, particularmente, à área de comunicação.
O acontecimento comunicacional e a experiência de ensino. Afeto. Arrebatamento. Subjetividades	USP	2013	Este é um estudo epistemológico sobre o conceito de comunicação, que se utiliza de orientações filosóficas como aporte teórico. Porém, a tessitura desta proposta é trama emaranhada. É tecido que se umedece com líquido de subjetividade. Nos estudos

²⁰<https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>

			<p>convencionais sobre comunicação, o estatuto ontológico do ser nunca teve muito espaço. Prefere-se estudar “talhas” na comunicação, como a recepção, a mediação, os processos, os meios. Este é o ponto de partida do nosso trabalho: enveredar uma pesquisa da comunicação que “acontece” no ser – o acontecimento comunicacional. E como a noção de acontecimento trabalhada na tese é distinta da concepção compreendida a partir do senso comum ou mesmo da mídia, esse tipo de estudo requisita um procedimento distinto de trabalho. Esse procedimento é o Metáporo: uma proposta prático-descritiva que exige uma postura científica modificada, pois considera as afetações no ser (do acontecimento), e, neste trabalho, em conjunto com as afetações do ser (da pesquisa). Por isso, o olhar do pesquisador conta. Não para subtrair da observação o que interessa, e sim compor com ela. Mas como é preciso considerar o aspecto incapturável do acontecimento, a aposta do Metáporo é pela sua descrição. “Ter a experiência no próprio corpo e dela extrair descrições, relatos, exposições, textos, transformar o vivido em depoimento, em testemunho vivencial”. E como o solo de nossa observação deita o olhar sobre as experiências de ensino, e porque uma experiência de ensino é elasticidade do ser, nossa proposta, além da discussão epistemológica, inclui relatos autobiográficos. Narrativas que possam permitir uma contiguidade de fruição. Tessitura de tramas elásticas cuja intenção primeira é dar passagens às vibrações de pensamento pela porosidade do texto.</p>
<p>Pesquisadores brasileiros em periódicos científicos de ciências da comunicação</p>	<p>USP</p>	<p>2015</p>	<p>O estudo tem por objetivo principal descrever o perfil do pesquisador brasileiro que publica nos periódicos científicos da área de Ciências da Comunicação. Consideramos como pesquisador brasileiro aquele inserido no sistema acadêmico e de pesquisa do país, independentemente de seu local de nascimento. O corpus é composto pelos cinco periódicos científicos brasileiros mais bem classificados dessa área, ou seja, aqueles que compõem o estrato A2, segundo o WebQualis triênio 2010-2012, sistema de avaliação de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). São eles: E-Compós, Revista da Famecos, Galáxia, Revista da Intercom e MATRIZES. Foram estudados</p>

			<p>artigos de todas as edições publicadas entre os anos 2000 e 2012. Os periódicos tiveram seus artigos analisados por meio dos títulos, autores, titularidade e filiação acadêmica desses, palavras-chave e referências bibliográficas. A partir dessa listagem, traçou-se o perfil mais recorrente do pesquisador que publica nos periódicos A2, levando-se em conta titularidade, universidade e tema dos artigos, a partir das palavras-chave e título. Pode-se afirmar, dessa maneira, que o perfil predominante é feminino, com título de doutor, sendo a maioria dos artigos publicada por pesquisadores da Universidade de São Paulo sobre estudo dos meios (midialogia). Por trás da pesquisa empírica, o objeto teórico é a epistemologia das Ciências da Comunicação, considerando o conceito de campo científico segundo Bourdieu e levando em conta para o funcionamento e institucionalização deste as questões colocadas pela sociologia da Ciência. Quanto às referências bibliográficas, podemos destacar que os autores europeus, em especial os franceses, constituem a maioria das citações feitas pelos autores brasileiros nos periódicos do corpus, porém são poucas as obras recorrentes nas referências bibliográficas, o que, por um lado, significa que os pesquisadores têm citado novos autores e obras, mas o dado também aponta para a falta de unidade da área de Comunicação em torno de nomes e obras fundadoras e referenciais.</p>
<p>Google Imagens na produção do conhecimento: a experiência cognitiva por meio da imagem</p>	<p>PUC/SP</p>	<p>2011</p>	<p>A partir da redefinição da experiência humana trazida pelas novas tecnologias, a presente pesquisa tem por objetivo discutir os modos de reorganização do conhecimento pela intermediação interativa com a imagem. Para tanto, a pesquisa apresentará como objeto de investigação as imagens resultantes dos processos de busca realizados com a ferramenta Google Imagens, e observará as relações dali oriundas para a construção de conhecimento. A orientação metodológica desta pesquisa se embasa em três métodos investigativos complementares: o de bibliografia de referência, o da pesquisa de campo qualitativa, e o da análise comparativa. As bases teóricas na bibliografia de referência se pautam nas áreas de conhecimento em comunicação, ciberespaço, e imagem, auxiliadas pelos autores: Heráclito, Edgar Morin, Merlin Donald, Peter Burke, Villém Flusser, Hans Belting, A. Dondi Dondis,</p>

			<p>Rudolf Arnheim e Pierre Lévy. A pesquisa de campo qualitativa, desenvolvida e aplicada, é composta por questões de múltipla escolha, em meio a questões abertas, aplicadas a indivíduos de diferentes faixas etárias, submetidos esses à experiência de busca por imagens no Google Imagens. O objetivo da observação se concentra em captar os modos pelos quais os indivíduos percebem este processo de busca a partir de palavras-chave e anotar o conhecimento dali derivado. Para viabilizar a realização da análise comparativa entre o objetivo analítico e os resultados da pesquisa é possível estabelecer uma distinção entre as formas mais tradicionais de construção de conhecimento e uma determinada forma de construção de conhecimento característica do momento contemporâneo. As formas mais tradicionais de construção de conhecimento implicam ação temporal mais ampla, cumulativa, para a sedimentação e assimilação de conceitos, ainda amplamente utilizadas pela ciência no discurso científico. A forma contemporânea de construção de conhecimento é estruturada sobre a ação dos meios tecnológicos, implicando relação indivíduo-ciberspaço, portanto, associada à velocidade para a constituição de redes de inteligências conectivas e coletivas. Aspectos mais voláteis como a quantidade ampla de informações e o tempo que prima pela rapidez, constituem formas de conhecimento mais fluidas e relativizáveis. De que modo uma ação atualmente cotidiana, e aparentemente banal, como utilizar uma ferramenta tecnológica enquanto recurso de pesquisa do sistema de buscas Google Imagens é efetivamente capaz de gerar conhecimento? Entende-se por conhecimento, conforme Peter Burke, algo que foi processado ou sistematizado pelo pensamento. Considerando a problematização proposta, apresenta-se a hipótese de que a estrutura lógica do sistema de captura de imagens no meio virtual permeia o processo cognitivo humano na construção de conceitos. Essa investigação objetiva também capturar e entender mais sobre o conhecimento advindo das técnicas e ferramentas de associação palavra-chave; ferramenta virtual; e seleção de imagens. De outro modo, apontar para novos modelos de constituição</p>
--	--	--	--

			de conceitos e formas estruturais de conhecimento, mais aplicáveis aos sistemas e meios atuais
O uso da educação como mediação	PUC/SP	2009	Esta pesquisa estuda a relação entre educação e mediação presente em exemplares de discursos institucionais, políticos e de comunicação de massa. A investigação concentra-se na análise do problema evidenciado em dois projetos educacionais: CEU - Centro Educacional Unificado - e CECI - Centro de Educação e Cultura Indígena -, criados pela Prefeitura Municipal de São Paulo, na administração do Partido dos Trabalhadores - PT/2001 -, e que se estenderam no cenário da mídia impressa até a campanha eleitoral do município, no período de 2004-2005. Os dois casos foram propostos como modelos educacionais e de política pública, nos moldes da comunicação popular de Paulo Freire, cujo objetivo principal é a prática da gestão democrática participativa. Nessa perspectiva, os Centros se configurariam como lugares, não só, de participação, mas sobretudo, de mediação. Centrando as primeiras análises na proposta dos espaços construídos para significar os Centros como mediação, chega-se aos exames dos discursos produzidos pela gestão municipal, pelos assessores técnico-pedagógicos, pelos arquitetos responsáveis pelos projetos, pela mídia impressa, bem como às relações intersubjetivas da comunidade onde se inserem e à própria organização de cada Centro. Dessas análises foi possível chegar à interpretação das diferenças entre o proposto e o construído. Do ponto de vista metodológico, o CEU e o CECI passam a ser entendidos como espaços de comunicação e sociabilidade, portanto, é necessário compreendê-los como textos semiótico-culturais, na medida em que os dois projetos recebem um tratamento especial da sociedade, da gestão pública e da grande mídia paulistana. Portanto, nesse universo, busca-se apreender as relações entre construções discursivas e os efeitos de sentidos por elas produzidos. Essas análises se fundamentaram na Sociossemiótica de Eric Landowski proposta em A Sociedade Refletida e Presenças do Outro; na Semiótica Plástica de Ana Claudia de Oliveira estabelecida em Vitrinas Acidentes estéticos na cotidianidade e outros; nos estudos de

			<p>Lucrécia D Alessio Ferrara tal como apresentados em Design em espaços, Leituras sem palavras; Cidade: meio, mídia e mediação e outros. Além desses autores, a tese se apóia, também, nos conceitos de tecnosfera e psicofera discutidos por Milton Santos; programa e projeto contextualizados em Giulio Carlo Argan; na teoria de Jürgen Habermas em Mudança Estrutural da Esfera Pública; Consciência Moral e Agir Comunicativo; em Néstor García Canclini - Culturas Híbridas para entrar e sair da Modernidade e A globalização imaginada; em Baudrillard - O sistema dos Objetos e em Jesús Martin-Barbero - Dos Meios às Mediações. Das ciências da educação tomaram-se como proposições teóricas: Moacir Gadotti, Paulo Roberto Padilha e Roberto da Silva, cujas análises educacionais prevêm um entrelaçamento entre os ideais freireanos presentes em Educação com Qualidade Social, As Cidades Educadoras. Com todos esses autores foi possível estabelecer um diálogo para estudar os dois projetos planejados pela gestão municipal. Observando os enfoques comunicativos presentes nas questões pertinentes ao espaço público, à esfera pública política e ao problema da ação comunicativa do mundo vivido suplantado pelo mundo sistêmico, foi possível apreender e analisar as associações, convergências e divergências que conferem ao CEU e ao CECI valores que superam os aspectos exclusivamente físicos ou funcionais. Para complementar as análises utilizamos, dentre outras bases iconográficas colhidas na mídia impressa, os documentos, registros e projetos político-pedagógicos relativos aos dois Centros Educacionais.</p>
<p>A natureza da comunicação bios midiática</p>	<p>PUC/SP</p>	<p>2010</p>	<p>Uma das temáticas recorrentes nos estudos comunicativos tem sido o da possibilidade de proposição de um outro modo de tratar a comunicação que dê conta de compreender as recentes mudanças no ambiente da cultura provocadas pelo novo instrumental social das tecnologias do virtual. O objetivo desta pesquisa, portanto, é o de investigar como se estruturam àqueles vínculos mediatizados pela crescente expansão da virtualização da experiência cotidiana e que, contemporaneamente, decorrem da comunicação bios midiática (metáfora conceitual empregada por Muniz Sodré para designar novas formas de vida e</p>

			<p>socialização impulsionadas pela atual fase do capitalismo cognitivo). Em outros termos, esta pesquisa procura analisar e interpretar o caráter ontológico dos vínculos interativos que se manifestam através do tempo real e do espaço auto-referente e que, conseqüentemente, vão conferir especificidade à ação comunicativa. Nesse sentido, nossa hipótese é a de que a capacidade de comunicação de um meio está diretamente relacionada ao modo como os sistemas operativos (códigos) são organizados dentro dos diferentes complexos comunicativos (linguagens). Neste sentido, a auto-referencialidade do meio digital deve interferir na produção e na distribuição dos conteúdos informativos, ao mesmo tempo em que, altera o significado dos procedimentos comunicativos por meio de um outro diagrama do comunicar que ocorre de maneira processual e evolutiva, desenhando uma cartografia ecológica entre cultura e meio. Tal fato coloca-nos diante de outros parâmetros epistemológicos que vêm o bios midiático, apesar de sua indeterminação e fragilidades enquanto objeto de estudo, como um novo meio, potencialmente, capaz de promover uma ciência ecológica da comunicação na contemporaneidade</p>
As espacialidades em montagem no cinema e na televisão	PUC/SP	2008	<p>Essa tese de doutorado procura entender de que maneira as espacialidades são construídas no cinema e na televisão. Com base nessa problemática principal, outras questões relacionadas são investigadas, tais como: as relações existentes entre as construtibilidades do espaço e a montagem audiovisual; o modo como espacialidades fílmicas dialogam com as televisuais e os vínculos comunicativos estabelecidos entre as espacialidades investigadas e o espectador. Em conseqüência, o objetivo principal desta pesquisa é contribuir para as investigações sobre as formas de organização do espaço em sistemas midiáticos e sobre as maneiras pelas quais essas construções geram sentidos. Dessa forma, a pesquisa relaciona-se com outras que têm as espacialidades como objetos de investigação, com a intenção de perscrutar categorias de análise que possam tornar mais claros os seus modos de articulação. O corpus de análise está dividido em dois grupos. O primeiro, relativo ao cinema, é composto pelos longas-metragens: A ostra e o vento (Walter Lima Jr./1997) e Elefante (Van</p>

			<p>Sant/ 2003). O segundo, relacionado à televisão, é constituído pela primeira jornada da microssérie Hoje é dia de Maria, dirigida por Luiz Fernando Carvalho, em 2005. A principal estratégia metodológica de análise é a leitura comparativa dos textos por meio dos modos de ordenação das espacialidades em montagem. Entre eles, a análise comparativa possibilita detectar diferentes modos de desenho do espaço e, também, ela auxilia a percepção e o entendimento das fronteiras de contaminação entre linguagens. Para a leitura e investigação do corpus de análise, esta pesquisa dialoga com as categorias de análise do espaço — espacialidade, visualidade, visibilidade e comunicabilidade—, propostas pela Profa. Dra. Lucrécia D’Alessio Ferrara; com o conceito de montagem investigado pelo cineasta russo Sergei Eisenstein; com as noções de fronteira, texto cultural, memória e dispositivo inteligente entre sistemas, propostas por Iuri Lótman e, também, com as noções de imagem, diagrama e a metáfora, estudadas pelo semiótico Charles Sanders Peirce. Em razão do tema proposto, esse entrecruzamento de idéias é fundamental para compreender o modo como o espaço é pensado e ordenado pela montagem através das espacialidades conflituosas existentes entre células sócio-culturais</p>
<p>O design de aparência de atores e a comunicação em cena</p>	<p>PUC/SP</p>	<p>2008</p>	<p>Esta pesquisa pretende analisar a linguagem utilizada para construir a aparência de atores e personagens no âmbito de espetáculos, a qual denominamos caracterização visual de atores, bem como dimensionar sua importância na edificação dos significados de uma dada obra artística. A expressão caracterização visual refere-se, mais especificamente, aos relacionamentos expressivos entre cores, formas, volumes e linhas que, de diferentes maneiras, materializam os figurinos, as maquiagens, os penteados e os adereços, visando traduzir, em matéria plástica sensível, a aparência geral, ou seja, a caracterização de um ator, numa cena espetacular. Atualmente, nota-se, em espetáculos veiculados por diferentes meios, uma forma peculiar de conceber a construção da aparência de atores, que difere da mera função de referência usualmente apresentada pela concepção do figurino de uma obra, que, em geral, é tomado como parte acessória da representação. O trabalho de realização de</p>

			<p>um figurino é decorrente de um desenho mimético e referencial, que antecede o espetáculo em que se insere o ator, como é o caso dos figurinos que retratam determinada época, por exemplo. Neste trabalho, pretendemos refletir sobre o processo de complexidade pelo qual tem passado a linguagem que denominamos caracterização visual de atores para, enfim, entender seu campo conceitual e propor a existência de um outro modo de constituir essa linguagem, conceituado como design de aparência de atores, em que o figurino é, apenas, um elemento parcial. A caracterização visual, como uma linguagem, pode ser organizada segundo os modos figurino ou design de aparência. As concepções de Giulio Carlo Argan sobre as diferenças existentes entre as noções de projeto e programa, bem como as proposições de Régis Debray a respeito dos distintos modos de se organizar uma informação foram decisivas para que pudéssemos formular a conceituação de design de aparência e assinalar as divergências entre esse modo de caracterizar atores e um trabalho de figurino. Por um mecanismo metonímico do pensamento, o senso comum costuma usar o termo figurino apenas para se referir à aparência geral de um ator, ignorando a importância dos demais componentes para a construção da imagem cênica. Os conceitos elaborados pelos semioticistas da Escola de Tártu-Moscou apresentam as perspectivas teóricas necessárias para podermos compreender a aparência de atores em espetáculos como um sistema aberto, constituído por diálogos entre inúmeros sistemas modelizantes. Assim, podemos dizer que a aparência de um ator é um texto cultural, resultante de um complexo imbricamento de linguagens e que somente em meio a essa complexidade pode ser entendido. Um espetáculo artístico é uma obra sistêmica, um feixe de relações, no qual inúmeras linguagens atuam para a construção de um produto final. Não é possível isolar apenas uma das linguagens constitutivas de uma obra para compreendê-la, pois é necessário fazer, sempre, uma leitura relacional e, sobretudo, comunicante ou mediativa com o repertório de inferências que poderá ser construído pelo receptor. As análises realizadas buscam compreender como as imagens criadas pelo design de aparência de atores constroem as espacialidades de uma cena</p>
--	--	--	--

			artística. Para tanto, trabalhamos com o seguinte corpus analítico: a peça Os sete gatinhos de Nelson Rodrigues, dirigida por Antunes Filho, em 1989; a microssérie Hoje é dia de Maria, dirigida por Luiz Fernando Carvalho, produzida pela Rede Globo de televisão, em 2005; três imagens criadas pela fotógrafa norte americana Cindy Sherman
Persuasão e entretenimento: a publicidade-entretenimento se configura como estratégia comunicativa que resgata a retórica aristotélica	PUC/SP	2008	O presente trabalho de doutoramento tem por objetivo descrever e analisar o fenômeno intitulado publicidade-entretenimento, ou advertainment, que se constitui em uma nova estratégia de comunicação publicitária. A publicidade-entretenimento se configura como um novo paradigma da publicidade ao alterar alguns processos fundamentais da sua atividade. Em nossa pesquisa verificaram-se as hipóteses de que o advertainment inverte o fluxo de informação, fazendo com que o usuário busque, baixe, execute e divulgue os comerciais das marcas anunciantes, ao invés de ser apenas um receptor das mensagens no intervalo da programação. Do ponto de vista criativo, notou-se que é necessário que se construa narrativas cativantes para que o consumidor se sinta incentivado a divulgar o conteúdo da publicidade. Para que todo o processo ocorra, é necessário grande envolvimento do consumidor, esse envolvimento só é possível quando a publicidade incorpora os elementos retóricos descritos por Aristóteles em seu elocucio, ou seja pathos, ethos e logos integrados em um discurso envolvente. Ao construir mensagens que agregam as técnicas persuasivas aristotélicas ao domínio da construção de narrativas cativantes e aos usos e costumes de navegação na Internet, a publicidade-entretenimento cria uma nova ferramenta de alto poder persuasivo que permite que as marcas passem a comunicar-se com seus consumidores em um patamar diferenciado. Essa mudança indicia uma nova linguagem para a publicidade e uma diferente relação entre marcas e consumidores por meio da publicidade. Ao invés de serem meras transmissoras de informações acerca dos produtos e incentivadoras das compras, a publicidade se transforma em fonte de entretenimento atingindo um novo status aos olhos do consumidor e tornando-se agradável e desejável

<p>A construção do herói nacional e as características das suas mediações</p>	<p>PUC/SP</p>	<p>2010</p>	<p>Os meios de comunicação de massa produzem conteúdo simbólico, previamente organizado e veiculado, com intuito de estabelecer vínculo com o público. Essa pesquisa investigou as características políticas e culturais do herói nacional e o modo como os veículos de comunicação nelas interferem. Parte-se da hipótese de que os meios de comunicação de massa não só medeiam interesses nacionalistas, mas também desmascaram os motivos oficiais daquele projeto, produzindo traduções e/ou caricaturas do herói planejado politicamente. A análise dessas traduções possibilita estudar as reais ou possíveis intervenções das mediações na construção do imaginário nacional. Procurou-se assim, pesquisar as características das traduções da heroicidade fomentada pelo Estado, que se manifestam em diferentes veículos comunicativos e percorrem matrizes que vão do nacionalismo à caricatura. A descrição dos contextos político, social e cultural que suscitaram a emergência do Estado nacional constitui etapa indispensável para a definição do problema que será investigado: as diferenças do processo de mediatização do herói, que, geradas no âmbito do Estado-Nação, têm sido recuperadas em diversos processos de mediação. Considerando-se o método histórico comparativo, o corpus da pesquisa contemplou personagens originados pelo jornal (Crônica), pela literatura, pelo cinema e pela televisão. O referencial teórico está apoiado em conceitos desenvolvidos por Vladimir Propp (2002) e por Mikhail Bakhtin (2002), através da estrutura dialogante da cultura e da carnavalização; pela semiótica greimasiana (enunciador e enunciatário com suas específicas estratégias de enunciação); por Ferrara (2008), por meio da teoria da espacialidade; por Baudrillard (1991), através da visualidade, da simulação e do simulacro da imagem; por Stuart Hall (2006) e Manuel Castells (2002), com as questões relacionadas à identidade moderna e pós-moderna, além da leitura da realidade nacional, desenvolvida por Alfredo Bosi (2006), Sérgio Buarque de Holanda (2006), Gilberto Freire (2005), Antonio Candido (1974), Octávio Ianni (1994), José Murilo de Carvalho (1990), entre outros</p>
--	---------------	-------------	---

A natureza ecológica da comunicação	PUC/SP	2008	Ao considerar como problemática central a necessidade de se compreender a dimensão comunicativa dos ambientes, este trabalho encara dois desafios complementares, apresentados como hipóteses: primeiramente entender o ambiente como quadro cognitivo e a partir daí, enxergar a dimensão comunicativa do pensamento ecológico. A proposta da pesquisa conduziu a uma análise de ambientes contemporâneos, bem como de abordagens teóricas da comunicação, desde as pesquisas desenvolvidas pela escola de Chicago e pela Teoria Crítica, até a cibernética e o mais recente estudo do funcionamento dos sistemas complexo. Tal investigação possibilitou não somente a compreensão dos ambientes como representações de formas de pensar e conhecer, como também conduziu a um entendimento das relações entre sistemas humanos e naturais. Foi possível enxergar, principalmente, que os desafios propostos pela dinâmica ambiental estimulam uma transformação epistemológica: a configuração de um pensamento transdisciplinar capaz de revelar a dimensão ecológica do próprio pensamento comunicacional.
Janela indiscreta: a simulação do mundo vivido no audiovisual	PUC/SP	2009	A pesquisa visa explorar a modelização da verossimilhança em sistemas de comunicação do ponto de vista semiótico. Cada vez mais frequente, essa forma de modelização se volta para a construção de textos que enfatizam o referente e fundem ficção e realidade. Nessa perspectiva, o trabalho procura mapear as estratégias e os recursos de linguagem presentes no processo de tradução daquele referente, em específico no audiovisual, com estudos de caso sobre a televisão e o filme documentário. No trabalho, compreende-se o mundo vivido como o mundo natural que os signos representam e considera-se, também, o mundo midiático como o universo criado pela representação. Como hipótese, admite-se que tal modelização simula, na tela, o mundo vivido pela semiose de elementos do método etnográfico. Para tanto, os elementos do método etnográfico, quando traduzidos para os sistemas de comunicação, deixam a sua condição etnográfica e transformam-se em marcas de veracidade do texto audiovisual. Ou seja, a etnografia é modelizada pelos sistemas de comunicação audiovisuais. Admite-se como hipótese, ainda, que a modelização da

			<p>verossimilhança construirá a simulação, que pretende apagar as marcas da representação aos olhos do público, de modo a gerar uma plataforma de credibilidade para os sistemas de comunicação. A simulação utiliza o fenômeno janela indiscreta, isto é, o desejo do público de conhecer a vida privada do outro como voyeurismo midiático e, simultaneamente, a sua vontade de revelar a própria vida a terceiros. Nesse contexto, uma das estratégias e um dos recursos utilizados pela simulação será o uso de histórias de vida de pessoas anônimas. O corpus de pesquisa analisa o caso da televisão, com a telenovela Páginas da Vida (TV Globo, 2006-2007) e o reality show BBB8 Big Brother Brasil 8 (TV Globo, 2008), assim como a condição do filme documentário, com Edifício Master (Eduardo Coutinho, 2002) e Ônibus 174 (José Padilha e Felipe Lacerda, 2002). A análise está fundamentada no pensamento da Escola de Tártu- Moscou de semiótica da cultura e Jean Baudrillard, responsáveis pelos conceitos principais que dialogam no trabalho: modelização e simulação. Mas também inclui as contribuições de Bauman, Bateson, Jakobson, Luhman, Certeau, Geertz, Clifford e McLuhan</p>
<p>O processo de hibridização da publicidade: entreter e persuadir para interagir e compartilhar</p>	PUC/SP	2010	<p>Nesta pesquisa investigamos como está ocorrendo o processo de hibridização da publicidade a partir do diálogo e das intersecções cada vez mais intensas entre três atores do ambiente mediático contemporâneo: o mercado publicitário, a indústria do entretenimento e as tecnologias interativas. Tivemos como objetivos descrever e analisar as rupturas paradigmáticas do modelo publicitário vigente, as transições de processos criativos e produtivos e as tendências para a comunicação publicitária, em suas novas configurações. Nesta tese, verificamos as seguintes hipóteses: 1) a convergência midiática e as interações do ambiente mediático geram novas configurações publicitárias; 2) a incorporação, na linguagem publicitária, de elementos como entretenimento e interatividade, levam à hibridização entre aqueles elementos e as funções originais da publicidade informar e persuadir; 3) as estratégias de hibridização da linguagem publicitária levam-na a persuadir, entreter e interagir, concomitantemente, tornando-a um novo produto midiático: o</p>

			<p>entretenimento publicitário interativo. Na investigação destas hipóteses nos fundamentamos em diversos conceitos teóricos e autores como: o hibridismo cultural, de Néstor García Canclini, no qual não se distingue mais o que é culto, massivo ou popular; o percurso gerativo de sentido das narrativas complexas da publicidade, divididas entre a manipulação, a competência, a performance e a sanção, enunciado por José Luiz Fiorin; os estudos conceituais e de gêneros de entretenimento empreendidos por pesquisadores como Jeder Janotti Jr. e Itania Gomes; os tipos de interatividade pesquisados por Pierre Lévy nas relações das mensagens com os dispositivos de comunicação; o incentivo ao compartilhamento e à disseminação de conteúdos a partir de meios interativos, pesquisados por Karla Patriota. O objeto de pesquisa é relacionado às campanhas publicitárias que envolvem comunicação por conteúdo (branded content) e/ou entretenimento de marca (branded entertainment), aliadas à interatividade e às possibilidades de distribuição via compartilhamento. Cinco cases publicitários compõem o corpus de leitura e análise desta tese: o comercial online Carousel , para a Philips vencedor do Grand Prix no Festival Internacional de Publicidade de Cannes, em 2009; o curta-metragem Signs , integrante do Schweppes Short Film Festival; o filme publicitário Piano , da Nespresso, que compõe o hotsite What else?; a microssérie Gourmand em Casa , da Brastemp, composta por episódios para tevê e ações de interatividade em redes sociais na web; o comercial online The Hero , da Radiotjänst ação personalizável e com incentivo à disseminação. As peças destas campanhas se enquadram no que compreendemos ser um novo produto midiático: o entretenimento publicitário interativo, pois são híbridos que, em um mesmo esforço comunicacional, entretêm, persuadem, interagem e são compartilháveis</p>
Publicidade: entre a prática e as teorias da comunicação	UNB	2010	<p>Este trabalho aborda a ideia de que a publicidade atualizada na sociedade mediatizada tem as suas teorias fundamentais inseridas no conjunto maior das teorias da comunicação. A percepção de um hiato na relação entre a prática publicitária e as teorias da comunicação nos leva a identificar, na sua natureza massiva, persuasiva e cognitiva, a sua filiação às</p>

			teorias dos efeitos. Para tanto, buscamos identificar no papel da publicidade e na sua relação com os meios de comunicação os elementos capazes de imprimir as matrizes deste recorte teórico.
Capital simbólico e cultura de consumo	UFRJ	2009	
No rastro das presenças imaginárias	PUC/SP	2016	Esta tese parte de inquietações acerca dos modos de conhecimentos oriundos dos processos comunicacionais mediativos e interativos, bem como da configuração visual de seres imaginários: exemplo disso é a deformação da bruxaria em feitiçaria pelos discursos pejorativos dos inquisidores cristãos, e as variações de significação que a palavra “sabá” assume em seu percurso etimológico. Durante a pesquisa, observamos que seres imaginários se caracterizam como ambivalência comunicativa ou duplo vínculo interpretativo, ensejando saltos transcontextuais rumo a inferências abduativas, ou seja, ao nascimento de novas ideias. Contudo, a vigente epistemologia instrumental da comunicação, de caráter predominantemente dedutivista e transmissivo, não nos dá condições de abordar tais ambivalências sem o risco de amputá-las; daí porque buscamos outra experimentação epistemológica, que chamamos de oblíqua. O problema central é compreender como se constitui o olhar oblíquo da epistemologia da comunicação, a partir da articulação entre conceitos e ideias, e da ressonância entre ideias e rastros. Nossas hipóteses sugerem: o imaginário opera como propagação de conceitos e provocação de ideias; ideias e conceitos cooperam entre si na continuidade de suas configurações semióticas e efetivação de imaginários; a epistemologia oblíqua se constitui como rastreamento sincrodiacrônico, a fim de ensejar acontecimentos entre sistemas de ideias e conceitos. Nosso objeto epistemológico são os fluxos de ressonância presentes nas ambivalências, e daí recortamos o objeto empírico: como as mídias mostram os monstros em variações sincrodiacrônicas (corpus de análise: ciborgues, alienígenas, bruxas, vampiros, lobisomens, fengchuis e dragões). O objetivo geral é contribuir com outra epistemologia ao campo científico da comunicação e à definição de seu objeto científico, assumindo como objetivos específicos: examinar a

			<p>dinâmica conceito-rastro-ideia e a proposta de uma epistemologia oblíqua; detectar vínculos de significação ainda latentes nas ambivalências; inferir consequências políticas das ressonâncias sincrodiacrônicas. A fundamentação teórica se baseia no dialogismo entre os conceitos de abdução e sinequismo, de Charles Sanders Peirce, e de duplo vínculo e deuteroaprendizagem, de Gregory Bateson. A estratégia metodológica pauta-se na arqueologia semiótica do rastreamento, com vistas a reconstituir os potenciais vínculos significantes entre ambivalências. Tal experimento se insere nos debates sobre epistemologia da comunicação e novas comunicologias, e oferece em contribuição uma proposta epistemológica como disposição outra para sabermos cruzar territórios discursivos como se fôssemos drones em redemoinhos, considerando distintos fenômenos em suas controvérsias, e testemunhando aqueles momentos em que heterogeneamente inventamos e descartamos invenções; sabermos, enfim, entremear-nos em discursos já instituídos pela viabilização de novas constituições do entendimento</p>
--	--	--	---

3 – Teoria da Comunicação (BDTD)

TÍTULO²¹ (TEORIA DA COMUNICAÇÃO) BDTD	INSTITUIÇÃO	ANO	RESUMO
Publicidade : entre a prática e as teorias da comunicação	UNB	2010	Este trabalho aborda a ideia de que a publicidade atualizada na sociedade mediatizada tem as suas teorias fundamentais inseridas no conjunto maior das teorias da comunicação. A percepção de um hiato na relação entre a prática publicitária e as teorias da comunicação nos leva a identificar, na sua natureza massiva, persuasiva e cognitiva, a sua filiação às teorias dos efeitos. Para tanto, buscamos identificar no papel da publicidade e na sua relação com os meios de comunicação os elementos capazes de imprimir as matrizes deste recorte teórico. _____
Trabalho sobre o que se deteriorou : explorações sobre a possibilidade de uma teoria da comunicação pós-semiológica	UNB	2013	O objetivo deste trabalho é investigar os limites da teorização sobre a comunicação elaborada no âmbito da semiologia. Na primeira parte, relaciono a constituição do campo da comunicação ao desenvolvimento do estruturalismo, no contexto do qual a semiologia se desenvolveu. Nesta parte, sugiro que a reflexão estruturalista, ao desembocar no pós-estruturalismo, fornece argumentos para a disseminação do ceticismo no campo da comunicação. Na segunda parte, analiso a teoria da comunicação desenvolvida por Roman Jakobson com a intenção de localizar aí aqueles elementos que iriam fundamentar, mais tarde, o discurso cético sobre a comunicação. Concluo que as premissas da epistemologia estruturalista - o fechamento do sistema, a exclusão do real, a adoção do modelo da teoria da informação - associadas à crítica da cultura, herdada pela semiologia da literatura

²¹<http://bdtd.ibict.br/vufind/Search/Results?page=4&filter%5B%5D=~format%3A%22doctoralThesis%22&filter%5B%5D=publishDate%3A%22%5B2008+TO+2018%5D%22&join=AND&bool%5B%5D=AND&lookfor%5B%5D=%22teoria+da+comunica%C3%A7%C3%A3o%22&type%5B%5D=AllFields>

			modernista, acabam, paradoxalmente, por provocar a expulsão da comunicação da reflexão semiológica.
Ponto de equilíbrio entre a nova teoria da comunicação, o vídeo game e o minecraft	USP	2017	Eu jogo, tu jogas e nós? Nós jogamos ou somos jogados? Eu me comunico? Tu te comunicas comigo? Nós nos comunicamos enquanto jogamos? Talvez a resposta rasa a qual somos induzidos a pensar seja: \"Sim! e como nos comunicamos.\" De forma mais elaborada, a ideia da pesquisa em questão é: qual a sinergia que ocorre entre o jogar e o comunicar, considerando que o comunicar não é algo que emula a comunicação, que promove o êxodo para o virtual, que coloca o jogador enquanto objeto de jogo tal como um peão. Comunicar é algo que sente, que frui, que nos atravessa, que permeia a nossa sensibilidade e imbrica aquilo que somos com aquilo que passamos a ser. Por isso, a proposta aqui é a de buscar apreensão do fenômeno que o jogo promove, considerando a Nova Teoria da Comunicação, O Princípio da Razão durante, o metáforo e demais terminologias desenvolvidas por Ciro Marcondes Filho e o Grupo FiloCom. Abordar o jogar pelo suporte do videogame para buscar o sutil, o ponto de equilíbrio do lúdico interativo na comunicação, que não nos mantém a mesma pessoa ao terminarmos de jogar. O jogo proposto como objeto de estudo, Minecraft, trata de um fenômeno, pois não só coloca o jogador como um produtor de conteúdo audiovisual mas permite que os usuários transformem e traduzam a realidade para eles. A questão, contudo é: será que os usuários traduzem os blocos que manipulam, que lhes é informado e supostamente comunicado em realidade? O objetivo aqui é o de compreender o jogo por este olhar, buscando as contribuições teóricas do ponto de vista do Princípio da Razão Durante (viés Comunicacional, Tecnológico e Sistêmico) e práticas (Reflexão, Criação, Apreensão e Popularização do conhecimento).
Um programa de pesquisa comunicacional a partir de Harold Innis e Marshall McLuhan	UNB	2014	Na história do campo comunicacional percebemos uma dificuldade em encontrar critérios que estabeleçam o que é preciso para que uma teoria seja considerada como pertencente ao campo comunicacional. Tal fato repercute também no uso de denominações frouxas (escola, tradição, corrente, etc.) sem que haja um engajamento epistemológico a fim de dar rigor às

			denominações. A presente tese propõe a elaboração de um programa de pesquisa comunicacional tendo como guia a proposta do epistemólogo Imre Lakatos a partir do trabalho dos canadenses Harold Adams Innis e Marshall McLuhan. Autores, estes últimos, que se dedicaram a análise dos meios de comunicação enquanto tecnologias como elementos centrais para compreender a sociedade. Para estabelecer um programa de pesquisa comunicacional sistematizamos as principais teses dos dois autores, assim como as críticas a estas teses e os pontos de contato epistemológico que existem entre ambos os autores. Procuramos então, estabelecer um núcleo duro capaz de sustentar um programa de pesquisa assim como as hipóteses auxiliares que compõe o círculo protetor do mesmo.
Excommunicatio. Ensaio para uma teoria negativa da comunicação	USP	2014	Este trabalho de doutorado esboça uma teoria negativa da comunicação a partir da reelaboração negativa dos seus três conceitos fundamentais: a comunicação, o medium e a comunidade. Grosso modo, a comunicação é figurada como uma experiência radical de alteridade; o medium como a descrição dos modos de percepção desta experiência e a comunidade como a incorporação das possibilidades de sua ocorrência. A comunicação manifesta uma experiência que transforma o 'eu' em 'mim', pois o sujeito não é necessariamente causa ou efeito desta experiência, mas é exposto à ela, como uma ferida aberta. O medium é o modo de percepção que opera esta experiência: ele não é uma ponte entre o abismo que separa o mim do outro, pois ele acentua esse abismo, na medida em que ele se imaterializa no momento da experiência, como uma materialidade que se descorporifica. E quando essa experiência efetua-se, é porque se toma parte em algo comum, em uma comunidade: mesmo que precária ou evanescente, ela incorpora a possibilidade da ocorrência deste fenômeno. Na teoria negativa da comunicação, o medium torna-se transparente, a comunidade torna-se expositória e a comunicação torna-se transcendente. Ponderar sobre a negatividade da comunicação é ir ao encontro de uma ex-comunicação: uma despalavra que busca ex-pôr aquilo que nos fenômenos comunicacionais escapa à discursividade, seja a medialidade do meio, a infabilidade da relação ou a

			<p>comunidade daqueles que não constituem qualquer comunidade. O prefixo ex assinala não apenas uma simples negação, mas um deslocamento fundamental: ele é o inegável que se pré-supõe, que constitui a comunicação, mas que resiste à qualquer conceituação. Ao mesmo tempo em que possibilita, o prefixo ex assegura a impossibilidade da sua representação: um comunicar que não se estrutura em signos, mas se mostra - uma comunicação negativa, existencial, intransitiva, inexprimível, mística.</p>
<p>MEIOS DE COMUNICAÇÃO COMO QUESTÃO TEÓRICA: mapeamento e análise de possibilidades conceituais</p>	METODISTA	2017	<p>Esta pesquisa é motivada pela pergunta Que é Meio de Comunicação nas abordagens circunscritas pela produção nacional? Em razão disso, os levantamentos realizados especificamente sobre o domínio da Comunicação foram integralmente vinculados às referências utilizadas nos cursos de pós-graduação Stricto Sensu e em periódicos e anais de abrangência nacional dos últimos sete anos. Com o objetivo de mapear proposituras conceituais acerca de Meio de Comunicação e baseada na proposta metodológica de Lopes (2005), foi realizada uma análise subdivida em procedimentos de cunho metódico-técnico e teórico-epistemológico das publicações recentes e de textos que podem ser designados como clássicos da área, visando identificar e avaliar argumentos sobre a questão. Mediante os resultados obtidos as principais conclusões são: em textos recentes Meio de Comunicação é uma lacuna conceitual, visto que a problematização direcionada ao conceito em si é representativa em menos de 1% dos textos analisados. Em relação aos textos clássicos, embora se tenha algumas pistas de espaços para a formulação de construções hipotéticas que colaborem para a conceituação, confirmam-se as intuições do debate epistemológico que apontam para a proeminência do uso não especializado do termo.</p>
<p>Convergência entre televisão e web : proposta de categorização analítica</p>	UFRGS	2012	<p>A expressão convergência midiática aparece com frequência na produção acadêmica e na imprensa. Alguns esforços conceituais sobre o termo consideram apenas aspectos técnicos, entendendo o fenômeno somente como a reunião de diversas mídias em um único ambiente ou dispositivo, sem abordar questões sociais e culturais. Por outro lado, outras argumentações abordam o envolvimento dos indivíduos na constituição da convergência,</p>

			sem privilegiar a análise do elemento tecnológico. A partir dessa diversidade de posicionamentos, através de um movimento teórico-epistemológico estuda-se a convergência entre a televisão e a web a partir de uma crítica sobre a abrangência do conceito para superar seu enfoque tecnicista, porém sem desconsiderá-lo, além de estudar também os níveis social e cultural. O conceito é desdobrado em categorias analíticas, que são interdependentes. Em cada uma são discutidas transformações no processo de convergência nos níveis técnico, social e cultural. Verifica-se na produção teórica a predominância do entendimento sobre convergência como um processo essencialmente tecnológico, que ainda subestima questões sociais e culturais diante do desenvolvimento de novos modelos de comunicação baseados em processos mais flexíveis de produção, circulação e consumo de conteúdos midiáticos.
Os sertões no século XXI: a beleza que Euclides não viu	MACKENZIE	2016	Fruto de uma experiência formativa interdisciplinar e de uma pesquisa empírica, teórica e documental, este trabalho consiste na tessitura de uma rede de conhecimentos culturais, que compõe uma etnografia audiovisual sobre a cidade de Canudos no sertão baiano, a partir da voz das mulheres, no contexto do século XXI. A invisibilidade histórica a que as mulheres foram submetidas se confirma novamente quando Euclides da Cunha, em Os Sertões, reduz a narrativa e o registro de suas existências à quase nulidade, apesar de elas terem sido a grande maioria da população na Companhia de Antônio Conselheiro. O passado age inevitavelmente sobre o presente, especialmente quando se vive em um solo que absorveu o sangue de milhares de vítimas de um genocídio impetrado em nome da ordem, escondido sob o manto da construção da democracia e silenciado pelos aparelhos ideológicos do Estado durante muito tempo. Canudos passou pelo extermínio através de uma guerra sangrenta promovida pelo Estado (1896-1897); se reorganizou em 1910 sobre as ruínas de Belo Monte, que foram totalmente inundadas pelo Açude do Cocorobó em 1969. Canudos reconfigurou-se ao redor do açude, constituindo-se um município em 1985. A força da história, da cultura e da sociedade age sobre as pessoas, que desenvolvem sua autonomia de

			<p>significados, a partir de perspectivas sobre si mesmas, sobre o outro e sobre o mundo, alimentadas pela sua própria imaginação pessoal e pela sua trajetória de vida. O encontro entre biografias e culturas é o principal objeto desta pesquisa, que mergulha no imaginário e na realidade de mulheres que hoje vivem em Canudos. A etnografia e a etnobiografia são princípios metodológicos norteadores da pesquisa, que aqui se desenha conceitualmente em um material experimental e transmidiático, que associa linguagens como fotografia, audiovisualidades, textualidades e oralidades no intuito de abranger a complexidade da dimensão cultural e pessoal das personagens, bem como, a expressão e divulgação das narrativas construídas pela autora, dispostas em uma rede de pesca cultural pós-moderna, a ser consolidada em um webdocumentário.</p>
Fotojornalismo em Campina Grande – PB: mapeamento de relatos e imagens de 1960 a 2012	MACKENZIE	2017	<p>Este trabalho de pesquisa é um mapeamento sobre os fotojornalistas que atuaram na cidade de Campina Grande – PB, no período de 1960 a 2012, tendo como elementos de suporte as imagens e os relatos gerados por estes profissionais. A escolha pelo objeto se deu fundamentalmente por não existir na região nenhum estudo deste porte, permanecendo, até então, uma lacuna que seria cada vez mais difícil de suprir dado o desaparecimento natural dos fotojornalistas e a maneira desleixada como a maioria dos acervos públicos e privados relativos ao tema vêm sendo tratados nesta cidade. A metodologia utilizada na pesquisa partiu do conceito de iconografia, de perfil técnico-descritivo, e explorou quatro grupos de fontes: a) escritas; b) iconográficas; c) orais; d) fontes-objetos (KOSSOY, 2001). Utilizando o estilo de entrevista semiestruturada, com ênfase na história de vida tópica, colhemos depoimentos de 27 pessoas, que geraram aproximadamente 45 horas de áudio e vídeo, e garimpamos mais de 60.000 imagens. Esse arcabouço, alinhado a metodologia descrita, nos ajudou a promover uma investigação com base na abordagem qualitativa de caráter descritivo, que demandou, pela própria natureza do objeto, uma pesquisa de campo. Para além da tese, todo o material coletado nos fornecerá condições de investir em trabalhos</p>

			ulteriores de pesquisa, que contribuirão com outros pesquisadores da área que venham a se interessar pelo tema.
A natureza da comunicação bios midiática	PUC/SP	2010	Uma das temáticas recorrentes nos estudos comunicativos tem sido o da possibilidade de proposição de um outro modo de tratar a comunicação que dê conta de compreender as recentes mudanças no ambiente da cultura provocadas pelo novo instrumental social das tecnologias do virtual. O objetivo desta pesquisa, portanto, é o de investigar como se estruturam àqueles vínculos mediatizados pela crescente expansão da virtualização da experiência cotidiana e que, contemporaneamente, decorrem da comunicação bios midiática (metáfora conceitual empregada por Muniz Sodré para designar novas formas de vida e socialização impulsionadas pela atual fase do capitalismo cognitivo). Em outros termos, esta pesquisa procura analisar e interpretar o caráter ontológico dos vínculos interativos que se manifestam através do tempo real e do espaço auto-referente e que, conseqüentemente, vão conferir especificidade à ação comunicativa. Nesse sentido, nossa hipótese é a de que a capacidade de comunicação de um meio está diretamente relacionada ao modo como os sistemas operativos (códigos) são organizados dentro dos diferentes complexos comunicativos (linguagens). Neste sentido, a auto-referencialidade do meio digital deve interferir na produção e na distribuição dos conteúdos informativos, ao mesmo tempo em que, altera o significado dos procedimentos comunicativos por meio de um outro diagrama do comunicar que ocorre de maneira processual e evolutiva, desenhando uma cartografia ecológica entre cultura e meio. Tal fato coloca-nos diante de outros parâmetros epistemológicos que vêem o bios midiático, apesar de sua indeterminação e fragilidades enquanto objeto de estudo, como um novo meio, potencialmente, capaz de promover uma ciência ecológica da comunicação na contemporaneidade
O acontecimento comunicacional e a experiência de ensino. Afeto. Arrebatamento. Subjetividades	USP	2013	Este é um estudo epistemológico sobre o conceito de comunicação, que se utiliza de orientações filosóficas como aporte teórico. Porém, a tessitura desta proposta é trama emaranhada. É tecido que se umedece com líquido de subjetividade. Nos estudos

			<p>convencionais sobre comunicação, o estatuto ontológico do ser nunca teve muito espaço. Prefere-se estudar \"talhas\" na comunicação, como a recepção, a mediação, os processos, os meios. Este é o ponto de partida do nosso trabalho: enveredar uma pesquisa da comunicação que \"acontece\" no ser - o acontecimento comunicacional. E como a noção de acontecimento trabalhada na tese é distinta da concepção compreendida a partir do senso comum ou mesmo da mídia, esse tipo de estudo requisita um procedimento distinto de trabalho. Esse procedimento é o Metáporo: uma proposta prático-descritiva que exige uma postura científica modificada, pois considera as afetações no ser (do acontecimento), e, neste trabalho, em conjunto com as afetações do ser (da pesquisa). Por isso, o olhar do pesquisador conta. Não para subtrair da observação o que interessa, e sim compor com ela. Mas como é preciso considerar o aspecto incapturável do acontecimento, a aposta do Metáporo é pela sua descrição. \"Ter a experiência no próprio corpo e dela extrair descrições, relatos, exposições, textos, transformar o vivido em depoimento, em testemunho vivencial\". E como o solo de nossa observação deita o olhar sobre as experiências de ensino, e porque uma experiência de ensino é elasticidade do ser, nossa proposta, além da discussão epistemológica, inclui relatos autobiográficos. Narrativas que possam permitir uma contiguidade de fruição. Tessitura de tramas elásticas cuja intenção primeira é dar passagens às vibrações de pensamento pela porosidade do texto.</p>
A cibercultura e a expansão interdisciplinar da área da comunicação	PUC/SP	2013	<p>A presente investigação elaborou um panorama dos temas da cibercultura, assim como suas bases teóricas, metodológicas e métodos de análise utilizados em Teses e Dissertações do campo da Comunicação no Brasil, entre os triênios de 1995 a 2010. Analisamos resumos das pesquisas de Programas de Pós-Graduação com mais de quinze anos de atividades, devido à relevância pelo número de trabalhos apresentados no citado período. A metodologia adotada foi a de caráter teórico-empírica e quali-quantitativa, lastreada em levantamentos e fichamentos de textos pertinentes ao tema e em informações disponíveis em catálogos de bibliotecas e bancos de Teses institucionais, da Capes e do Ibict. Os dados</p>

			<p>bibliográficos e as observações analíticas sobre o material coletado foram indexados em um banco de dados desenvolvido no software Access, usados para a geração de tabelas no Excel, ambos da Microsoft, visando à representação dos elementos indicados pelos pesquisadores da área, no período mencionado. Os problemas da pesquisa, como os motivos que levaram os pesquisadores às investigações sobre a cibercultura e a adoção de outras teorias e metodologias sobre os objetos analisados, por exemplo, são apontados no decorrer desta investigação e podem ser explicados pelas transformações sociais, econômicas, políticas e culturais devido às novas tecnologias de informação e comunicação. Nos PPG em Comunicação, verificamos ainda alterações nas Linhas de Pesquisas dos Programas, entre outros fatores abordados nesta investigação, que indicam o redimensionamento do campo da Comunicação, abrindo uma brecha para a constituição de um subcampo, o da Cibercultura. Quadros teóricos formados, por exemplo, por Virilio, Castells, Landow, Flusser, Levy, Johnson, Guiddens, Negri, Trivinho, Sataella, Manovich, Bergson, reforçam o caráter de mutação e de renovação, acompanhando a expansão do campo da Comunicação. Os autores envolvidos nessas perspectivas são, entre outros, Gastón Bachelard, Michel Foucault, Eugênio Trivinho, Erick Felinto e Francisco Rüdiger</p>
Entre Hermes e Poseidon: o jornalismo na teoria do acontecimento comunicacional	USP	2013	<p>O jornalismo transforma em notícia os principais fatos do cotidiano de uma coletividade. As notícias são transmitidas através dos meios de comunicação a fim de possibilitar que essa coletividade saiba o que acontece de mais importante ou o que mais interessa aos jornalistas e às empresas jornalísticas. O jornalismo, portanto, é informação e, para isso, busca chamar a atenção para os acontecimentos que disponibiliza, em meio a um fluxo constante e até mesmo caótico de dados, o que configura a hipertelia. Este estudo explora os desdobramentos da comunicabilidade no jornalismo, fundamentado no conceito ontológico de comunicação proposto pela Nova Teoria da Comunicação. O procedimento de pesquisa utilizado é o Metáporo, que busca sentir as vibrações da comunicação enquanto Acontecimento único, aurático, efêmero, que força o pensamento e violenta a alteridade e</p>

			<p>que é estudado em seu desenrolar, o que constitui o chamado Princípio da Razão Durante. O Metáporo é o procedimento de pesquisa proposto pela Nova Teoria da Comunicação e busca sentir a comunicação ao considerá-la um fenômeno estético, que depende da receptividade. Quando se desdobra em comunicação, o jornalismo deixa de ser acontecimento noticioso para ser Acontecimento Comunicacional. No entanto, o estudo evidencia que, tendo em vista que a comunicação é rara, o jornalismo majoritariamente ocupa o desdobramento da informação, porque são dados feitos para serem transmitidos a fim de aumentarem o estoque de conhecimento da coletividade sobre determinado assunto.</p>
<p>A comunicação como jogo: sobre a dimensão lúdica como política da diversão programada em Vilém Flusser</p>	PUC/SP	2013	<p>A presente pesquisa tem por objetivo geral contribuir substancialmente com a área dos estudos da comunicação e da teoria da mídia através de reflexões teóricas acerca da comunicação humana como um processo lúdico: jogo. Para tanto, lançamos a tese de que, para o pensador tcheco-brasileiro Vilém Flusser (1920-1991), a questão central para o entendimento sobre a nossa comunicação só é possível se levada em conta a fundamental importância do conceito de jogo, especialmente em sua proposta de formulação de uma filosofia sobre a política da diversão em universo programado. Esta que, por sua vez, representa teoricamente a oportunidade de examinar os processos de comunicação como uma atividade divertida, dividida: diabólica. Em seu contexto específico procuramos realizar uma arqueologia do conceito de jogo, passando por argumentos filosóficos e antropológicos, para então, fazermos as relações necessárias com a teoria da comunicação de Flusser. A partir deste ponto os esforços se concentram na investigação do que, para o pensador em questão, vem a ser o jogo, em suas várias dimensões, a saber: antropológica, filosófica, existencial, política, estética e comunicológica. Com sua teoria da comunicação vinculada ao conceito de jogo, Flusser quer nos advertir do profundo aspecto de construção artificial de uma realidade préprogramada presente em todas as estruturas comunicacionais. Um aspecto de construção que se revela justamente a partir da relação de insignificância e de falta de sentido estabelecida entre homem e natureza, isto é, entre sujeito e objeto. Diante</p>

			<p>desse cenário sem valor, começamos, para suportar o peso de uma existência absurda e fadada à solidão, a construir objetos de valor. Iniciamos um processo e, destarte, nunca mais pudemos escapar: jogo. Na visão antropológica de Flusser, fomos jogados para dentro de ambiente limitado por possibilidades pré-escritas em programa fechado por parâmetros codificados; no chão caímos e passamos a nos jogar contra a natureza olhando para baixo, para o chão para que dela pudéssemos arrancar (abstrair, subtrair) algo que significasse, que pudesse dar sentido. Demos início, então, ao projeto. Projeto de objetos que se posicionam como rede sob nossos pés, com o sentido de nos proteger do abismo da ausência de fundamento que caracteriza a nossa situação existencial desde sua gênese. Este é o sentido da política da diversão que defendemos nesta tese e pretendemos, com isso, evidenciar a natureza fundamentalmente dialógica e limitada de toda comunicação humana, isto é, o caráter divertido presente em toda relação intencional do sujeito na direção do objeto dentro de universo programado</p>
<p>A imaginação reconstrutiva: Paul Ricoeur e Jürgen Habermas; sobre o discurso narrativo na modernidade</p>	<p>USP</p>	<p>2014</p>	<p>A presente pesquisa é um estudo comparativo entre a obra de Paul Ricoeur e a de Jürgen Habermas, em sua aproximação geral com as teorias da ação e do discurso, e, em particular, com o lugar e função que o discurso narrativo cumpre nelas. Assim, a investigação toma conceitos e teses fundamentais de dois dos paradigmas centrais que Ricoeur e Habermas elaboraram, a saber, a teoria da narrativa e a teoria da comunicação, para levantar algumas hipóteses sobre o lugar, a função comunicativa e os alcances sociais do discurso narrativo na modernidade. A hipótese central que guia todo o trabalho é a seguinte: existe uma relação constitutiva entre o discurso narrativo e a imaginação social, a qual cumpre um papel fundamental no processo de racionalização comunicativa das sociedades modernas. Esse papel fundamental se encarna em uma competência humana de tipo discursivo e de caráter universal que é capaz de reconstruir imaginativamente o modo como o nosso mundo da vida vai se diferenciando em suas razões, suas esferas simbólicas e nas tentativas bem-</p>

			sucedidas ou calamitosas com que administra, nas situações de interação, sua própria pluralidade
Comunicação e cultura: os pressupostos da <code>"guinada linguístico-pragmática"</code> da teoria do agir comunicativo de Jürgen Habermas	USP	2013	O objeto da presente pesquisa constitui-se na análise imanente dos pressupostos da <code>"guinada linguístico-pragmática"</code> de Jürgen Habermas verificada no interior de sua magnum opus - a Teoria do agir comunicativo, publicada em 1981. O objetivo a que nos propusemos alcançar é a elucidação do modo peculiar como Habermas absorve as aquisições teóricas da pragmática linguística (em especial J. L. Austin e J. R. Searle) visando a construção de sua teoria da comunicação, cujo ponto central é a postulação do consenso entre sujeitos capazes de linguagem e ação como o <code>"fim último"</code> ou télos do agir comunicativo. A hipótese teórica - ou de trabalho -, que acreditamos ter sido confirmada ao longo de nossa pesquisa, é a de que Habermas, mesmo sendo um árduo defensor da razão e do <code>"projeto da modernidade"</code> , compartilha ponto comum com os pensadores do período que se convencionou designar pós-modernidade: o chamado <code>"idealismo linguístico"</code> , isto é, apreensão dos atos comunicativos como entidades autônomas, porque separados das relações materiais e sociais dos homens.
Distanciamento e crítica: limites e possibilidades da teoria de sistemas de Niklas Luhmann	USP	2009	A teoria da sociedade de Niklas Luhmann, construída como teoria de sistemas sociais, encontra freqüentes críticas voltadas contra seu pretendido distanciamento moral e político no diagnóstico da sociedade contemporânea. Pesa sobre a teoria de sistemas sociais a generalização de um juízo prematuro conforme o qual ela se reduziria a uma sociologia conservadora de tendência tecnocrata, uma herdeira radicalizada do positivismo. Contudo, e contrariamente a essa percepção geral, a teoria de sistemas sociais parece ter um potencial crítico ainda inexplorado em toda a sua extensão, e que pode ser ativado por uma leitura que permita expandir o alcance da teoria. Essa expansão pode ser promovida quando a teoria de sistemas sociais é mobilizada para fundamentar uma teoria da comunicação de matriz materialista (capítulo 1), capaz de permitir que sua categoria fundamental a autopoiese seja compreendida em estreita relação com a apresentação do capital por Karl Marx (capítulo 2)

			<p>e confrontada com uma teoria do capitalismo (capítulo e 3). Na sequência, a teoria de sistemas sociais é empregada para dar conta das múltiplas dimensões da desigualdade social (capítulo 4) e da dinâmica dos conflitos e das contradições da sociedade atual (capítulo 5). Esta tese propõe um primeiro passo na direção de uma recepção crítica da obra teórica de Niklas Luhmann. Trata-se de testar os limites e as possibilidades da teoria de sistemas sociais.</p>
Do desafio do humor à sedução do processamento do texto humorístico à luz da teoria da relevância	UFMG	2008	<p>Esta tese fundamenta-se na reflexão sobre os mecanismos de humor e sobre a interpretação do humor à luz da Teoria da Relevância. Com o objetivo de apresentar uma proposta para trabalhar com o processamento da interpretação de textos humorísticos, sobretudo no ensino, foi realizada uma pesquisa em que se somam linhas teóricas de duas áreas distintas: por um lado, da comunicação, por outro, do humor. A teoria da comunicação aqui enfocada foi a Teoria da Relevância, elaborada por Sperber e Wilson (1986, 1995), que defendem que tanto o código quanto os aspectos pragmáticos (de natureza inferencial) são igualmente essenciais ao processo comunicativo. Esses autores propõem que o processo de inferenciação se estende também à compreensão da fase de decodificação do texto. Eles defendem que a comunicação se estabelece com base na relevância que eles elegem como um princípio comunicativo geral e que não é seguido, porque é inerente à compreensão espontânea de enunciados e, por esta razão, faz parte do aparelho cognitivo do ser humano. Dessa forma, é impossível ao ser humano deixar de comunicar. A partir da comparação de estudos de maior influência na questão do humor, foi escolhida a noção teórica de bissociação, proposta por Koestler (1964) para explicar a incongruência que é gerada por dois esquemas cognitivos incompatíveis, que se revela, enfim, como um paradoxo semântico ou pragmático. A associação deste conceito a hipóteses levantadas (mas não investigadas) pela Escola de Palo Alto (1967) gerou o modelo de mecanismo explicativo do humor aqui sugerido. Para relacionar as duas teorias de base, o mecanismo de humor foi submetido à Teoria da Relevância, para verificar a sua adequação teórica à aparelhagem</p>

			interpretativa descrita pela teoria de Sperber e Wilson. Após análise dessas teorias, investimos no estudo de possibilidades de interpretação textual durante o processamento da leitura, com a finalidade de contribuir positivamente para o trabalho com o texto humorístico em sala de aula. Concluímos que essa estratégia favorece a organização do processo interpretativo pois, ao abordarem o texto de uma forma orientada, os alunos poderão alcançar a compreensão que se espera de um leitor proficiente.
MARCAS FOLKCOMUNICACIONAIS NA OBRA LITERÁRIA DE LUIZ BELTRÃO	METODISTA	2008	Este estudo está circunscrito em Folkcomunicação, na área da Comunicação Social, e faz uma experiência de análise da obra literária de Luiz Beltrão, no sentido de verificar em que medida essa obra engendra elementos também constantes em seus estudos de Folkcomunicação, a saber, dentro de sua Teoria da Comunicação dos Excluídos (1967). Para este estudo foram selecionados contos e romances com o objetivo de se encontrar no texto literário marcas identificadoras da Folkcomunicação, já que a própria trama narrativa de Luiz Beltrão se dá, freqüentemente, na presença do embate político-ideológico entre cultura acadêmica e cultura popular, salientando ainda diferenças sociais extremadas. Em sua obra literária Beltrão tece narrativas com eventos que descrevem a realidade de indivíduos oprimidos, descortinando o cotidiano das gentes das classes desfavorecidas, sempre no confronto e em demanda com forças dos poderes políticos e sociais. Com apoio teórico de Bourdieu (2004), que postula a teoria dos campos e desenvolve o conceito de habitus, levanta-se um conjunto de crenças e práticas sociais que concretizam a identidade dos indivíduos em sociedade, particularmente no grupo dos excluídos. Assim, a pesquisa tem por objetivo verificar se na obra literária de LB elementos da Folkcomunicação já estavam presentes, conforme postulam as hipóteses aqui levantadas. Os resultados obtidos apontam que serão necessários outros estudos de análise para que se possam confirmar plenamente as hipóteses levantadas; no entanto, ficam evidentes as escolhas do autor sempre voltadas para os grupos sociais excluídos, sem voz social de relevo no universo comunicacional.(AU)

<p>O postal em seus movimentos: comunicação e memória</p>	<p>PUC/SP</p>	<p>2009</p>	<p>Trata-se de uma pesquisa voltada para a reflexão sobre o cartão-postal, enquanto fonte iconográfica, contemplando a sua relação com a fotografia e a sua popularização, interligando questões de uma era da imagem multiplicada para o consumo da massa, vindo a criar um novo mercado de trabalho gráfico, editorial e fotográfico. O advento do cartão-postal e, paralelamente, o surgimento das revistas ilustradas, bem como outras formas de difusão impressa da imagem, em especial da fotográfica representaram uma verdadeira revolução na história da cultura (KOSSOY). Um suporte, que podemos considerar, como um importante divulgador da imagem fotográfica, e ir além, um dos democratizadores 1 dessa imagem, na virada do século XIX para o século XX. Neste sentido a pesquisa se propõe a pensar não somente a criação de um novo mercado, sendo este essencialmente direcionado ao retrato, e que com o advento do cartão-postal possibilitou uma outra opção para os fotógrafos da época, tornando-se muito popular até os anos 30, como também a sua contribuição para um novo conceito e olhar sobre a imagem e o espaço. Além disso, acrescenta-se ao corpus escolhido sua relação com a cidade, suas representações e repertórios, bem como um veículo de correspondência, registro de uma época, de planos sociais, construção de ideologias, formação de imaginários. O cartão-postal nos remete, assim, a memória impressa e ao tempo industrial que este suporte agrega. Pretende-se, desta forma, analisar os cartões-postais, um tipo especial de memória em nossa cultura (pública e privada, um arquivo vivo e circulante) e as suas extensões comunicativas, tomando como orientação teórica formulações sobre os sistemas e os processos comunicativos, os sistemas visuais, mediações, intersemiose, cultura e memória. A bibliografia fundamental provém das seguintes áreas do conhecimento: semiótica da cultura, teoria da comunicação e da informação, meios de comunicação, imagem, tempo e espaço, antropologia cultural, mecanismos da memória e do esquecimento, história da fotografia e do cartão-postal, técnicas de impressão</p>
---	---------------	-------------	--

<p>A comunicação dos sentidos nos espaços culturais brasileiros: estratégias de mediações e acessibilidade para as pessoas com suas diferenças</p>	<p>PUC/SP</p>	<p>2013</p>	<p>A pesquisa A Comunicação dos cinco sentidos nos espaços culturais brasileiros: estratégias de mediações e acessibilidade para as pessoas com suas diferenças, discute as estratégias de comunicação que utilizam os sentidos como: o tato, a audição, o olfato, a visão, a sinestesia, a cinestesia, a propriocepção e o paladar em espaços culturais brasileiros, considerando sua importância para a inclusão cultural dos indivíduos, em especial das pessoas com deficiência que são as menos beneficiadas nesses espaços por suas formas diferentes de percepção, locomoção e comunicação. Com base na justificativa de que a comunicação visual vem perdendo a capacidade de sedução do indivíduo, foram apresentados e analisados teorias e casos de comunicação cultural sensorial, que podem servir de exemplo para o desenvolvimento de uma teoria da comunicação dos cinco sentidos nos espaços culturais. Os referenciais teóricos da pesquisa se concentram nas teorias semióticas da cultura, e na Teoria da Mídia, com os conceitos de mídia primária e crise da visibilidade com os autores Harry Pross, Norval Baitello, Ivan Bystrina, Dietmar Kamper, Stuart Clark e Christopher Wulf, ecologia da comunicação e psicologia influenciada pela etologia com autores como Vicente Romano, Edgar Morin, Ashley Montagu, Diane Ackerman e Boris Cyrulnik. Como bibliografias complementares foram pesquisadas teorias nas áreas de ação e políticas culturais com os autores Pierre Bordieu e Teixeira Coelho, da museologia com Waldissa Russio Guarnieri e Maria Cristina Oliveira Bruno, da área de Inclusão Social, especificamente os conceitos de acessibilidade e desenho Universal com Romeu Sassaki, Joseph Shapiro, Dorina Nowill, Luis Pierre Grosbois, Ron Mace, Regina Cohen e Silvana Cambiaghi. A metodologia de pesquisa une a análise bibliográfica e histórica com a pesquisa de campo em fontes primárias. A etapa de campo se concentrou na coleta de dados primários, registros de visitas às exposições, projetos e entrevistas com colaboradores, em museus e espaços culturais brasileiros e estrangeiros que investem nos programas de acessibilidade para pessoas com deficiência e estratégias de comunicação sensorial. Os casos selecionados para análise, foram aqueles nos quais as teorias de comunicação</p>
--	---------------	-------------	---

			sensorial e acessibilidade cultural mais se concretizaram em ações efetivas, levando em consideração a diversidade de exemplos em diferentes localidades e a extensão das estratégias de mediações e acessibilidade para inclusão de públicos não usuais desses ambientes. Como resultados do estudo foram apontadas reflexões e caminhos para trazer a prática da comunicação sensorial para a área cultural
O jogral é jornal: devorações nas acontecências de Antonio Juraci Siqueira	PUC/SP	2015	A pesquisa examinou, em algumas experimentações artísticas e jornalísticas de Antonio Juraci Siqueira - artista marginal paraense com mais de oitenta publicações - a trajetória do verbo criativo do flâneur paraense em direção ao meio extra verbal e à palavra de outros. O corpus empírico considerou os cordéis: Irmã Serafina Cinque: O Anjo da Transamazônica ; Os Novos Versos Sacânicos e O chapéu do Boto , bem como contos, crônicas e poemas em memórias de jornais, de revistas e de antologias poéticas. Em sua delimitação temporal, a pesquisa seguiu a linha histórica do artista narrada pelas mídias impressas, pelo próprio poeta e por vezes testemunhando essa trajetória. A partir dessas ponderações, em que medida os rearranjos culturais nas Amazônias Juraci são geometrízáveis e/ou de feições neobarrocas? Na busca de respostas à problemática, a hipótese principal supõe que, ao suturar múltiplas vozes mundanas às suas Artes, Juraci ora fia tecidos narrativos interculturais, ora borda escrituras necrosadas pelos folclorismos centrípetos. Pela necessidade de se testar, questionar e investigar o(s) objeto(s) proposto(s), foram escolhidas as seguintes premissas metodológicas, considerando a realização de um fazer etnográfico e cartográfico: levantamento, no arquivo público municipal de Belém, de jornais, revistas e antologias acolhendo informações sobre o artista e suas obras; consulta do arquivo pessoal do poeta; realização de entrevistas com Juraci, pesquisadores e artífices paraenses; observação participante em eventos culturais nas ruas, praças, feiras, cemitérios e teatros, e garimpagem de pesquisas sob a luz da Teoria da Comunicação na América Latina (Martín-Barbero), da Semiótica Cultural Russa (Lótman, Bakhtin), do barroco e da mestiçagem (Severo Sarduy, Haroldo de Campos, Lezama Lima, Alejo Carpentier, Jerusa Pires Ferreira

			<p>e Amálio Pinheiro). Posteriormente, na exploração dessas informações, foram extraídas as seguintes categorias analítico-empíricas: miopias acadêmicas às marchetarias de Antonio Juraci; os engastes micro-macro nos tempos-espacos amazônicos dessas texturas; suas rearticulações de séries culturais usando representações satânicas , e a tradução de devires recorrentes do convívio simbiótico amazônico entre homens, animais, natureza e cultura. Ao decantar as indagações levantadas, tencionamos, a partir das vozes de transcriadores de um cotidiano insólito, reinscrever, de forma múltipla, provisória e aberta a contribuições, esses mapas sociais historicamente ignorados, mas recheados de sentidos</p>
<p>TRANSPARÊNCIA PÚBLICA E PARLAMENTO ELETRÔNICO: A reforma do Poder Judiciário no portal do Senado Federal 2000-2004</p>	<p>METODISTA</p>	<p>2009</p>	<p>A Constituição de 1988 e leis subsequentes determinam que o Estado preste informações aos cidadãos e favoreça a sua participação nas questões públicas trata-se do princípio legal da Transparência Administrativa, que compreende os seguintes subprincípios: (1) Informação; (2) Motivação e, o mais importante, (3) Participação e interatividade cidadãos. O alto investimento na Comunicação Estatal e os avanços tecnológicos, por si sós, não garantem a prática da transparência pública ou da democratização da informação. Sob uma perspectiva multidisciplinar, esta pesquisa discutiu o princípio legal de Transparência Administrativa, comparativamente à Teoria da Comunicação, com o objetivo de propor um conceito de Comunicação Estatal que, de fato, corresponda aos ideais e à ética necessários à Comunicação Pública. Para o desenvolvimento deste estudo foi investigada a relação da comunicação com o grau de transparência alcançado no portal do Senado Federal. O estudo analisou a tramitação da reforma do Poder Judiciário no período de 2000 a 2004, tendo em vista os três subprincípios legais da Transparência Pública. A análise contemplou, no portal do Senado, o trabalho jornalístico e a disponibilização on-line de textos digitais referentes a documentos originais, tais como atas públicas e notas taquigráficas. A metodologia, de enfoques quantitativo e qualitativo, teve como instrumento principal a Nova Retórica, para análise de matérias jornalísticas e textos documentais. Para averiguação da interatividade conceito que fundamenta o ideal de justiça , foram estabelecidos critérios analíticos a partir</p>

			da intersecção entre os conceitos de transparência e E-parliaments. Constatou-se que o portal do Senado, no referente à reforma da Justiça, alcançou graus de transparência, atendendo mais aos subprincípios da informação e da motivação em detrimento aos da participação e interatividade cidadãs.(AU)
As teorias do jogo infantil de Vygotsky e Winnicott: uma análise intersubjetiva	UNESP	2013	O jogo se configura numa das mais antigas atividades humanas. Repleto de significados foi incorporado na linguagem, na arte, na religião e na cultura em geral. Seus estudiosos se estendem pela Filosofia (WITTGEINSTEIN, 1958; HUIZINGA, 1991; SCHILLER, 1995), História (ARIÈS, 1978; CAILLOIS, 1958), Teoria da Comunicação (POSTMAN, 1994), Antropologia (GEERTZ, 1989; MALINOWSKI, 1978) e inevitavelmente pela Educação e Psicologia. Embora nos reportemos com frequência as demais ciências, nosso trabalho se insere numa tradição psicológica. Buscamos nas teorias do psicólogo russo Lev Vygotsky (1896-1934) e do psicanalista inglês Donald Winnicott (1896-1971) uma alternativa para a compreensão do jogo infantil e seu significado na produção da subjetividade. Partimos da apresentação dos autores e suas respectivas biografias intelectuais, detalhando suas concepções de indivíduo, sujeito e meio (social, ambiental e cultural), para em seguida explorarmos conceitualmente zonas de sentido entre suas teorias. Na direção metodológica encaminhamos a discussão a partir da Epistemologia Qualitativa desenvolvida por Gonzalez Rey, criando zonas de sentido entre as concepções de ambiente e jogo infantil. Diante da morte precoce de Vygotsky e a consequente interrupção das suas pesquisas sobre o jogo, buscamos nas teorias dos seus alunos e colaboradores - principalmente Leontiev e Elkonin - os princípios ontogenéticos do jogo infantil complementares à explanação vigotskiana. Defendemos que uma teoria do jogo infantil deve buscar origens nas relações sociais mais primitivas do indivíduo, bem como no uso mais precoce que este faz dos objetos. Tais relações foram amplamente detalhadas por Winnicott na sua teoria dos fenômenos e objetos transicionais e acreditamos que podem ser relevantes para a compreensão do jogo protagonizado, tal qual desenvolvido por Elkonin e Vygotsky

Meios de comunicação e mudanças na política : esses homens poderosos e suas máquinas de comunicar	UNB	2016	Este trabalho se propõe a investigar a relação da comunicação e da política a partir de uma perspectiva que considera os meios como centrais para a compreensão dos processos comunicacionais na modernidade. Seleciona momentos marcantes da história da relação para mostrar mudanças nas práticas políticas em decorrência da adoção de cada novo meio, alicerçadas em novas configurações conjunturais da sociedade. São analisados os seguintes casos emblemáticos: a imprensa e o Caso Dreyfus; o cinema e a propaganda; o rádio e o presidente Roosevelt; a televisão e o debate Kennedy versus Nixon. A intenção é mostrar como a mediação tecnológica e as características e tendências de cada meio interferem no processo comunicacional, criando novos papéis e ambientes na relação da sociedade com a política, fundando novas práticas tais como: a emergência da opinião pública, novos formatos da democracia, da representatividade e de participação popular, a propaganda política, transformações do discurso e de atuação política nos meios, o surgimento de novas profissões ligadas à relação, aumento nos gastos de campanhas e de publicidade, formação de conglomerados de comunicação vinculados ao poder. A análise busca, com base nas teorias que dão valor central às tecnologias como instrumento de análise, mostrar que existem tendências da relação que fornecem elementos para a elaboração de uma teoria da comunicação política baseada no uso dos meios de comunicação.
Mídia e cultura nacionalizada : processos de homogeneização cultural e a televisão brasileira e argentina	UNB	2013	Este trabalho é uma análise do processo de construção, manutenção e disseminação de dominantes culturais em sociedades nacionais heterogêneas, em perspectiva comparada. Defendo que o que chamamos de cultura nacional, no Brasil e na Argentina, é uma simplificação feita a partir de núcleos culturais do Rio de Janeiro e Buenos Aires, transformados em dominantes culturais. Isso é possível graças a uma série de mecanismos de reprodução da representação cultural dos dois países, mecanismos estes tão variados quanto o sistema educacional, as próprias políticas culturais dos governos e a ação dos meios de comunicação, em especial a televisão aberta. O papel desta última nesse processo é o foco da pesquisa. O apoio teórico da pesquisa é interdisciplinar, mobilizando conceitos

			<p>caros à antropologia, sociologia, teoria da comunicação e do jornalismo. O principal objetivo é compreender como a televisão transforma elementos culturais regionais, que aqui eu chamo de núcleos culturais e ideológicos, em representações dominantes da cultura nacional. Esse processo acontece no telejornalismo com a contribuição das pessoas que decidem o que é notícia – editores e produtores de conteúdo. O estudo foi empreendido a partir da análise comparada dos processos de construção de sentidos nos telejornais Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão, e do Telenoche, do Canal Trece. Parto do pressuposto de que a televisão em rede favorece o processo de transformação/manutenção de núcleos culturais em dominantes culturais porque é da natureza do meio simplificar a representação do real e, em se tratando da cultura heterogênea de países tão diversificados, a escolha pelos elementos já presentes de alguma forma no imaginário popular é, para as pessoas que produzem o que vemos na tela, um processo natural. O trabalho aponta que não existe cultura nacional, mas cultura nacionalizada e que o papel da televisão no processo de manutenção, disseminação e reprodução de dominantes culturais é complementar ao de outros aparatos sociais e institucionais.</p>
<p>O PAPEL DA COMUNICAÇÃO FACE A FACE NAS ORGANIZAÇÕES NO CONTEXTO DA SOCIEDADE MEDIATIZADA</p>	<p>METODISTA</p>	<p>2016</p>	<p>Este estudo trata da comunicação face a face nas organizações sob diferentes abordagens teóricas. Considera a perspectiva da simultaneidade dos meios, já que as empresas utilizam diversos canais para dialogar com seus públicos de interesse. Leva em conta o fenômeno da midiatização, que reestrutura o modo como as pessoas se relacionam na sociedade contemporânea. O objetivo geral da pesquisa é sistematizar papéis potencialmente exercidos pela interação face a face e conhecer algumas circunstâncias que envolvem sua prática nas organizações. Por se tratar de uma tese teórica, a pesquisa bibliográfica se apresenta como um dos principais procedimentos metodológicos; análises de casos empíricos e um estudo de caso desenvolvido na Embrapa Pantanal constituem situações ilustrativas. Conclui-se que a comunicação face a face nas empresas ocorre de forma simultânea e combinada a outros canais de comunicação, porém, ela proporciona resultados</p>

			práticos e filosóficos ainda pouco explorados. É rara a utilização estratégica de contatos presenciais como mecanismo para estabelecer relacionamentos, conhecer as reações alheias e ajustar a comunicação, aliar o discurso corporativo às práticas empresariais e avaliar o contexto onde se desenvolvem as interações, o que pode ser decisivo para a comunicação organizacional.
A formação da vontade democrática como princípio educativo : uma análise a partir do pensamento de Jürgen Habermas	UFSCAR	2016	Esta tese aborda o tema da formação da vontade democrática como princípio educativo, a partir do pensamento de Jürgen Habermas. O percurso teórico-investigativo trilhado por Habermas evidencia a viabilidade teórica da proposição que fundamenta a tese. Para tanto, elencamos a categoria direito como mediação entre o sistema e o mundo da vida. A construção da formação da opinião e da vontade está alicerçada no procedimento democrático do direito discursivo que fundamenta o processo de liberdade comunicativa. Isto se explica pelos processos mediadores de comunicação social dos quais participam os cidadãos livres e comprometidos com a formação da vontade pública política. Habermas propõe a formação de uma sociedade moderna a partir da ideia de uma teoria da comunicação social do direito, enquanto análise das práticas democráticas e educativas. Na obra teoria do agir comunicativo, publicada em 1981, a categoria “sistema” é caracterizada por uma ação do tipo estratégico-instrumental e a categoria “mundo da vida” pela produção simbólica, intuitiva e reconstrutiva, do qual o direito assume uma função indispensável na integração social. Na obra direito e democracia: entre facticidade e validade, de 1992, o direito discursivo se constitui como uma possibilidade de mediação entre o sistema e o mundo da vida, pois este funciona como elemento integrador da sociedade democrática. A comunicação de uma liberdade social entre cidadãos dispostos a agir sem coação é uma alternativa para a formação livre e emancipatória na educação. A política deliberativa encontra legitimação no direito discursivo, que se fundamenta no processo amplo de formação da vontade democrática, e que denominamos aqui como um princípio educativo necessário para a constituição das sociedades democráticas.

<p>Weblog e as práticas interacionais de escrita: webletramentos</p> <p>FACULDADE DE EDUCAÇÃO</p> <p>EXCLUIR</p>	UFSCAR	2013	<p>A presente tese é resultado de pesquisa que teve como objetivo compreender as práticas interacionais de escrita ocorridas nos weblogs de professores da educação básica de Irecê – BA. O encontro com categorias tais como letramento, letramento digital, hipertexto, interações on-line e off-line foram fundamentais para o entendimento de que a web tem promovido mudanças na forma e no sentido dos meios de produzir linguagem no contexto da comunicação digital. Entrevistas presenciais e interações on-line com os participantes da pesquisa visam atender aos princípios metodológicos do trabalho, que fez uso de ambas etnografia virtual e análises de caráter qualitativo e interpretativo. Os dados relativos à interação no weblog levam à conclusão de que todo esse processo de mudança na forma de produzir linguagem tem ocorrido paralelamente aos esforços dos profissionais, não tão preparados para a prática do webletramento, considerando que os interagentes da linguagem virtual já nasceram numa era digital, em que conseguiram ampliar os modos de articulação entre si. A análise de dados demonstra que são necessárias reorganizações pedagógicas na forma de se trabalhar com leitura e escrita na escola básica, por que os estudantes que dela participam estão imersos na cultura digital e, portanto, realizam leituras, escritas e interações por meio de práticas de escrita on-line diferenciadas das até então realizadas na escola. O estudo evidencia a acentuada diferença de preparo dos professores para atuarem com esse público que, na prática, já está habituado a realizar leituras e escritas digitais dentro e fora da sala de aula, fazendo uso constante da rede de computadores, através de variados dispositivos móveis que os acompanham desde cedo. Estas concepções são respaldadas por Marchuschi (2000), Xavier (2003, 2012), Araujo (2011), Lévy (2000), Street (2000), Godoy (2010), Bakhtin (2000, 2003), Burke (1999), Hine (2010), Straus e Coubin (2010) e outros que vão desde a Sociologia da linguagem à Teoria da comunicação mediada por computador.</p>
--	--------	------	---

Arqueologia da imagem no ensino de língua portuguesa no Brasil (1960-2010)	UFSCAR	2015	<p>O objetivo geral desta tese foi investigar as condições de emergência e o aumento progressivo do emprego da imageria de natureza didática em livros de língua portuguesa. Um dos objetivos específicos foi estudar os pressupostos teóricos que têm orientado o ensino/aprendizado de leitura e a interpretação de textos, de modo geral, e da imageria, de modo particular, considerando o panorama histórico de institucionalização dos estudos linguísticos no Brasil – estabelecida nas políticas educacionais iniciadas ainda no Governo Militar. A questão norteadora de nossa pesquisa tem como propósito responder: que mudanças ocorreram na produção dos textos didáticos após a década de 1960, particularmente em relação à exploração do uso da imagem, e que fatores nortearam essas mudanças no ensino de língua portuguesa? Pautamo-nos teoricamente na Análise de Discurso de filiação francesa, em especial nos desdobramentos teóricos empreendidos por linguistas do discurso, ao valerem-se da abordagem arqueogenealógica de Michel Foucault. Além disso, filiamo-nos a uma concepção de história desenvolvida por Christian Puech para uma história das ideias e das representações dos saberes em ciências da linguagem. Entre os conceitos-chave dessas duas abordagens complementares, mobilizamos, em especial, os de “enunciado”, “discurso”, “arquivo” e “semiologia”, ao passo que definimos “imageria”, haja vista nosso interesse em compreender a natureza semiológica e histórica do discurso em imagens em contexto pedagógico. Isso permitiu também observar seus usos contemporâneos nos textos didáticos e avaliativos produzidos e postos em circulação no Brasil nas últimas cinco décadas. Nosso arquivo foi então constituído de documentos político-pedagógicos (antologia, livros, manuais, documento oficial), cujo recorte foi definido em um corpus representado por uma antologia e doze Livros Didáticos. Como resultados desta pesquisa, constatamos três ordens de determinações discursivas que possibilitaram a progressiva emergência da imageria no ensino de língua portuguesa: i) determinação histórico-política ao observamos que o projeto educacional do regime militar influenciou diretamente na entrada das linguagens visuais no ensino; ii) determinação</p>
--	--------	------	---

			<p>teórico-científica de várias ordens que apresenta ampliação do conceito de língua e de linguagem e, ao mesmo tempo, contradições do ponto de vista conceitual num mesmo livro (língua = instrumento de comunicação = constituição histórica dos sentidos). Nesse aspecto, a teoria da comunicação, implementada verticalmente no regime militar leva à escola uma concepção de língua, de texto e de linguagem como instrumento condicionante de comportamentos e práticas individuais, sendo aos poucos modificada por outros discursos científicos concomitantes à circulação de novos documentos oficiais (LDB, PCNs e DCNEB) desde 1996; iii) determinação técnico-cultural que coloca em cena a importância do uso e da leitura de diversas linguagens no ambiente escolar (particularmente, a imageria em Livro Didático), possibilitando um número expressivo de imagens fixas nos últimos dez anos.</p>
<p>Transparência pública e parlamento eletrônico: a reforma do poder judiciário no portal do senado federal 2000-2004</p>	METODISTA	2009	<p>A Constituição de 1988 e leis subsequentes determinam que o Estado preste informações aos cidadãos e favoreça a sua participação nas questões públicas - trata-se do princípio legal da Transparência Administrativa, que compreende os seguintes subprincípios: (1) Informação; (2) Motivação e, o mais importante, (3) Participação e interatividade cidadãs. O alto investimento na Comunicação Estatal e os avanços tecnológicos, por si sós, não garantem a prática da transparência pública ou da democratização da informação. Sob uma perspectiva multidisciplinar, esta pesquisa discutiu o princípio legal de Transparência Administrativa, comparativamente à Teoria da Comunicação, com o objetivo de propor um conceito de Comunicação Estatal que, de fato, corresponda aos ideais e à ética necessários à Comunicação Pública. Para o desenvolvimento deste estudo foi investigada a relação da comunicação com o grau de transparência alcançado no portal do Senado Federal. O estudo analisou a tramitação da reforma do Poder Judiciário no período de 2000 a 2004, tendo em vista os três subprincípios legais da Transparência Pública. A análise contemplou, no portal do Senado, o trabalho jornalístico e a disponibilização on-line de textos digitais referentes a documentos originais, tais como atas públicas e notas taquigráficas. A metodologia, de</p>

			<p>enfoques quantitativo e qualitativo, teve como instrumento principal a Nova Retórica, para análise de matérias jornalísticas e textos documentais. Para averiguação da interatividade - conceito que fundamenta o ideal de justiça -, foram estabelecidos critérios analíticos a partir da intersecção entre os conceitos de transparência e E-parliaments. Constatou-se que o portal do Senado, no referente à reforma da Justiça, alcançou graus de transparência, atendendo mais aos subprincípios da informação e da motivação em detrimento aos da participação e interatividade cidadãs.</p>
<p>A nova potência da cooperação: efeitos da interatividade digital na ação coletiva empreendedora</p>	PUC/SP	2016	<p>As comunidades de desenvolvimento de software livre produzem objetos complexos organizando sua ação coletiva por meio de mecanismos de interatividade digital. Algumas delas envolvem centenas, ou até milhares, de programadores e, por vezes, milhões de linhas de código. A cooperação alcança uma nova potência. A pesquisa recolhe evidências das práticas de interatividade digital de um amplo conjunto de projetos de software livre. Demonstra como transformações no processo de comunicação constituem os vínculos sociais necessários às ações coletivas organizadas via internet. O levantamento e a análise estão alicerçados em um modelo para compreensão da fluência digital inspirado na fenomenologia de Charles Peirce e na epistemologia do design institucional de Elinor Ostrom associada uma releitura da natureza da firma. Antes da exposição do método, o texto apresenta o fenômeno em discussão (cooperação), o objeto em estudo (comunidades de desenvolvimento de software livre), e o universo da pesquisa (cultura digital). O primeiro elemento segue por um panorama crítico do embate entre as narrativas da cooperação e competição. O segundo passa por detalhada análise, incluindo as questões da motivação dos participantes, das qualidades do produto técnica, de sua perspectiva política (interna e externa), de sua natureza econômica (bem e produção) e da própria interatividade digital, tema da tese defendida pelo texto. Para o terceiro, a discussão faz sucessivos estreitamento de foco, partindo dos quatro conceitos-chaves da cultura digital identificados por Lucia Santaella, orientadora da presente pesquisa – pós-humano, hibridismo, fluidez, ubiquidade</p>

			<p>–, caminha pelas comunidades virtuais, pelo ativismo político online, para chegar à cultura hacker, berço do software livre. O estudo desses três elementos e o trabalho com instrumentos metodológicos escolhidos permitiram comprovar o elevado patamar de fluência nas práticas de interatividade digital evidenciadas. O framework da análise institucional foi aplicado ao desenvolvimento de software livre, destacando três diferentes momentos e formatos das contribuições coletivas: formativas (novos projetos), extensivas (novas funções), e de ajuste. A pesquisa conseguiu associar a comunicação digital com suas potências expressiva, afetiva e cooperativa, demonstrando como os diálogos muitos-muitos alteram a escala e o alcance, como a permanência do registro reconstitui a confiança, como as interlocuções assíncronas remodelam as atividades coordenação, e como espaços de interação mais complexos possibilitam novos modelos de governança da ação coletiva. Muitos outros estudos foram realizados sobre temas conexos, diversos deles citados. O presente trabalho pretende preencher uma lacuna no exame do fenômeno como tecnologia da inteligência no âmbito da teoria da comunicação. Somente esta perspectiva permitiu concluir a pesquisa com a proposição de sete princípios de design interatividade digital para a ação coletiva empreendedora e cooperativa: (1) fomente a fluência digital; (2) especialize os espaços de interação; (3) utilize uma moderação ativa; (4) espelhe as funções produtivas no digital; (5) exercite completa transparência; (6) explicito o mérito; e (7) viabilize a iniciativa aberta e múltipla</p>
Do pertencimento ao vínculo: Breakfast at Tiffany's o luxo recriado pelo imaginário midiático	PUC/SP	2018	<p>O objetivo dessa pesquisa é fazer uma análise sobre o imaginário midiático (re)criado na atualidade acerca da indústria do luxo, tendo como alicerce o texto da cultura. A fim de fundamentar tal discussão, fez-se necessário buscar um meio de comunicação como corpus, o escolhido foi o longa-metragem: Bonequinha de Luxo (Breakfast at Tiffany's, EUA, 1961). Há mais de cinco décadas, este filme contribui para a construção de um imaginário coletivo acerca do luxo. Analisar o Cinema do ponto de vista da Comunicação, mais especificamente sob o olhar da Semiótica da Cultura, possibilita-nos trazer luz para a</p>

		<p>questão da interface Cinema/Luxo/Imaginário. Sob esta tríade, buscou-se avaliar o desejo de pertencimento social e vinculação entre os seres humanos. Como o luxo é representado e como se transformou, por intermédio do imaginário midiático, em desejo de pertença e vinculação em seres humanos de todo o mundo. A premissa é a de fazer uma tese de atualização. O cinema, tal qual as manifestações de arte como um todo, supre a carência humana para o chamado “mal existencial”; que provém dos problemas incontornáveis do mundo físico e do medo da finitude. A Cultura é, por este motivo, uma das mais importantes válvulas de escape encontradas pelos seres humanos para burlar a certeza de que, ao nascer, se começa a morrer. E, antes de morrer, os seres humanos querem pertencer, se vincular. O luxo, retratado no longa-metragem, é uma das formas encontradas pelos seres humanos para fazer esta ponte de pertencimento e vinculação. O rebaixamento da consciência efetuado pelo cinema enquanto mídia, no entanto, contribuiu para a sedação dos corpos e mentes pelas imagens. Tal qual todos os outros meios de comunicação o fizeram. Vimos, por este ângulo, a alienação do corpo e das suas vivências complexas e não o pertencimento ou vínculo almejados. Faz-se necessário, por este pressuposto, estudar o porquê de o luxo se perpetuar nas imagens do cinema e conseguir angariar tantos espectadores desejosos por objetos luxuosos. Mesmo que estes sejam meras cópias e não garantirem o status ou vínculo genuinamente pretendidos. Por estes pressupostos, ficou-nos ainda mais evidente que o homem ainda é co-dependente de outro homem para se comunicar, se fazer entender, se perpetuar. Como afirmou Pross em sua teoria: “toda comunicação começa e termina no corpo”. Não há, portanto, comunicação, imaginário, continuidade sem corpos vivos e pulsantes. Para embasar esta pesquisa, serão utilizados os estudos de Norval Baitello Junior, Aby Warburg e Hans Belting acerca da imagem e de seu poder de sedução. Também serão utilizadas pesquisas de Dietmar Kamper, Aby Warburg, Carl Gustav Jung e Ivan Bystrina a respeito do imaginário. Yuri Lotman nos auxilia quando o assunto é cinema e a sua inserção na segunda realidade e o conceito de texto da cultura. Harry Pross nos empresta</p>
--	--	---

			seus estudos sobre mídia e comunicação e Boris Cyrulnik nos ajuda a alicerçar os estudos acerca do sentimento humano de pertencimento e resiliência
Norbert Wiener: a teoria cibernética de um matemático	UNESP	2016	Esta tese parte do seguinte problema de pesquisa - quais conhecimentos e experiências levaram o matemático Norbert Wiener a desenvolver a sua teoria cibernética e quais as consequências decorrentes desse modo sistêmico de pensamento? Como objetivo geral pretendeu-se elaborar uma reconstituição histórica do surgimento e evolução da Teoria Cibernética, por meio da história de seu idealizador, Norbert Wiener, de modo a compreender as ideias que o levaram à construção de sua teoria. Integra o escopo deste trabalho entender a lógica matemática que levou Wiener a conceber sua teoria cibernética e, também, a sua teoria da comunicação; relacionar os aspectos técnicos e sua abrangência, bem como a problemática, social e científica, que a Cibernética impõe ao mundo contemporâneo. O locus temporal desta pesquisa delimita-se, historicamente, entre 1894 e 1964, anos relativos ao nascimento e morte de Norbert Wiener, respectivamente. Busca-se construir uma história não se atendo somente às obras e documentos de Wiener, os fatos descritos, mas também compreender as relações que se deram por meio dos fatos, suas problematizações e seu contexto histórico. Para tanto, utilizou-se da pesquisa bibliográfica e documental baseada nas obras e documentos de Norbert Wiener. Em síntese, as considerações finais apontam que a cibernética tem como característica fundamental a interdisciplinaridade e abrange todo o campo da teoria do comando, controle e transmissão de informações. Destaca-se, ainda, a influência marcante da trajetória profissional e pessoal de Wiener para o desenvolvimento da sua Teoria Cibernética.
ELOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA FOLKCOMUNICAÇÃO: RETORNO ÀS ORIGENS (1959-1967) São Bernardo	METODISTA	2017	Esta tese busca identificar os possíveis elos teórico-metodológicos presentes na tese de Luiz Beltrão, intitulada de Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias. Para isso, a pesquisa baseou-se na assertiva, presente em Jacks e Escosteguy (2003), de que a folkcomunicação “está claramente vinculada aos pressupostos de uma teoria social funcionalista” e, conseqüentemente,

			<p>procedeu à análise das possíveis vinculações do trabalho de Beltrão com o desenvolvimentismo e com as indicações de pesquisa folclórica de Edison Carneiro. Como percurso, buscamos a leitura de textos “primeiros” dos autores-referência, complementados com “comentários” sobre essas obras (FOUCAULT, 2006, p.25) e sobre os temas centrais de cada possível elo, tendo por base pesquisa bibliográfica e documental; o que nos levou, também, a um resgate conceitual e histórico dos grupos enfocados e da pesquisa em comunicação na América Latina nos anos 1960. A investigação revelou que o trabalho doutoral de Beltrão não possui fortes elos com o funcionalismo, mas recorre a ideias provenientes da Mass Communication Research (MCR) e das políticas desenvolvimentistas que estiveram presentes na América Latina nos anos 1960. Também foi verificado que o conceito de “dinâmica do folclore” (e de elementos que o construíram), de Edison Carneiro, é fundamental para a formação da folkcomunicação.</p>
<p>O discurso circulante nas organizações: análise de textos de revistas da área empresarial</p>	<p>UFBA</p>	<p>2013</p>	<p>O objetivo desta Tese é estudar a construção do ethos, via vocabulário, e da situação enunciativa nos textos produzidos pela área da Comunicação Empresarial (CE). Para tanto, é utilizado como aporte teórico pressupostos da Retórica/Nova Retórica, da Análise do Discurso de linha francesa e de uma das teorias da Comunicação Social, a da Comunicação Dirigida. Dentre as publicações elaboradas pela CE, escolheu-se como objeto de estudo as revistas empresariais (RE), pela sua sofisticada concepção, produção e apresentação. Nas RE, elegeram-se, para a feitura deste trabalho, cinco matérias. Destas, três são pertencentes ao gênero opinativo – editoriais, crônicas e entrevistas – e duas ao informativo – notas e notícias. Essas escolhas deram-se por se acreditar que, nessas produções textuais, podem-se reconstruir a categoria retórica citada, bem como a situação enunciativa, observando-se se estes contribuem na formação de uma imagem positiva das organizações. Para se estudar isto, são realizadas três análises: a dos dados lingüísticos, a dos argumentos usados e a das estratégias de comunicação utilizadas nos textos selecionados. Também é empreendido um</p>

			exame comparativo dos dados encontrados individualmente, bem como é feita uma descrição prévia das revistas que compuseram o corpus da pesquisa.
A mídia como ator emergente das relações internacionais: seu protagonismo no uso do soft power frente aos desafios das mudanças climáticas	UFSC	2012	A caracterização do papel e do poder da mídia no contexto de surgimento de novos atores das Relações Internacionais é um grande desafio. Diante das novas tecnologias da informação e comunicação diversas mudanças ocorreram no cenário internacional e no exercício do poder político contemporâneo. Por essa razão, a presente tese tem por objetivo investigar o protagonismo da mídia na utilização do soft power para a discussão política internacional das mudanças climáticas e a sua configuração como ator emergente das Relações Internacionais. Para tanto, são analisadas as características elementares dos principais atores do cenário internacional, quais as principais teorias da comunicação no intuito de estabelecer a relação da mídia com os fenômenos contemporâneos e como ocorreu a sua inserção no contexto das relações internacionais. Também se analisa a expansão da comunicação política internacional e as implicações da inserção das novas mídias e dos novos desafios oriundos da era da informação em rede. A tese foi estruturada em quatro capítulos onde, por meio da utilização do método de abordagem hipotético-dedutivo e da realização de pesquisa bibliográfica, documental e uso da técnica de análise de conteúdo, foi possível confirmar a hipótese de que a mídia adquiriu o status de ator emergente das Relações Internacionais. Como resultado da tese, se confirmou a hipótese principal da pesquisa reconhecendo-se a crescente importância da mídia junto ao cenário internacional, especialmente, pela utilização do soft power para agendar e enquadrar as discussões políticas internacionais acerca das mudanças climáticas.
Ficção e realidade: as tramas discursivas dos programas de TV	USP	2008	O trabalho tem como propósito refletir sobre ficção e realidade na TV brasileira. Parte do princípio de que os programas do veículo, tradicionalmente definidos e classificados pelos formatos e gêneros, não podem ser diferenciados por critérios de irrealidade e realidade, pois ambos possuem uma base fictícia, ou seja, são fabricações, realidades discursivas. Postula, assim, uma abertura de fronteiras entre os formatos televisivos. O telejornalismo,

			<p>que se constrói com base em indícios seguros e inequívocos, passa a exigir outras ferramentas de análise. Para tornar viáveis essas articulações, a tese busca subsídios teóricometodológicos nas ciências da linguagem. A filiação teórica a esse campo é motivada pelo fato de que os problemas visados no terreno do estudo das mídias são, por definição, questões de linguagem (concebida não como instrumento de comunicação, mas como instituinte do humano). Desse modo, resulta difícil subtrair do debate tópicos como sujeito, discurso, narrativa temas que foram explorados com acuidade por disciplinas que compõem a ciência dos significantes. A inscrição nesse campo de estudo exige, invariavelmente, que se interpele as teorias da comunicação quanto à sua renúncia em participar das discussões fundantes, delineadas a partir de Saussure, que pensaram o discurso matéria-prima da comunicação. Desse lugar de fala, a tese vem colocar em cena a primazia do Olhar, e não dos gêneros, no processo de mediação televisiva. Ambos, olhar e mediação, estão em sintonia estreita. Os programas Mais Você, Fantástico, Big Brother Brasil, Linha Direta, Jornal Hoje e Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão compõem o corpus de análise da tese.</p>
<p>Construindo a audioesfera: as tecnologias da informação e da comunicação e a nova arquitetura da cadeia de produção musical</p>	<p>UFBA</p>	<p>2012</p>	<p>As tecnologias da informação e da comunicação introduziram mudanças significativas nas sociedades e nos modos de produção da cultura. O modelo centralizador das chamadas indústrias culturais, porém, historicamente enraizado na noção unilateral de comunicação, parece obstruir o pleno fluxo da informação, seja ela de caráter científico, econômico, político ou cultural. O fenômeno de difusão e compartilhamento de músicas pela Internet, por sua vez, tem repercutido nas rotinas de criação e consumo da música popular, operando mudanças irreversíveis na sua cadeia de produção. Desta forma, este trabalho pretende analisar, sob a ótica da comunicação contemporânea, os desdobramentos da digitalização e difusão de músicas através da Internet junto às categorias da cadeia de produção musical, especialmente da indústria fonográfica. A problematização do tema se desdobra em três aspectos importantes de pesquisa, a saber: a relação entre comunicação, música e</p>

			<p>tecnologia; a transformação operada pela Cibercultura junto às rotinas tradicionais da produção cultural, sobretudo da música popular; as implicações artísticas e legais da chamada música online (decorrências do fenômeno de troca de arquivos, ponto a ponto, pela Internet). Buscamos verificar, então, o alcance das tecnologias de áudio digital, como o formato MP3 e as redes de compartilhamentos de arquivos, como Napster e Kazaa, descrevendo os cenários e perspectivas da indústria fonográfica diante deste contexto, onde editores musicais, distribuidores, lojas e gravadoras terão suas funções questionadas. Nossos esforços serão empreendidos à luz das teorias da comunicação, da informática, da economia política da comunicação, bem como dos estudos da música popular e das questões relacionadas ao direito autoral e à propriedade intelectual, num viés interdisciplinar próprio das Ciências da Comunicação.</p>
<p>O gesto como imagem e a imagem como gesto: a gestualidade das mãos na comunicação</p>	<p>PUC/SP</p>	<p>2009</p>	<p>Este trabalho visa a investigar a gestualidade das mãos na comunicação e na cultura e, entendendo o gesto como imagem, refletir sobre as imagens de alguns gestos das mãos na História da Imagem. Nos gestos das mãos se entrecruzam os códigos genéticos e os socioculturais, e não se pode desconsiderá-los, pois as mãos incorporam tudo o que alcançam e tudo o que as alcança também. O estudo aborda alguns aspectos da filogênese do gesto pelo fato de os homínídeos terem raízes bem longínquas e, apoiado em recentes pesquisas de etólogos, confirma que nenhum abismo separa o homem dos outros primatas, mas apenas distinções comuns entre espécies. As mãos livres ensejam uma verdadeira revolução no corpo e na comunicação humana, e, em parceria com o cérebro, o homem enfrenta os desafios da matéria com seus gestos técnicos e os da sobrevivência psíquica, com seus gestos culturais. O gesto e a imagem são mediadores e têm seu ponto de origem no corpo. Assim, o trabalho focaliza a mídia primária, mas tange também a mídia secundária, evidenciando-se o testemunho prolixo da gestualidade das mãos presente nas imagens de culto, nas imagens da arte e nas imagens da mídia (Belting, 2001). A análise deste corpus pela Semiótica da Cultura nos permite delinear um percurso da gestualidade</p>

			das mãos e de algumas de suas imagens, na comunicação e na cultura, na ontogênese e na filogênese. Para tanto, apoia-se em recursos metodológicos desenvolvidos por Ivan Bystrina, Harry Pross, Edgar Morin, Hans Belting e Régis Debray e articula um diálogo com as ideias de Ashley Montagu, Boris Cyrulnik e Eibl-Eibesfeldt, entre outros, nas teorias da Comunicação, da Imagem, da Mídia e da Cultura
A técnica como dispositivo de controle do corpomídia	PUC/SP	2010	A técnica corporal tem sido definida pelo senso comum ocidental como uma repetição mecânica que disciplina o corpo tendo em vista um fim específico. Esta tese propõe desestabilizar dicotomias tradicionais do tipo teoria-prática e mente-corpo, que tem sido responsáveis pela longevidade de algumas metáforas ontológicas como por exemplo, o corpo-recipiente e o corpo-instrumento que colaboraram de maneira eficiente com a definição mais tradicional da técnica corporal, assim como com os estereótipos da natureza humana (Pinker, 2004). Em termos metodológicos, a tese promove o cruzamento de estudos de diferentes áreas de conhecimento como a etnologia (Mauss, 1934), as ciências cognitivas (Berthoz, 1997, Noë, 2004), as teorias da comunicação (Sodré, 2006, Greiner e Katz, 2005) e a filosofia política (Agamben, 2009). O resultado da pesquisa é o compartilhamento de questões levantadas por esta gama de autores e experimentos práticos, cujo ponto de partida é a técnica Klauss Vianna, tendo em vista a maneira peculiar como esta lida com o corpo e seus processos comunicacionais, gerando soluções adaptativas complexas em ambientes diversos (corpos, cidades, espaços artísticos, etc). A tese propõe, como conclusão, uma redefinição político-cognitiva que passa a compreender a técnica como um operador comunicacional e um dispositivo de poder que pode agir como instrumento disciplinador do corpo mas também como acionador de estratégias de resistência política. Tudo depende dos processos de mediação que serão ativados durante a experiência comunicativa entre o corpo e o seu entorno
Mapas para desorientar e territorializar ambientes e corpos	PUC/SP	2014	O objetivo principal da pesquisa é analisar ações comunicativas que exploram diferentes relações entre corpo e ambiente através de experimentos performativos. O corpus da

			<p>pesquisa foi composto por obras artísticas de Jorge Macchi, Lee Ufan e Silvia Bächli. Atuando em diferentes continentes (América Latina, Ásia e Europa), estes criadores tem colocado em cheque os limites epistemológicos entre a comunicação e a arte, pois, ao invés de lidar com materiais e modelos estéticos, concentram-se em explorar relações comunicativas entre corpo e ambiente, partindo fundamentalmente de processos de percepção. Para tanto, vem construindo cartografias cognitivas que reinventam cidades e objetos, profanando o papel do sujeito como agente soberano dos processos de comunicação. A hipótese central da tese é que, a partir de estratégias específicas que traduzem imagens, mapas e ações em conceitos, as experiências analisadas apresentam caminhos de resistência a modelos de subordinação, desestabilizando categorias e classificações identitárias previamente conhecidas, nas quais os sujeitos habitualmente se reconhecem. A fundamentação teórica é dada pela teoria corpomídia (Greiner e Katz), que aciona uma rede de autores de áreas diversas como teorias da comunicação, ciências cognitivas e filosofia política, tendo em vista analisar de maneira complexa e não determinista a constituição de subjetividades. O resultado apresentado não se restringe à análise das obras, mas busca colaborar com discussões mais amplas no campo da comunicação, sobretudo em seus desdobramentos políticos, cada vez mais explícitos quando se reconhece todo corpo como corpomídia</p>
O SABER DO JORNALISMO.	PUC/GO	2015	<p>Esta tese se propôs a pensar o objeto saber jornalístico partindo da questão-problema O que é o saber do jornalismo? Objetivou-se analisar a constituição do saber jornalístico pela via metodológica do arquivo ou arqueologia - no sentido de verificar os possíveis discursos que constituíram o campo jornalístico desde o seu nascimento até hoje - e também da genealogia, na perspectiva de que o campo jornalístico constitui o seu saber e vice-versa. Por meio de um estudo bibliográfico das áreas filosófica e da comunicação-jornalismo, foi possível pensar o saber jornalístico à luz da episteme moderna, constituído pelos discursos histórico, tecnológico, acadêmico e do campo profissional. Assim, este trabalho abrange</p>

			três capítulos. O primeiro analisa a constituição do saber jornalístico elencando algumas condições essenciais para o surgimento e desenvolvimento do jornalismo no mundo; também, discute a relação campo-poder-saber. Baseando-se na história das ideias, o segundo capítulo apresenta a constituição do campo jornalístico desde a comunicação oral aos webjornais - e dos cursos de graduação em Jornalismo no Brasil da implantação do primeiro curso, passando pelos currículos mínimos às Diretrizes Nacionais Curriculares aprovadas em 2013. O terceiro capítulo discute a influência da técnica-tecnologia na constituição do saber jornalístico, além da construção das teorias da comunicação e do jornalismo. Por fim, acena-se para a possibilidade de uma formação outra em jornalismo.
A GÊNESE, O DESENVOLVIMENTO E A DIFUSÃO DA FOLKCOMUNICAÇÃO	METODISTA	2010	Investigação sobre a gênese da teoria da Folkcomunicação, tendo por objetivo identificar suas matrizes epistemológicas e suas raízes metodológicas, bem como caracterizar sua natureza interdisciplinar, gravitando em torno das ciências da comunicação e da cultura. O estudo parte da análise do desenvolvimento dos conceitos de Luiz Beltrão, contextualizando sua ancoragem inicial na teoria do jornalismo (1967) e sua posterior ampliação para incluir as dimensões do processo social da comunicação (1980). Com base na exegese da obra seminal do fundador da Folkcomunicação, buscamos extrair as contribuições do autor para o avanço das teorias da comunicação ao adaptar dimensões de bilateralidade e de formas de expressão da cultura popular nos processos da comunicação. Realizamos, também, a análise crítica dos avanços teóricos e das estratégias metodológicas construídas pelos estudiosos que deram continuidade aos estudos de Luiz Beltrão. Em seguida, investigamos a disseminação dos conhecimentos sobre folkcomunicação no Brasil e no âmbito acadêmico internacional. O corpus analisado foi a obra de Beltrão sobre o tema, bem como, dissertações, teses, livros, artigos e comunicações científicas, que tratam da folkcomunicação. A metodologia utilizada terá por base a pesquisa bibliográfica e documental e a análise taxonômica. O período analisado compreenderá os estudos publicados sobre a Folkcomunicação desde a obra original de Beltrão, em 1967 até 2007.

<p>Telenovela e leitura : reflexões sobre uma prática de análise semiótica no ensino médio</p>	<p>UEL</p>	<p>2013</p>	<p>Visando à utilização da semiótica greimasiana no ensino de língua portuguesa, numa proposta de ampliação da competência de leitura e expressão oral e escrita dos alunos de ensino médio, apresenta-se uma experiência didática realizada numa classe de segundo ano, numa escola pública da cidade de Londrina, Paraná. A partir de um corpus constituído por telenovelas de grande audiência, estabelecemos parâmetros de conduta, que se pautaram na conjugação entre o que é prescrito pelas orientações curriculares do ensino médio e o interesse do público adolescente por textos sincréticos. Tendo em vista a complexidade da teoria semiótica, optamos por uma simplificação dos conceitos básicos, relativos aos três níveis do percurso gerativo do sentido, didatizando-os, a fim de fornecer aos alunos um instrumental ao mesmo tempo eficaz e adaptado às necessidades do ensino de língua portuguesa. Para uma iniciação ao tratamento dos níveis discursivo e profundo, apoiamonos na proposta de montagem dos campos lexicais formulada por Georges Maurand (1992). No que diz respeito à análise das novelas, no intuito de segmentarmos o corpus escolhido, de forma a tornar possível o tratamento da linguagem e abri-lo para amplos horizontes de ação pedagógica, elegemos os seguintes aspectos, dentre as várias possibilidades: a) temática; b) linearidade discursiva c) trama, enigma e suspense d) núcleos de personagens. Os capítulos foram gravados, editados e, uma vez selecionadas as cenas escolhidas para o trabalho em sala de aula, foram realizadas transcrições dos diálogos principais. No tocante à imagem visual, que se alia prioritariamente ao verbal para constituir o sincretismo de linguagens presente na telenovela, apelamos para conceitos advindos das teorias de comunicação, em particular as noções básicas de morfologia e sintaxe televisual, tais como: enquadramento, posição da câmera, movimento, iluminação, entre outras. No desenvolvimento da proposta foram utilizados excertos de capítulos e frames de telenovelas, recortes de revistas especializadas e demais materiais escritos do clipping, bem como as sinopses fornecidas pela emissora de TV. Com o objetivo de verificar a aquisição do instrumental semiótico pelos alunos e seu desenvolvimento nas habilidades de leitura,</p>
--	------------	-------------	---

			foram elaborados exercícios de análise, cujos resultados foram comentados ao longo do trabalho.
Territórios do desejo: performance, territorialidade e cinema no Festival Mix Brasil da Diversidade Sexual	UFSC	2012	Esta tese apresenta uma etnografia dos processos de realização e organização do Festival Mix Brasil de Cinema da Diversidade Sexual, realizado em São Paulo anualmente, desde 1993, e empreende uma análise antropológica de seus processos de territorialização em relação à cultura audiovisual e às urbanidades contemporâneas. Partindo dos campos antropológicos de Gênero, Performance e Territorialidade, e na interface com teorias da Comunicação e Cinema, elaborei esta etnografia, em duas edições do Mix Brasil, 2009 e 2010, percorrendo territórios do festival e da cidade, bem como através de um recorte descritivo e histórico de sua estrutura (programação, filmes, eventos especiais, plateias, salas de exibição, catálogos e campanhas publicitárias). Chamo especial atenção para o modo como os festivais de cinema e o próprio cinema podem ser lidos como atividades e territórios transnacionais, em que os indivíduos tecem relações com base em processos de modernização, proeminente nas metrópoles. Destaco, ainda, as relações que podem ser tecidas entre os processos de territorialização da "cultura gay" urbana e as formas de apreensão, recepção e uso das imagens, apontando produções territoriais semelhantes que permitem elaborar o conceito de imagem-território. Este conceito torna-se útil para se pensar como cada imagem pode apontar e conectar territórios diversos, mantendo cada enquadramento e cada sequência prenhes de significados ou em constante produção simbólica ao olhar dos espectadores e programadores dos festivais.
Marketing de alimentos e obesidade infantil: diretrizes para regulamentação	USP	2015	Introdução - A obesidade infantil está pautada como assunto de saúde pública e exige a análise, implementação e avaliação de novas intervenções. O marketing é apontado como um dos fatores que interferem no aumento do índice de sobrepeso e de obesidade da população. As estratégias de comunicação publicitária se utilizam de processos cognitivos para determinar, através de elementos emocionais do receptor, a escolha e o consumo de alimentos não saudáveis, já que os publicitários respondem à demanda das empresas que

			<p>buscam lucrar com seus produtos. Já se afirma que a regulamentação legal do marketing dos alimentos infantis não saudáveis deve ser adotada como instrumento de política pública na prevenção da obesidade. Assim, justifica-se a investigação de quais seriam as formas mais apropriadas para regular esse tipo de marketing no Brasil, de forma a garantir o direito à saúde e à alimentação adequada e saudável. Objetivo - Analisar o papel do marketing como um dos determinantes da obesidade infantil, buscando apontar, no campo jurídico, estratégias para a sua regulamentação no Brasil. Métodos - Revisão de literatura, análise de textos legislativos e de programas adotados para controle da obesidade infantil, além de entrevistas com representantes de entidades e profissionais diretamente ligados à implementação de políticas públicas, nacionais e internacionais, de controle da nutrição e saúde infantil, bem como de proteção dos direitos do consumidor infante-juvenil. A interpretação dos dados levantados deu-se através do método científico dedutivo. Resultados - O crescente índice de obesidade no Brasil está demonstrado através de pesquisa nacional. A presença de alimentos no mercado com excesso de sal, gordura e açúcar precisa ser controlada. As teorias de comunicação explicam a influência do marketing na decisão emocional do consumidor. Os direitos à saúde e à alimentação adequada e saudável estão previstos na Constituição Federal. Conclusão - A regulamentação legal do marketing de alimentos não saudáveis é juridicamente possível e suas diretrizes devem focar os alimentos processados e ultraprocessados, além dos fatores que facilitam a persuasão da criança, impedindo o uso de elementos emocionais.</p>
<p>Mente firme e coração blindado: uma teoria da presentificação social na prática comunicacional de representar o crime no proibido</p>	<p>USP</p>	<p>2017</p>	<p>Esta tese trata da prática comunicacional de representar o crime no funk proibido, uma prática complexa que implica processos disposicionais e identitários e que está inscrita em territórios submetidos à influência das regras que regem o mundo do crime, operando no plano intersubjetivo como um jogo de linguagem adaptativo e no plano social como uma prática coletiva. Representar implica reiterar a vontade para ratificar o compromisso com o crime ou para mostrar consideração e conviver com seus efeitos. A ratificação da disposição</p>

			<p>para representar, para ganhar potência e funcionar como uma estratégia de sobrevivência, precisa estar sempre atualizada. Reiterando-se ao longo do tempo, cada manifestação da disposição para representar o crime recupera o momento anterior e a expectativa de futuro, atualizando o gesto no momento presente. A disposição para representar o crime opera como uma presentificação no plano social, que contribui para a manutenção da subjetivação no crime e ao mesmo tempo entranha a potência de transformação através da constituição de um sujeito político cujo lugar de enunciação é o mundo do crime. A tese foi construída a partir da análise de letras de música de funk proibido artesanal que circulam no YouTube (totalizando 303 minutos de áudio), adotando como metodologia a Análise Situacional, uma refundamentação da Teoria Fundamentada nos Dados (Grounded Theory). As letras foram submetidas à codificação aberta no programa NVivo Pro 11, o que possibilitou a formulação da categoria central representar o crime. A categoria central foi analisada com as ferramentas cartográficas propostas pela metodologia Análise Situacional, conduzindo à formulação de uma teoria da presentificação social sobre a construção da subjetividade na prática comunicativa. O método de inferência adotado foi o método abduutivo, e a coleta e a análise foram guiadas por amostragem teórica. O funk proibido foi teorizado como um dispositivo interacional estético a partir do qual é possível observar o fenômeno comunicacional como processo tentativo e probabilístico em uma concepção pragmatista das teorias da comunicação.</p>
<p>Entre o mim, o outro e o nós: a percepção da autenticidade nas marcas. Identificação, compartilhamento e avaliação</p>	<p>USP</p>	<p>2015</p>	<p>O panorama internacional das pesquisas em marketing e comunicação estratégica apresenta a autenticidade das organizações como um tema recente de estudo, com artigos publicados a partir dos anos 2000. A principal justificativa destes estudiosos para se voltarem a este tema é o comportamento cético que os consumidores e outros públicos apresentam frente às promessas e declarações organizacionais. Para eles, há saturação nas mensagens organizacionais, pois todas utilizam o mesmo conteúdo de narrativas, o qual produziu uma audiência descrente. Neste cenário de desconfiança e de vultosos esforços para a</p>

			<p>consolidação de relacionamentos duradouros, a autenticidade organizacional e a sua percepção apresentam-se como vantagem competitiva para as firmas. Com o objetivo de criar um instrumento de mensuração e avaliação da percepção da autenticidade, esta tese desenvolveu uma ampla revisão bibliográfica, que identificou a falta de um conceito que pudesse amparar os estudos da autenticidade organizacional. Assim, a partir da Filosofia, das Ciências Sociais e das Teorias da Comunicação, propôs-se um conceito de Autenticidade Organizacional solidamente definido e teoricamente construído, constituído de três dimensões: Propósito, Coerência e Tradição. De acordo com esta concepção, itens da escala foram criados e testados por meio da validação de conteúdo com especialistas (DeVELLIS, 2003) e utilização da Modelagem de Equações Estruturais com o uso do software SmartPLS (CHIN, 1998). O instrumento proposto foi medido junto a consumidores e validado com alto grau de confiabilidade. As contribuições deste trabalho para os estudos de Comunicação Organizacional apontam a sua relevância: este é o primeiro trabalho, nos cenários nacional e internacional, que, além de definir um conceito de autenticidade confiável e altamente gerenciável, constata a relação positiva entre a autenticidade, a atitude e a lealdade dos consumidores, indicando aos profissionais de comunicação organizacional, que a autenticidade se constitui um ativo importante e estratégico para a área.</p>
<p>A mulher na sociedade da comunicação ciberdigital</p>	<p>USP</p>	<p>2010</p>	<p>O principal objetivo desta pesquisa é traçar um panorama sobre a trajetória da mulher no contexto da sociedade contemporânea a partir da Revolução pós- industrial utilizando-se para isso: o cinema, a propaganda e a internet . O ponto de partida é a revolução tecnológica a partir dos anos 70, seguindo com a revolução robótica, ciborgue e virtual. O intuito é mostrar como a representação da imagem da mulher vem se moldando às novas tecnologias, e como ela neste processo se adapta aos novos paradigmas sociais apresentados, onde as metáforas do robô e do mulher-máquina que proliferaram na sociedade industrial estão hoje em decadência. Numa metamorfose balizada pela teleinformática e pelas</p>

			<p>biotecnologias, tais imagens estão sendo substituídas por outras: aquelas que começam a esboçar a mulher-informação, a mulher-comunicação, a mulher-ciborgue, a mulher virtual. Emerge, assim, uma nova imagem do feminino condenada a um upgrade constante, tanto do seu hardware (corpo/organismo) como de seu software (mente/código), e que visa a ultrapassagem dos limites espaciais e temporais que constringem a condição humana. Esta passagem do ser orgânico-inorgânico está em constante mutação. Basta que haja um esforço de adaptação às novas mudanças. E a mulher é peça fundamental neste novo contexto histórico. Por isso ser importante esta análise da representação de sua imagem em vários momentos sociais, que retomam alguns conceitos históricos através da sociologia, da antropologia e das teorias da comunicação. Para isso, basta estar aberto para estas novas incursões e aprender a conviver com o inusitado, pois a mulher, enquanto gênero, também está em constante upgrade pessoal, em uma eterna metamorfose, onde passa muitas vezes, de ditadora das regras a uma simples seguidora de modismos, que tem como consequência um downgrade de si mesma, pois apesar de estar intelectualmente, economicamente e socialmente mais sedimentada na sociedade, mesmo assim sente um vazio interior, provavelmente proveniente de um aceleração sem consciência e sem muita direção de onde pretendia chegar e qual seria realmente a sua ascensão social. E é isso que se pretende analisar no decorrer da pesquisa: provar, através de vasta argumentação apoiada na bibliografia levantada, que esta mulher procura saídas plausíveis e substanciais para se firmar nesta constante e pouco segura sociedade que se metamorfoseia conforme as exigências do tempo e do espaço.</p>
Dimensões comunicacionais no conceito de escultura social de Joseph Beuys: um processo de tradução criativa	PUC/SP	2011	Essa investigação busca a compreensão do conceito de Escultura Social de Joseph Beuys, que requer a adoção de uma visão de suas dinâmicas comunicacionais como processos criativos constantes, fundindo-se com sua vida. O primeiro objetivo desta Tese é encontrar a definição do conceito de Escultura Social de Joseph Beuys que sustente a sua proposta de comunicar-se a partir de uma arte ampliada. O segundo é relacionar esse conceito à

		<p>produção artística de Beuys, revelando, a partir de seus contextos vividos, suas obras e possíveis influências à sua arte, a natureza dessa comunicação. E, finalmente, o terceiro objetivo é realizar uma tradução criativa como tradução simbólica, cuja essência interprete o conceito de Escultura Social. Além disso, uma análise da epistemologia da arte de Joseph Beuys, tanto em críticas de jornais, vídeos, livros e catálogos de exposições brasileiras e estrangeiras. Para visualizar o conceito de Escultura Social, foram feitas análises das obras de Beuys produzidas como performances, ações, múltiplos (cartões postais e objetos) e desenhos. Para fundamentar o conceito de Escultura Social, a Tese se fundamenta em Tisdall (1998, 2008), Kuoni (1993), Bunge (1998) e Borer (2001), na Antroposofia de Rudolf Steiner e no Romantismo em Hegel, Schiller, Goethe e Novalis. Apresenta a obra de Beuys em pesquisadores como Durini (2008), Lauf (1993), Harlan (2005), Adriani, Tomas e Konnertz (1979). Concebe que o conceito de Escultura Social apresenta proximidades com as teorias da comunicação, dentre estas, Negri e Hardt (2005), Maturana e Varela (1995), Flusser (2008) e Gorz (2005). Compreendido o conceito de Escultura Social, realiza uma tradução desse conceito em produção digital. Para tornar clara a opção de tradução nos apoiamos nas considerações teóricas de Benjamin (2008), Gentzler (2008), Steiner (2005) e Campos (1997, 2005, 2006). A produção pretendida aproxima-se de uma tradução intersemiótica na compreensão de Plaza (2008). Para tanto, foi fundamental entender a tradução com origem na linguística e na linguagem como elementos de construção da cultura humana, - base da essência humana na obra de Joseph Beuys -, nos autores Rudolf Steiner (2001), Cassirer (2001, 2005), Bachelard (2008), Steiner (2008) e Baudrillard (1993). Concluído que a Escultura Social se apresenta como crítica à comunicação, à política e à cultura, e meio para provocar pensamentos, palavras e ações, percebemos que Joseph Beuys buscava o encontro da essência humana com a realidade vivida. A partir dessa nossa compreensão, construímos a tradução em vídeoáudio: falado/Outro/Escuta/Imagem</p>
--	--	--

<p>Uma análise da fala em público a partir da teoria corpomídia: experiências, problematizações, novas perspectivas</p>	<p>PUC/SP</p>	<p>2012</p>	<p>O objetivo desta pesquisa é rediscutir o campo de estudos do fenômeno fala em público para além do âmbito dos manuais de instrução. A tese promove um deslocamento epistemológico que rediscute a relação entre corpo e ambiente, e entre sujeito falante e sujeito ouvinte. São propostas duas hipóteses principais. A primeira é a de que, mais do que um discurso, a fala em público é uma ação cognitiva que expõe a complexidade envolvida no trânsito entre mente e corpo, corpo e ambiente, natureza e cultura, sujeito e comunidade, razão e emoção. Por isso, para tornar a fala em público mais comunicativa e eficiente, é fundamental gerar condições para promover mudanças de hábitos cognitivos, bem como intervir no processo de organização das metáforas do pensamento. Desmistificam-se, assim, as propostas dos manuais de instrução que focam apenas no resultado final: o comportamento visível que envolve gesto, tom de voz e aparência do sujeito falante. A segunda hipótese reconhece que, ao estudar a fala em público a partir do processo cognitivo que a deflagra, são expostas novas mediações. A metodologia ampara-se em pesquisa bibliográfica e observação empírica de exemplificações que constituem o corpus da pesquisa: jornalistas, comunicadores televisivos, alunos e professores universitários, palestrantes, executivos e grupos em empresas, assim como pessoas com dificuldades cognitivas para comunicar. A fundamentação teórica relaciona conceitos das teorias da comunicação, com ênfase na teoria corpomídia proposta por Katz&Greiner e das chamadas estratégias sensíveis estudadas por Muniz Sodré. Como bibliografia complementar, há referências aos estudos da Filosofia da mente (e.g: Damásio 2010, 2004, 2003 e 2000, Lakoff e Johnson 2002 e Johnson 2007) que ajudam a compreender, com mais rigor, habilidades como a percepção, a atenção, a memória, a comunicação e a locomoção, assim como as bases neurofisiológicas de atividades complexas como a construção da linguagem. O resultado esperado é a maior integração entre áreas do conhecimento que investigam a comunicação humana, procurando, através da especificidade da fala em público, expor diferentes possibilidades expressivas dos sujeitos, não raramente anestesiadas por</p>
---	---------------	-------------	--

			instruções normativas, cujo ponto de partida é a relação hierárquica entre aquele que fala e o sujeito passivo que ouve. Há, portanto, uma implicação política na discussão que será apenas apontada nesta tese e poderá ser desenvolvida em um possível pós-doutorado
Jornal Pessoal: uma metalinguagem jornalística na Amazônia	PUC/SP	2008	Este trabalho tem como título Jornal Pessoal: uma metalinguagem jornalística na Amazônia. O objeto estudado é o jornal alternativo do sociólogo e jornalista Lúcio Flávio Pinto. O periódico circula há 20 anos, em Belém do Pará. A hipótese examinada é a de que a publicação faz metalinguagem jornalística assentada nos princípios da verdade, da ética, da liberdade e do fazer jornalismo de rua. O problema gerador da investigação partiu da seguinte indagação: por que recorrer ao estudo da metalinguagem jornalística por meio de um jornal alternativo se a grande imprensa, considerada como paradigma de jornalismo, possui elementos metalingüísticos? O objetivo central é refletir sobre a importância da mídia alternativa no processo de construção de um jornalismo direcionado efetivamente para a sociedade. A base teórica e de interpretação se valeu do conceito de metalinguagem, uma segunda linguagem que analisa uma primeira, a linguagem-objeto. Os estudos dos teóricos no âmbito internacional como Habermas, John Downing, Carnap, Jakobson, Barthes, Jesús Martín-Barbero e Nelson Traquina, além dos de pesquisadores brasileiros como Bernardo Kucinski, Ciro Marcondes Filho, Perseu Abramo e Nelson Werneck Sodré foram fundamentais para dar conta, à luz das teorias da comunicação, da linguagem e da história da imprensa, das etapas e objetivos propostos. A metodologia se pautou na análise qualitativa descritiva da produção do periódico, especificamente aquela que se volta para a linguagem jornalística nos seus 20 anos de existência. Das 400 edições existentes, foram selecionadas 40, ou seja, extraiu-se o percentual de 10% da amostra em cada grupo de 100 exemplares, visando traçar um perfil do metajornalismo do Jornal Pessoal. O trabalho se insere no âmbito da Comunicação, sub-área Jornalismo, especificamente no que diz respeito à mídia alternativa. Atualmente, nos encontros de pesquisadores no Brasil e exterior, tal expressão vem ganhando força dada à possibilidade de abrigar os mais diversos objetos

			alternativos. Os resultados obtidos são relevantes para o campo da Comunicação, pois lançam um novo olhar para a mídia alternativa que deve ser destituído de preconceitos como o de associar esses meios a um tipo de imprensa menor, marginal; mostram também a necessidade dos estudos na área voltarem-se à história da imprensa com a finalidade de entender o processo de transformação pelo qual passou a produção jornalística dentro do contexto do capitalismo, e, por fim, a singularidade desta pesquisa de doutoramento que foi o de examinar, pela metalinguagem jornalística operada por um jornal alternativo, os excessivos desvios de natureza ética da grande imprensa na Amazônia, especificamente em Belém do Pará, que comprometem a consolidação de um jornalismo cidadão
Brasil periferia(s): a comunicação insurgente do Hip-Hop	PUC/SP	2008	Esta tese discute os processos de resistência realizados em ações de milhares de jovens do hip-hop que, no mundo contemporâneo, participam ativamente na produção de conhecimento e ressignificação das periferias brasileiras. Trata-se de uma voz que se impõe face às construções simbólicas homogeneizantes produzidas pelo pensamento dominante, em torno de valores e da criação de desejos em concordância estrita com aqueles do sistema econômico hegemônico. Entende-se que a base da construção da resistência é a partilha de conhecimento, de modo que a comunicação passa a ocupar o cerne da resistência: conhecimento dividido e multiplicado. O conceito de comunicação, no entanto, tem sido cada vez mais limitado aos objetos midiáticos, de forma que diversas práticas comunicativas têm sido negligenciadas nas teorias da comunicação. Daí a importância de ampliar o entendimento do que são os objetos comunicacionais com vistas a incluir manifestações não visíveis na mídia. O corpus analítico, dentro do movimento hip-hop, são as letras das músicas, analisadas sob a ótica da comunicação, em diálogo com a sociologia. Um dos principais marcos teóricos desta pesquisa são os conceitos de ecologia de saberes e sociologias das ausências e das emergências de Boaventura Santos (2006a). Nas questões concernentes a poder, resistência, empoderamento e emancipação foram fundamentais os trabalhos de Foucault (1979; 1988; 2000), Santos (2005a; 2006a; 2006b; 2007a) e das

			<p>teóricas feministas, em especial Magdalena León (2000) e Patrícia Collins (1991). No campo da comunicação, o diálogo foi estabelecido com José Luiz Aidar Prado (2006a; 2006b), Muniz Sodré (2002), e, na filosofia política, com Hannah Arendt (2007), no que diz respeito aos temas de discurso e ação. O debate sobre globalização foi feito sob a perspectiva de Milton Santos (2001) e novamente de Boaventura Santos (2002), com referências a Žižek (2006) e sua crítica ao multiculturalismo, estabelecendo um diálogo sobre a relação entre globalização, culturas locais e resistência. Momentos pontuais da tese solicitaram teóricos de áreas específicas como planejamento urbano; movimentos sociais; relações raciais; violência urbana; violência policial; instituições penais e direitos humanos; criminologia crítica; construção da identidade; gênero; e oralidade. Terminamos a investigação indicando como o hip-hop constrói uma comunicação insurgente, recolocando simbolicamente os principais aspectos deturpados pela mídia hegemônica no que tange à população negra, pobre e moradora dos bairros periféricos. O hip-hop enquanto prática contra-hegemônica se constituiu, por conseguinte, em uma ação crítica capaz de desconstruir visões naturalizadoras das culturas</p>
<p>Ritualidades e vida cotidiana na cultura digital: uma investigação sobre os processos de comunicação e ritualização no ciberespaço</p>	<p>PUC/SP</p>	<p>2014</p>	<p>A presente pesquisa versa sobre as relações entre comunicação, ritualidades e cultura digital. Nesse quadro temático, o objeto de estudo coincide com o recorte específico dos rituais cotidianos no ciberespaço. Com efeito, os elementos teóricos e práticos da pesquisa pressupõem definições mais cuidadosas. O conceito de ritualidade refere-se ao padrão de ações concretas, empreendidas em ocasiões particulares, para determinada finalidade. A cultura digital, por sua vez, é marcada pela cultura pós-moderna, caracterizada pela visibilidade mediática e articulada pelo contexto glocal (a saber, nem local, nem global, antes vertente híbrida de grandeza própria). Os traços prioritários dos processos sociomediáticos contemporâneos referem-se à lógica do excesso e da fragmentação, à ausência de finalidade e à incerteza estrutural. Já o ciberespaço é compreendido como território virtual de deslizamento de signos em tempo real, resultante do processo de</p>

			<p>digitalização da informação, esteio do capitalismo atual. Com base em tais elementos teóricos e práticos, o problema de pesquisa diz respeito justamente à questão sobre como os rituais cotidianos são estruturados nessa ou por vinculação a essa rede digital. A hipótese principal é a de que essas ritualizações fragmentárias são provenientes de; e confirmam um processo psicossocial (individual ou coletivo) de representação, motivação, organização e visibilidade, que se traduz nos modos de sentir, pensar e agir do sujeito na vida cotidiana. Objetiva-se, portanto, investigar de que maneira os rituais se estabelecem no ciberespaço. Para tanto, o corpus da pesquisa privilegiará as redes sociais Facebook e Twitter. Os procedimentos metodológicos envolvem pesquisa bibliográfica e/ou documental, com acompanhamento e reflexão crítica de processos, em atendimento ao perfil exclusivamente teórico da pesquisa. A articulação temática entre comunicação, ritualidades, cultura digital e ciberespaço foi cumprida com base no referencial epistemológico das teorias da comunicação, da mídia, do pós-moderno, da cultura virtual e do imaginário. Entre os autores vislumbrados destacam-se Anderson, Baudrillard, Bauman, Contrera, Eliade, Harvey, Morin, Peirano, Recuero e Trivinho. Com essas características, a relevância da pesquisa justifica-se pela contribuição ao campo de estudo da comunicação e da cibercultura, a partir de um ponto de vista necessariamente tensional, vale dizer, mais criterioso e profundo, dentro do mencionado ramo temático</p>
Corpo e representações sociais: sobrepeso, obesidade e práticas de controle de peso	UFSC	2016	<p>Esta tese objetiva investigar as representações sociais relativas ao corpo ao abordar o excesso de peso corporal e o controle de peso, assim como identificar as relações dessas representações com o engajamento em práticas de controle de peso. Utiliza-se a teoria das representações sociais, na interface com teorias de comunicação, normas e atitudes, dentre elas a teoria do comportamento planejado. A pesquisa caracteriza-se por uma abordagem multi-método, articulando três estudos. Inicialmente, apresenta-se um estudo documental retrospectivo, a partir das reportagens da revista Veja, cujo conteúdo envolveu o excesso de peso entre os anos de 1968 e 2012. As análises, que incluíram categorização múltipla e</p>

		<p>Classificação Hierárquica Descendente (CHD), mostraram uma maior visibilidade do fenômeno do fenômeno a partir dos anos 2000, embora o conteúdo seja estável ao longo do tempo. As representações são pragmáticas e pautadas no discurso técnico-científico, que reitera a necessidade e apresenta estratégias de emagrecimento. O segundo estudo envolveu a aplicação de questionários para identificar as representações sociais que explicariam o engajamento dos participantes nas práticas de controle de peso. Participaram 160 adultos, pareados por sexo e índice de massa corporal. A análise de dados envolveu estatística descritiva e inferencial. Como origem do excesso de peso é enfatizada, sobretudo, a causa alimentar, assim como os seus reflexos na saúde. O controle de peso é considerado positivo, houve grande implicação dos participantes em relação ao tema e forte intenção comportamental para o controle de peso, sendo as normas subjetivas e a insatisfação corporal suas mais fortes preditoras. O controle alimentar e a prática de exercícios operaram sob modelos distintos. O terceiro estudo apresenta a análise de 40 entrevistas semi-diretivas que visaram explorar o pensamento dos participantes sobre obesidade, sobrepeso e práticas de controle de peso. A análise dos dados envolveu CHD, contrastes e análise de conteúdo. As representações têm relação com aquelas veiculadas na mídia. A norma relativa ao controle do corpo foi amplamente partilhada e manifestou-se em duas dimensões distintas, refletindo diferentes graus de internalização. A atitude negativa em relação ao excesso de peso é compartilhada, o que o distancia da própria experiência. No que se refere às práticas, a alimentação é saliente e o discurso relativo a ela envolve a polaridade: controle versus descontrole. As representações sociais ligadas ao sobrepeso e ao controle de peso são hegemônicas e convergentes ao confirmar a norma social que preconiza um corpo magro, bem como ao partilhar os elementos: alimentação e saúde. Apesar do consenso, verifica-se nuances úteis à compreensão do comportamento, seja no grau de internalização pelo qual a norma social se apresenta, pela forma de ancorar as concepções das práticas de controle de peso (como hábito ou como tratamento), ou pela existência de diferentes formas de</p>
--	--	--

			engajamento nessas práticas. No estudo documental o corpo é representado como objeto da ciência, nas respostas ao questionário deve seguir os padrões para ter saúde. E nas entrevistas, o corpo mostra antagonismos entre norma social, emoções e falta de controle; demonstrando a complexidade e polifasia cognitiva atrelada ao fenômeno estudado.
Lo-fi : agenciamentos de baixa definição na música pop	UFRGS	2016	Considerando todos os avanços tecnológicos pelos quais a fonografia passou desde sua invenção, em 1877, por que persistem registros sonoros de baixa definição? Para enfrentarmos essa questão, propomos encarar o lo-fi como um objeto comunicacional, de modo a compreender, a partir de sua linguagem, como ele modeliza a música pop. O lo-fi é reconhecido em senso comum pelo uso de equipamentos de áudio e instrumentos musicais deteriorados, obsoletos ou sucateados. Nesta tese, problematizamos essa noção. Logo de saída, desprendemos o lo-fi do determinismo tecnológico, passando ele a significar outras práticas, linguagens, políticas, estéticas e discursos. Para compreender esse panorama, evitamos uma construção linear ou mesmo histórica. Ao invés disso, mapeamos diversos agenciamentos de baixa definição simultâneos que se processam ao longo da história, circunscrevendo como objeto empírico canções registradas fonograficamente e que promovem algum tipo de desterritorialização do regime de signos institucionalizado pelo mainstream, o que nos leva ao seguinte objetivo geral: compreender o lo-fi como uma virtualidade que age na comunicação fonográfica, isto é, como uma máquina abstrata que não só se diferencia de si própria, mas também produz diferença na música pop. Para dar conta desse objetivo geral, desenvolvemos os seguintes objetivos específicos: (1) evidenciar a presença dos suportes fonográficos, instrumentos musicais e demais aparelhos tecnológicos na paisagem sonora das canções lo-fi; (2) mapear e sintetizar os diferentes sistemas culturais que, postos em relação, edificam a semiosfera de onde o lo-fi emerge como um novo sistema; (3) mapear os territórios de significação agenciados pelas imagens sonoras de baixa definição em canções lo-fi; (4) analisar a capacidade dessas imagens sonoras de promover agenciamentos de baixa definição na música pop; (5) descrever o

			<p>diagrama da máquina abstrata lo-fi, seus modos de funcionamento e de modelização da música pop. Organizamos as análises em platôs, que percorrem diferentes linhas de variação contínua de significação efetuadas pelos agenciamentos de baixa definição. Ao final, descrevemos os modos de funcionamento da máquina abstrata lo-fi. Ao longo do estudo, também revisitamos e refletimos sobre teorias relacionadas ao assunto, como ecologia acústica, materialidades da comunicação, arqueologia da mídia, afecto, semiótica e a filosofia da diferença de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Como resultado, esperamos contribuir para as teorias da comunicação com reflexões referentes às noções de fidelidade, resolução, ruído, percepção sonora e, em especial, para a constituição de um modelo comunicacional micropolítico, reconhecido nos processos de diferenciação de nosso objeto de estudo. A baixa definição, defendemos, manifesta-se entre estados regulares da música pop, desestabilizando seus ritmos regulares, forçando seu núcleo a modificar sua estratégia para lidar com a diferença. Imagens sonoras lo-fi são institucionalizadas pela música pop, mas isso acaba por gerar outras imagens sonoras potenciais. A baixa definição segue, assim, resistindo aos regimes de signos impostos pelos movimentos hegemônicos da música pop, sempre propondo arrebatamentos e estabelecendo modos de comunicar imprecisos, distorcidos, violentos.</p>
<p>Teleaudiologia: análise da comunicação profissional/paciente no processo de seleção e adaptação de aparelhos de amplificação sonora individuais via teleconsulta</p>	<p>USP</p>	<p>2016</p>	<p>Pesquisas demonstraram que a teleconsulta síncrona com vídeo interativo e compartilhamento remoto de aplicativos pode ser utilizada com sucesso na programação e verificação de aparelhos de amplificação sonora individuais (AASIs). Entretanto, esta consulta, mediada via tecnologia de informação e comunicação, pode dificultar a efetiva comunicação profissional/paciente, com conseqüente impacto negativo na compreensão e retenção da informação, adesão e bem-estar psicológico do paciente durante o tratamento. Este estudo comparou a comunicação nas consultas para adaptação do AASI realizadas face a face e a distância. Participaram do estudo 60 deficientes auditivos, com idades entre 50 e 89 anos (média=69), candidatos ao uso do AASI, divididos em dois grupos conforme a</p>

		<p>modalidade de atendimento: face a face (n=30) e teleconsulta (n=30). Estes participantes foram atendidos por cinco fonoaudiólogas com experiência na adaptação do AASI e, nas teleconsultas, por mais quatro facilitadores. O software TeamViewer 10© foi utilizado para a transmissão de áudio e vídeo e compartilhamento de dados (conexão via LAN USP, velocidade de 384 Kbps), entre o computador localizado no ambiente de teste, onde estavam o paciente e facilitador, e o ambiente remoto, onde estava a fonoaudióloga. Assim, a fonoaudióloga conduziu os procedimentos de programação e verificação do AASI à distância, com auxílio do facilitador. Todas as consultas foram gravadas em formato de vídeo. Dois avaliadores independentes analisaram os vídeos e atribuíram uma pontuação de 0 a 24 pontos para a comunicação ocorrida nas consultas, de acordo com a Escala Global de Pontuação de Consultas (Global Consultation Rating Scale GCRS). Pontuações maiores indicam resultados mais favoráveis. Em média, a duração das teleconsultas foi 10 minutos maior que a das consultas presenciais. Problemas técnicos ocorreram em 27% das teleconsultas, sendo necessário interrompê-las e reiniciá-las. A pontuação média da GCRS foi de 15,3 (presencial) e 12,6 (teleconsulta), sendo esta diferença significativa. Pontuações máximas ou próximas ao máximo não foram encontradas em nenhum dos casos. Para complementar os resultados, foi realizada análise qualitativa de 10 gravações das consultas, face a face (n=5) e a distância (n=5). A análise de conteúdo temático-categorial foi realizada utilizando o software NVivo 10. Nas duas modalidades de consulta, a análise da frequência de ocorrência das categorias indicou predominância da fala do profissional e, quando presente, do facilitador. O teor desta comunicação foi de caráter biomédico, sobressaindo o fornecimento de explicações sobre o uso e manuseio do AASI. A ocorrência de back channels, que podem indicar uma postura de escuta, foi mais frequente para os pacientes e acompanhantes. Concluiu-se que a comunicação nas consultas para adaptação do AASI não foi centrada no paciente, conforme atualmente preconizado. Além disto, esta comunicação sofreu a influência do uso das tecnologias de informação e comunicação. Sendo assim, é</p>
--	--	--

			reforçada a recomendação da literatura quanto à necessidade de treinamento dos fonoaudiólogos para o uso de habilidades de comunicação efetivas, assim como de estratégias para contornar potenciais obstáculos advindos da interação via teleconsulta.
A IMPORTÂNCIA DAS TICS E DA EDUCAÇÃO COMO PROCESSO COMUNICACIONAL DIALÓGICO NO ENSINO SUPERIOR: Um Estudo da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul	METODISTA	2016	Esta tese teve por objetivo saber como o corpo docente da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) percebe, entende e reage ante a incorporação e utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) nos cursos de graduação dessa Instituição, considerando os novos processos comunicacionais dialógicos que elas podem proporcionar na sociedade atual. Metodologicamente, a tese é composta por pesquisa bibliográfica, buscando fundamentar as áreas da Educação e Comunicação, assim como a Educomunicação; pesquisa documental para contextualização do lócus da pesquisa e de uma pesquisa exploratória a partir da aplicação de um questionário online a 165 docentes da UEMS, que responderam voluntariamente. Verificou-se que os professores utilizam as TICs cotidianamente nas atividades pessoais e, em menor escala, nos ambientes profissionais. Os desafios estão em se formar melhor esse docente e oferecer capacitação continuada para que utilizem de forma mais eficaz as TICs nas salas de aula. Destaca-se ainda que os avanços em tecnologia e os novos ecossistemas comunicacionais construíram novas e outras realidades, tornando a aprendizagem um fator não linear, exigindo-se revisão nos projetos pedagógicos na educação superior para que estes viabilizem diálogos propositivos entre a comunicação e a educação. A infraestrutura institucional para as TICs é outro entrave apontado, tanto na aquisição como na manutenção desses aparatos tecnológicos pela Universidade. Ao final, propõe-se realizar estudos e pesquisas que possam discutir alterações nos regimes contratuais de trabalho dos docentes, uma vez que, para atuar com as TICs de maneira apropriada, exige-se mais tempo e dedicação do docente.
O corpo da multidão aprende a se comunicar: políticas públicas para dança em Araraquara de 2001 a 2008	PUC/SP	2008	Quando operam no campo da cultura, os processos de comunicação demandam uma leitura política da sua atuação. Ações culturais promovem formas de comunicação entre as várias camadas das populações que compõem uma cidade, entre uma cidade e seu entorno,

		<p>modificam a cidade, modificam o entorno e modificam a relação entre ambos. A natureza dessas ações é que traça o perfil daquilo que comunicam, daí a importância de cada uma delas. Justamente por isso, torna-se indispensável aprender a identificar cada ação cultural como um processo de comunicação com a sociedade na qual opera. Entendendo a política cultural para a dança realizada na cidade de Araraquara-SP, entre 2001-2008, como um processo de comunicação, a tese parte da hipótese de que o conjunto de ações culturais realizadas a diferenciou de outras cidades brasileiras de porte e situação geográfica semelhante e a conectou com um outro tipo de circuito. A dança é empregada como o recorte que explicita a hipótese. Os dois projetos aqui pesquisados, objetos de estudo da presente tese - a Escola Municipal de Dança Iracema Nogueira, fundada em 2002, e o Festival de Dança de Araraquara, criado em 2001-, nasceram a partir de entendimentos distintos dos até então hegemônicos na cidade. Sua implantação suscitou resistência e demandou estratégias de comunicação capazes de promover a sua adaptação à sociedade araraquarense. Para pesquisar as estratégias que operaram tal transformação, aqui se empregou a bibliografia das teorias da comunicação de viés político (BARBERO, MATTELART, SODRÉ), lidas à luz de NEGRI & HARDT, BAUMAN e VIRNO. Com esses autores foi possível desenvolver o argumento de que a consolidação de projetos como os dois acima descritos, ao envolverem a cidade de formas inusitadas e singulares, acabaram ganhando uma força que, possivelmente, assegurará a sua continuidade - afrontando a tradição brasileira de interrupção e descontinuidade de projetos culturais, mesmo os bem sucedidos, a cada eleição, quando se alteram os partidos no poder. Conhecer o histórico das formas de comunicação da dança em Araraquara nesse período permite avaliar com mais acuidade a transformação operada pelos dois projetos, que nasceram e se implantaram enfrentando e transformando os focos de resistência que podiam ser antevistos, uma vez que destituíam o conceito de dança que, até então, se praticava na cidade. Ao substituir os campeonatos ou concursos entre escolas particulares que aconteciam debaixo da</p>
--	--	---

			<p>nomenclatura Festival de Dança", por formas colaborativas entre profissionais da área, o Festival de Dança de Araraquara desarticulou a comunicação entre Araraquara e as cidades onde funcionam estes festivais competitivos e inscreveu-a em outro circuito, o dos festivais profissionais e não-competitivos. Evidentemente, essa ação feriu os interesses locais que uniam as escolas privadas da cidade e foram necessários alguns anos para que o ambiente se harmonizasse. A inauguração da Escola Municipal de Dança Iracema Nogueira, pautada por uma proposta de currículo inteiramente distinta do modelo praticado por essas mesmas escolas, abriu outra fissura na hegemonia anterior, tornando o ambiente da dança em Araraquara mais plural e complexo. O objetivo central é o de contribuir com o avanço das discussões a respeito do binômio comunicação-cultura dentro de uma perspectiva política, usando a política cultural para a dança como o foco dessa reflexão</p>
<p>A travessia do lúdico: modos de presença e regimes de interação dos games na cibercultura</p>	<p>UTP</p>	<p>2014</p>	<p>Esta pesquisa investiga os modos como os games se constituem como mediações promotoras de regimes interacionais de comunicação, partilha e produção de sentido no contexto da cibercultura. Identifica, nas potencialidades dos recursos tecnológicos desses ambientes digitais, as práticas desencadeadas pelo seu uso na sociedade contemporânea e propostas consideradas deflagradoras de experiências estético-cognitivas, para além do campo do entretenimento e do lazer, que denominamos de travessias. Norteadas pelo problema constituído diante desse cenário - "de que modo(s) os games podem mediar regimes interacionais de comunicação e de produção de sentido?" - a investigação parte das hipóteses de que os ambientes digitais podem ser legitimados como uma prática favorecedora de experiências instituídas por uma retórica com qualidades estéticas (e tecnológicas) próprias; e da possibilidade de deslocamento desses ambientes digitais para outros campos, como formas de intuir a percepção sensível-cognitiva dos sujeitos instaurando regimes de interação, no ato do acontecimento comunicacional, de diferentes ordens. Os recortes teóricos que a delimitam apoiam-se nas teorias da comunicação social (como a estética da comunicação) e nos estudos interdisciplinares da cibercultura, que</p>

			compreende também a filosofia, através de uma releitura de autores ditos “clássicos”, como Marshall McLuhan, Michael Foucault, Pierre Lévy, Immanuel Kant; autores contemporâneos como Lev Manovich, Ken Hillis, Henry Jenkins; na semiótica sociodiscursiva e da experiência de Algirdas Greimas, Eric Landoswki, Jean-Marie Floch; entre outros. Traz, como recorte empírico para investigação em profundidade, além do universo dos games, o game Minecraft (Mojanga AB), através da metodologia etnográfica e da observação participativa no contexto do jogo.
Panorama histórico-conceitual da publicidade	UNB	2013	O presente trabalho discute o conceito de publicidade e tem como pressuposto sua conceitualização a partir de sua singularidade histórica, o que, por sua vez designa sua dependência dos meios de comunicação e a articulação de um sistema de fatores (aparecimento das agências de publicidade, consolidação de uma economia de produção, surgimento de um mercado de concorrência, aparecimento do consumidor...) que configura a emergência do que designamos de fenômeno publicitário. Este conceito nos permite defender a tese de que – contra uma tendência bastante presente na literatura especializada –, a publicidade não pode ser definida apenas por um de seus traços (persuasão, informação, venda de um produto...), mas que envolve uma série de fatores, os quais somente passam a funcionar em conjunto e plenamente a partir da virada do século XX. Também procuramos analisar as consequências dos conceitos de publicidade no trabalho de produção de teorias. Observamos que poucas teorias da comunicação costumam tratar da publicidade, embora possa ser considerada uma das fontes de emergência e estruturação da área de conhecimento. De outra parte, constatamos que as raras teorias da publicidade nem sempre dão a devida importância ao papel dos meios de comunicação e a implicação dos fatores históricos de sua constituição. O trabalho se desenvolve em três etapas. A primeira, essencialmente histórica, a segunda conceitual e a terceira, teórica. Na primeira etapa levantou-se a produção sobre a história da publicidade e quando o fenômeno se manifesta. Na segunda parte buscou-se identificar os elementos que sustentaram o desenvolvimento

			do fenômeno publicitário, bem como descrevê-lo. Por fim, o terceiro segmento analisou criticamente a bibliografia teórica sobre comunicação e sobre publicidade, buscando identificar como a publicidade aparece nos livros sobre comunicação.
LEI DE ACESSO À INFORMAÇÃO: um canal à fonte de notícia	METODISTA	2016	Este estudo visa verificar se a Lei de Acesso à Informação é um canal para obter fonte de notícia para jornalistas. A pesquisa foi norteada por estudo exploratório, de natureza quantitativa, delineado por pesquisa bibliográfica, documental, entrevistas estruturadas e análise de conteúdo. Em um primeiro momento foi apresentado um panorama da LAI nos cinco continentes do globo e quais países possuem e não possuem a legislação de acesso à informação. Posteriormente foram realizados dois mapeamentos: O primeiro foi acerca das solicitações feitas por jornalistas (em geral) no Sistema Eletrônico do Serviço de Informações ao Cidadão (e-SIC) da Controladoria-Geral da União (CGU) em 2014 e 2015. O segundo mapeamento foi dirigido às matérias publicadas no jornal Folha de S. Paulo, na editoria de política, em 2014 e 2015. Entre os documentos utilizados está o 2º Relatório de desempenho da Lei de Acesso a informações públicas da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (ABRAJI), que entrevistou 83 jornalistas brasileiros sobre a LAI em 2015. Do ponto de vista teórico, a pesquisa perpassa os conceitos de democracia (Bobbio), comunicação pública (Brandão), direito à informação pública (Mendel), jornalismo de dados (Machado), fontes de notícias (Lage/Charaudeau) e cultura hacker (Coleman), entre outros. A análise mostrou que a LAI é utilizada como canal à fonte de notícia no âmbito da cobertura política, porém com baixo aproveitamento pelos jornalistas. A pesquisa ainda revelou que tampouco existem mecanismos de estímulo ao uso e critérios de mensuração sobre a LAI como canal à fonte de notícia, tanto pelo Governo Federal, quanto pela Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ).
MEMÓRIA, MÍDIA E TRANSMISSÃO RELIGIOSA: ESTUDO DE CASO DA REVISTA ADVENTISTA (1906-2010)	METODISTA	2017	A presente tese discute a transmissão da memória religiosa do adventismo brasileiro, com foco no uso dos instrumentos comunicacionais eletrônicos (rádio, televisão e internet). O pano de fundo teórico se baseou nos aspectos da memória e da transmissão religiosa,

		<p>principalmente sua tensão entre a continuidade e a ruptura dentro do processo modernizante. Para tanto, escolheu-se a sociologia da memória e da transmissão religiosa halbwaquiiana. Essa junção nos permitiu analisar como a teologia do grupo estudado articula eventos do passado para justificar crenças e hábitos do presente. A delimitação do corpus foi encontrada na Revista Adventista, entre os anos de 1906 e 2010, a qual foi utilizada como um espelho de uma realidade maior, portadora das transições e continuidades do discurso. O trabalho se estrutura por meio de uma análise de conteúdo em conjunto com uma abordagem qualitativa sobre os discursos. A lógica dos capítulos se inicia com a construção historiográfica do pensamento e desenvolvimento do adventismo brasileiro e mundial para, depois, incluir os exemplares da publicação que abordassem aspectos da utilização da memória fundante do grupo, assim como todas as aparições dos termos “rádio”, “televisão” e “internet”. Como parte dos resultados, notamos como a concepção mantida pela Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) em se produzir uma pregação racionalista, baseadas na leitura e na busca pela “correta” interpretação do texto bíblico, traz algumas características importantes a esse movimento, moldando sua missiologia e visão de mundo. Foi visível o uso do passado fundante, através de relatos sobre os pioneiros, principalmente Ellen G. White. Vimos também que existe ressignificações de algumas bases constitutivas da identidade do movimento ao longo do tempo, que desafiam a denominação na sua tentativa de permanecer fiel à sua mensagem fundante. A pesquisa revelou uma relação ambígua do adventismo brasileiro com os meios de comunicação, o que se associa com as tensões provindas da modernidade. Existe uma tensão vivida pela memória do movimento brasileiro quanto ao uso e recusa dos instrumentos comunicacionais. Essa relação se dá principalmente devido a uma visão utilitarista, que vê na mensagem proferida, e não no meio em si, perigos a se evitar por parte do movimento.</p>
--	--	--

4 – Teoria da Comunicação (CAPES)

TÍTULO (TEORIA DA COMUNICAÇÃO-CAPES)	INSTITUIÇÃO	ANO	RESUMO
MEDIÇÃO E MEDIATEZADO: CONEXÕES E DESCONEXÕES NA ANÁLISE DO COMUNICACIONAL	PUC/RS	2013	O trabalho avalia os construtos teóricos das Mediações e da MEDIATEZADO, mira os seus modelos conceituais e questiona em que medida os seus postulados ainda têm validade para o estudo do comunicacional. Pergunta o que há de particular nessas armações, qual seu grau de similitude/disparidade e quais suas contribuições à problematização pressupostos, historiciza-os no entorno de três eixos temáticos cultura e tecnologia – e, através de uma aproximação comparativa, reaprecia esses postulados. Neste trajeto deixa evidente que é a própria forma de encarar tecnologia, cultura e comunicação o que há de mais peculiar nas armações; que elas re-centram o debate do comunicativ conexões do que se pode presumir a priori.
Espectral: sentido e comunicação digital	USP	2010	Esta tese se divide em duas partes. Na primeira parte serão expostas as escolas e teorias mais importantes para o conceito de sentido. Na segunda parte será exposto o conceito de sentido espectral. A primeira seção é monográfica e trata de investigar o conceito de sentido em quatro diferentes campos das ciências humanas: a lógica, a linguagem, a fenomenologia e a teoria dos sistemas. A segunda traz a proposição teórica do conceito de sentido espectral e o discute em função de diagramas de comunicação e sentido. Com isso, a discussão da primeira parte deste trabalho deverá introduzir as dimensões do conceito de sentido que, por sua vez, serão relacionados com certo padrão de difusão e consumo da informação. Essa relação entre os modos de produção das matrizes de media e um determinado conceito de sentido é explorada ao longo de todo o trabalho. Espectral, com isso, é uma metáfora para a particular produção de sentido do ambiente digital. Esse campo do sentido eletrônico será descrito e delineado em contraposição às metáforas não-espaciais de difusão do

			<p>ciberespaço, que sugerem um campo aberto de aceleração e expansão não comensurável. Desse modo, o conceito de sentido espectral apresentará dois blocos de elementos complementares cuja finalidade é vincular as metáforas não-espaciais, exteriores e difusas do ciberespaço, com uma descrição dos mecanismos interiores desse sentido digital. Esses mecanismos serão descritos teórica e graficamente por meio de cinco componentes: serialização, aglutinação, seleção, nódulos e interrupção. Essas operações, por sua vez, percorrem uma superfície cujos movimentos são simultaneamente concêntricos e arborescentes. A descrição desse movimento será feita por meio de três circuitos: círculos interiores, círculos exteriores e círculos crescentes. A superfície, por sua vez, será descrita com o conceito de anéis de cebola. A vinculação entre as camadas concêntricas e a superfície do ciberespaço conforma o próprio conceito de sentido espectral.</p>
Comunicação e Hermenêutica: Reinterpretações da Comunidade	UFRJ	2009	NÃO ENCONTRADA
Harold Lasswell e o Campo da Comunicação	UNB	2012	<p>Harold Lasswell é um autor comumente citado pelo campo da Comunicação como um de seus pioneiros, no que tange ao estudo da propaganda no início do século XX e também em relação ao desenvolvimento do campo comunicacional, com a criação do famoso modelo que leva seu nome. A tradicional narrativa da história do campo da Comunicação afirma que foi este modelo o responsável pela organização da pesquisa em comunicação e a classificou em áreas: o estudo do emissor, o estudo da mensagem, o estudo do canal, o estudo do receptor, o estudo dos efeitos. Contudo, dificilmente encontra-se uma análise mais qualificada de sua obra ou uma explicação mais detalhada de suas teorias, inclusive de seu modelo. A presente tese busca perscrutar as relações que se estabeleceram entre o campo comunicacional e Harold Lasswell, tentando compreender de que maneira a área da Comunicação constrói a figura deste pesquisador como um de seus pais fundadores. Buscamos analisar a obra comunicacional de Lasswell, a partir de um olhar histórico e</p>

			epistemológico, realizando uma observação crítica de suas contribuições para o domínio de estudos da comunicação.
A construção da relação “Brasil - Estados Unidos” na revista Veja	PUC/SP	2016	Esta pesquisa investiga como o enunciador Veja cobre a relação política, econômica e de relações externas Brasil - Estados Unidos. O título da Editora Abril apresenta com frequência a sociedade norte-americana como modelo a ser seguido. O contrato de comunicação, baseado no negócio e nos objetivos de mercado da família Civita, associa o capitalismo à ideia de prosperidade e liberdade nos pontos nodais de seu discurso. Mesmo na cobertura de conflitos e guerras, os Estados Unidos surgem como poderosos detentores de tecnologia de ponta diante de adversários que não têm arsenal para enfrentá-los, mas representam risco ao Ocidente. O corpus é composto por capas e reportagens, cujos temas são a relação bilateral enunciada por Veja desde seu primeiro ano, 1968. O objetivo da pesquisa é compreender como a revista constrói, através dos pontos nodais, a ideia de que os Estados Unidos são um referencial para inspirar o Brasil como nação, seja do ponto de vista político e econômico, seja na relação do cidadão com o Estado e com os poderes políticos constituídos. Apresentam-se os valores incorporados na cobertura. Nossa tese é a de que, além de sugerir um modelo neocolonial para o Brasil, focado nos valores políticos e econômicos da sociedade norte-americana, o enunciador se apoia no espectro ideológico do liberalismo econômico para adotar posições conservadoras e tradicionais, sobretudo politicamente. Quanto à metodologia de pesquisa, ela se baseia na análise de discurso proposta por Laclau, Mouffe, Prado, Charaudeau e Žižek. Para uma reflexão sobre a imprensa em geral, baseamo-nos em Fausto, Sousa Santos, Chomsky e Arbex Jr. A expectativa é que este trabalho contribua para aprofundar o debate sobre a forma como a relação Brasil- Estados Unidos é apresentada historicamente, às vésperas do título completar 50 anos
Figurações da crueldade do Coringa nos quadrinhos de Batman: a piada mortal	PUC/SP	2016	Esta pesquisa analisa as figurações da crueldade do Coringa nos quadrinhos de Batman: A Piada Mortal (Batman: The Killing Joke, 1988). A crueldade desse personagem, entendida

			<p>como a vontade de causar dor e sofrimento ao outro, tem estilo próprio na sua fala devassa, seguindo uma estética do horror na imagem-síntese da sua boca vermelha em forma de ricto, bem como um enredo em que se encenam rituais de exibicionismo e sadismo, nos quais as vítimas do Coringa são oferecidas em louvor a Batman. Esta pesquisa contribui para o estudo do vilão nos quadrinhos do gênero super-herói, personagem que, em confrontos e tréguas com o herói, cria um campo de tensão que movimenta uma narrativa cheia de suspense, ação e de reviravoltas, com um desfecho apaziguador que convida o leitor a uma próxima aventura da série. A crueldade é a paixão do Coringa que quer desestabilizar e corromper o herói, compondo a dinâmica da relação densa, ambígua e sinistra entre ele e Batman. A questão da presente pesquisa reside nisto: o que torna a crueldade do Coringa tão marcante na relação deste com Batman? Por quais vias a crueldade determina e qualifica os atos criminosos do Coringa, modificando o vínculo dele com o herói ao longo destes quadrinhos? O objetivo é delimitar o imponderável da crueldade do Coringa por meio de suas figurações, que o tornam o vilão por excelência nas histórias de Batman. Utilizamos duas vias de fundamentação teórica: a via regida pela imagem, preconizada por Thierry Groensteen, examinando o sistema complexo da narrativa em que o desenho e a palavra funcionam em rede; e a via psicanalítica, no tocante aos conceitos lacanianos de traço unário e de perversão, com apoio da aproximação do personagem Coringa à figura literária do libertino sadeano</p>
<p>Lugar de mulher: uma cartografia da construção discursiva da liberdade nas revistas femininas</p>	<p>PUC/SP</p>	<p>2015</p>	<p>Esta pesquisa investiga como as enunciatórias das revistas femininas estão lidando com os discursos que visam equilibrar a jornada de trabalho e a possibilidade de abandoná-lo em função da dedicação ao lar. Nosso objetivo é compreender a tensão entre lar e trabalho no universo feminino, bem como entre os papéis estabelecidos: mãe, esposa e rainha do lar versus a mulher bem sucedida profissionalmente. Buscamos desvendar os contratos de comunicação entre enunciador (revista) e enunciatária (leitora projetada) e como as revistas constroem a convocação para a permanência ou abandono do mercado de trabalho. Nossa</p>

			<p>tese é de que o movimento do abandono do mercado de trabalho remunerado promove um deslocamento no discurso hegemônico, trazendo à tona a naturalização da dupla jornada: trabalho remunerado x cuidado com a casa e família (care), tirando, assim, o care da invisibilidade e expondo que o mercado de trabalho não é tão receptivo à mulher como se propaga. Para esta análise, escolhemos três revistas voltadas para o público feminino com publicações mensais de diferentes editoras: Cláudia, da editora Abril; Marie Claire, da editora Globo e TPM, da editora Trip. As edições compreendem o período de janeiro de 2012 a dezembro de 2014. Esta pesquisa contempla a interseção de dois campos do saber: discurso e feminismo. Adotamos como referencial teórico e metodológico as teorias de análise discursiva de Ernesto Laclau e Žižek. Sobre feminismo, nos valemos da história do movimento através de Christopher Lasch e Michelle Perrot; teóricas feministas como Donna Willshire, Betty Friedan, Nancy Fraser, Susan Faludi e Ynestra King, entre outras. Para discutir as relações de trabalho, nos valemos das teóricas do care, Eileen Boris e Helena Hirata; Foucault nos deu suporte no estudo da biopolítica</p>
<p>As configurações discursivas do Ethos empreendedor: estudo dos contratos de comunicação sobre empreendedorismo na Revista VOCÊ S/A</p>	PUC/SP	2014	<p>A pesquisa examina os contratos de comunicação da revista Você S/A, analisando os agendamentos temáticos sobre empreendedorismo e as configurações modalizadoras do leitor-empendedor. Os contratos de comunicação dessa revista envolvem a construção da carreira dos jovens executivos, subsidiando sua formação com enunciados que se valem da ‘cultura empresarial’, socialmente instituída e preservada pela ideologia capitalista, como repertório do discursoliberal. Buscou-se compreender os elementos situacionais e estruturais que compõem o contrato, analisando-se os processos de construção de ciclos de convocação. Compreendemos o ethos empreendedor como um sentido de identidade, produzido a partir de valores sociais presentes na temática do empreendedorismo. Ser empreendedor é perfil do executivo projetado pelas empresas, característica resultante do engendramento às regras sociais e, por isso, é parte da convocação do enunciador da Você S/A aos enunciatários empenhados em ter ‘o perfil do sucesso’, dispostos, portanto, a</p>

			<p>responder às palavras de ordem da revista. O corpus selecionado é constituído por 36 exemplares da revista, de 2008 a 2010. A metodologia da pesquisa deste projeto partirá da análise discursiva com aportes da semiótica discursiva, tematizando-se as relações de poder, de natureza sócio-política-econômica, de modo a desconstruir os contratos de comunicação; para tanto, vários autores serão fundamentais, como Fairclough, Foucault, Pêcheux, Van Dijk, Charaudeau, Landowski, Pietroforte, Semprini e Verón. As interpretações dos enunciados que compõem os discursos da revista serão analisados pelos conceitos de Charaudeau, Fairclough, Foucault, Verón e Pêcheux. As abordagens sobre os gêneros discursivos e as possibilidades da intertextualidade formativa serão realizadas pelas teorias de Bakhtin e Maingueneau. A discussão sobre as questões hegemônicas, os pontos nodais e/ou palavras de ordem, que totalizam o discurso ideológico capitalista, será orientada pela teoria do discurso de Laclau. A formação das identidades, a constituição ideológica dos processos de comunicação e regimes de visibilidade serão interpretados a partir das teorias de Baudrillard, Bauman, Bourdieu, Giddens, Habermas, Laclau e Prado</p>
<p>ALTERIDADES INCORPORADAS: O DISTENSIONAMENTO ANTAGÔNICO NO DISCURSO SUSTENTÁVEL DO GUIA EXAME</p>	PUC/SP	2015	<p>Esta pesquisa investiga a construção discursiva do sentido da sustentabilidade nos textos do Guia Exame de Sustentabilidade (e Boa Cidadania Corporativa), publicação de caráter anual ancorada à revista Exame. Como corpus, consideramos todas as edições do Guia, de 2000 até 2013, totalizando 14 publicações. Observamos que o Guia Exame se apresenta como enunciador-sabedor do campo de economia e negócios, apontando as empresas-modelo, exemplares de atuação de práticas socialmente responsáveis. Ao analisar os textos da publicação, tomamos também os conceitos de fetiche e sintoma de Žižek, para compreender como a enunciação tematiza o antagonismo e como são construídas as figuras de oposição ao discurso do Guia. Essa análise foi relacionada com a conjuntura sociopolítico-econômica em que tal construção discursiva aparece como fetiche. Para investigar a questão, o primeiro passo da pesquisa consistiu na análise dos discursos da revista e das empresas-modelo que têm a sustentabilidade e a boa cidadania corporativa como palavras de ordem. Em um</p>

			<p>segundo momento, analisamos o processo de totalização do discurso hegemônico e do tratamento dado às identidades antagonistas. Para tanto, adotamos como base metodológica a teoria do discurso de Laclau e Mouffe. A hipótese é que os discursos do Guia Exame de Sustentabilidade justificam as práticas produtivas e “distensionam” as identidades antagonistas estabilizadas como figuras de alteridade. Os media ligados ao discurso liberal-capitalista, como aquele analisado, Exame, atuam como dispositivo de poder (FOUCAULT), regulando modos de existência (ser, dizer, fazer) dos sujeitos. Esse ato regulador é atividade de convocação (PRADO) exercida pelo dispositivo. O objetivo da pesquisa foi examinar como os discursos do Guia Exame de Sustentabilidade (e Boa Cidadania Corporativa) tematizam as figuras de alteridade (comunidade, ONGs e governo) que ameaçam seus modos de funcionamento e deslocam discursivamente sua posição de antagonista para de alteridade incorporada ao discurso</p>
<p>O corpo transformado em Extreme Makeover e Tabu América Latina: entre o mesmo e o outsider</p>	PUC/SP	2014	<p>A presente pesquisa tem por objetivo investigar as alterações extremas realizadas nos corpos nos programas que representam a chamada reality TV, como os reality shows e os documentários televisivos. O corpo é socialmente construído e inscreve sobre si marcas que identificam e particularizam o indivíduo. Transformar a superfície do corpo é prática que provoca fascínio, haja vista que se vai além de apenas buscar uma aparência saudável e de corpo perfeito, fazendo encarnar o ideal na superfície do corpo. Neste contexto, o corpo passa a ser registro vivo em que são inscritos afetos, emoções, representações da história do sujeito e de seu tempo. Enquanto meio, o corpo é um instrumento de comunicação e inscreve sobre si uma composição textual e a cultura do grupo social, que aparece conformada em suas atitudes e sua caracterização. Entretanto, nas mídias quase não há espaço para inscrição das ações dos chamados outsiders, denominação dada, por Norbert Elias e John Scotson, a pessoas que, de alguma forma, fogem aos padrões considerados normais, tematizando, assim, os processos de estigmatização social, comuns em vários países. O surgimento das inúmeras práticas corporais e técnicas de (re)modelagem física se</p>

			<p>ancora na ideia de autonomia e autorregulação do sujeito com relação ao seu corpo, reforçando, com isso, um comportamento de aversão com relação aos corpos que desviam do padrão estético dominante. Desta forma, o objetivo fundamental da pesquisa é estudar a posição e a função do corpo enquanto texto, e os modos pelos quais são discursivizados os corpos-padrões aceitos, bem como os corpos outsiders nos programas que compõem o corpus – Extreme Makeover e Tabu América Latina -, propondo, assim, um estudo sobre os mapas de valores e os respectivos contratos comunicativos. Os percursos passionais são examinados a partir da semiótica das paixões, de Greimas e Fontanille, e as análises discursivas são realizadas com aportes de Diana Barros, David Le Breton, Beatriz Pires, Bill Nichols e Joseph Campbell, priorizando questões interacionais que concernem ao corpo enquanto instrumento de comunicação. As paixões, sejam externas ou figurativizadas pelos programas, motivam atitudes que levam o sujeito a transformar o próprio corpo, e a exposição midiática realça conceitos e valores estéticos e comportamentais que são positivados ou negativados pelo senso comum do espectador que consome esta corporeidade espetacular aportada na televisão</p>
<p>O fascínio do serial killer: protagonismo e naturalização da anormalidade em Dexter</p>	<p>PUC/SP</p>	<p>2017</p>	<p>pesquisa investiga o tema das narrativas de séries televisivas sobre serial killers, centrando sua atenção na série norte-americana Dexter, produzida no período de 2006 a 2013, sem deixar de examiná-la no contexto de outras séries do mesmo gênero. Para saber como o fascínio do crime é narrativizado neste tipo de série buscamos identificar suas semelhanças e diferenças, comparando as narrativas, os conflitos principais, o protagonismo do serial killer, as relações entre os sujeitos-personagens e questões complexas ligadas às ações e características de cada serial killer e ao desenvolvimento da narrativa em si – todas centradas na compulsão de matar do protagonista, considerando sua permanência na invisibilidade e os laços sociais entre ele e os demais personagens; para isto buscamos recuperar historicamente o processo de construção discursiva de filmes antigos com a mesma temática para compreendermos como se estabeleceu o universo das séries. Partimos</p>

			<p>do pressuposto de que existe uma transformação da estrutura narrativa e dos personagens serial killers nos audiovisuais das últimas décadas. Há, nesse contexto, uma necessidade de entender como as séries se utilizam das linguagens do audiovisual, como tensionam a oposição normal versus anormal, como se dá a convocação da cumplicidade do espectador e como a violência e a perversão se tornam elementos de estruturação da organização social e eventualmente efetivadoras da sanção. A nosso ver, questionar sobre o que mantém a tensão da narrativa das séries é um modo de avaliarmos nossos processos de significação e moralidade civil. A fundamentação teórica se baseia nos saberes das áreas de Audiovisual, Semiótica, Psicanálise, Sociologia e Filosofia. Para o audiovisual, utilizamos Neale, Arlindo Machado e Sonia Rodrigues em seus estudos sobre as estratégias narrativas em séries dramáticas; os estudos sobre cinema contaram com os aportes de Shaviro e Naremore e os estudos de série com Douglas L. Howard; as investigações sobre cinema de Ismail Xavier também fortalecem as análises desta tese. Na análise do percurso gerativo de sentido das narrativas se fazem necessários os aportes da semiótica discursiva de Eric Landowski e Ana Cláudia de Oliveira, mas nos utilizamos também da semiótica tensiva de Claude Zilberberg. Quanto à psicanálise, para abordar o conceito lacaniano de perversão e neurose, nos utilizamos dos textos de Nasio, Žižek, Bond, Philippe Julien e Antonio Quinet, que nos apoiam na explanação do universo do sujeito serial killer. Para as discussões sociológicas e éticas sobre anormalidade e perversidade adotamos os pensamentos de Dany-Robert Dufour e Simpson</p>
<p>Repensar os audiovisuais em uma proposta metapórica: em busca do sensível</p>	<p>USP</p>	<p>2017</p>	<p>Permeadas pelos audiovisuais, as sociedades contemporâneas se veem cada vez mais envoltas por eles. Diferentemente do que se verificava até bem pouco tempo atrás, época em que o ato de assistir a um audiovisual implicava adequar-se às grades das emissoras ou cinemas e estar localizado geograficamente em um lugar que dispusesse de aparato técnico para aguardar o momento da exibição, hoje as telas invadiram todos os espaços e seus conteúdos são visualizados facilmente por meio de diferentes dispositivos móveis</p>

			<p>(celulares, tablets, entre outros) a qualquer momento. Mesmo num cenário marcado pela aceleração, tais materiais têm o potencial de despertar nas pessoas a sensação de que o tempo parou, resgatando memórias, possibilitando novas visões sobre assuntos que não estavam pautados para aquele momento. Partindo da hipótese de que os audiovisuais são instâncias que permitem a ampliação do olhar racional porque conseguem penetrar no sensível, esta investigação apresenta uma forma inovadora de sentir essa experiência. A partir deste ponto, não cabe mais apenas a expressão assistir, mas, sim, sentir. O metáforo, como procedimento de pesquisa no âmbito da Nova Teoria da Comunicação, permitiu que, por meio de relatos, fosse possível observar o fenômeno comunicacional em situações de ensino-aprendizagem. Finalmente, e ensejando um movimento de metaporização do metáforo, a pesquisa revela também as ressonâncias resultantes dessas vivências tendo por base o ponto de vista do sujeito (o professor) que relata e revive as experiências no momento em que as registra.</p>
Excommunicatio. Ensaio para uma teoria negativa da comunicação	USP	2014	<p>Este trabalho de doutorado esboça uma teoria negativa da comunicação a partir da reelaboração negativa dos seus três conceitos fundamentais: a comunicação, o medium e a comunidade. Grosso modo, a comunicação é figurada como uma experiência radical de alteridade; o medium como a descrição dos modos de percepção desta experiência e a comunidade como a incorporação das possibilidades de sua ocorrência. A comunicação manifesta uma experiência que transforma o 'eu' em 'mim', pois o sujeito não é necessariamente causa ou efeito desta experiência, mas é exposto à ela, como uma ferida aberta. O medium é o modo de percepção que opera esta experiência: ele não é uma ponte entre o abismo que separa o mim do outro, pois ele acentua esse abismo, na medida em que ele se imaterializa no momento da experiência, como uma materialidade que se descorporifica. E quando essa experiência efetua-se, é porque se toma parte em algo comum, em uma comunidade: mesmo que precária ou evanescente, ela incorpora a possibilidade da ocorrência deste fenômeno. Na teoria negativa da comunicação, o medium</p>

			<p>torna-se transparente, a comunidade torna-se expositória e a comunicação torna-se transcendente. Ponderar sobre a negatividade da comunicação é ir ao encontro de uma ex-comunicação: uma despalavra que busca ex-pôr aquilo que nos fenômenos comunicacionais escapa à discursividade, seja a medialidade do meio, a inefabilidade da relação ou a comunidade daqueles que não constituem qualquer comunidade. O prefixo ex assinala não apenas uma simples negação, mas um deslocamento fundamental: ele é o inegável que se pré-supõe, que constitui a comunicação, mas que resiste à qualquer conceituação. Ao mesmo tempo em que possibilita, o prefixo ex assegura a impossibilidade da sua representação: um comunicar que não se estrutura em signos, mas se mostra - uma comunicação negativa, existencial, intransitiva, inexprimível, mística.</p>
<p>As classes sociais na comunicação: sentidos teóricos do conceito</p>	USP	2016	<p>O objetivo desta tese é compreender o lugar e a relevância do conceito de classe social no campo da comunicação e quais sentidos teóricos o conceito apresenta na área. Como ponto de partida, apresentamos mapeamento e análise de teses, dissertações e artigos de congressos (Compós, Comunicon e Intercom) entre os anos de 2010 e 2014. Em geral, podemos observar fragilidades teórico-metodológicas com relação aos conceitos de classes e comunicação, ocorrendo muitas vezes uma naturalização do conceito de classe. Além disso, em alguns casos, não há relação mais explícita com a perspectiva comunicacional ou vigilância epistemológica entre instâncias e fases da pesquisa. Em alguma medida, salvo exceções, os sentidos teóricos das classes são banalizados ou pouco aprofundados, não considerando questões de lutas e conflitos, com as desigualdades sendo transformadas em meras diferenças. Então, partindo de uma perspectiva marxista, discutimos implicações teórico-metodológicas das teorias de classes, em suas diferentes abordagens e procuramos traçar uma trajetória do conceito de classes nos estudos de comunicação. A partir dos sentidos do conceito no corpus, esboçamos três eixos teóricos, a saber: a) estudos de recepção; b) eixo discursivo; c) eixo da produção, de modo a englobar a complexidade dos processos comunicacionais. Propomos, então, pensar em mediação e</p>

			circulação das classes (e suas lutas), sendo a circulação a categoria mais ampla, envolvendo a circulação comunicacional e do próprio capital. A partir dessas categorias, podemos compreender as lutas de classes nas relações de comunicação.
INTERFACE MEMÓRIA E COMUNICAÇÃO – DA PRÁXIS AO ONTOLÓGICO: UM (RE)DIMENSIONAR DA MEMÓRIA NA COMUNICAÇÃO A PARTIR DO CONTEXTO ORGANIZACIONAL	PUC/RS	2018	(Re)Pensar a interface memória e comunicação, partindo dos pressupostos da Nova Teoria da Comunicação – NTC (MARCONDES FILHO, 2013a; 2013b; 2010a; 2010b; 2008; 2004) e da Filosofia de Henri Bergson (2006; 2005a; 2005b; 1999; 1988), é a jornada que propomos nesta pesquisa. Para realizá-la, à luz do pensamento complexo (MORIN, 2015a; 2015b; 2013; 2008), estabelecemos três objetivos: discutir criticamente as interfaces propostas entre memória e comunicação, sob a configuração da memória organizacional; evidenciar possíveis dimensões que revelam como se configura a memória organizacional, considerando as proposições acadêmicas e suas práticas nas empresas; e (re)dimensionar a memória na Comunicação para além de uma abordagem instrumental. Esses objetivos são traçados para nos auxiliarem a compreender as paisagens que se descortinam a cada passo. A primeira paisagem deste percurso é constituída por uma perspectiva crítica e complexa da práxis de produções acadêmicas e de ações de diferentes organizações sobre possíveis interfaces entre memória e comunicação. Para tanto, consideramos a configuração da memória organizacional, sob a qual evidenciamos o predomínio da abordagem da comunicação funcional (SODRÉ, 2014a). Na segunda paisagem percorrida, desenvolvemos uma (re)tecitura entre a NTC e o pensamento bergsoniano, constituindo um caminho ontológico para a compreensão da memória na Comunicação. Trata-se de um estudo teórico, no qual defendemos a tese que a interface memória e comunicação pode se estabelecer para além de uma relação transmissiva e instrumental. Nossos esforços são destinados ao desenvolvimento de uma consciência para (re)pensarmos a abordagem comunicacional, tendo a memória como dimensão onipresente nas relações que estabelecemos no movimento contínuo e indeterminado da vida (Eu/Outro).

<p>Televisão e política: análise das estratégias discursivas da propaganda eleitoral de 2009 em Moçambique</p>	<p>PUC/SP</p>	<p>2013</p>	<p>A pesquisa analisa as estratégias discursivas dos programas do Horário Gratuito da Propaganda Eleitoral (HGPE) na campanha para as eleições presidenciais de 2009, em Moçambique. O corpus constitui-se das emissões que foram exibidas pela Televisão de Moçambique (TVM) entre os dias 13 de setembro e 27 de outubro de 2009, período de campanha política obrigatória determinado pela legislação eleitoral. Mais especificamente, ele recobre um recorte das gravações das apresentações feitas ali pelos três candidatos envolvidos na disputa: Armando Guebuza, da Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo), Afonso Dhlakama, da Resistência Nacional de Moçambique (Renamo) e Daviz Simango, do Movimento Democrático de Moçambique (MDM). Os referenciais teóricos mobilizados foram os estudos de Ernesto Laclau & Chantal Mouffe e Norman Fairclough, que giram em torno das relações entre discurso e poder; e as reflexões de Patrick Charaudeau que dissecam sobre os contratos comunicacionais firmados entre os interlocutores do discurso político. O estudo baseou-se no método de análise do discurso de Ernesto Laclau e também na metodologia sustentada por Afonso Albuquerque que examina as técnicas de adaptação do discurso político à gramática da mídia em três segmentos de campanha, metacampanha e auxiliares. A análise valeu-se também do modelo desenvolvido por Marcus Figueiredo (2000) para a compreensão dos formatos de produção dos programas, a construção da imagem pública política dos concorrentes, além de conhecer a dimensão passional de seus discursos. Os resultados do estudo apontaram para a existência de semelhanças e diferenças na forma de apresentação das plataformas de governo e a coincidência na identificação de alguns temas referentes às políticas públicas. Na propaganda dos candidatos da oposição, Dhlakama e Daviz aparecem como oradores dominantes do discurso político, enquanto no programa do candidato governista, Armando Guebuza, esse papel foi assumido por um narrador em voz off e por um número enorme de militantes seniores do seu partido</p>
---	---------------	-------------	--

<p>O papel dos chefs-celebridades na construção do espetáculo da alimentação: análise discursiva das revistas de gastronomia de luxo</p>	<p>PUC/SP</p>	<p>2013</p>	<p>O objetivo da pesquisa é a investigação do processo de construção da imagem dos chefs como celebridades no período do boom da gastronomia no Brasil, examinando a lógica do espetáculo inerente aos novos modelos alimentares implantados nos últimos 20 anos. A gastronomia ganhou importância no Brasil a partir de 1990, passando a ser valorizada e exposta nos diversos meios de comunicação. No cenário construído nesse contexto, resultam destacadas as figuras dos chefs de cozinha, além de outros profissionais, como restauranteres, especialistas da área de alimentação, estudantes e tecnólogos de discursos, entre os quais assessores de imprensa, jornalistas e críticos. As novas propostas e escolhas alimentares passaram a ser divulgadas por esses atores no âmbito de um espetáculo, em que o público é convocado a participar em blogs, programas de televisão, rádio, jornais, reality shows e em revistas especializadas na área. Nessa confluência se coloca nossa questão de pesquisa: como os dispositivos comunicativos das revistas de luxo intervêm na construção de um espetáculo em que os chefs de cozinha são transformados em celebridades e, como tais promovem novas modalidades alimentares para serem seguidas? O corpus da pesquisa é constituído por 25 exemplares das revistas: Gula, Alta Gastronomia, Menu, Prazeres da Mesa e Go Where-Gastronomia, publicadas em um intervalo de cinco anos, desde 1991, bem como o guia anual gastronômico da revista VEJA, Comer e Beber, no período de 2004 a 2010. A metodologia de análise empregada nesta pesquisa foi a análise do discurso, ancorada em Charaudeau e Prado, a partir da qual estudamos os contratos comunicativos das mídias impressas avaliadas. Além dos recursos bibliográficos, a pesquisa foi desenvolvida em campo, com a observação participativa, entrevistas elaboradas com profissionais brasileiros e estrangeiros que atuam na gastronomia e questionários aplicados a estudantes. A hipótese central indica que os chefs de cozinha, apresentados como celebridades, passam a ser os personagens centrais de narrativas dos enunciadores de um mercado emergente da alimentação, que prima em ditar regras e modelos para manter um novo ciclo de consumo ativo. O conceito de campo da gastronomia está apoiado em</p>
---	---------------	-------------	--

			Bourdieu e o de capital culinário é o apresentado por Naccarato e LeBesco. Os aspectos do espetáculo, no qual se insere a gastronomia, foram abordados a partir de Debord. Além de autores que discutem a semiótica e o consumo sócio cultural urbano, para abordar os aspectos relevantes à antropologia da alimentação, este estudo está fundamentado em Arnáiz e Contreras
Visualidade nos contratos comunicativos em revistas de turismo: construção de imaginários para turistas	PUC/SP	2013	A pesquisa investiga como as revistas de turismo, ao expor imagens fotográficas e desenvolver contratos comunicativos sobre a viagem perfeita, modalizam os consumidores-enunciatários na construção de imaginários de modo que os destinos turísticos sejam figurativizados a partir dessa perfeição. Trata-se de estudar também, nessa perspectiva, as estratégias utilizadas pelos enunciadores na construção de imaginários para a fruição da experiência turística. O corpus selecionado compreende as revistas: Viagem e Turismo, da Editora Abril, Viaje Mais, da Editora Europa, Lonely Planet, da Duetto Editorial e Viajar pelo Mundo, da Editora Emporium das Ideias e recobre o período de 2009 a 2010. Partimos da hipótese de que tais imagens antecipam e fantasiam as experiências a que se referem, funcionando como receitas do enunciador para o enunciatário. A fundamentação teórica baseia-se num conjunto interdisciplinar de saberes das áreas de Comunicação, Semiótica, Fotografia, Filosofia, Sociologia, Antropologia e Turismo, visto que o fenômeno turístico, que origina nosso estudo, é permeado pela interação destes diversos conhecimentos contextualizados com base em: Beni, Krippendorf, Augé, Baumam, Sontag, Barthes, Duran, Amirou, Türcke, Semprini, Urry e Nasio. O diálogo com esses pesquisadores faz-se necessário para o enfrentamento crítico da aliança entre fotografia, jornalismo em turismo e turismo propriamente dito, enquanto produtores de cenas da viagem perfeita. A análise verbivisual das revistas adotará o modelo da análise crítica do discurso de Fairclough, consistente na desconstrução do texto a partir das relações de poder estabelecidas no contexto social, histórico, político e econômico, como também, a partir da teoria semiótica de texto, com Diana Barros e Landowski, complementando-a com a semiótica visual,

			conforme Jean-Marie Floch e Vicente Pietroforte. Para a discussão das totalizações discursivas do capitalismo global será adotada a teoria do discurso de Ernesto Laclau e a teoria do discurso turístico de Thurlow e Jaworski
A mídia e o outro: estudo das figuras dos presidentes de Argentina, Chile e Venezuela em Veja, Carta Capital, Folha de S.Paulo e O Estado de S. Paulo	PUC/SP	2013	Esta pesquisa investiga os modos de construção das narrativas sobre os presidentes latino-americanos na mídia impressa brasileira, nos anos 2000, 2005 e 2010, assinalados pela intensa alternância de poder na maior parte dos países do continente. Trata-se de analisar o modo pelos quais os dispositivos midiáticos projetam e idealizam o Outro-presidente e seu estilo de governar. Partimos da hipótese de que as mídias enunciam palavras de ordem ligadas à democracia, convocando seus públicos para aprovar uns e repovar outros presidentes e, em assim fazendo, sustentam uma democracia empobrecida. Além disso, demarcam uma linha fronteira, separando o Brasil dos países latino-americanos nos espaços topológico-políticos do Mesmo e do Outro, ao modo de uma oposição sem sutilezas e complexidades. São bases teóricas principais da pesquisa a teoria do discurso de Ernesto Laclau, as reflexões sobre democracia e o Mesmo/Outro de Chantal Mouffe e a definição de “linha fronteira”, ou “abissal”, de Boaventura Santos. Envolvendo periódicos de expressiva tiragem, que mantêm correspondentes na América Latina e empregam os serviços das agências noticiosas internacionais para produzir seus conteúdos sobre o continente, o corpus da pesquisa compreende os seguintes jornais e revistas: Folha de S.Paulo, O Estado de S. Paulo, Veja e Carta Capital
A natureza deslocada: construção dos sentidos da sustentabilidade nas revistas de economia e negócios Exame, Época Negócios e IstoÉ Dinheiro	PUC/SP	2013	Esta pesquisa investiga como os enunciadores das principais revistas brasileiras de economia e negócios operam com a tensão entre os discursos ambientalistas e os seus contratos de comunicação baseados no liberal-capitalismo. O corpus é composto por textos cujo tema é o meio ambiente, enunciados por Exame, IstoÉ Dinheiro e Época Negócios de 2010, publicações que atuam como modalizadoras do leitor-executivo. O objetivo da pesquisa é compreender como o enunciador atua semioticamente para tamponar o furo no discurso liberal-capitalista deixado exposto pelas correntes antagonistas que disputam a

			<p>hegemonia no campo discursivo ambientalista. Nossa tese é a de que esta operação promove uma inversão sintomal e, assim, no lugar mais fraco das redes de equivalência simbólica do discurso hegemônico – o meio ambiente declarado em crise – os enunciadores erigem como ponto nodal a sustentabilidade, seu avesso positivado. O sistema de produção e consumo é ressignificado a partir dessa inversão: de causador da crise ambiental no presente torna-se propiciador de um mundo verde e limpo no futuro. Quanto à metodologia de pesquisa, ela se baseia na análise discursiva pós-estruturalista de Laclau, Mouffe, Žižek, Howarth e Stavrakakis; no diálogo com a corrente francesa da Análise de Discurso (AD), em autores como Maingueneau, Pêcheux e Ducrot; e na incorporação de elementos da filosofia política contemporânea proposta por Rancière, Agamben e Latour, entre outros. Para uma reflexão sobre os movimentos ecologistas, a pesquisa se baseou prioritariamente em autores que priorizam o ponto de vista político e discursivo, como Alier, Leff e Dryzek. A expectativa é que este trabalho contribua para aprofundar o debate sobre as políticas do campo discursivo ambientalista e sobre o discurso da sustentabilidade, cada dia mais difundido pela máquina mediática</p>
<p>Mal-estar na adolescência: jovens de agendas lotadas nas redes sociais</p>	<p>PUC/SP</p>	<p>2012</p>	<p>Nesta tese debruçamos-nos sobre o consumo dos jovens nas redes sociais da internet. Entende-se aqui consumo, para além do simples ato de compra de produtos, como um código que traduz as relações dos jovens, articulando-as a partir de três dimensões: consumo de tecnologia, de informação e de capitais simbólicos, aqui representados pela visibilidade midiática. Mais especificamente, buscamos responder às seguintes questões: os adolescentes pesquisados correspondem ao perfil de nativos digitais com ampla vivência na internet e alta competência técnica no uso das redes sociais, tal como difundido pelo senso comum? Como se revela, na prática, o cotidiano de consumo destes jovens? Para tanto, ao longo de oito meses, utilizamos recursos como Skype, e-mail e Facebook para nos comunicar com os participantes do estudo, de cujas agendas diárias participamos. O grupo pesquisado foi composto por alunos de três escolas do ensino médio do interior de São</p>

			<p>Paulo, sendo duas particulares e uma pública, na faixa etária entre doze e dezessete anos, possuidores de seus próprios aparatos tecnológicos para acessar a web. Os referenciais teóricos envolvem a Antropologia do Consumo e estudos sobre a Cultura Material suscetíveis de desvendar como as novas tecnologias estão sendo assimiladas pelos seus diferentes usuários. Alguns nomes representativos desses campos são Daniel Miller, Dan Slater, Roberta Sassatelli e Grant McCracken. Metodologicamente, a pesquisa aciona diversas técnicas, tais como: entrevistas em profundidade, observações participantes e o a construção de um diário de campo. Em todas as suas três dimensões pesquisadas consumo de tecnologia, de informação e de capitais simbólicos foram verificadas intensas práticas de consumo, relacionadas a um cotidiano de agendas lotadas, fonte de intenso estresse e insatisfação para os adolescentes, tal como observado no universo adulto</p>
PANORAMA HISTÓRICO-CONCEITUAL DA PUBLICIDADE	UNB	2013	<p>O presente trabalho discute o conceito de publicidade e tem como pressuposto sua conceitualização a partir de sua singularidade histórica, o que, por sua vez designa sua dependência dos meios de comunicação e a articulação de um sistema de fatores (aparecimento das agências de publicidade, consolidação de uma economia de produção, surgimento de um mercado de concorrência, aparecimento do consumidor...) que configura a emergência do que designamos de fenômeno publicitário. Este conceito nos permite defender a tese de que – contra uma tendência bastante presente na literatura especializada –, a publicidade não pode ser definida apenas por um de seus traços (persuasão, informação, venda de um produto...), mas que envolve uma série de fatores, os quais somente passam a funcionar em conjunto e plenamente a partir da virada do século XX. Também procuramos analisar as consequências dos conceitos de publicidade no trabalho de produção de teorias. Observamos que poucas teorias da comunicação costumam tratar da publicidade, embora possa ser considerada uma das fontes de emergência e estruturação da área de conhecimento. De outra parte, constatamos que as raras teorias da publicidade nem sempre dão a devida importância ao papel dos meios de comunicação e a implicação dos fatores</p>

			<p>históricos de sua constituição. O trabalho se desenvolve em três etapas. A primeira, essencialmente histórica, a segunda conceitual e a terceira, teórica. Na primeira etapa levantou-se a produção sobre a história da publicidade e quando o fenômeno se manifesta. Na segunda parte buscou-se identificar os elementos que sustentaram o desenvolvimento do fenômeno publicitário, bem como descrevê-lo. Por fim, o terceiro segmento analisou criticamente a bibliografia teórica sobre comunicação e sobre publicidade, buscando identificar como a publicidade aparece nos livros sobre comunicação.</p>
<p>Um programa de pesquisa comunicacional a partir de Harold Innis e Marshall McLuhan.</p>	UNB	2014	<p>Na história do campo comunicacional percebemos uma dificuldade em encontrar critérios que estabeleçam o que é preciso para que uma teoria seja considerada como pertencente ao campo comunicacional. Tal fato repercute também no uso de denominações frouxas (escola, tradição, corrente, etc.) sem que haja um engajamento epistemológico a fim de dar rigor às denominações. A presente tese propõe a elaboração de um programa de pesquisa comunicacional tendo como guia a proposta do epistemólogo Imre Lakatos a partir do trabalho dos canadenses Harold Adams Innis e Marshall McLuhan. Autores, estes últimos, que se dedicaram a análise dos meios de comunicação enquanto tecnologias como elementos centrais para compreender a sociedade. Para estabelecer um programa de pesquisa comunicacional sistematizamos as principais teses dos dois autores, assim como as críticas a estas teses e os pontos de contato epistemológico que existem entre ambos os autores. Procuramos então, estabelecer um núcleo duro capaz de sustentar um programa de pesquisa assim como as hipóteses auxiliares que compõe o círculo protetor do mesmo.</p>
<p>TRABALHO SOBRE O QUE SE DETERIOROU EXPLORAÇÕES SOBRE A POSSIBILIDADE DE UMA TEORIA DA COMUNICAÇÃO PÓS-SEMIOLÓGICA</p>	UNB	2013	<p>O objetivo deste trabalho é investigar os limites da teorização sobre a comunicação elaborada no âmbito da semiologia. Na primeira parte, relaciono a constituição do campo da comunicação ao desenvolvimento do estruturalismo, no contexto do qual a semiologia se desenvolveu. Nesta parte, sugiro que a reflexão estruturalista, ao desembocar no pós-estruturalismo, fornece argumentos para a disseminação do ceticismo no campo da comunicação. Na segunda parte, analiso a teoria da comunicação desenvolvida por Roman</p>

			<p>Jakobson com a intenção de localizar aí aqueles elementos que iriam fundamentar, mais tarde, o discurso cético sobre a comunicação. Concluo que as premissas da epistemologia estruturalista - o fechamento do sistema, a exclusão do real, a adoção do modelo da teoria da informação - associadas à crítica da cultura, herdada pela semiologia da literatura modernista, acabam, paradoxalmente, por provocar a expulsão da comunicação da reflexão semiológica.</p>
<p>Entre Hermes e Poseidon: o jornalismo na teoria do acontecimento comunicacional</p>	USP	2013	<p>O jornalismo transforma em notícia os principais fatos do cotidiano de uma coletividade. As notícias são transmitidas através dos meios de comunicação a fim de possibilitar que essa coletividade saiba o que acontece de mais importante ou o que mais interessa aos jornalistas e às empresas jornalísticas. O jornalismo, portanto, é informação e, para isso, busca chamar a atenção para os acontecimentos que disponibiliza, em meio a um fluxo constante e até mesmo caótico de dados, o que configura a hipertelia. Este estudo explora os desdobramentos da comunicabilidade no jornalismo, fundamentado no conceito ontológico de comunicação proposto pela Nova Teoria da Comunicação. O procedimento de pesquisa utilizado é o Metáporo, que busca sentir as vibrações da comunicação enquanto Acontecimento único, aurático, efêmero, que força o pensamento e violenta a alteridade e que é estudado em seu desenrolar, o que constitui o chamado Princípio da Razão Durante. O Metáporo é o procedimento de pesquisa proposto pela Nova Teoria da Comunicação e busca sentir a comunicação ao considerá-la um fenômeno estético, que depende da receptividade. Quando se desdobra em comunicação, o jornalismo deixa de ser acontecimento noticioso para ser Acontecimento Comunicacional. No entanto, o estudo evidencia que, tendo em vista que a comunicação é rara, o jornalismo majoritariamente ocupa o desdobramento da informação, porque são dados feitos para serem transmitidos a fim de aumentarem o estoque de conhecimento da coletividade sobre determinado assunto.</p>

<p>A comunicação como jogo: sobre a dimensão lúdica como política da diversão programada em Vilém Flusser</p>	<p>PUC/SP</p>	<p>2013</p>	<p>A presente pesquisa tem por objetivo geral contribuir substancialmente com a área dos estudos da comunicação e da teoria da mídia através de reflexões teóricas acerca da comunicação humana como um processo lúdico: jogo. Para tanto, lançamos a tese de que, para o pensador tcheco-brasileiro Vilém Flusser (1920-1991), a questão central para o entendimento sobre a nossa comunicação só é possível se levada em conta a fundamental importância do conceito de jogo, especialmente em sua proposta de formulação de uma filosofia sobre a política da diversão em universo programado. Esta que, por sua vez, representa teoricamente a oportunidade de examinar os processos de comunicação como uma atividade divertida, dividida: diabólica. Em seu contexto específico procuramos realizar uma arqueologia do conceito de jogo, passando por argumentos filosóficos e antropológicos, para então, fazermos as relações necessárias com a teoria da comunicação de Flusser. A partir deste ponto os esforços se concentram na investigação do que, para o pensador em questão, vem a ser o jogo, em suas várias dimensões, a saber: antropológica, filosófica, existencial, política, estética e comunicológica. Com sua teoria da comunicação vinculada ao conceito de jogo, Flusser quer nos advertir do profundo aspecto de construção artificial de uma realidade préprogramada presente em todas as estruturas comunicacionais. Um aspecto de construção que se revela justamente a partir da relação de insignificância e de falta de sentido estabelecida entre homem e natureza, isto é, entre sujeito e objeto. Na visão antropológica de Flusser, fomos jogados para dentro de ambiente limitado por possibilidades pré-escritas em programa fechado por parâmetros codificados; no chão caímos e passamos a nos jogar contra a natureza – olhando para baixo, para o chão – para que dela pudéssemos arrancar (abstrair, subtrair) algo que significasse, que pudesse dar sentido. Este é o sentido da política da diversão que defendemos nesta tese e pretendemos, com isso, evidenciar a natureza fundamentalmente dialógica e limitada de toda comunicação humana, isto é, o caráter divertido presente em toda relação intencional do sujeito na direção do objeto dentro de universo programado.</p>
--	---------------	-------------	---

<p>TRANSPARÊNCIA PÚBLICA E PARLAMENTO ELETRÔNICO: A reforma do Poder Judiciário no portal do Senado Federal/2000-2004</p>	<p>METODISTA</p>	<p>2009</p>	<p>A Constituição de 1988 e leis subsequentes determinam que o Estado preste informações aos cidadãos e favoreça a sua participação nas questões públicas - trata-se do princípio legal da Transparência Administrativa, que compreende os seguintes subprincípios: (1) Informação; (2) Motivação e, o mais importante, (3) Participação e interatividade cidadãs. O alto investimento na Comunicação Estatal e os avanços tecnológicos, por si sós, não garantem a prática da transparência pública ou da democratização da informação. Sob uma perspectiva multidisciplinar, esta pesquisa discutiu o princípio legal de Transparência Administrativa, comparativamente à Teoria da Comunicação, com o objetivo de propor um conceito de Comunicação Estatal que, de fato, corresponda aos ideais e à ética necessários à Comunicação Pública. Para o desenvolvimento deste estudo foi investigada a relação da comunicação com o grau de transparência alcançado no portal do Senado Federal. O estudo analisou a tramitação da reforma do Poder Judiciário no período de 2000 a 2004, tendo em vista os três subprincípios legais da Transparência Pública. A análise contemplou, no portal do Senado, o trabalho jornalístico e a disponibilização on-line de textos digitais referentes a documentos originais, tais como atas públicas e notas taquigráficas. A metodologia, de enfoques quantitativo e qualitativo, teve como instrumento principal a Nova Retórica, para análise de matérias jornalísticas e textos documentais. Para averiguação da interatividade - conceito que fundamenta o ideal de justiça -, foram estabelecidos critérios analíticos a partir da intersecção entre os conceitos de transparência e E-parliaments. Constatou-se que o portal do Senado, no referente à reforma da Justiça, alcançou graus de transparência, atendendo mais aos subprincípios da informação e da motivação em detrimento aos da participação e interatividade cidadãs.</p>
<p>Comunicação e cultura: os pressupostos da 'guinada linguístico-pragmática' da teoria do agir comunicativo de Jürgen Habermas</p>	<p>USP</p>	<p>2013</p>	<p>O objeto da presente pesquisa constitui-se na análise imanente dos pressupostos da "guinada linguístico-pragmática" de Jürgen Habermas verificada no interior de sua magnum opus - a Teoria do agir comunicativo, publicada em 1981. O objetivo a que nos propusemos alcançar é a elucidação do modo peculiar como Habermas absorve as aquisições teóricas da</p>

			<p>pragmática linguística (em especial J. L. Austin e J. R. Searle) visando a construção de sua teoria da comunicação, cujo ponto central é a postulação do consenso entre sujeitos capazes de linguagem e ação como o "fim último" ou télos do agir comunicativo. A hipótese teórica - ou de trabalho -, que acreditamos ter sido confirmada ao longo de nossa pesquisa, é a de que Habermas, mesmo sendo um árduo defensor da razão e do "projeto da modernidade", compartilha ponto comum com os pensadores do período que se convencionou designar pós-modernidade: o chamado "idealismo linguístico", isto é, apreensão dos atos comunicativos como entidades autônomas, porque separados das relações materiais e sociais dos homens.</p>
<p>MARCAS FOLKCOMUNICACIONAIS NA OBRA LITERÁRIA DE LUIZ BELTRÃO</p>	<p>METODISTA</p>	<p>2008</p>	<p>Este estudo está circunscrito em Folkcomunicação, na área da Comunicação Social, e faz uma experiência de análise da obra literária de Luiz Beltrão, no sentido de verificar em que medida essa obra engendra elementos também constantes em seus estudos de Folkcomunicação, a saber, dentro de sua Teoria da Comunicação dos Excluídos (1967). Para este estudo foram selecionados contos e romances com o objetivo de se encontrar no texto literário marcas identificadoras da Folkcomunicação, já que a própria trama narrativa de Luiz Beltrão se dá, freqüentemente, na presença do embate político-ideológico entre cultura acadêmica e cultura popular, salientando ainda diferenças sociais extremadas. Em sua obra literária Beltrão tece narrativas com eventos que descrevem a realidade de indivíduos oprimidos, descortinando o cotidiano das gentes das classes desfavorecidas, sempre no confronto e em demanda com forças dos poderes políticos e sociais. Com apoio teórico de Bourdieu (2004), que postula a teoria dos campos e desenvolve o conceito de habitus, levanta-se um conjunto de crenças e práticas sociais que concretizam a identidade dos indivíduos em sociedade, particularmente no grupo dos excluídos. Assim, a pesquisa tem por objetivo verificar se na obra literária de LB elementos da Folkcomunicação já estavam presentes, conforme postulam as hipóteses aqui levantadas. Os resultados obtidos apontam que serão necessários outros estudos de análise para que se possam confirmar</p>

			plenamente as hipóteses levantadas; no entanto, ficam evidentes as escolhas do autor sempre voltadas para os grupos sociais excluídos, sem voz social de relevo no universo comunicacional.(AU)
O postal em seus movimentos: comunicação e memória	PUC/SP	2009	Trata-se de uma pesquisa voltada para a reflexão sobre o cartão-postal, enquanto fonte iconográfica, contemplando a sua relação com a fotografia e a sua popularização, interligando questões de uma era da imagem multiplicada para o consumo da massa, vindo a criar um novo mercado de trabalho gráfico, editorial e fotográfico. O advento do cartão-postal e, paralelamente, o surgimento das revistas ilustradas, bem como outras formas de difusão impressa da imagem, em especial da fotográfica representaram uma verdadeira revolução na história da cultura (KOSSOY). Um suporte, que podemos considerar, como um importante divulgador da imagem fotográfica, e ir além, um dos democratizadores 1 dessa imagem, na virada do século XIX para o século XX. Neste sentido a pesquisa se propõe a pensar não somente a criação de um novo mercado, sendo este essencialmente direcionado ao retrato, e que com o advento do cartão-postal possibilitou uma outra opção para os fotógrafos da época, tornando-se muito popular até os anos 30, como também a sua contribuição para um novo conceito e olhar sobre a imagem e o espaço. Além disso, acrescenta-se ao corpus escolhido sua relação com a cidade, suas representações e repertórios, bem como um veículo de correspondência, registro de uma época, de planos sociais, construção de ideologias, formação de imaginários. O cartão-postal nos remete, assim, a memória impressa e ao tempo industrial que este suporte agrega. Pretende-se, desta forma, analisar os cartões-postais, um tipo especial de memória em nossa cultura (pública e privada, um arquivo vivo e circulante) e as suas extensões comunicativas, tomando como orientação teórica formulações sobre os sistemas e os processos comunicativos, os sistemas visuais, mediações, intersemiose, cultura e memória. A bibliografia fundamental provém das seguintes áreas do conhecimento: semiótica da cultura, teoria da comunicação e da informação, meios de comunicação, imagem, tempo e espaço, antropologia cultural,

			mecanismos da memória e do esquecimento, história da fotografia e do cartão-postal, técnicas de impressão
A técnica como dispositivo de controle do corpo mídia	PUC/SP	2010	A técnica corporal tem sido definida pelo senso comum ocidental como uma repetição mecânica que disciplina o corpo tendo em vista um fim específico. Esta tese propõe desestabilizar dicotomias tradicionais do tipo teoria-prática e mente-corpo, que tem sido responsáveis pela longevidade de algumas metáforas ontológicas como por exemplo, o corpo-recipientes e o corpo-instrumento que colaboraram de maneira eficiente com a definição mais tradicional da técnica corporal, assim como com os estereótipos da natureza humana (Pinker, 2004). Em termos metodológicos, a tese promove o cruzamento de estudos de diferentes áreas de conhecimento como a etnologia (Mauss, 1934), as ciências cognitivas (Berthoz, 1997, Noë, 2004), as teorias da comunicação (Sodré, 2006, Greiner e Katz, 2005) e a filosofia política (Agamben, 2009). O resultado da pesquisa é o compartilhamento de questões levantadas por esta gama de autores e experimentos práticos, cujo ponto de partida é a técnica Klauss Vianna, tendo em vista a maneira peculiar como esta lida com o corpo e seus processos comunicacionais, gerando soluções adaptativas complexas em ambientes diversos (corpos, cidades, espaços artísticos, etc). A tese propõe, como conclusão, uma redefinição político-cognitiva que passa a compreender a técnica como um operador comunicacional e um dispositivo de poder que pode agir como instrumento disciplinador do corpo mas também como acionador de estratégias de resistência política. Tudo depende dos processos de mediação que serão ativados durante a experiência comunicativa entre o corpo e o seu entorno
Meios de Comunicação e Mudanças na Política: esses homens poderosos e suas máquinas de comunicar	UNB	2016	Este trabalho se propõe a investigar a relação da comunicação e da política a partir de uma perspectiva que considera os meios como centrais para a compreensão dos processos comunicacionais na modernidade. Seleciona momentos marcantes da história da relação para mostrar mudanças nas práticas políticas em decorrência da adoção de cada novo meio, alicerçadas em novas configurações conjunturais da sociedade. São analisados os seguintes

			<p>casos emblemáticos: a imprensa e o Caso Dreyfus; o cinema e a propaganda; o rádio e o presidente Roosevelt; a televisão e o debate Kennedy versus Nixon. A intenção é mostrar como a mediação tecnológica e as características e tendências de cada meio interferem no processo comunicacional, criando novos papéis e ambientes na relação da sociedade com a política, fundando novas práticas tais como: a emergência da opinião pública, novos formatos da democracia, da representatividade e de participação popular, a propaganda política, transformações do discurso e de atuação política nos meios, o surgimento de novas profissões ligadas à relação, aumento nos gastos de campanhas e de publicidade, formação de conglomerados de comunicação vinculados ao poder. A análise busca, com base nas teorias que dão valor central às tecnologias como instrumento de análise, mostrar que existem tendências da relação que fornecem elementos para a elaboração de uma teoria da comunicação política baseada no uso dos meios de comunicação.</p>
<p>A comunicação dos sentidos nos espaços culturais brasileiros: estratégias de mediações e acessibilidade para as pessoas com suas diferenças</p>	PUC/SP	2013	<p>A pesquisa A Comunicação dos cinco sentidos nos espaços culturais brasileiros: estratégias de mediações e acessibilidade para as pessoas com suas diferenças, discute as estratégias de comunicação que utilizam os sentidos como: o tato, a audição, o olfato, a visão, a sinestesia, a cinestesia, a propriocepção e o paladar em espaços culturais brasileiros, considerando sua importância para a inclusão cultural dos indivíduos, em especial das pessoas com deficiência que são as menos beneficiadas nesses espaços por suas formas diferentes de percepção, locomoção e comunicação. Com base na justificativa de que a comunicação visual vem perdendo a capacidade de sedução do indivíduo, foram apresentados e analisados teorias e casos de comunicação cultural sensorial, que podem servir de exemplo para o desenvolvimento de uma teoria da comunicação dos cinco sentidos nos espaços culturais. Os referenciais teóricos da pesquisa se concentram nas teorias semióticas da cultura, e na Teoria da Mídia, com os conceitos de mídia primária e crise da visibilidade com os autores Harry Pross, Norval Baitello, Ivan Bystrina, Dietmar Kamper, Stuart Clark e Christopher Wulf, ecologia da comunicação e psicologia influenciada pela etologia com</p>

			<p>autores como Vicente Romano, Edgar Morin, Ashley Montagu, Diane Ackerman e Boris Cyrulnik. Como bibliografias complementares foram pesquisadas teorias nas áreas de ação e políticas culturais com os autores Pierre Bordieu e Teixeira Coelho, da museologia com Waldissa Russio Guarnieri e Maria Cristina Oliveira Bruno, da área de Inclusão Social, especificamente os conceitos de acessibilidade e desenho Universal com Romeu Sasaki, Joseph Shapiro, Dorina Nowill, Luis Pierre Grosbois, Ron Mace, Regina Cohen e Silvana Cambiagli. A metodologia de pesquisa une a análise bibliográfica e histórica com a pesquisa de campo em fontes primárias. A etapa de campo se concentrou na coleta de dados primários, registros de visitas às exposições, projetos e entrevistas com colaboradores, em museus e espaços culturais brasileiros e estrangeiros que investem nos programas de acessibilidade para pessoas com deficiência e estratégias de comunicação sensorial. Os casos selecionados para análise, foram aqueles nos quais as teorias de comunicação sensorial e acessibilidade cultural mais se concretizaram em ações efetivas, levando em consideração a diversidade de exemplos em diferentes localidades e a extensão das estratégias de mediações e acessibilidade para inclusão de públicos não usuais desses ambientes. Como resultados do estudo foram apontadas reflexões e caminhos para trazer a prática da comunicação sensorial para a área cultural</p>
<p>O jogral é jornal: devorações nas “acontecências” de Antonio Juraci Siqueir</p>	<p>PUC/SP</p>	<p>2015</p>	<p>A pesquisa examinou, em algumas experimentações artísticas e jornalísticas de Antonio Juraci Siqueira - artista “marginal” paraense com mais de oitenta publicações - a trajetória do verbo criativo do “flâneur paraense” em direção ao meio extra verbal e à palavra de outros. O corpus empírico considerou os cordéis: “Irmã Serafina Cinque: O Anjo da Transamazônica”; “Os Novos Versos Sacânicos” e “O chapéu do Boto”, bem como contos, crônicas e poemas em memórias de jornais, de revistas e de antologias poéticas. Em sua delimitação temporal, a pesquisa seguiu a linha histórica do artista narrada pelas mídias impressas, pelo próprio poeta e por vozes testemunhando essa trajetória. A partir dessas ponderações, em que medida os rearranjos culturais nas Amazônias Juraci são</p>

		<p>“geometrizáveis” e/ou de feições neobarrocas? Na busca de respostas à problemática, a hipótese principal supõe que, ao suturar múltiplas vozes mundanas às suas Artes, Juraci ora fia tecidos narrativos interculturais, ora borda escrituras “necrosadas” pelos folclorismos centrípetos. Pela necessidade de se testar, questionar e investigar o(s) objeto(s) proposto(s), foram escolhidas as seguintes premissas metodológicas, considerando a realização de um fazer etnográfico e cartográfico: levantamento, no arquivo público municipal de Belém, de jornais, revistas e antologias acolhendo informações sobre o artista e suas obras; consulta do arquivo pessoal do poeta; realização de entrevistas com Juraci, pesquisadores e artífices paraenses; observação participante em eventos culturais nas ruas, praças, feiras, cemitérios e teatros, e “garimpagem” de pesquisas sob a luz da Teoria da Comunicação na América Latina (Martín-Barbero), da Semiótica Cultural Russa (Lótman, Bakhtin), do barroco e da mestiçagem (Severo Sarduy, Haroldo de Campos, Lezama Lima, Alejo Carpentier, Jerusa Pires Ferreira e Amálio Pinheiro). Posteriormente, na exploração dessas informações, foram extraídas as seguintes categorias analítico-empíricas: miopias acadêmicas às marchetarias de Antonio Juraci; os engastes micro-macro nos tempos-espacos amazônicos dessas texturas; suas rearticulações de séries culturais usando representações “satânicas”, e a tradução de devires recorrentes do convívio simbiótico amazônico entre homens, animais, natureza e cultura. Ao decantar as indagações levantadas, tencionamos, a partir das vozes de transcriadores de um cotidiano insólito, reinscrever, de forma múltipla, provisória e aberta a contribuições, esses mapas sociais historicamente ignorados, mas “recheados” de sentidos</p>
--	--	---

5 – Dados para análise qualitativa

TESE	TEORIAS QUE APARECEM	AUTORES	OBJETOS CENTRAIS	ÁREA DE CONHECIMENTO (Assunto)	TESES COM TEMA CENTRAL EM EPISTEMOLOGIA	TESES COM TEMA CENTRAL EM TEORIAS DA COMUNICAÇÃO
O jornalismo luso-brasileiro em Londres (1808-1822)			História do jornalismo luso-brasileiro	Jornalismo		
O acontecimento comunicacional e a experiência de ensino. Afeto. Arrebatamento. Subjetividades	Metáforo	Ciro Marcondes Filho	1) Comunicação 2) Acontecimento Comunicacional 3) Ontologia do ser	Comunicação	SIM	
No rastro das presenças imaginárias			1) Epistemologia Obliqua 2) Abdução 3) Sinequismo 4) Duplo vínculo	Comunicação	SIM	
MEMÓRIA, MÍDIA E TRANSMISSÃO RELIGIOSA: ESTUDO DE CASO DA REVISTA ADVENTISTA (1906-2010)			1) Memória 2) Mídia 3) Religião	Religião		
Por uma compreensão conceitual de metodologia: textos científicos em encontros referenciais na Comunicação			1) Metodologia 2) Comunicação 3) Pesquisa	Metodologia		
ELOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA FOLKCOMUNICAÇÃO: RETORNO ÀS ORIGENS (1959-1967) São Bernardo		1) Jacks e Escosteguy (2003) 2) Beltrão	1) Folkcomunicação 2) Mass Communication Research 3) Funcionalismo	Folkcomunicação		
A Internet nos Estudos da Área de Comunicação			1) Internet 2) Epistemologia da Comunicação	Comunicação		

Brasileira: questões e abordagens (2000-2010)			3) Cibercultura			
Pesquisadores brasileiros em periódicos científicos de ciências da comunicação			1) Perfil dos pesquisadores brasileiros 2) epistemologia da Comunicação 3) periódico científico 4) pesquisa em Comunicação	Comunicação		
Google Imagens na produção do conhecimento: a experiência cognitiva por meio da imagem		Heráclito, Edgar Morin, Merlin Donald, Peter Burke, Villém Flusser, Hans Belting, A. Dondi Dondis, Rudolf Arnheim e Pierre Lévy	1) Imagem 2) Ciberespaço 3) Comunicação	Comunicação		
O uso da educação como mediação	Sociossemiótica Semiótica Plástica Tecnosfera Psicosfera Mudança Estrutural da Esfera Pública Agir Comunicativo Culturas Híbridas Meios e mediações Educação	Eric Landowski Ana Claudia de Oliveira Lucrécia D Alessio Milton Santos Giulio Carlo Argan Jürgen Habermas Néstor García Canclini Baudrillard Jesús Martin-Barbero Moacir Gadotti, Paulo Roberto Padilha Roberto da Silva	1) Educação 2) Mediação 3) Discurso	Educação		
A natureza da comunicação bios midiática	1) Bios midiático 2) Cibercultura 3) Ciberespaço	1) Muniz Sodré 2) Pierre Levy	1) Teorias da Comunicação 2) Meios Digitais 3) Semiose	Comunicação		sim
As especialidades em montagem no cinema e na televisão	1) Espaço 2) Montagem 3) Fronteira	1) Lucrécia D'Alessio Ferrara 2) Iuri Lótman	1) Espacialidade 2) Cinema 3) Televisão	Comunicação		

	4) Imagem 5) Diagrama 6) Metáfora	3) Charles Sanders Peirce		Processos audiovisuais		
O design de aparência de atores e a comunicação em cena	1) Projeto/programa 2) Informação	1) Giulio Carlo Argan 2) Régis Debray	1) Design de aparência 2) Figurino 3) Caracterização Teatral	Comunicação/ Artes Cênicas		
Persuasão e entretenimento: publicidade-entretenimento se configura como estratégia comunicativa que resgata a retórica aristotélica	1) Paradigmas 2) Modernidade	1) Kuhn 2) Bauman	1) publicidade 2) entretenimento 3) Internet	Comunicação/P ublicidade		
A construção do herói nacional e as características das suas mediações	1) Cultura 2) Carnavalização 3) semiótica greimasiana 4) espacialidade 5) simulacro da imagem 6) identidade	1) Vladimir Propp 2) Mikhail Bakhtin 3) Baudrillard 4) Stuart Hall 5) Manuel Castells 6) Lucrécia D'Alessio Ferrara	1) Herói Nacional 2) Estado-nação 3) mediação	Comunicação/S emiótica		
A natureza ecológica da comunicação			1) Ambiente 2) Ecologia da Comunicação 3) Epistemologia	Comunicação/S emiótica		
Janela indiscreta: a simulação do mundo vivido no audiovisual	1) Semiótica da cultura 2) Modelização 3) Simulação 4) Modernidade	1) Jean Baudrillard 2) Bauman 3) Bateson 4) Jakobson 5) Luhman 6) Certeau 7) Geertz 8) McLuhan	1) Telenovela 2) Reality Show 3) Semiótica da Cultura	Comunicação/T elevisão		
O processo de hibridização da publicidade: entreter e	1) hibridismo cultural 2) performance	1) García Canclini 2) José Luiz Fiorin 3) Jeder Janotti Jr.	1) Publicidade 2) Hibridização 3) Interatividade	Publicidade		

persuadir para interagir e compartilhar	3) gêneros de entretenimento 4) interatividade 5) compartilhamento	4) Itania Gomes 5) Pierre Lévy 6) Kátia Patriota				
Publicidade: entre a prática e as teorias da comunicação	1) Meios de Comunicação 2) Teoria dos efeitos 3) Teorias da Comunicação	1) Lazarsfeld 2) Katz 3) Sampaio 4) Mena Barreto 5) Martino	1) Publicidade 2) Propaganda 3) Teorias	Publicidade		
No rastro das presenças imaginárias	1) Abdução 2) Sinequismo 3) duplo vínculo 4)deuteroaprendizagem 5) Imaginário 6) Mídia	1) Charles Sanders Peirce 2) Gregory Bateson	1) Abdução 2) Sinequismo 3) Duplo vínculo	Estudos do Imaginário		
MEDIAÇÃO E MIDIATIZAÇÃO: CONEXÕES E DESCONEXÕES NA ANÁLISE DO COMUNICACIONAL			1) Mediações 2) Midiatização 3) Comunicação	Midiatização		
Espectral: sentido e comunicação digital	1) Linguagem 2) Fenomenologia 3) Teoria dos sistemas 4) Comunicação	1) Friedrich Kittler 2) Gilles Deleuze 3) Maurice Merleau-Ponty 4) Niklas Luhmann	1) Sentido 2) Espectral 3) Informação	Comunicação/Filosofia		
Harold Lasswell e o Campo da Comunicação	1) Comunicação 2) Processo Comunicativo	1) Harold Lasswell	1) Teoria da Comunicação 2) História do campo 3) Propaganda	Comunicação/Epistemologia	sim	
A construção da relação “Brasil - Estados Unidos” na revista Veja			1) Revista 2) Imagem 3) Imprensa	Meios de comunicação/Jornalismo		
Figurações da crueldade do Coringa nos quadrinhos de Batman: a piada mortal	1) Imagem 2) Psicanálise	1) Thierry Groensteen 2) Lacan	1) Quadrinhos 2) Imagem 3) Super-herói	HQ		
Lugar de mulher: uma cartografia da construção	1) Discurso 2) Feminismo	1) Ernesto Laclau 2) Zizek	1) Gênero 2) Revista	Gênero		

discursiva da liberdade nas revistas femininas	3) Trabalho 4) Biopolítica	3) Christopher Lasch 4) Michelle Perrot 5) Donna Willshire, 6) Betty Friedan, 7) Nancy Fraser 8) Susan Faludi 9) Ynestra King 10) Foucault	3) Trabalho			
As configurações discursivas do Ethos empreendedor: estudo dos contratos de comunicação sobre empreendedorismo na Revista VOCÊ S/A	1) Teoria do Discurso 2) Gêneros discursivos 3) Bakhtin 4) Maingueneau 5) Identidade 6) Processo de comunicação 7) Visibilidade	1) Charaudeau, 2) Fairclough, 3) Foucault, 4) Verón 5) Pêcheux 6) Laclau 7) Baudrillard 8) Bauman, 9) Bourdieu, 10) Giddens, 11) Habermas 12) Prado	1) Revista 2) Empreendedorismo 3) Ethos	Análise de Discurso		
ALTERIDADES INCORPORADAS: O DISTENSIONAMENTO ANTAGÔNICO NO DISCURSO SUSTENTÁVEL DO GUIA EXAME	1) Sustentabilidade 2) Fetiche 3) Antagonismo 4) teoria do Discurso 5) Poder	1) Žižek 2) Laclau 3) Mouffe 4) Foucault	1) Alteridade 2) Discurso 3) Revista	Análise de discurso		
O corpo transformado em Extreme Makeover e Tabu América Latina: entre o mesmo e o outsider	1) outsiders 2) Autonomia 3) Semiótica das paixões	1) Norbert Elias 2) John Scotson 3) Greimas 4) Fontanille 5) Diana Barros 6) David Le Breton 7) Beatriz Pires 8) Bill Nichols 9) Joseph Campbell	1) Corpo 2) Reality Show 3) Televisão	Análise de Discurso		
O fascínio do serial killer: protagonismo e	1) Personagens 2) Laços Sociais	1) Neale, Arlindo Machado 2) Sonia Rodrigues	1) Serial Killer 2) Narrativas 3) Televisão	Cinema		

naturalização da anormalidade em Dexter	3) Linguagem audiovisual 4) Violência 5) Semiótica 6) Psicanálise 7) Cinema 8) Série 9) Semiótica tensiva	3) Shaviro 4) Naremore 5) Douglas L. Howard 6) Ismail Xavier 7) Eric Landowski 8) Ana Cláudia de Oliveira 9) Claude Zilberberg 10) Nasio 11) Žižek, 12) Philippe Julien 13) Antonio Quinet				
Repensar os audiovisuais em uma proposta metapórica: em busca do sensível	1) Metáporo 2) Audiovisual 3) Sensível 4) Dispositivos móveis 5) Nova teoria da Comunicação	1) Ciro Marcondes Filho 2) Marie-France Kouloumdjian 3) Kant 4) Bergson 5) Merleau-Ponty 6) John Dewey 7) André Lemos	1) Audiovisual 2) Metáporo 3) Sensível	Audiovisual		
Excommunicatio. Ensaio para uma teoria negativa da comunicação	1) Comunicação 2) Medium 3) Comunidade 4) Epistemologia 5) Teoria negativa 6) Filosofia dos media		1) Comunicação 2) Teoria Negativa 3) Epistemologia	EPISTEMOLOGIA DA COMUNICAÇÃO		
As classes sociais na comunicação: sentidos teóricos do conceito	1) estudos de recepção 2) midiatização 3) mediação 4) circulação das classes 5) circulação comunicacional 6) Capital		1) Classe Social 2) Comunicação 3) Teoria	Sociologia		
INTERFACE MEMÓRIA E COMUNICAÇÃO – DA PRÁXIS AO ONTOLÓGICO: UM (RE)DIMENSIONAR DA MEMÓRIA NA	1) pensamento complexo 2) NTC 3) memória organizacional 4) comunicação funcional	1) MORIN 2) Marcondes Filho 3) Sodré 4) Bergson	1) Interface memória 2) Comunicação 3) Organização	Comunicação organizacional		

COMUNICAÇÃO A PARTIR DO CONTEXTO ORGANIZACIONAL						
Televisão e política: análise das estratégias discursivas da propaganda eleitoral de 2009 em Moçambique	1) Discurso político 2) Poder 3) Contratos Comunicacionais 4) Formatos de Produção 5) Imagem pública política	1) Ernesto Laclau & Chantal Mouffe 2) Norman Fairclough 3) Patrick Charaudeau 4) Patrick Charaudeau 5) Marcus Figueiredo	1) Horário Político 2) Discurso 3) Político	Comunicação Política		
O papel dos chefs-celebridades na construção do espetáculo da alimentação: análise discursiva das revistas de gastronomia de luxo	1) Revista de luxo 2) Análise de discurso 3) Mídia Impressa 4) Campo 5) capital culinário 6) Espetáculo 7) Consumo 8) Antropologia da alimentação	1) Charaudeau 2) Prado 3) Bourdieu 4) Naccarato 5) LeBesco 6) Debord 7) Arnáiz 8) Contreras	1) Imagem 2) Gastronomia 3) Celebridade	Análise de discurso		
Visualidade nos contratos comunicativos em revistas de turismo: construção de imaginários para turistas	1) Comunicação 2) Semiótica 3) Fotografia 4) Turismo 5) Imagem 6) Jornalismo 7) Análise Crítica 8) Capitalismo global	1) Beni, 2) Krippendorf, 3) Augé, 4) Baumam, 5) Sontag, 6) Barthes, 7) Duran, 8) Amirou, 9) TÜRCKE, 10) Semprini, 11) Urry 12) Nasio 13) Fairclough 14) Jean-Marie Floch	1) Revista 2) Turismo 3) Imagem	Semiótica		
A mídia e o outro: estudo das figuras dos presidentes de Argentina, Chile e Venezuela em Veja, Carta Capital, Folha de S.Paulo e O Estado de S. Paulo	1) Teoria do discurso 2) Democracia 3) Mesmo/outro 4) Linha Fronteira 5) Imagem	1) Ernesto Laclau 2) Chantal Mouffe 4) Boaventura Santos	1) Revista 2) Política 3) Mídia	Política		

A natureza deslocada: construção dos sentidos da sustentabilidade nas revistas de economia e negócios Exame, Época Negócios e IstoÉ Dinheiro	1) Análise discursiva 2) Filosofia política 3) Movimentos ecologistas 4) Filosofia política	1) Laclau, 2) Mouffe 3) Maingueneau, 4) Pêcheux 5) Ducrot 6) Rancière, 7) Agamben 8) Latour 9) Alier, 10) Leff 11) Dryzek	1) Jornalismo de Revista 2) Sustentabilidade 3) Ecologismo	Análise do discurso		
Mal-estar na adolescência: jovens de agendas lotadas nas redes sociais	1) Antropologia do Consumo 2) Cultura Material 3) Novas tecnologias	1) Daniel Miller, 2) Dan Slater, 3) Roberta 4) Sassatelli Grant McCracken.	1) Consumo 2) Redes Sociais 3) Adolescente	Consumo		
PANORAMA HISTÓRICO-CONCEITUAL DA PUBLICIDADE			1) Publicidade 2) História 3) Teoria	Publicidade		
Um programa de pesquisa comunicacional a partir de Harold Innis e Marshall McLuhan.	1) Epistemologia 2) Meios de Comunicação 3) Tecnologia 4) Sociedade	1) Imre Lakatos 2) Harold Adams Innis 3) Marshall McLuhan	1) Teoria 2) Comunicação 3) Epistemologia	Epistemologia/ Comunicação	sim	
TRABALHO SOBRE O QUE SE DETERIOROU EXPLORAÇÕES SOBRE A POSSIBILIDADE DE UMA TEORIA DA COMUNICAÇÃO PÓS-SEMIOLÓGICA		1) Roman Jakobson	1) Comunicação 2) Semiologia 3) Teoria	Comunicação/se miótica		
Entre Hermes e Poseidon: o jornalismo na teoria do acontecimento comunicacional	1) Acontecimento Comunicacional 2) Hipertelia 3) Informação 4) Jornalismo 5) Metáporo 6) Razão durante	1) Marcondes filho 2) Jauss 3) Deleuze 4) Vilém Flusser 5) Bergson 6) Buber	1) Jornalismo 2) Acontecimento Comunicacional 3) Metáporo	Jornalismo		

A comunicação como jogo: sobre a dimensão lúdica como política da diversão programada em Vilém Flusser	1) Teoria da mídia 2) Jogo 3)	1) Vilém Flusser	1) Comunicação 2) Jogo 3) Política da diversão	Filosofia		
TRANSPARÊNCIA PÚBLICA E PARLAMENTO ELETRÔNICO: A reforma do Poder Judiciário no portal do Senado Federal/2000-2004	1) comunicação 2) transparência 3) parlamento eletrônico 4) justiça 5) retórica 6) interatividade		1) Comunicação pública 2) Governo eletrônico 3) Transparência	Comunicação política		
Comunicação e cultura: os pressupostos da 'guinada linguístico-pragmática' da teoria do agir comunicativo de Jürgen Habermas	1) consenso 2) Guinada Linguística 3) Jürgen Habermas 4) Razão comunicativa 5) Teoria do agir comunicativo	1) J. L. Austin 2) J. R. Searle 3) Jürgen Habermas	1) Comunicação 2) Cultura 3) Agir comunicativo	Sociologia		
MARCAS FOLKCOMUNICACIONAIS NA OBRA LITERÁRIA DE LUIZ BELTRÃO	1) Teoria da Comunicação dos excluídos 2) Habitus	1) Luiz Beltrão 2) Bourdieu	1) Folkcomunicação 2) Cultura 3) Luiz Beltrão	Folkcomunicação		
O postal em seus movimentos: comunicação e memória	1) Cultura 2) Mercado editorial e gráfico 3) Cartões postais 4) Fotografia 5) Comunicação visual 6) Memória	1) Freire 2) Boris Kossoy 3) Pedro Karp Vasquez 4) Gourevitch 5) Ado Kyrou 6) Turazzi	1) Cartão postal 2) Fotografia 3) Mercado	Fotografia		
A técnica como dispositivo de controle do corpo mídia	1) Corpo humano 2) Teorias da Comunicação 3) Natureza Humana 4) Etnologia 5) Ciências cognitivas	1) Pinker 2) Mauss 3) Berthoz 4) Noë 5) Sodr�e 6) Greiner 7) Katz 8) Agamben	1) Corpomídia 2) Técnica de dança 3) Linguagem corporal	Corpo		

Meios de Comunicação e Mudanças na Política: esses homens poderosos e suas máquinas de comunicar	1) Comunicação na política 2) Teoria do Meio 3) Comunicação e tecnologia 4) Cinema 5) Televisão 6) Propaganda política 7) Publicidade	1) Harold Innis, 2) Eric Havelock 3) Walter Ong 4) Marshall 5) McLuhan, 6) Elizabeth Eiseinstein 7) Joshua Meyrowitz 8) Wilson Gomes	1) Meios de comunicação 2) Política 3) Comunicação	Comunicação Política		
A comunicação dos sentidos nos espaços culturais brasileiros: estratégias de mediações e acessibilidade para as pessoas com suas diferenças	1) Comunicação sensorial 2) Cinco sentidos 3) Espaços culturais 4) Acessibilidade 5) Inclusão cultural 6) Semiótica da Cultura 7) Teoria da Mídia 8) Ecologia da Comunicação	1) Harry Pross 2) Norval Baitello 3) Ivan Bystrina 4) Dietmar Kamper 5) Stuart Clark 6) Christopher Wulf 7) Edgar Morin 8) Ashley Montagu 9) Waldissa Russio Guarnieri 10) Romeu Sasaki	1) Cultura 2) Espaços Culturais 3) Acessibilidade	Cultura		
O jogral é jornal: devorações nas “acontecências” de Antonio Juraci Siqueira	1) Teoria da Comunicação 2) Semiótica Cultural Russa 3) Estilo barroco 4) mestiçagem 5) Jornal 6) Amazônia	1) Martín-Barbero 2) Lótman, Bakhtin 3) Severo Sarduy 4) Haroldo de Campos 5) Lezama Lima 6) Alejo Carpentier 7) Jerusa Pires Ferreira 8) Amálio Pinheiro	1) Jornal 2) Cordel 3) Barroco	Cultura		
Ponto de equilíbrio entre a nova teoria da comunicação, o vídeo game e o minecraft	1) Filosofia da Comunicação 2) Metáforo 3) Minecraft 4) Nova Teoria da Comunicação 5) Videogame	1) Ciro Marcondes Filho 2) Huizinga 3) Hobbes 4) Plauto 5) Caillois 6) Wittegestein 7) Zimerman 8) Merleau-Ponty	1) Jogo 2) Comunicação 3) Videogame	Jogos		
MEIOS DE COMUNICAÇÃO COMO QUESTÃO TEÓRICA:	1) Teorias da Comunicação 2) Realismo científico	1) Bunge 2) Lakatos 3) Popper	1) Meios de comunicação 2) Conceito	Epistemologia		

mapeamento e análise de possibilidades conceituais	4) Meios de Comunicação	4) Sokal 5) Bricmont 6) Martino, L. C. 7) Rüdiger 8) Hohlfeldt 9) Martino e França 10) Mattelart 11) Wolf 12) Puntel 13) Weitz 14) Baronett 15) Bispo 16) Castanheira e Souza Filho 17) Carnielli e Epstein	3) Epistemologia			
Convergência entre televisão e web: proposta de categorização analítica	1) Cultura da convergência 2) Internet 3) Televisão (Comunicação) 4) Teoria da comunicação	1) Martin Barbero 2) Pierre Levy 3) Santaella 4) Castells 5) Negroponte 6) André Lemos 7) Pellanda 8) Fragoso 9) Jenkins 10) Corrêa & Corrêa	1) Convergência 2) Televisão 3) web	Convergência		
Os sertões no século XXI: a beleza que Euclides não viu	1) Canudos 2) Fotografia 3) Etnografia 4) Webdocumentário 5) Etnobiografia	1) Abbagnano 2) Le Goff 3) Althusser 4) Zizec 5) Weber 6) Rousseau 7) Moscovici 8) Flusser	1) Cultura 2) Etnografia visual 3) Fotografia	Cultura		
Fotojornalismo em Campina Grande – PB: mapeamento de relatos e imagens de 1960 a 2012	1) Fotojornalismo 2) Fotojornalista 3) Imagem 4) Mapeamento 5) Jornais impressos 6) iconografia	1) Kossoy 2) Sousa 2004 3) Ivan Lima 4) Morgado 5) Buitone 6) Ari Vicentini	1) Fotojornalismo 2) Fotografia 3) Jornal	Fotojornalismo		

		7) Baeza 8) Joan Fontcuberta 9) Chalotte Cotton				
A natureza da comunicação bios midiática	REPETIDO					
O acontecimento comunicacional e a experiência de ensino. Afeto. Arrebatamento. Subjetividades	REPETIDO					
A cibercultura e a expansão interdisciplinar da área da comunicação	1) Comunicação 2) cibercultura 3) Campo científico 4) Teorias da comunicação 5) Teorias da cibercultura	1) Virilio 2) Castells 3) Landow 4) Flusser 5) Levy 6) Jonhson 7) Guiddens 8) Negri 9) Trivinho 10) Santaella 11) Manovich 12) Bergson 13) Gastón Bachelard 14) Michel Foucault 15) Eugênio Trivinho 16) Erick Felinto 17) Francisco Rüdiger	1) Cibercultura 2) Comunicação 3) Campo	Cibercultura		
A imaginação reconstrutiva: Paul Ricoeur e Jürgen Habermas; sobre o discurso narrativo na modernidade	1) Argumentação 2) Discurso 3) Interação 4) Mimesis 5) Modernidade 6) Mundo da vida 7) Narrativa 8) Racionalidade comunicativa 9) Simbolismo 10) Teoria da ação	1) Paul Ricoeur 2) Jürgen Habermas	1) Discurso 2) Narrativa 3) Modernidade	Filosofia		

	11) Teoria do discurso					
Distanciamento e crítica: limites e possibilidades da teoria de sistemas de Niklas Luhmann	1) Diferenciação funcional da sociedade 2) Materialismo 3) Teoria de sistemas sociais 4) Sociedade Contemporânea	1) Karl Marx 2) Niklas Luhmann	1) Teoria de sistemas sociais	Sociologia		sim
Do desafio do humor à sedução do processamento do texto humorístico à luz da teoria da relevância	1) Humorismo 2) Cômico 3) Teoria da Relevância 4) Compreensão na leitura 5) Inferência 6) Paradoxo 7) Bissociação 8) Comunicação 9) Cognição	1) Sperber e Wilson 2) Koestler	1) Humor 2) Teoria da relevância 3) Interpretação	Cultura		
As teorias do jogo infantil de Vygotsky e Winnicott: uma análise intersubjetiva	1) Teoria da comunicação 2) Psicologia 3) Educação 4) Jogo 5) Linguagem	1) WITTGEINSTEIN 2) HUIZINGA 3) SCHILLER 4) ARIÈS 5) CAILLOIS 6) GEERTZ 7) MALINOWSKI 8) Donald Winnicott 9) Lev Vygotsky	1) Jogo 2) Subjetividade	Jogos		
Mídia e cultura nacionalizada : processos de homogeneização cultural e a televisão brasileira e argentina	1) Mídia Social 2) Comunicação de massa 3) Cultura Nacional 4) Núcleo cultural 5) ideologia 6) Dominante Cultural	1) Jameson 2) Antonio Gramsci 3) RICUPERO 4) Luque & Mazzeo 5) Geertz 6) Bourdieu 7) Ribeiro (2007) 8) MARCONDES FILHO 9) CAPARELLI 10) ALSINA	1) Mídia 2) Cultura 3) Televisão	Televisão		

		11) VILCHES 12) Jost				
O PAPEL DA COMUNICAÇÃO FACE A FACE NAS ORGANIZAÇÕES NO CONTEXTO DA SOCIEDADE MIDIATIZADA	1) Comunicação face a face 2) comunicação organizacional 3) midiatização 4) comunicação mediada 5) Pantanal	1) Bauman 2) Wolton 3) Georg Mead 4) Alfred Schutz 5) goffman 6) Muniz Sodré 7) Ciro Marcondes Filho 8) José Luiz Braga	1) Comunicação Organizacional 2) Midiatização 3) Sociedade	Comunicação Organizacional		
A formação da vontade democrática como princípio educativo: uma análise a partir do pensamento de Jürgen Habermas	1) Mundo vida 2) Democracia	1) Jürgen Habermas	1) Democracia 2) Educação 3) Habermas	Comunicação política		
Arqueologia da imagem no ensino de língua portuguesa no Brasil (1960-2010)	1) análise do discurso 2) história das ideias 3) imageria 4) semiologia 5) língua portuguesa 6) livros didáticos.	1) Michel Foucault 2) Christian Puech 3) Laplantine 4) Arasse 5) COURTINE 6) Nietzsche 7) Almeida Filho 8) Travaglia 9) Geraldi 10) GREGOLIN 11) Michel Pêcheux	1) Arqueologia da imagem 2) Ensino 3) Língua Portuguesa	Análise do discurso		